
VELUT ARBOR ÆVO

1748
1889
141

Amaro Dias da Silva Junior

— Dezembro — 1889 —

ARTE POETICA,

OU

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA EM GERAL,

ARTE POETICA,

OU

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA

em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico:

COMPOSTA, E DEDICADA

AO SENHOR

FILIPPE DE BARROS DE ALMEIDA,

Cavalleiro da Insigne Ordem Militar de S. Joaõ de Malta, &c.

POR

FRANCISCO JOSEPH FREIRE,

Ulyssiponense. (Candido Lusitano)

(✠)

LISBOA:

(16) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor da Congregaçaõ Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLVIII.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Vende-se na mesma Officina, e na logea de Manoel da Conceiçaõ Livreiro, junto ao Excellentissimo Conde de Santiago; e em ambas estas partes se achará tambem o livro: Methodo breve, e facil para estudar a Historia Portugueza, pelo mesmo Author.

. . . . Res grandes noſtro dat Muſa Poetæ.

Perſ. Satyr. *1*. v. 67.

AO SENHOR

FILIPPE DE BARROS

DE ALMEIDA,

Cavalleiro da Insigne Ordem Militar de S. Joaõ de Malta, &c.

FRANCISCO JOSEPH FREIRE.

F.

ESTIMULADO *do zelo, e amor da Patria, virtude, que engrandecem todos, e praticaõ poucos, compuz esta Arte Poetica, para o uso da mocidade Portugueza,*

tugueza, que em semelhante estudo, taõ vasto, como difficultoso, naõ tinha livro algum no seu idioma, que lhe podesse dar a minima instrucçaõ. Como o seculo he taõ estragado na falta de bons estudos, como na de Protectores, que os favoreçaõ, ou resuscitem, porque os Mecenas acabaraõ com a idade de ouro; confesso que naõ sabia escolher hum Protector, a quem offerecesse este tenue fruto do meu trabalho. Previa que a esperança do patrocinio, ou naõ chegaria a florecer, ou logo se murcharia; até que aconselhado da gratidaõ, mais que do nobre interesse, ella me inspirou, que dedicasse esta obra ao Senhor Lopo de Barros seu irmaõ de V. m. e que o fizesse mais como tributo, do que obsequio. Eu bem desejo, que o mundo saiba em que consiste o meu agradecimento; porém o genio deste Fidalgo he taõ generoso, como modesto, porque sobre naõ soffrer, que eu publique a origem da minha gratidaõ, até me prohibe com dura ley mostrar ao publico alguns effeitos della: mas como hum animo agradecido sabe ser engenhoso, dou na idéa de buscar para Mecenas ao mesmo Fidalgo na pessoa de V. m. a quem a natureza, e as virtudes formaraõ iguaes, fazendo deste modo, sem encontrar a vontade alheya, com que appareça ao publico a minha gratidaõ, e se naõ malogre o meu projecto. Se esta virtude naõ fora a que me fizesse pegar na penna, e se me inspirara unicamente o nobre interesse da protecçaõ, que antes pretendia, dera-me ainda por taõ satisfeito desta mesma escolha, que naõ buscara outro algum Mecenas; porque reflectia, que authorizava o meu livro com quem descende de hum appellido taõ illustre, e antigo, como benemerito deste Reino. Sem piedade genealogica he cousa evidente o que digo; e bastava só para prova correr nas vêas dos Senhores dessa Casa o sangue do grande Joaõ de Barros, porém naõ para mos-

mostrar com mais evidencia a propriedade desta minha escolha, porque a todos he notoria, mas para satisfazer ao meu desejo, dem-me os Criticos licença para tratar em huma Dedicatoria da origem, e progressos dessa Casa, e dos Varoens grandes, que a ennobrecerão; e padeça muito embora o modesto genio do Senhor Lopo de Barros, que injustamente chama a estas narraçoens profumes, com que a lisonja incensa aos Cavalheros.

He antiquissima neste Reino a Familia de Barros; porém naõ se póde deduzir com verdade, senaõ de Fernaõ de Barros, que viveo no Lugar do seu appellido no tempo delRey Dom Diniz, e referem-nos os nossos livros genealogicos, que fora Fidalgo de illustre ascendencia. Dèlle nasceo Martim de Barros, que viveo nos Reinados de Dom Pedro I. e Dom Fernando, e delle se acha memoria nos registros destes Reys. Ignoramos com quem casara este Cavalhero; mas sabemos, que fora Pay de D. Martim Martins de Barros, que viveo em Braga, e instituhio o morgado de Moreira. Casou com Dona Joanna de Azevedo, filha de Alvaro Gonçalves de Azevedo, Senhor de Regalados, e de Dona Sancha de Andeiro, filha do Conde de Ourem Joaõ Fernandes de Andeiro. Deste matrimonio nasceraõ entre outros filhos Gonçalo Martins de Barros, Senhor do morgado de Moreira, o qual naõ foy Ecclesiastico, como erradamente affirmaraõ muitos, sendo só certo, que tivera em Joanna Vasques, além de outros filhos, a Lopo de Barros, que herdou o morgado da Moreira, e foy legitimado por ElRey Dom Joaõ I. no anno de 1453. que o fez Fidalgo da sua Casa. Casou com Isabel Annes, e deste sagrado vinculo, além de outros filhos, nasceo Valentim de Barros, que succedeo na Casa, e morgados de seu Pay, e servio taõ distinctamente

tinctamente aos Senhores Reys Dom Affonso V. Dom João II. e Dom Manoel, que quatro vezes foy Capitaõ mór de Esquadras navaes, por cujos serviços mereceo grandes privilegios, regalias, e isençoens da grandeza destes Principes, as quaes naõ relato, por naõ ser huma Dedicatoria lugar proporcionado para esta narraçaõ. Segundo a authoridade de Gaspar de Faria casou este Fidalgo com Dona Brites Pereira, e della teve, entre diversos filhos, a Lopo de Barros, Fidalgo da Casa de ElRey Dom Joaõ o III. e casando com Dona Brites Bravo filha de Diogo Bravo, Commendador da Ordem de Santiago, Senhor da Quinta de Real, herdou este morgado, que unio ao de Moreira. Desta uniaõ nasceo Diogo de Barros, que foy Capitaõ mór de Braga, e Fidalgo da Casa do Cardeal Infante Dom Henrique, Dom Joaõ III. e de ElRey Dom Filippe I. de Portugal, e herdando a Casa de seus Pays, casou com Dona Lourença Mendes de Antas, nascendo deste matrimonio Lopo de Barros, segundo Senhor do morgado de Real, e sexto do da Moreira, que tomando estado, casou com sua tia em quarto gráo Dona Isabel de Almeida, filha do grande Joaõ de Barros, e de Dona Maria de Almeida. Desta uniaõ foy digno fruto Antonio de Barros de Almeida, que servio na India com a distincçaõ, que se esperava do seu illustre sangue, e casando com Dona Catharina Machado de Miranda, filha de Gaspar Rebello de Carvalho, teve ao Senhor Lopo de Barros de Almeida, que herdou os morgados da sua Casa, e casou com a Senhora Dona Anna Luiza de Moura, filha de Antonio de Moura, Senhor das Saboarias de Portalegre, e Capitaõ de Cochim, de cujo matrimonio nasceo o Senhor Francisco de Barros de Almeida, que herdou os morgados de Real, Moreira, Ribeira de Alitem, Setubal, Lisboa, e Saboarias de Portalegre,

talegre, e foy Commendador, e Alcaide mór da Vill. do Cano na Ordem de Aviz. Caſou eſte Fidalgo com a Senhora Dona Iſabel Cecilia de Carvalho ſua prima, filha do Senhor Filippe de Souſa de Carvalho, Alcaide mór de Villa pouca de Aguiar, e Brigadeiro da Cavallaria, e da Senhora Dona Jeronyma Ferreira de Eça, ſua prima, de cuja Familia eſcrevi huma Arvore, que anda no fim da Dedicatoria feita a ſeu filho Caetano Balthazar de Souſa de Carvalho no livro, que compuz intitulado: Methodo breve, e facil para eſtudar a Hiſtoria Portugueza. Deſta illuſtre uniaõ do Senhor Franciſco de Barros naſceo, entre outros filhos, o Senhor Lopo de Barros de Almeida Moura e Albuquerque, e V. m. que ſeguindo a milicia da illuſtriſſima, e inſigne Ordem de Malta, nella com o tempo obrará as generoſas acçoens, que praticaraõ na meſma Religiaõ muitos de ſeus Aſcendentes. Herdou o Senhor Lopo de Barros a Caſa de ſeus Pays, e determinando tomar eſtado na Corte, caſou nella com a Excellentiſſima Senhora Dona Antonia Xavier de Mendoça, filha do Senhor Joaõ Antonio de Alcaçova da Coſta Moura e Menezes, e da Excellentiſſima Senhora Dona Guiomar de Mendoça, de cujo ſagrado vinculo houve ſó hum fruto, que falleceo de tenra idade.

Eſtes ſaõ os illuſtres Aſcendentes da Caſa de V. m. porém como com eſta narraçaõ ſó dou a moſtrar a ſua nobre antiguidade, e os merecimentos ſaõ a baze da verdadeira nobreza, e o mais proprio ornato, com que deve apparecer louvavelmente vaidoſa aos olhos do mundo, moſtrarey agora com penna ſuccinta, que na ſua Caſa naõ falta eſta preciza qualidade, porque della naſceraõ Cavalheros, que com os ſeus diſtinctos merecimentos a ſouberaõ glorioſamente fazer mayor em beneficio da Patria, naõ menos na diſciplina pacifica

nas letras, e perigosa das armas, que na suavissima pratica das heroicas virtudes. Cedaõ as espadas ás pennas, e principiemos pelo Grande João de Barros, Varaõ de taõ raros merecimentos, que só todo o mundo literario he que os soube dignamente avaliar pelos singulares louvores, com que os distingue.

Como filho de Lopo de Barros, logo ElRey Dom Manoel admittio ao Grande Joaõ de Barros ao seu serviço no foro de Moço Fidalgo, sendo de taõ tenros annos, que foy o Paço a escóla, em que principiou a estudar. Instruido nas linguas Latina, e Grega, em que podia parecer nacional, passou ao agradavel, e difficil estudo da Mathematica, em que foy com tal distincçaõ eminente, que bastará dizer, que a Santidade de Pio IV. com approvaçaõ commua dos sabios fez collocar a sua imagem no Palacio do Vaticano junto á de Ptolomeo. Naõ sey se hoje será facil á Patria desvanecerse com outra semelhante gloria. Foy igual a perfeiçaõ, com que sabio instruido nas letras humanas; porque teve tal estudo dos Oradores, Poetas, e Historiadores, que os podera illustrar. Augmentando com estes raros predicados o esplendor á sua antiga nobreza, servia Joaõ de Barros no Paço taõ respeitado dos mestres, como se já lessem as futuras producçoens do seu juizo, e taõ attendido de ElRey, como se já o destinasse para o mais digno pregoeiro das glorias do seu felicissimo Reinado. Quiz a Magestade remuneradora de ElRey Dom Joaõ III. premiar os serviços, que os seus Criados lhe fizeraõ no tempo de Principe, e despachou a Joaõ de Barros com a Capitania da Mina, cargo que ainda que rendoso naquelle tempo, raras vezes fazia rico a quem o occupava: parece que reinavaõ entaõ mais os nobres estimulos da honra. No anno de 1522. partio Joaõ de Barros para a Mina, onde servio distinctamente á Patria,

tria, e á honra do ſeu appellido; e vendo-ſe ElRey obrigado a premiar taõ aſſinalados ſerviços, feitos no eſpaço de tres annos, o proveo no officio de Theſoureiro da Caſa da India, Mina, e Ceuta, emprego de tal graduaçaõ naquella idade, que ſó ſe deſtinava para Cavalleiros benemeritos. Tres annos havia que Joaõ de Barros ſervia eſte officio, quando a maõ de Deos irada principiou a eſpalhar no Ceo de Lisboa o horroroſo mal da peſte, o que obrigou a procurar cada hum os meyos de ſalvar a vida, fugindo da Cidade. Por eſte motivo, dadas as ſuas contas, como pediaõ as precizas obrigaçoens da honra, ſe retirou Joaõ de Barros para a ſua quinta da Ribeira de Alitem. Aqui á inſtancia de ſeu parente Duarte Rezende eſcreveo aquelle grande Dialogo Moral, a que deu o titulo de Rhopica Pneuma, obra digna de tamanho homem, e de ſeculo taõ feliz, e ſó com eſta expreſſaõ he que poſſo dignamente exprimir as altas doutrinas, e os ſaudaveis remedios, que applica eſta obra para a conſervaçaõ da ſaude publica. Foy taõ grande a eſtimaçaõ, que eſte livro ſoube conciliar nos ſabios Eſtrangeiros, que o inſigne Luiz Vives ſe vio obrigado a dedicarlhe por eſte reſpeito o ſeu Tratado Exercitationes animi in Deum, em cuja Dedicatoria teve o ſeu engenho a felicidade de poder deſcobrir o elogio mais proprio ás letras deſte grande Portuguez. Quebrou o Senhor o arco da ſua juſta indignaçaõ, extinguindo o contagio, e voltou Joaõ de Barros para a Corte. Como os ſeus merecimentos por ſingulares eraõ continuos deſpertadores da rectidaõ de ElRey, foy logo provído de propriedade no emprego de Feitor da Caſa de India, e Mina, que hoje, bem que com menos privilegio, que antigamente, corresponde ao de Provedor. He me precizo confeſſar aqui, que o meu talento naõ chega a deſcobrir expreſſoens proporcionadas, para fallar

dignamente da actividade, vigilancia, e zelo deste imcomparavel Varaõ no tempo, em que servio este officio, da sua fidelidade; o que unicamente sey dizer he, que sempre viveo para a honra, vivendo em pobreza. Neste lugar servia João de Barros a Patria, quando ElRey Dom Joaõ o III. ambicioso da gloria de extender a sua Monarquia, e de utilizar os seus Vassallos, determinou mandar povoar a Provincia do Brasil, para o que a dividio em Capitanías, seguindo aos Reys seus Predecessores, quando fizeraõ povoar as Ilhas descobertas no mar Oceano. Pedio Joaõ de Barros a ElRey huma destas Capitanías, e logo lhe fez mercê da do Maranhaõ, de juro, e herdade. Para esta fertilissima porçaõ do Novo mundo enviou a dous filhos seus na companhia de Ayres da Cunha, que hia por Capitaõ de dez navios, Armada a mais consideravel, que até entaõ surcara aquelles mares. As pouco bem fundadas idêas do Gabinete fizeraõ com que se malograsse a empreza desta nova Companhia, para o que concorreo muito a fatalidade de hum lastimoso naufragio, em que Joaõ de Barros perdeo taõ consideravel cabedal, que ficou attenuada a substancia da sua Casa. Esta he a parte mais importante deste breve elogio; porém como conheço a qualidade da minha penna, passo em silencio pela rara constancia, com que este Varaõ superior ás communas, e naturaes paixoens de homem, soffreo esta fatalidade; mas para dar alguma prova do raro socego do seu animo, direy, que depois que os mares possuiraõ a sua fazenda, entrou logo na altissima idêa de escrever a Historia dos milagres do nosso valor no Oriente, querendo talvez por semelhante meyo utilizar sua Patria com o interesse da gloria, já que o naõ podera fazer com o do commercio. Offereceo-se a ElRey para taõ ardua empreza, que logo como sabio a approvou, e como Princi-

pe

pe lha agradeceo com louvores, que para terem os premios mais distinctos, naõ he precizo, que a Magestade seja liberal delles. Feito já o desenho na Chronica do Emperador Clarimundo, *lançou logo a primeira pedra neste magestoso edificio da gloria Portugueza, que continuou, e com mais brevidade poderiaõ as Naçoens estranhas ler na primeira Decada as nossas excellencias, se outras obras lho naõ interrompessem, para as quaes o chamava o zelo da honra de Deos, e da utilidade da Patria; virtudes, que em outra idade formaraõ o caracter de hum verdadeiro Portuguez. Escreveo neste tempo os Opusculos do* Dialogo da viciosa vergonha, e da Grammatica Portugueza; *livros ambos de inextimavel valor, e de summo proveito; porque o primeiro he taõ especifico para o uso dos meninos, que principiaõ a ler, que se delle usassem os desta idade, durarlhes-hia por mais tempo a sua innocencia, bebendo igualmente nos elementos das letras leite mais puro; e o segundo he taõ instructivo, que ainda se naõ soube encarecer a utilidade de que servio á Patria, e ao Ceo na conquista Evangelica dos Paravás na costa da Pescaria. Interromperaõ (como disse) mas naõ fizeraõ estas obras esquecer a principal da nossa Historia do Oriente; porque no anno de 1552. imprimio a primeira Parte das suas Decadas, e logo no seguinte, a segunda, dilatando-se a terceira até o anno de 1563. Esta he aquella divina Historia, que tem occupado de justa admiraçaõ mais de dous seculos, e continuará esta em quanto no mundo se tributarem cultos nos altares das sciencias. Estes saõ aquelles Annaes, que sempre tiveraõ o lugar mais digno nas publicas livrarias de Europa, e que os sabios Estrangeiros daquelles paizes, donde as letras naõ andaõ fugitivas, traduziraõ fielmente nos seus idiomas, invejando, que naõ fosse seu na-*

cional

cional hum Author de verdade taõ pura, como a elegancia, e linguagem, com que escreveo. Agora estava eu para dar fim a esta Dedicatoria, assim porque me naõ cabem as virtudes de tamanho homem em carta taõ breve (o mesmo fora em larga escritura) como porque sobra já o que digo, para ter provado, que justissimamente devia eu só buscar para Mecenas desta minha Arte a quem procede do Grande Joaõ de Barros, aquelle insigne fundador de todos os bons estudos, e sublime mestre em tudo o que escreveo. Porém para mais bem estabelecida vaidade desta minha escolha, e para naõ occultar ao mundo os claros beneficios, com que a Providencia quiz fazer veneravel o Appellido de V. m. continùo gostoso a discorrer com penna succinta em outros Heroes da sua Familia, celebres nos Fastos do valor, naõ menos das virtudes. Principiando pelas armas, devo dizer, que na Casa de V. m. foraõ taõ doutas as espadas, como valerosas as pennas. Para testimunho irrefragavel desta verdade, lembrarme-hey de Francisco de Barros de Paiva, Varaõ benemerito da Patria, e de fama sempre viva. Foy este Fidalgo hum dos filhos, a quem mais estimou, e distinguio a heroicidade, porque o generoso sangue, que lhe corria nas veyas, o ornou de valor, e virtudes, que o faziaõ grande entre os mayores Capitães daquella feliz idade, em que floreceo. Como vivia naquelle seculo da honra, quiz distinguirse pelas acçoens militares, e passou ao Estado da India, para ser digno assumpto da insigne penna de seu grande parente Joaõ de Barros. Neste theatro da gloria Portugueza obrou acçoens memoraveis, naõ sendo das menos importantes o valor, e disciplina, com que sendo mandado impedir em Cranganor o passo ao Çamorí, o destruhio com golpes taõ pezados, que a grandeza d[o] estrago só se podia comparar pela do valor deste Capitaõ

Ensu

Enfurecido o Barbaro com a perda, e vergonha, que padecera, buſcou animoſo o ſeu deſpique: tentou ſegunda vez o paſſo; porém ſegunda vez com igual perda, e vergonha experimentou a difficuldade, porque buſcou o aſyllo da fugida, levando em poucos companheiros teſtimunhas, que ſobraraõ para a ſua deshonra. Outros iguaes argumentos do heroico valor deſte Capitaõ nos daõ às acçoens, que obrou contra o Rey de Patane, as quaes mais perpetuadas eſtaõ na memoria daquelles Barbaros, que nas Memorias das noſſas pennas. Perſuadido o Grande Dom Eſtevaõ da Gama, que ElRey de Patane talvez intentava inſultar o reſpeito do Eſtado, para caſtigar pezadamente huma tal ouſadia, enviou a Franciſco de Barros em hum navio com vinte Portuguezes. Fez-ſe eſte Capitaõ na direitura daquella barra, e naõ lhe retardou o tempo dar provas do ſeu valor; porque logo o veyo buſcar Tuaõ Mahomed com quatrocentas vélas, que commandava. Voou logo Franciſco de Barros a inveſtillo, e peleijou com hum tal esforço, que ſó aos noſſos naõ pareceo incrivel. Delle foraõ tantas as teſtimunhas, quantos foraõ aquelles, que ſe lhe oppozeraõ, dos quaes poucos ſalvaraõ as vidas, como nos teſtifica a noſſa Hiſtoria Oriental. Para ſer mais glorioſa a victoria, attendendo os poucos inimigos, que reſtavaõ, mais á vida, que á honra, fugiraõ, aconſelhados do medo: e naõ querendo muitos dos noſſos perder a fama deſte dia, perſuadiraõ prudentes a Franciſco de Barros, que ſe retiraſſe para terra; porém elle lembrado mais das obrigaçoens do ſeu ſangue, que dos dictames da prudencia, deſprezou o conſelho, de que procedeo verſe taõ deſamparado dos ſeus, que unicamente o ficaraõ acompanhando Joaõ Ferreira, e Sebaſtiaõ Nunes, dous valentes ſoldados, que celebraõ noſſas Hiſtorias. Com eſtes companheiros ficou eſperando

do

do pelo poder todo do inimigo; até que ſendo por elles diſſuadido, ſe vio obrigado a lançar fogo á náo, e ſalvarem-ſe em hum batel com a artelharia. Sabido dos noſſos eſte ſucceſſo, mandou-ſe Henrique Mendes de Vaſconcellos a buſcallos, e neſta vinda deu Franciſco de Barros huma tal prova do ſeu valor, que ſó ella pode fazer, com que naõ foſſe ſingular a que agora acabey de referir. Deu ſobre elles improviſamente hum conſideravel numero de inimigos, que vinhaõ com artelharia, e outros inſtrumentos de fogo. Naõ ſe aſſuſtou Franciſco de Barros com taõ grande numero, e menos ſe deſanimou com as poucas forças, com que ſe achava para lhe reſiſtir, pois naõ paſſavaõ de dezaſeis companheiros, porque pezava a quantidade dos barbaros com a qualidade do ſeu esforço. Accendeo-ſe huma furioſa peleja, em que os inimigos, ou como valeroſos, ou deſconfiados da acçaõ, faziaõ por merecer a victoria. Acabaraõ as vidas quaſi todos os noſſos, e de huma flecha venenoſa cahio ſem ſentidos Henrique Mendes. Neſta occaſiaõ he que ſubio ao mayor grão o heroico valor de Franciſco de Barros; porque attendendo ao riſco evidente, em que eſtava a gloria da ſua Patria, e a do ſeu Appellido, peleijou acompanhado ſómente de tres homens, como quem para vencer naõ eſperava ſoccorro, ſuſtentou toda a impetuoſa força do inimigo, correndo-lhe já das feridas copioſo ſangue; até que a mayor parte dos barbaros, ou deſenganados, ou confuſos com eſte milagre do valor, fugiraõ precipitadamente com o ſeu Capitaõ Ericatim, querendo antes experimentar a vergonha, que a morte. Para teſtimunharem eſta glorioſiſſima acçaõ trouxe a muitos priſioneiros, concedendo-lhes a vida, para fazerem immortal a da ſua fama. Eſte illuſtre Capitaõ certamente me dava largo campo para diſcorrer: porém como naõ eſcrevo a ſua

Hiſ

Hiſtoria, paſſarey por outras glorioſas acçoens, em que igualmente deixou na poſteridade reſpeitado o ſeu nome, conſiderando, que ellas vivem nos noſſos Faſtos Orientaes eſcritas por pennas tanto mais fieis, quanto mais elegantes. Por iſſo nada direy do que obrou ſendo Capitaõ da Fortaleza de Maluco, nomeado pelo Governador Franciſco Barreto na occaſiaõ, em que o Idalcaõ affrontado dos grandes damnos, que os noſſos lhe faziaõ pela coſta, determinou proſeguir na guerra de Goa. Nada direy do que tambem obrou em Africa, ſendo Capitaõ em Mazagaõ, vencendo tantas vezes aos Mouros de Azamor, que nunca eſtes poderaõ ver o roſto á fortuna. Por naõ fazer huma narraçaõ prolixa, deixarey em ſilencio outras acçoens deſte grande Soldado, e paſſarey a dizer alguma couſa de Diogo de Barros, Cavalhero, a quem animaraõ os eſpiritos de Ceſar, e Cataõ; porque houve nelle tanto zelo, e prudencia, como valor, e diſciplina. Contava-ſe a eſte Fidalgo no ſeu tempo entre os da primeira authoridade, porque além de Vedor da Fazenda do Algarve, e de Conſelheiro dos Senhores Reys Dom Joaõ II. e Dom Manoel, foy o primeiro Adail mór, que houve neſte Reino, poſto, que naquella idade era ſummamente authorizado, e pedido. Deſejava com ardor catholico ElRey Dom Affonſo V. reſgatar os oſſos de ſeu Tio o Infante Dom Fernando, Principe de fama ſempre veneravel nos Annaes da Igreja; porque ſoffreo tormentos taõ incriveis nas maſmorras de Fez, que com a coroa do ſeu martyrio coroou as glorias da Religiaõ. Para negocio taõ arduo, como importante pedia-ſe hum Cavalhero, que nas ſuas virtudes eſtiveſſe o deſempenho, e dado que no Reino havia muitos de diſtinctas qualidades, conhecia-ſe Diogo de Barros como grande entre os mayores. Foy logo nomeado, e partindo para Fez, entrou a prati-

çar os meyos de conſeguir eſte negocio. Todos ſe fruſtraraõ, porque a avarenta barbaridade do Principe, com quem ſe negociava, naõ os attendia. Voltou Diogo de Barros para o Reino, e informando a ElRey do que ſuccedera, paſſou ſegunda vez a Africa, levando novos partidos; porém o Barbaro firme na primeira repoſta, que dera, deſprezou todo o ajuſte. Voltando ao Reino outra vez Diogo de Barros com eſta repoſta, o tornou a mandar ElRey com o partido de dar pelos oſſos do Santo Infante as duas mulheres, e filha de Mulley Xeque. Facilmente com eſta troca condeſcendeo o Barbaro, e foraõ as reliquias entregues a Diogo de Barros, encerradas em hum caixaõ, com as quaes voltou para Lisboa no anno de 1472., onde foraõ recebidas com prociſſaõ taõ ſolemne, que nella canonizou o povo as heroicas virtudes do ſeu Principe, o que o Ceo approvou com multiplicados prodigios.

Com eſtes, e outros immortaes Varoens, como foraõ Valentim de Barros, e Antonio de Barros, e outros, de que fazem mençaõ os noſſos Faſtos Orientaes, ſe illuſtra altamente o Appellido de Barros; *porém como ſem as virtudes apenas merece a gloria humana o nome de ſombra vã, veremos agora a Caſa de V.m. ornada com huns Varoens de vida taõ perfeita, que a memoria de huns ainda edifica os Clauſtros, e a de outros ennobrece as Mitras. Seja o primeiro Gonçalo Dias de Barros, gloria naõ vulgar da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, Varaõ de virtudes taõ heroicamente ſublimes, que ſó dellas póde dignamente fallar o Santiſſimo Oraculo do Vaticano. Foy eſte grande Religioſo deſde a ſua primeira idade, e até no tempo em que era Abbade de Calvellos, o eſcandalo do vicio; depois foy a edificaçaõ das virtudes; porque miſſionando na ſua Paroquia o Veneravel Martim Affonſo, Fundador dos*

Cone

Conegos Seculares de S. João Evangeliſta neſte Reino, de tal modo ſe aclarou com as luzes da Evangelica doutrina deſte ſanto Varaõ, que repartindo tudo quanto poſſuia pelos pobres, determinou tomar a murça da meſma Congregaçaõ no Moſteiro de Villar de Frades. Depois que entrou neſte ſanto Clauſtro, delle fez ſepultura para viver, eſquecendo-ſe inteiramente das fortes razoens do ſangue, e da amizade; porque em quanto viveo neſte Convento, nunca quiz fallar a amigos, e menos a parentes. Pelo eſpaço de dez annos, em que nelle viveo, cingio ſempre hum cilicio taõ aſpero, como ſe fora inſenſivel ſeu corpo. Os açoutes, com que eſte purgava as ſuas ſenſualidades, eraõ taõ frequentes, e pezados, que a penitencia parecia vingança. Só as breviſſimas horas do ſono lhe naõ conheciaõ o Coro por Cella: praticava com o ſuſtento precizo de ſeu corpo huma taõ ſanta avareza, que ſe tinha por milagre a ſua vida, muito mais vendo-ſe os diverſos modos, com que procurava fazer muy amargoſa a comida. O pranto, com que lavava as feyas manchas de ſuas culpas, era taõ copioſo, e continuo, que baſtará dizer, que por cauſa delle chegou totalmente a perder a luz dos olhos. No admiravel exercicio deſtas aſperas penitencias, e de todas as virtudes heroicas, cuja deſcripçaõ naõ cabe em breve papel, paſſou eſte Veneravel Padre o largo eſpaço de dezaſeis annos, quando a bondade Divina, querendo premiarlhe na Patria verdadeira os ſeus juſtos merecimentos, lhe deu huma penoſa enfermidade, da qual, recebidos com ſumma piedade os Sacramentos da maõ de ſeu Fundador, acabou a vida mortal para gozar da eterna, cuja morte com perpetua ſaudade da ſua Congregaçaõ ſuccedeo em 18. de de Abril de 1461.

Continuarey a memoria glorioſa do Veneravel

§§ 2 Gon

Gonçalo Dias de Barros na pessoa de Alvaro de Barros, que nas raras virtudes, com que se distinguio, soube ser duas vezes filho de taõ virtuoso Pay. Educado na exemplar escola do Veneravel Mestre João, Bispo de Viseo, e principal Fundador dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista neste Reino, como desta sagrada Familia era especial devoto, e bemfeitor, renunciada huma Igreja, em que fora provido, pedio a murça desta Religiaõ, que logo lhe foy concedida, porque se vio nelle huma perfeita imagem de seu Pay Gonçalo Dias de Barros, gloria distincta desta Congregaçaõ. Ella foy o crisol, em que este Varaõ purificou o ouro das suas virtudes, fazendo-se nellas taõ admiravel, que era o espelho a que os outros se compunhaõ. Foy fervoroso na oraçaõ, cego na obediencia, ardente na caridade, austéro nas penitencias, e exemplar em tudo, como prova com verdade, e elegancia o Padre Santa Maria na sua Chronica, fazendo ás virtudes deste Varaõ o digno elogio.

Porém já he tempo de fazer distincta memoria daquelle grande homem, que com differença notavel entre todos, faz mais veneravel o Appellido de Barros; aquelle Varaõ inimitavel, copia de perfeitos Prelados, Dom Frey Braz de Barros primeiro Bispo de Leiria, e honra immortal da Ordem de S. Jeronymo neste Reino. Nasceo este Prelado na augusta Braga, sendo filho de Valentim de Barros, Senhor do morgado da Moreira. Educado naquellas maximas, que foraõ os alicerses, em que depois fundou o edificio das suas virtudes, entrou nos estudos; e como a natureza o dotara com maõ liberal de profundo talento, logo foy inveja de huns, e veneraçaõ de outros. Ambiciosas as virtudes de colherem frutos maduros nos verdes annos deste Cavalhero, lhe inspiraraõ, que abraçasse o santo Instituto

tituto da Ordem de S. Jeronymo. Respondeo a obediencia á inspiraçaõ; porque recebeo o habito desta exemplar Familia no Mosteiro de Penha longa. Desejoso de servir a sua Religiaõ tanto nas virtudes, como nas sciencias, pedio licença ao Prelado para hir na companhia de Fr. Diogo de Murcia applicarse aos estudos dignos da sua profissaõ na celebre Universidade de Lovanha. Nella se applicou á alta especulaçaõ da Theologia, em que depois sahio taõ consumado, que ouvia os primeiros louvores dos primeiros sabios daquella Universidade. Verdadeiramente tanto se distinguio nesta divina sciencia, que no seu tempo naõ se conheceo quem melhor soubesse correr o véo ao Santuario da Theologia, nem interpretar com mais profundidade os seus altos mysterios. Voltou para a Patria, e logo ElRey Dom Joaõ o III. informado das consumadas letras, como já o era das virtudes, deste Religioso, o nomeou Reformador dos Conegos Regulares de Santo Agostinho neste Reino, nos quaes a desigualdade dos seculos esfriara o primeiro ardor. Aceitou Frey Braz de Barros esta nomeaçaõ, porque as suas virtudes o approvaraõ, e em 13. de Outubro de 1527. no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra deu principio a este importantissimo negocio, em que obrou taes cousas, que aquelles Religiosos mais lhe obedeciaõ como a Pay, que Reformador. Ainda em saudosa tradiçaõ vive a memoria deste Prelado nos Conventos de Santa Cruz de Coimbra, S. Salvador de Grijó, e S. Vicente de Fóra; porque ainda vive o suavissimo modo, e saudaveis documentos com que de novo os fundou, para nelles habitar a sua primitiva virtude, cujo beneficio experimentou igualmente a exemplar Ordem da Santissima Trindade deste Reino, sendo della Reformador. A' piedosa instancia do zeloso espirito de ElRey Dom Joaõ III. erigira a Santidade

de

de Paulo III. em Cathedral a Igreja de Leiria; e como as conhecidas virtudes, e profundas letras de Frey Braz de Barros estavaõ gravando a grande rectidaõ daquelle Principe, achando occasiaõ opportuna, o nomeou Bispo daquella nova Sé, dignidade, que aceitou mais aconselhado pelo zelo da salvaçaõ das almas, que pela vulgar ambiçaõ das honras. Nesta Igreja presidio alguns tempos, até que naõ podendo supportar o seu escrupuloso espirito tamanho pezo, determinou renunciar a Mitra, como fez, nas mãos de ElRey, que como virtuoso lhe aceitou a renuncia, podendo, como tal, igualmente negarlha. Desprezado o Palacio Episcopal pela humilde Cella de Religioso, para fugir totalmente ao perigoso labyrintho da Corte, que tanto o respeitava, buscou o Convento de Valbemfeito, e delle passou para o da Pena, onde se perfilhou. Esta acçaõ taõ exemplar he a parte mais importante da vida deste Prelado, e com occasiaõ taõ opportuna bem desejara eu dilatarme nesta parte no seu elogio; porém nem o estylo, que sigo, o soffre, nem a inflexivel critica, que tanto domina. He precizo pois involver no silencio as altas virtudes, com que este Prelado exaltou mais o seu elevado caracter, quando se recolheo a viver neste Mosteiro; porém bastará talvez dizer, que o servia de modo, como se ainda estivesse no Noviciado, e que era taõ frequente no Coro, como em todos os actos de Religiaõ, dos quaes se naõ queria isentar, como obedientissimo filho. Entre a continua pratica destas, e de outras virtudes infinitas, accommetteo a morte a este grande Prelado; mas como já em vida se reputava morto, naõ a temeo; antes fortalecido com as suas acçoens virtuosas esperou o horrivel combate com taõ catholica confiança, que piamente me persuado, que no dia 31. de Março de 1559. voou o seu espirito a ser celestial Cidadaõ da Patria do descanço.

Estes

Estes saõ desenhados em breve papel os principaes Varoens, que fazem mais illustre o Appellido de Barros: podera tratar de outros; porém temo, que a critica severa me argua de que tomey em huma Dedicatoria a liberdade, que soffre a Historia. Elles vivem nas nossas Memorias, e viviraõ animados da eternidade da sua fama, por isso dou fim a esta Carta, e satisfeito de ter mostrado com ella ou o meu agradecimento, ou a propriedade da minha escolha, quando fosse eleiçaõ, o que he divida, naõ faço mais que rogar ao Senhor Lopo de Barros na pessoa de V. m. que me faça a justiça de crer, que sou de sua Casa taõ parcial, como devedor, e que me aceite este obsequio attendendo mais para a minha preciza obrigaçaõ, que para a sua innata modestia. Deos guarde a V. m. muitos annos. Lisboa, 23. de Novembro de 1748.

PROLO-

PROLOGO.

LEitor: Sahe finalmente a publico huma *Arte Poetica*, eſcrita no noſſo idioma, que talvez ha muito deſejarias, ſe entrares no numero daquelles poucos, que deſejaõ o adiantamento, e reformaçaõ nos eſtudos. Confeſſo-te com ingenuidade, que eu naõ teria em mim o cabedal preciſo para tamanha obra, ſe acaſo deſde os meus primeiros annos naõ tiveſſe ajuntado muitos livros da faculdade Poetica, e lido com aquella reflexaõ, que cabe no meu entendimento. Eſtimulado de amigos, que falſamente me ſuppunhaõ bom arquitecto para eſte grande edificio, dey-lhe principio, mas com pouco ardor; porque já a idade me leva para outros eſtudos, até que li huns livros Portuguezes, impreſſos fóra, intitulados: *Verdadeiro Methodo de eſtudar, &c.* Vi, que neſta obra ſe queixava juſtiſſimamente o ſeu Author, de que aos Portuguezes, para ſerem bons Poetas, lhes faltava huma Arte, a que verdadeiramente ſe podeſſe chamar Poetica; entaõ continuey na minha empreza com algum fervor, e eſtudo, como poderás ver, ſe quizeres. Naõ entendas, que entaõ me levou a preſumpçaõ, de que com eſta Arte naõ haveria para o futuro quem cenſuraſſe a Portugal neſta parte, e que com ella conſeguiria fazer bons Poetas. O que me levou, foy a conſideraçaõ, de que entre nós naõ havia livro algum impreſſo, nem ouvi, que manuſcrito; ſobre eſta materia, e ſó algumas Artes metricas,

ou verſificatorias. Como havia deſtas, e taõ triviaes, como ſaõ as de Borrallho, Villa Real, e Rengifo, por iſſo me empenhey em tratar do que he poetico, como couſa ainda naõ eſcrita no noſſo idioma, deixando de fallar do metrico, como couſa que raros ignoraõ; e ſe eſperavas pelo contrario, entendendo, que nella acharias hum copioſo rhimario de conſoantes, enganaſtes-te; porque naõ tenho paciencia para gaſtar inutilmente o tempo em diſcorrer no que já tantos tem dito, e he taõ facil de perceber. O que eu te poderey fazer para eſte fim, he darte a ler brevemente hum *Diccionario Poetico para o uſo da Poeſia vulgar*, em que acharás ſinonymos, epithetos, e fraſes poeticas para os nomes proprios, e outros dos que ſaõ mais uſuaes na Poeſia: porém primeiro que tudo publicarey (porque já tem as licenças dos Tribunaes) a ſegunda parte deſta Arte com o titulo de *Cartas Poeticas*, *nas quaes diſcorrendo-ſe ſobre algumas particularidades da Poeſia, e fazendo ſe juizo ſobre diverſos Authores, ſe continúa o aſſumpto da Arte Poetica, &c.* Tudo iſto faço para o uſo do Poeta principiante. Eu bem conheço os frutos, que póde produzir o meu campo; porém occupo-me por fugir á ocioſidade; e eſcrevo, em quanto os que ſaõ capazes ſe naõ reſolvem a inſtruir a mocidade Portugueza nos eſtudos, em que naõ tem livros no ſeu idioma, que lhe dê os preceitos, que he toda a minha paixaõ dominante; e por iſſo he que publiquey o *Secretario Portuguez*, e o *Methodo breve, e facil para eſtudar a Hiſtoria Portugueza*, *&c.* Agora o que me reſta, he que em lugar de tal qual agradecimento, ouça ſatyras, como já tenho ouvido; porque entre nós he o fruto, que reſponde á agricultura dos eſtudioſos, que empregaõ o tempo em alguma utilidade dos ſeus naturaes. Dize o que quizeres, que por mais que faças, nunca me poderás

tirar

tirar a gloria de ser o primeiro, que sayo a publico com semelhantes assumptos, cuja justiça me haõ de fazer os verdadeiros sabios, e amantes da Patria. Igualmente naõ temo o testimunho, que me levantares, chamando-me satyrico, a respeito de censurar a muitos Poetas da primeira classe: chama o que quizeres; que tambem os verdadeiros sabios, e amantes da verdade me haõ de defender, e louvar, por seguir a opiniaõ de *Nullius addictus jurare in verba Magistri*. Sigo a verdade, e a razaõ, primeiro que a authoridade; porém ainda que seja hum Critico mais abortivo, que judicioso, tal qual sou *Non sum ex judicibus severissimis, qui omnia ad exactam regulam redigam. Multa donanda ingeniis puto; sed donanda vitia, non portenta sunt*; como dizia Seneca no liv. 5. *Controv.* He verdade, que censuro muitos lugares de Poetas de grande nome; mas igualmente he certo, que com estes mesmos Poetas provo as minhas doutrinas, louvando-os naquella parte, em que saõ dignos de imitaçaõ; no que me parece que naõ devo merecer o nome de satyrico Muy facilmente me poderey enganar nestes meus juizos, naõ chegando a correr o véo á verdade. Se naõ consigo isto por ignorancia, rogo ao leitor prudente, que ou me perdoe, ou me emende; que eu naõ pretendo mais que a utilidade, e instrucçaõ da mocidade Portugueza, para quem unicamente escrevo. Porém se se achar, que as regras, que expendo, saõ conformes á razaõ, e bem provadas com authoridades classicas, faça-se-me a justiça, que merecer; e emende-se cada hum daqui para diante; que tomara eu ingenuamente poder fazer o mesmo aos muitos vicios poeticos, de que estaõ cheyas as poesias dos meus primeiros annos, e ainda dos mais adultos. Porém naõ sey se encontrarey nos outros esta ingenuidade; porque os nossos engenhos tem tanto de felices, como de contumazes, e enten-

dem, que pretender ensinallos he hum ponto, que offende a honra, principalmente se o que dá os precèitos naõ he Escritor de authoridade, e respeito. Naõ te quero cançar mais com este Prologo; porque desejo, que occupes o tempo na leitura do livro; e fico esperando pelo modo, com que recebes o hospede; e seja a primeira attençaõ emendar estas erratas; como cousa, que naõ se póde evitar em huma Officina, ainda havendo o mayor cuidado.

ERRATAS.	EMENDAS.
Pag. 21. lin. 17. tanta opiniaõ,	tantas opinioens.
pag. 23. lin. 17. dos primeiros,	os primeiros.
pag. 26. lin. 15. aos olhos lhes parece,	aos olhos parece.
pag. 39. lin. 1?. nenhum,	nem hum.
pag. 40. lin 1. remulgens,	remulcens.
pag 41. lin. 17. pateant.	pateat.
pag. 94. lin. antepenult. somnos,	sonhos.
pag. 95. lin. 13. accipit.	accepit.
pag. 9 . lin. 23. formas.	plumas.
pag. 94. lin. 13. males,	malas.
ibid. undas,	undis.
pag. 117. lin. 3. Can o,	Canto.
pag. 129. lin. ult. Illum ô,	Ille &.
pag. 154. lin. 2. madu-	maduro.
pag. 158. lin 11. Escri or,	Escritor.
pag 171. lin. 30. rerum omen.	rarum omen.
pag. 193. lin. 8. movem,	move
pag. 197. lin. nem huma, e outra,	nem huma, nem outra.
pag. 221. numero. 211.	221.
pag. 282. lin. 7. juri sermonis,	justi sermonis.
pag. 289. lin 19. parecerem,	parecer.
pag. 312. lin. 13. intelligivel,	intelligiveis.
pag. 319. lin. 1 que lhe	que se lhe.
pag. 347. lin. antepenult.	Juvenal Satyra 7.
pag. 349. lin. penultim. canasço,	cansaço.
pag. 370. lin. 9. usasse,	usassem.
pag. 380. lin. 23. quisque,	quisquis.

PRIVI-

PRIVILEGIO.

DOm Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, dáquem, e dálem mar, em Africa Senhor de Guiné, &c. Faço saber, que Francisco Joseph Freire, me representou por sua petiçaõ, que elle se achava imprimindo com licença minha o livro intitulado *Arte Poetica, primeira, e segunda parte*, em a qual composiçaõ tivera grande trabalho, e agora na sua impressaõ fazia consideravel despeza; e que para a resarcir, me pedia lhe fizesse mercê concederlhe Privilegio por tempo de dez annos na fórma costumada: e visto o que allegou, informaçaõ que se houve pelo Corregedor do Civel da Cidade, Joseph Pereira de Moura, e reposta do Procurador de minha Coroa, a que se deu vista, e naõ teve duvida: Hey por bem fazer mercê ao supplicante de lhe conceder o Privilegio, de que trata, por tempo de dez annos, para que durante elles, nenhuma outra pessoa, de qualquer qualidade que seja, possa imprimir, vender, nem mandar vir de fóra do Reino os livros referidos, sem licença do supplicante, pena de lhe serem tomados todos os volumes, que lhe forem achados, para o mesmo supplicante, e de pagar cincoenta cruzados, metade para o accusador, e outra metade para a minha Camera Real; e esta Provisaõ se cumprirá como nella se contém, e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ, livro segundo, titulo quarenta em contrario: de que se pagoú de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregaraõ ao Thesoureiro delles a fol. 72 vers. do livro 4 de sua Receita, como se vio do conhecimento em fórma registado no livro 3. do Registo geral a fol. 334. vers. ElRey nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Doutores Fernando Pires Mouraõ, e Ignacio da Costa Quintella, ambos do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço. Antonio da Fonseca a fez em Lisboa a dous de Novembro de mil setecentos quarenta e oito. Desta duzentos reis. Antonio Pedro Vergolino a fez escrever.

Fernando Pires Mouraõ. *Doutor Ignacio da Costa Quintella.*

Por

Por resoluçaõ de S. Mageſtade de 2 de Outubro de *1748*, em Conſulta do Deſembargo do Paço.

Joſeph Vaz de Carvalho.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes trezentos e quatorze reis. Lisboa *5* de Novembro de *1748*.

Dom Miguel Maldonado.

Regiſtada na Chancellaria mór da Corte, e Reino no livro de officios, e merces a fol. *6*. verſ. Lisboa *5*. de Novembro de *1748*.

Francisco Joſeph de Sá.

LICEN-

LICENÇAS.

DO S. OFFICIO.

Censura do M. R. P. Mestre Paulo Amaro da Sagrada Companhia de Jesus, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI por Ordem de Vossa Eminencia a Arte Poetica Portugueza, composta por Francisco Joseph Freire, que por meyo da estampa se pretende dar á luz: e como sou obrigado a dizer o que sinto, naõ posso deixar de confessar, que o Author com esta sua obra augmenta incomparavelmente o grande nome, que na Republica literaria lhe tem justissimamente adquirido outras obras suas já dadas ao publico por beneficio do prélo; porque nesta dá claramente a conhecer o laborioso de seus estudos, o vasto da sua erudiçaõ, o maduro do seu juizo na eleiçaõ das opinioens mais bem fundadas, o agudo do seu engenho em penetrar, e expor os sentimentos mais proprios dos Poetas, o indifferente, e desapaixonado do seu animo, com que igualmente louva o bom, propondo-o para a imitaçaõ, e censura o que o naõ he, para que o evitem os estudiosos desta Arte, a quem instrue com tal magisterio, com termos taõ proprios, e taõ perceptiveis, que sem outro estudo, praticados os preceitos, que prescreve, se poderá formar hum consummado Poeta em qualquer das especies de Poesia, que ensina. Nem he menos admiravel o Author, pelo claro, fluido, e desembaraçado de seu estylo, sem a me-

a menor affectaçaõ, attrahindo, e recreando igualmente ao leitor pela doutrina, que dá, e pelo modo com que a insinùa, podendo-se dizer delle com toda a verdade o que de Fabiano disse Seneca (Epistol. 100.) *Electa verba sunt, non captata, nec hujus sæculi more contra naturam suam posita, & inversa, splendida tamen, quamvis sumantur è medio; sensus honestos, & magnificos habent, non coactos in sententiam, sed latius ductos.* Sendo pois esta obra taõ util ao publico pela materia, taõ excellente pela fórma, e naõ contendo, como naõ contém, cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, a julgo dignissima da licença, que se pede. V Eminencia mandará o que for servido. Lisboa; Casa Professa de S. Roque, 6. de Dezembro de 1747.

Paulo Amaro.

Censura do M. R. P. Mestre Fr. Jeronymo de Mesquita da Sagrada Ordem dos Pregadores, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

MAnda me V. Eminencia ver a *Arte Poetica Portugueza*, composta por Francisco Joseph Freire, Ulyssiponense, e que sobre ella interponha o meu parecer. E ainda que se me podia figurar ardua a obediencia no exercicio de censor, confesso, que se trocou o receyo em gosto ao ler obra taõ digna do elevado engenho do seu Author. He a Poesia huma Arte taõ nobre, que reconhecendo a Deos por seu primeiro Professor, quando

do com o elegantiſſimo verſo (no ſentir de Santo Agoſtinho) compoz todo eſte mundo, foy ſempre nas divinas, e humanas letras applaudida com immortaes elogios, dos quaes ſe faz juntamente benemerito eſte ſabio Compoſitor, que ſendo no noſſo Portugal o primeiro, que deſcobrio com a ſua vaſta erudiçaõ novo methodo á Poeſia, deixa á poſteridade em cada raſgo hum exemplo, e huma admiraçaõ em cada letra.

Com eſtylo claro, proprio, e facultativo, conciliando diverſas opinioens, diz conciſo o mais opportuno para o intento, qualificando o que enſina com os melhores Authores Claſſicos, que em taõ fecunda materia tem eſcrito, e comprehendendo o mais ſelecto delles, ſobre os ſeus dictames ſóbe tanto de ponto o magiſterio com que falla, que averiguada, e deſentranhada a verdade ſem o riſco de arguida, lhes dá novos realces nas bem advertidas reflexoens, com que por admiravel, e perceptivel ordem preſcreve as leys, e preceitos mais acertados para ſe obſervar ainda os meſmos apices, de que dependem deſta divina Arte os ultimos primores.

Aſpira o Author por affecto á Naçaõ ao alto fim de que a mocidade Portugueza, ſem mendigar inſtrucçoens de meſtres eſtranhos, tenha no Reino proprio neſte ſuave, e facil methodo, com que inſtrue, hum eſtimulo para inclinarſe ao nobre, util, e deleitavel exercicio da Poeſia, como tambem para que na pratica dos ſabios documentos, que aponta, ſe conſtitúa facilmente perfeita na cultura de taõ illuſtre faculdade; e me parece, que deve a meſma Portugueza mocidade render mil vezes as graças á ſua fadiga; pois eſtimulando a ſua innata propenſaõ para o metro, lhe aſſegura com a ſua doutrina os acertos, como com os ſeus eſcritos authoriza a Patria.

A huns engenhos favorece huma Muſa, a ou-

tros duas; e finalmente cada hum abunda no ſeu ſentido; porém o ſingular engenho do Author, ſendo em todos os ſentidos copioſo, e affluente, faz crivel, que nelle reſide, como em ſeu centro, aquella celebrada pedra Achates, de quem diſſe o Naturaliſta, que logra todas as Muſas no interior de ſuas veyas; e ſe os Mithologicos ſempre creraõ, que influîaõ as Muſas os conceitos mais diſcretos aos ſeus alumnos, ſem duvida que as Muſas todas inſpiraraõ ao Author os mais diſcretos conceitos, para formar neſta ſua Arte Poetica hum Parnaſo.

Vinculando pois a admiraçaõ as evidencias do exame, que agora faço neſte livro ás noticias, que já tinha anticipadas do nome do ſeu Author, naõ poſſo deixar de dizer aquillo meſmo, que em occaſiaõ ſemelhante diſſe Plinio: *Magna Authorem noſtrum fama præceſſerat, maior tamen inventus eſt.* He o Author mayor, que a ſua meſma fama, e eſta ſua obra mayor, que todo o elogio. Eſte he o meu ſentir, V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa, no Real Convento de S. Domingos, 2. de Janeiro de 1748.

Fr. Jeronymo de Meſquita.

VIſtas as informaçoens, póde imprimirſe o livro de que ſe trata; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 9. de Janeiro de 1748.

Fr. R. Alancaſtro. Silva. Abreu. Almeida.

DO

DO ORDINARIO.

Censura de Ignacio de Carvalho e Sousa, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

ESta Arte Poetica, que V. Excellencia me ordena, que veja, e que a beneficio da impressaõ quer fazer publica Francisco Joseph Freire seu Author, he a primeira (sendo-nos taõ preciza) que se compoz, e imprime no nosso idioma. Está ella escrita com desembaraço de mestre, e de mestre, que taõ bem examinou, e com judiciosa critica tudo o que em hum, e outro idioma, vulgar, e Latino, dictaraõ assertiva, ou opinativamente os primeiros, e principaes Authores na docente Poetica, e utente.

O methodo, de que usa, he novo, e especial, para facilitar a percepçaõ, e verdade da sua doutrina, que he o fim a que elle se dirige, e o que esta Arte ha de facilmente conseguir, mediante a ordem, com que está composta. Com os preceitos, e igualmente com os exemplos, que tambem lhe dicta, e propoem esta admiravel Arte, ha de recobrar sem duvida o seu proprio, e primitivo esplendor a dicçaõ, ou locuçaõ poetica, a qual está taõ pervertida, e contaminada, naõ só com a escura, e violenta organizaçaõ, mas com a estranha posiçaõ dos vocabulos, e uso improprio de equivocos nas suas noçoens, que a tem transformado em sofystica. He igualmente maravilhosa na sentença, que com perspicacia poetica observou seu Author nos bem reflectidos exemplos: já se sabe, que naõ fallo da sentença moral; mas na que se comprehende na imitaçaõ morata,

e pathetica; e naõ menor louvor merece nos preceitos que dá a reſpeito da organizição da Fabula, de que reſulta a verdadeira imitaçaõ Epica, Tragica, Comica, e Lyrica.

Para melhor, e abſolutamente moſtrar o Author o ſolido da ſua doutrina, faz a judicioſa critica univerſal aos melhores Poemas, e ſeus Authores em cada huma das eſpecies poeticas; o que até aqui era ſingular nos que eſcreveraõ deſte aſſumpto. Obſerva taõ individualmente a fabula, extenſaõ, intençaõ, eſtylo, e todas as mais partes, que conſtituem o corpo Epico, que ſem mais critica do que eſta, ſerá naõ ſó facil, mas ſem duvida alguma faciliſſimo o exercicio theorico, e pratico da verdadeira Poeſia; motivo, porque julgo ingenuamente ſer eſta Arte entre as melhores, que ſe tem eſcrito, taõ diſtincta, como magiſtral, e completamente poetica.

Aſſim he, e aſſim era precizo, que foſſe, ſendo Portuguez o ſeu Author, e compondo-a no preſente ſeculo: ſendo Portuguez o ſeu Author; porque concedido aos Portuguezes genio innato, e eſpecial engenho para a Poeſia, e Muſica, com hum tal influxo, que parece dominio, como diz o Padre Scott, aſſim havia ſobreſahir, e dominar as mais eſta Arte por meyo das ſuas claras, e verdadeiras doutrinas: no preſente ſeculo; porque mandando Sua Mageſtade, que Deos guarde, reimprimir todas as obras poeticas dos Authores Portuguezes em dous corpos ſeparados, hum dos Latinos, outro dos Vulgares, e faltando muitos, e ſendo menos os Latinos, he taõ volumoſo o ſeu corpo, que numera dezoito tomos, dos quaes já ſe acha impreſſa a mayor parte. Determinado aſſim eſte proporcionado meyo ao genio da mocidade Portugueza, para o exercicio das boas letras, pela alta prudencia de Sua Mageſ-

tade,

tade, e amor aos seus vassallos, era-lhe preciza huma, Arte como esta he; para que bem instruidos os engenhos dos nossos naturaes nos preceitos da Poetica, conhecessem como os praticaraõ nas suas obras os ditos Authores, e deste modo os viessem a imitar nos seus escritos.

Naõ faça a minima duvida ser esta Arte Portugueza, para poder regular a Poesia Latina; porque a sua imitaçaõ he a mesma, e os seus preceitos os mesmos, e sò differentes os metros, sendo ainda estes diversos entre alguas naçoens; porque costumaõ ter differente modo de metrificar. Nem faça igualmente algum reparo, naõ tratar o Autor do metro nesta sua Obra; porque judiciosamente o naõ fez; naõ sò por termos já impressas duas bem escritas Artes metricas, huma no principio do seculo passado, outra no do presente, mas para mostrar o ignorante abuso, com que o vulgo dos Poetas confunde a Poesia com a Versificatoria, naõ conhecendo a notavel differença, que entre huma, e outra se dá taõ recomendada dos Authores: e assim com esta estudada, e devida preteriçaõ (como escrevia da Poesia pura, e verdadeira, e naõ do instrumento della) mostra bem quanto saõ differentes, e separaveis na sua composiçaõ a Arte Poetica da Versificatoria.

Ultima, e generosamente se faz esta Arte acredora do mayor elogio, attendendo-se á razaõ, que teve seu Author para a compor; porque por este meyo quiz livrar a mocidade Portugueza da injuria de ser Author estranho quem a dirigisse nesta faculdade, e de haver justamente quem a censurasse de naõ ter huma Arte Poetica escrita no seu idioma. Levado Francisco Joseph Freire do amor da Patria, e do desejo de rebater esta grande soberba, e injuria, compôz logo esta Arte completamente pratica; e naõ obstante a promettida no *Verdadeiro Methodo de estudar*, tanto

se

ſe lhe adiantou na brevidade, que ſe farà eſta incrivel a quem naõ conhecer o eſtudo particular, que tem neſta faculdade, e o quanto excede eſta aos ſeus poucos annos, de que ſou boa teſtimunha, pela muita pratica, que delle tenho, e ter empregado alguma applicaçaõ nas materias de que eſte livro trata. Naõ conter elle couſa alguma contra a Fé, ou bons coſtumes, e a razaõ porque foy compoſto, naõ ſó o fazem digno da impreſſaõ, mas de preceito eſpecial, para que ſe imprima. Eſte he o meu parecer. V. Excellencia ordenará o que for ſervido. Lisboa, 20. de Janeiro de 1748.

Ignacio de Carvalho e Souſa.

VIſta a informaçaõ, concedemos licença para que ſe poſſa imprimir o livro de que a petiçaõ trata, e depois de impreſſo, tornará para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 23. de Janeiro de 1748.

D. Joſeph Arcebiſpo de Lacedemonia.

DO

DO PAÇO.

Censura do M. R. P. D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, Examinador Synodal das tres Ordens Militares, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR.

MAnda-me V. Mageſtade, que interponha o meu parecer ſobre o livro intitulado *Arte Poetica*, que compoz Franciſco Joſeph Freire, bem conhecido já neſta Corte pela fecundidade do ſeu grande engenho. Eu podia ſer ſuſpeito para eſte juizo, pela benevolencia que tenho experimentado ſempre no ſeu Author; mas naõ ſervirá eſta razaõ para que falte á obrigaçaõ de Cenſor. Eſta Arte Poetica bem moſtra a occupaçaõ do Author em eſtudos humas vezes de erudiçaõ, outras de utilidade da Patria, e huma, e outra couſa ſe vê neſte livro; porque concebeo huma eſpecie taõ nobre, e taõ alta, que ſatisfaz aos amigos da erudiçaõ, e aos amantes da Patria. Póde ter o Author a bem merecida gloria de ſer o primeiro, que deſcobrio em Portugal a verdadeira fonte da Poeſia: e ſe houve quem entendeo que tinha conſeguido huma exceſſiva eſtimaçaõ no agradecimento dos homens, o que deſcobrio a miſeravel fonte, de que naſce o Nilo, que depois de fertilizar com as ſuas correntes cada vez mais groſſas com as de muitos rios que recebe, que ſendo no juizo de alguns mais fabuloſas em parte, que verdadeiras, entra por ſete bocas no mar, taõ ſoberbo, e arrogante, que ſe lhe dá o titu-

titulo de Principe das aguas; quanta mayor estimaçaõ, e quanto mayor trabalho merece o Author, pois com o seu trabalho, e com o seu estudo descobre, e poem patentes a todos as deliciosas aguas da Hypocrene, que naõ regaõ, como o Nilo, huma pequena parte da terra, qual he o Egypto, mas que correm universalmente copiosas por todo o mundo, porque ainda entre as naçoens barbaras naõ falta quem faça as suas Trovas, a que injustamente se dá o nome de versos, porque sempre tem o mesmo numero de syllabas, e a mesma cadencia de versos, de que em todos os Reinos ha grande copia, especialmente em Portugal, como o vemos nas Poesias do Infante Dom Pedro, a que dou este nome em reverencia do Author, no Cancioneiro de Garcia de Resende, nas Obras de Gil Vicente, e de outros muitos, que sendo rarissimos, ainda o merecem ser mais, para que os leitores affeiçoados á Poesia se naõ pervertaõ com taõ máos exemplares. Agora a erudiçaõ do Author mostra aos curiosos patentes, e revelados os segredos de huma Arte, a que attribuhio divindade hum dos mais discretos moradores do Parnaso. Propoem os principios certos desta Arte divina, dando os documentos de como se ha de fazer qualquer Poema, principalmente o Epico, que he a mayor, e a mais difficultosa pratica desta Arte. Discorre doutamente por todos os modos de compor versos com doutrinas solidas, e dos melhores Mestres, que escreveraõ deste assumpto: censura os erros com justiça; naõ reprova como cego, mas com razaõ, porque de outra sorte pareceria apaixonado, e naõ desejoso da mayor exacçaõ na pratica dos documentos poeticos: como igual naõ louva, nem condena tudo. Quem diz, que tudo o antigo he o melhor, poem-se no perigo de dizer com Aristoteles, que a historia da creaçaõ do mundo escrita por Moysés naõ prestava, porque affirmou com to-

da

da a vaidade da sua presumpçaõ, que naõ cria o que escrevia aquelle barbaro, porque o naõ provava; e poderá ser que haja algum taõ obstinadamente Aristotelico, que accuse ao Espirito Santo de descuidado em naõ revelar ao Chronista sagrado algum documento, com que justificasse o que escrevia, para satisfazer á arrogante temeridade daquelle Filosofo. A antiguidade conduz muito para a veneraçaõ dos Authores: as licenças, que se chamaõ poeticas, diz Quintiliano, que no principio foraõ erros, que os annos com o seu decurso poeticamente approvaraõ. Se entrarmos no exame da Eneida de Virgilio, a quem ha mais de dezasete seculos sem contradiçaõ venera todo o mundo, como Principe da Poesia Epica Latina, acharemos alguns descuidos naõ leves; mas que importaõ, se nella se estaõ lendo cousas, que merecem ser lidas de joelhos, como confessava Estacio? He taõ declarado protector da verdade Francisco Joseph Freire, que se naõ descuida de defender ao nosso Luiz de Camoens, conhecido, e respeitado pelo Principe da Poesia heroica de Hespanha, especialmente neste seculo, em que se chegou a imprimir, que naõ tinha em todo o seu Poema hum verso, que se podesse ler. Quem disse tal proposiçaõ dá a entender, que nunca o leo. Em hum dos reparos mostra quem o faz, o como ignora os mysterios delicadissimos da Poesia, porque censura de summamente baixo aquelle verso: *Cujo peccado de desobediencia*, condemnando-o de frouxo, porque naõ conheceo a valentia daquella expressaõ, fallando da desgraça de Adam, como he o *procumbit humi bos* do incomparavel Virgilio, que parecendo languido, he valentissimo pela arte, com que está feito. Quem affirma isto de Camoens, naõ deve de ter lido aquella imagem de Adamastor representado no Cabo da Boa Esperança, atemorisando aos Portuguezes, para naõ passa-

§§§§§ rem

rem aquelle formidavel Promontorio, taõ infame pelas repetidas fatalidades nelle ſuccedidas, porque ſem duvida ſe leſſem com attençaõ aquellas Oitavas, veriaõ que ſe naõ eſcreveo couſa nem mais elevada, nem mais poetica; e baſtará para provar eſta verdade, ainda que naõ a creaõ os inimigos ſem cauſa, o teſtemunho de Lope de Vega Carpio, que chegando ao verſo 7. da Oitava 56. do Canto 5. *Naõ fiquey homem naõ, mas mudo, e quedo*, fechou o livro com a tençaõ de a acabar, e deſenganado, que naõ podia, abrio o livro, e lendo: *E junto de hum penedo outro penedo*, diſſe ſem paixaõ, que acabava de crer quem fora Camoens, lendo taõ natural, e taõ elevado conceito. Deſta portentoſa imagem fallando Monſ. Voltaire, no juizo, que faz de Camoens no ſeu tratado *Eſſai ſur la Poeſie Epique*, deu como homem de juſtiça deſintereſſada, e recta eſta ſentença a favor do noſſo Poeta, que por ſer dada por Francez, merece com alguns mayor authoridade, e attençaõ, eſpecialmente com os que dizem, que naõ tem hum verſo, que ſe poſſa ler: *Jè ſuis perſuadè que cette figure paſſerà pour belle, & ſublime dans tous les ſiecles, & chez toutes les Nations.* Infeliz homem que naſceo em terra taõ ingrata, que tratou de ſorte a hum filho dotado de hum eſpirito taõ grande, de hum juizo taõ maduro, e de huma ſciencia taõ vaſta, como a da Mythologia, da Geografia, da Mathematica, e da Hiſtoria! Vivia das eſmolas, que de dia lhe procurava hum ſeu eſcravo, e que para ſe haver de ſepultar, lhe deu hum lançol a piedade de Dom Franciſco de Portugal. Ha cento ſeſſenta e nove annos, que falleceo Camoens, e ainda naõ morreo o odio da ſua patria para com elle; mas a honra, que nella lhe negaraõ os ſeus, lha deraõ os Eſtrangeiros, como ſe vê na Vida, que antes da traducçaõ da Luſiada delle eſcreveo Monſ. Duperron

perron Cesterá, com que o desaggravou da semrazaõ dos seus patricios. Se estes Criticos, ou estes Hypercriticos impertinentes accusaõ ao grande Camoens de algum erro, ou defeito poetico, digaõ-me quem os naõ commetteo? Quem póde ser taõ perfeito, que alguma vez naõ seja reo de hum crime? Se nos Anjos, que foraõ creados em graça, achou Deos algum defeito, pretendem, ou querem os homens serem mais privilegiados, do que os Anjos? Nunca a Arte Poetica pode ser taõ rigorosamente observada, que naõ haja algum descuido nos seus Professores (sendo que ás vezes he arte o esquecerse da arte) e logo por hum descuido ha de ser condemnada huma obra excellente? E que merecerão os que a criticaõ, quando muitas vezes os seus versos saõ humas regras de onze syllabas sem graça, sem harmonia, sempre languidos, sempre cahindo, e sempre taõ frouxos, que necessitaõ de moletas para se arrastrarem. Na honra com que o Author trata a todos os Poetas, se vê, que julga como imparcial, e que faz a obrigaçaõ de bom Juiz, e Mestre, porque louva, e reprehende quando ha occasiaõ de o fazer, e deste modo instrue aos candidatos da Poesia para que aprendaõ o util, e fujaõ dos vicios, que nesta nobilissima Arte tem introduzido a ignorancia dos seus preceitos. Muito deve este Reino ao estudo de Francisco Joseph Freire, dando na sua Arte Poetica o verdadeiro methodo de fazer Poetas; porém naõ lhe deve menos, porque ao mesmo tempo, em que tratou fundamentalmente os preceitos da Poesia, os tratou tambem da Oratoria; porque huma, e outra sciencia tem a mesma origem, como se pode ver na Poetica de Escaligero; porque aqui poderáõ aprender a Invençaõ, e a Disposiçaõ, e as mais partes de que se compoem huma bem organizada oraçaõ, que para ser perfeita, necessita de preceitos

tos

tos, que nem todos ſabem; e ainda os conceitos, que chamamos Predicativos tem ſua arte, porque naõ devem ſer hum jogo ridiculo de palavras, mas devem de ſe fazer do modo, que moſtrou o Padre Dom Rafael Bluteau no Oraculo de hum, e de outro Teſtamento, aonde eſcreveo o como elles ſe formaõ, para deixar convencida com ſumma erudiçaõ a vaidade de alguns Francezes, que ſe riaõ dos conceitos Heſpanhoes, porque ignoravaõ a verdadeira arte de ſe formarem. He muy atrevida a ignorancia pela facilidade com que reprova o que naõ ſabe, ou o que naõ uſa. A hum beneficio accreſcentou outro o laborioſo eſtudo de Franciſco Joſeph Freire, a quem ſe naõ poderá negar a gloria de ſer o primeiro, que em Portugal enſinou os ſegredos da Poeſia. Neſta ſua Arte Poetica naõ acho couſa alguma contra o Real ſerviço de V. Mageſtade, e me parece digniſſima de ſe imprimir. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 6. de Fevereiro de 1748.

D. Joſeph Barboſa C. R.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, taxar, e dar licença, que corra, que ſem ella naõ correrá. Lisboa, 23. de Janeiro de 1729.

Coſta. Almeida. Carvalho. Mouraõ.

Viſto

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa, 31 de Janeiro de 1749.

Fr.R.Alancastro. Abreu. Amaral. Almeida. Trigoso.

PO'de correr. Lisboa, 5 de Fevereiro de 1749.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

QUe possa correr, e taxaõ em quatrocentos e cincoenta reis em papel. Lisboa, 4 de Fevereiro de 1749.

Vaz de Carvalho. Almeida. Carvalho. Mouraõ.

INDICE

DOS CAPITULOS DESTA ARTE.

LIVRO I.

LIVRO

LIVRO II.

CAP.

LIVRO III.

CA

CAP.

ARTI

ARTE POETICA.

LIVRO I.

CAPITULO I.

Da origem, progreſſos, e eſſencia da Poeſia.

TEm a Poeſia hum naõ ſey que de divino, ſe dermos fé aos Poetas; os quaes, mais que os outros homens, ſe empenharaõ em dar a eſta ſua Arte huma myſteriosa origem. Serve eſta de admiraçaõ ao tempo, e ao mundo pela ſua grande antiguidade, e os profeſſores deſta Arte quaſi que adoraõ a mageſtade della mais que a de outra ſciencia, e guardaõ com hum particular ciume os frutos, que della tem naſcido. Ha neſta materia muita ficçaõ, que como verdade patrocinaraõ diverſos, e graves Authores: porèm o certo he, que entre eſtes, e outros muitos deſvanecimentos que ſaõ em parte huns agradaveis ſonhos, e luminoſas mentiras, como lhes chama o grande Muratori na ſua admiravel Obra *Della perfetta Poeſia &c.* ſaõ verdadeiros os fundamentos, com que os Poetas pertendem ter o principado, ou para melhor dizer, o poder de ter na

 ſua

ſua maõ a diſtribuiçaõ do patrimonio da verdadeira gloria. Eſta, ainda que talvez ſeja hum idolo vaõ, ſe bem que verdadeira origem de mil acçoens heroicas, na verdade eſtá quaſi toda no dominio dos grandes Poetas, os quaes com os ſeus verſos fazem eterna naõ menos a ſua fama propria, que a alheya, conſervando os benemeritos na memoria da poſteridade. Vivem ainda, e eternamente viveraõ innumeraveis Heroes da Grecia, porque vive, e viverá Homero, que os celebrou. Concederaõ os ſeculos aos ſeus verſos aquelle privilegio, que naõ gozaraõ os marmores, nem os bronzes, que gaſta a voracidade do tempo: e quando o eſtudo Poetico naõ tiveſſe outra excellencia, baſtava certamente eſta para fazer recõmendavel o uſo de huma tal Arte, e para convencer de ignorancia a quem a vitupéra, ou ao menos a eſtima em pouco.

He com effeito muito antiga a origem, e principio deſta Arte, pois como teſtifica Euſebio no liv. 11. da Preparaçaõ Evangelica, já florecia nos antigos Hebreos, que foraõ muito anteriores aos Poetas Gregos; porque Moyſés, quando tirou a eſtes do Egypto para os levar á ſua patria, logo que paſſaraõ o mar Vermelho, compoz (ſegundo diz Joſeph no 2. liv. das Antiguidades) hum Cantico em verſo hexametro dedicado a Deos em acçaõ de graças pelo milagre, que obrara em apartar as aguas para paſſagem do ſeu povo. He igualmente certo que David compoz os ſeus Pſalmos em diverſos metros; e delle diz o meſmo Joſeph no 7. liv. das ſuas Antiguidades, que vendo-ſe eſte Proféta livre das guerras, e perigos, compozera muitos Pſalmos, e Cantares em diverſas maneiras de metros, uzando nelles humas vezes

vezes de tres, outras de cinco versos. Corrobora mais isto S. Jeronymo no Prologo sobre as Chronicas de Santo Eusebio, dizendo, que naõ ha cousa mais suave, que o Psalterio, o qual á maneira de Horacio, e de Pindaro, humas vezes soa em verso Jambico, outras em Alcaico, outras em Saphico, e outras em meyo pé. Que harmoniosa obra (continùa o Santo) he o Deuteronomio, que suave o Cantico de Isaias, que graves os livros de Salamaõ, e que perfeitos os de Job! Naõ se póde apontar o tempo prefixo do nascimento da Poesia: porèm concordaõ os Authores mais graves em que he antiquissima a sua origem, como acabamos de dizer: pois Homero, que floreceo mil annos antes da vinda de Christo, isto he, no tempo de Salamaõ, naõ foy na Grecia o primeiro Poeta de que ha noticia; porque já haviaõ florecido *Orfeo*, *Museo*, *e* Lino; e segundo a authoridade de Plataõ tambem houve *Olimpo*, além de *Orebancio Trasenio*, *Dáres Frigio*, e *Syagro* primeiro escritor da guerra Troyana, segundo diz Eliano: porèm nenhum destes Poetas (pelo que se entende) foraõ anteriores a *Moysés*, a quem se tem por primeiro Poeta, como prova Polidoro Virgilio no 1.liv. de Rerum invent. pag.22. Esta opiniaõ, que approvaõ huns, naõ abraçaõ outros, e com fundamento, que naõ se estabelece sómente em conjecturas; porque dizem que a Poesia tivera a sua primeira origem entre os Pastores. Assim o mostra a razaõ, e o confirma a authoridade dos Escritores, que saõ Mestres nesta materia. He certo, que o primeiro estado dos homens foy o de Pastor: assim o diz Varro liv. de Re rustic. in princip. *Cùm duæ vitæ traditæ sunt hominùm, ru-*

ſtica, & urbana, Q. Pinni, dubium non eſt, quin hæ non ſolùm loco diſtinctæ ſint, ſed etiam tempore diverſam originem habeant. Antiquior eſt enim multò ruſtica; quod fuit tempus, cùm rura colerent homines, neque urbem haberent. Confirma eſta doutrina Plataõ no 3. l. das Leys, e he ſeguida de todos os doutos, como prova Joaõ Vintimiglia no ſeu tratado dos Poetas Sicilianos Bucolicos. l. 1. cap. 2. in princip. Prova-ſe mais eſta opiniaõ; porque a invençaõ das couſas, em que a natureza tem huma grande parte, neceſſariamente havia ſer dos homens mais antigos, como ſobre eſta meſma materia eſcreve largamente Eſcaligero Poetic. l. 1. cap. 2. e claramente ſe deduz da doutrina de Ariſt. Poetic. l. 1. partic. 20. onde prova, que a imitaçaõ, e a harmonia ſaõ innatas nos homens, e que dellas naſceo a Poeſia. Saõ eſtas as ſuas palavras: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ ſit, & harmonia, & rhythmus, à principio, qui naturâ facti erant, præcipuè ad ipſas has res, paulatim promoventes procreaverunt Poeſim.* Daqui ſe convence a grande antiguidade da Poeſia; nem entre os Gregos ha doutrina mais antiga do que eſta, dizendo Cicero Tuſcul. l. 1. in princip. *Cùm apud Græcos antiquiſſimum è doctis ſit genus Poetarum*; e affirmando Plinio l. 7. cap. 56. *de Poematum origine magna quæſtio eſt.* Por eſta razaõ he bem vaõ o trabalho daquelles, que ſe cançaõ em pertender deſcobrir com certeza qual foy o primeiro Poeta. Aſſentado pois, que a Poeſia fora invençaõ dos primeiros homens, e ſabendo-ſe igualmente, que os primeiros foraõ os Paſtores, racionalmente ſe deve concluir, que eſtes foraõ os primeiros inventores da Poeſia.

Quanto

Quanto mais, que isto se confirma com a authoridade dos mesmos Poetas, e daquelles de mayor reputaçaõ, como entre outros he o Principe dos Lyricos Latinos: diz pois Horacio l. 2. Epist. 1.

Agricolæ prisci, fortes, parvoque beati,
Condita post frumenta levantes tempore festo
Corpus, & ipsum animum spe finis dura ferentem
Cum sociis operum, & pueris, & conjuge fidâ
Tellurem porco, Sylvanum lacte piabant;
Floribus, & vino Genium memorem brevis ævi.
Fescennina per hunc inventa licentia morem
Versibus alternis opprobria rustica fudit, &c.

O mesmo segue Tibullo, cantando deste modo no liv. 2. Eleg. 1.

Agricola assiduò primum lassatus aratro
Cantavit certo rustica verba pede.
Et satur arenti primum est modulatus avenâ
Carmen, ut ornatos duceret ante Deos &c.

E no liv. 1. Eleg. 7. tratando das Vendimas, diz tambem assim:

Ille licor docuit voces inflectere cantu,
Movit & ad certos nescia membra modos
Bacchus, & agricolæ magno confecta labore
Pectora tristitiæ dissoluenda dedit.

A estes versos póde servir de commento o que largamente escreve Casaubono no seu livro da *Satyra Grega* quasi em todo elle, e particularmente no liv. 1. cap. 1. pag. 9. *Satyricæ Poeseos, non secus ac Tragædiæ, & Comædiæ origo prima ab illis repetenda conventibus, quos vetustissimi mortales, collectis frugibus, cogere soliti, ut gratias Diis acturi sacrificiis operarentur, & laborum, quos sustinuerant, memoriam posituri, animum relaxarent; ac jucunditati*

*ditati se darent &c. unde tandem nati sunt chori, saltationesque ad numerum, atque adeo * Poesis ipsa: natura paulatim eò ducente ut & verba, quæ dicebant, & pedes, quos movebant, numeris astringerent &c.*

Porèm Lucrecio, que explicou em verso tudo quanto ensinava a escola de Epicuro, e por consequencia a respeito das cousas fysicas necessariamente havia seguir as tradiçoens mais antigas, tratando mais subtilmente desta materia, deu a razaõ, que moveria aos antigos Pastores, para inventarem a Poesia; e diz assim no liv. 5. ℣. 1378.

At liquidas avium voces imitarier ore
Ante fuit multò, quàm levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, auresque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primùm
Agrestes docuere cavas inflare cicutas.
Inde minutatim dulces didicere querellas,
Tibia quas fundit digitis pulsata canentûm,
Avia per nemora, ac sylvas, saltusque reperta,
Per loca pastorum deserta, atque otia dia &c.

He muy natural esta opiniaõ de Lucrecio, e delle aprendeo Escaligero tudo quanto escreveo da origem da Poesia: tratando da Bucolica, diz assim Poetic. l. 1. cap. 4. in princip. *Vetustissimum igitur poematis genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria verò sæculorum genera: Pastoris, Venatoris, Aratoris; & sanè Pastores, quàm Aratores antiqui magis: videtur autem modulatio in pastionibus inventa primùm, vel naturæ impulsu, vel avicularum imitatione, vel arborum sibilis &c.*

Estes primeiros homens, estes felices Pastores foraõ (como temos dito) os que descobriraõ a Poesia, e naõ con-

contentes do ſocego da ſua vida, e da innocencia do ſeu ruſtico divertimento, ajuntaraõ tambem a eſte a ſuavidade do canto, e a doçura dos verſos; porque enſinados, e movidos do brando ſuſſurro dos regatos, e das folhas das arvores, quando o vento ſuavemente as agita, e ſobre tudo incitados do canto das aves, que habitavaõ os boſques, ou aquelles lugares ſombrîos onde recolhiaõ o gado, começaraõ tambem com a boca primeiro a imitar o ſuſſurro de hum ſom mal articulado, e depois agradando-lhes aquella voz com eſta tal mediçaõ, e reſtricta a hum tal periodo, e interrompida com taes pauſas, e humas vezes velozmente vibrada, outras lentamente produzida, entraraõ tambem com palavras formadas a diſtinguir aquella tal qual voz, que, propriamente fallando, era hum modello, ou huma fórma de verſo: e porque nem todas as palavras lhes podiaõ caber, entraraõ eſtes balbucientes Poetas a deſcobrir humas taes, que unidas com outras ſe adequaſſem áquelle eſpaço de tempo harmonicamente dividido, e a mediçaõ deſte ſe fazia com o ouvido. Depois com o exemplo do primeiro verſo formando os outros ajudados do genio, e do natural engenho, prompto a inſpirar os vocabulos, entraraõ a *improvizar*; iſto he, a fazer verſos de repente, como ainda hoje fazem aquelles que ſaõ Poetas ſómente por natureza. Iſto entendo eu que he o que quer dizer Ariſtoteles, quando diſſe: *Procreaverunt Poeſim*; ainda que os criticos diſputem larguiſſimamente ſobre eſte lugar: porèm eu ſigo ao eruditiſſimo Niſieli, que a todos ſe oppoem na ſua grande obra dos *Proginnaſmi Poetici* tom. 5. Progin. 18. Deſta doutrina ſe deduz, que a Poeſia reconhece o ſeu principio no verſo rithmico, e a ſua

ſua perfeiçaõ no verſo metrico. Nos primeiros tempos começou o verſificar na invençaõ de dizer de repente; porque eſtes verſos aſſim feitos ſim tinhaõ hum certo ar de verſo, mas naõ tinhaõ a preciſa regra da mediçaõ metrica: diſtinguia-os propriamente a forma natural do canto, e naõ o artificio dos pés. Finalmente no cantar reſtringio-ſe a proſa meramente por inſtincto, e goſto humano em hum certo methodo locutorio, o qual com o tempo, e com a arte ſe reduzio em verſos regularmente compoſtos, do meſmo modo que o canto natural foy concertado em muſica pelos meſtres deſta Arte. Eſta doutrina he dos melhores criticos, e largamente a expende o celebre Patrizi *Poetic. Iſtorial* l. 4. pag. 40. expondo as palavras de Ariſtoteles: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ ſit &c.* das quaes já fizemos mençaõ, copiando-as neſte meſmo Capitulo. Corrobora-ſe iſto com a authoridade de Quintiliano, l. 9. cap. ult. dizendo: *Poema nemo dubitaverit imperito quodam initio fuſum, & aurium menſurâ, & ſimiliter decurrentium ſpatiorum obſervatione eſſe generatum: mox ex eo repertos pedes. * Ante carmen ortum eſt, quàm obſervatio carminis.*

Naſcida a Poeſia neſtas cabanas, e aldeyas entre Lavradores, e Paſtores, paſſou ás Cidades a viver com melhor fortuna entre os Cidadãos. Receberaõ-na logo com grande veneraçaõ os Filoſofos, e os Sacerdotes Egypcios, que naquella idade logravaõ a eſtimaçaõ de ſerem reputados pelos mayores ſabios. Deſprezaraõ-ſe os aſſumptos humildes, como eraõ os paſtorîs, e empregaraõ eſtes homens as ſuas Poeſias em argumentos, e idéas proprias do ſeu caracter, e condiçaõ. Começaraõ a inſtruir, e dou-

e doutrinar os póvos na Religiaõ, e na Filosofia explicada em verso, como tambem em pinturas, e esculturas; porque conheceraõ, que a rusticidade do vulgo só por meyo de imagens sensiveis podia comprehender as verdades especulativas, e os attributos de Deos. Principiaraõ tambem logo outros Sabios a cantar as acçoens illustres dos heroes, e os louvores de Deos, e naõ menos a vituperar as màs obras dos homens perversos. Assim o affirma o Filosofo no cap. 4. da sua Poetica, dizendo: *Foy pois a Poesia dividida pelos homens, segundo os seus proprios costumes: porque os mais magnificos representaraõ as excellentes acçoens feitas por outros semelhantes a elles; porém os de mais baixa condiçaõ compozeraõ cousas vîs, obradas por outros, que as praticaraõ: huns representavaõ estas cousas, e outros compunhaõ hymnos, e encomios.* Deste lugar de Aristoteles se vê, que a Lyrica, e a Satyra saõ as duas especies mais antigas desta Arte. Foy esta depois aperfeiçoando-se, e nasceo a Epopea, a Tragedia, e a Comedia. As duas primeiras cantavaõ as acçoens dos homens illustres, e benemeritos, a outra as das pessoas vîs, e de mediano estado. Claramente se infere disto, que a intençaõ, e fim da Poesia foy desde aquelles primeiros tempos, e ainda actualmente he, de cantar os louvores da virtude, e dos virtuosos, ou o vituperio dos vicios, e dos viciosos; para que aprenda a gente a conhecer, que odio devem ter a estes, e amor áquella: e por consequencia saibamos, que a Poesia naõ he outra cousa mais que huma filha da Filosofia moral, ou para melhor dizer, he a Poesia, e a Filosofia huma mesma cousa, ainda que expressada com dous differentes nomes.

Parecerá isto muito a alguns, que apenas teraõ saudado esta Arte divina, e desejaráõ authoridade que os persuada. Maximo Tirio no seu Discurso 29. tratando desta materia, diz assim traduzido: *He a Poesia, e a Filosofia huma cousa sim com dous nomes; mas na substancia naõ ha differença entre huma, e outra; como v. g. se alguem considerasse, que huma cousa era o dia, e outra o curso do Sol sobre a terra, assim do mesmo modo se póde dizer da Poetica, e da Filosofia. Por quanto que outra cousa he a Poesia, senaõ huma Filosofia mais antiga em tempo, numerosa pelas consonancias, e fabulosa pelos argumentos? E que outra cousa he igualmente a Filosofia, senaõ huma Poetica mais moderna em tempo, livre de harmonia, e mais larga nos assumptos? E por isso a differença, que entre si ha, só consiste na figura, e no tempo.* O mesmo prova Estrabo no 1. l. da Geografia para mostrar contra o parecer de Erastotenes, que a Poesia fora inventada, naõ só para deleitar, mas igualmente para instruir; como largamente se póde ler em Muratori na sua estimadissima obra da Perfeita Poesia tom. 1. pag. 33.

Possuidores (como dissemos) os Egypcios deste thesouro da Poesia, e explicando-a, ou por meyo de versos em livros, ou pelo sinzel em marmores, ou pelo pincel em taboas, fundaraõ diversas colonias, e introduziraõ nellas por meyo da Poesia, e das Fabulas os costumes da sua naçaõ. Segundo o que escreve o insigne Gravina no seu Discurso Poetico l. 1. n. 8. e o P. Rapin na Comparaçaõ entre Homero, e Virgilio, seguindo ambos a Diodoro Siculo livr. 1. foraõ muitos Gregos ao Egypto, como Orfeo, Museo, e Homero, levados da fama, que adquiriraõ

quiriraõ eſtes Sacerdotes. Com elles aprenderaõ, e voltaraõ para a Grecia com toda à doutrina daquelles Sabios occulta ainda nos meſmos véos; iſto he, nos eſcuros enigmas de Fabulas, e imagens. Porèm obſervando alguns Filoſofos, que eſtas eſcuridades eraõ muy prejudiciaes aos póvos; porque naõ penetravaõ pela ſua ignorancia aquellas artificioſas invençoens, e que em lugar de ſe aproveitarem com ellas, ſe radicavaõ na idolatria; reſolveraõ-ſe a compor livros de ſentenças, e preceitos moraes em lugar de Fabulas, e imagens, para melhor regularem os bons coſtumes. Aſſim o fizeraõ Heſiodo, Theognides, Phocilides, Timocles, e outros muitos.

Eſte foy o naſcimento, e eſtes os progreſſos da Poeſia na Grecia; porèm depois que os Romanos ſe fizeraõ ſenhores deſte Imperio, e como diz Horacio:

Græcia capta ferum victorem cœpit, & Artes
Intulit agreſti Latio......

Entrou eſta Arte tambem em Italia juntamente com todas as ſciencias dos Gregos vencidos. Melhorou a Poeſia neſte terreno, ſe dermos fé ao que diz Cicero Tuſcul. quæſt. l. 1. o qual he de opiniaõ, que os Romanos, quando naõ tiveſſem vencido as invençoens dos Gregos, as tinhaõ melhorado: *Omnia noſtros aut inveniſſe per ſe ſapientius quàm Græcos, aut inventa ab illis feciſſe meliora.* Porèm o celebre Salvini oppoem-ſe a eſte lugar com todas as forças da ſua grande critica nas Notas á Poetica de Muratori, e igualmente o Marquez Orſi no ſeu admiravel livro *Conſiderazioni ſopra la maniera di ben penſare.* Padece iſto huma grande difficuldade, principalmente limitando-ſe tal queſtaõ ſobre a Poeſia,

 e mui-

e muito mais no tempo de Cicero, que naõ pode ler o Poema de Virgilio, do qual se disse o sabido verso: *Nescio quid maius nascitur Iliade.* O certo he (e o mesmo segue Luzan na sua Poetica pag. 14.) que naõ se descobrem bons fundamentos para seguir o partido de Cicero: pois que comparaçaõ póde fazer a rudeza (naõ digo eu a de Livio Andronico, que foy o primeiro Poeta Latino) mas a de Ennio, Pacuvio, e Lucilio com a grandeza, e magestade de Homero, com a suavidade de Anacreonte, com a elevaçaõ de Pindaro, com a naturalidade de Theocrito, com o artificio de Euripedes, e de Sophocles, e com a galantaria, e graças de Aristophanes? Quanto mais, que todos sabem, que a Poesia Grega foy o modello, e exemplar, que os Romanos tiveraõ para os seus versos, como largamente prova em muitas partes dos seus *Proginasmi Poetici* o insigne Academico Apatista Benedito Fioretti, conhecido pelo supposto nome de *Vdeno Nisiely*: vejaõ-se os indices dos cinco volumes desta sua obra taõ magistral. Virgilio na sua Eneada a mayor parte dos passos, que dá, he sobre os vestigios de Homero; nas Georgicas imitou a Hesiodo, ou a Empedocles, e nas Eclogas seguio a Theocrito. Horacio foy o mayor imitador da Lyrica Grega, principalmente de Pindaro, e finalmente quasi todos os Comicos Latinos naõ foraõ mais que huns traductores das Comedias dos Gregos. Veja-se a Vossio na sua Poetica, tratando dos fundamentos, porque os Gregos excedem aos Latinos, e devemos preferir aquelles a estes.

CAPITU-

CAPITULO II.

Da origem da Poesia vulgar.

ANtes que o Imperio Romano principiaſſe a declinar, já havia começado a deſcahir a formoſura da lingua Latina. O vulgo de Roma já no tempo de Cicero, que era o ſeculo de ouro daquella lingua, uſava de huma linguagem pouco pura, e miſturada com barbariſmos, e ſolleciſmos. Foy depois creſcendo eſta ruina do idioma Romano, aſſim pelo concurſo de naçoens eſtrangeiras, que hiaõ a Roma, como pela invaſaõ dos Godos, Hunnos, Herulos, Gregos, Longobardos, Francos &c. os quaes todos ſaquearaõ, e ſenhorearaõ a infeliz Italia. Aſſim pouco a pouco o vulgo deſta Provincia, alèm de adoptar muitos vocabulos eſtrangeiros, foy tambem alterando os ſeus proprios, que eraõ os Latinos, trocando as terminaçoens das palavras, naõ menos eſtreitando-as, que dilatando-as, e corrompendo-as. Finalmente formou-ſe huma nova linguagem, que ſe chamava vulgar. Com a introduçaõ deſta nova lingua cahiraõ juntamente com o Imperio Romano todas as Sciencias, e Artes; mayormente depois que os Godos, e outras naçoens Septemtrionaes invadiraõ a mayor parte de Europa. Como eraõ povos marciaes, e ferozes, deſprezaraõ as letras, e neſta geral tempeſtade naufragou tambem a Poeſia. Durou eſta ignorancia até que nas Cortes de Federico Suevo Rey de Sicilia, e de Roberto de Anjou Rey de Napoles, como eraõ Principes glorioſos Mecenas das ſciencias, e Artes, começaraõ a dar nova vida á morta Poeſia os Provençaes, e os Sicilianos,

estes com as suas *Conçoens*, e aquelles com as suas *Trovas*. Ha entre os criticos huma questaõ muy disputada, se os Provençaes, ou se os Sicilianos foraõ os primeiros restauradores desta Arte; porèm como esta questaõ naõ pertence muito ao meu assumpto, naõ entro a discutilla; e se o leitor tiver curiosidade de se instruir nesta materia, póde ler a *Historia della vulgar Poesia*, que eruditamente escreveo Joaõ Mario Crescimbeni hum dos primeiros eruditos de Italia neste seculo.

Destes Provençaes, ou dos Sicilianos, como he muito mais provavel, segundo diz Muratori *Della perfetta Poesia* tom. 1. pag. 7. he que procedeo em outras naçoens a Poesia vulgar. Assim o affirma Petrarca em huma Carta, que anda no principio dos livros das suas Epistolas familiares. Dando elle noticia das Obras que compozera, diz que humas eraõ em prosa, e outras em versos Latinos; e alèm disto *Pars mulcendis vulgi auribus intenta, suis & ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos (ut fama est) non multis ante sæculis renatum, brevi per omnem Italiam,* * *ac longius manavit &c.* Entrou pois a Poesia em Hespanha, mas algum tempo depois que foy conhecida em Italia, a quem deveo este conhecimento, e naõ a Ausias Marc Poeta Valenciano, como erradamente affirmou Saavedra na sua Republica literaria, o que prova o erudito Luzan na sua Poetica pag. 16. mostrando que Ausias Marc foy posterior a Petrarca, e que assim este naõ podia furtar os conceitos deste tal Valenciano, como diz o mesmo Saavedra. Do mesmo erro o convence Tassoni no Commentario, que escreveo ás Rimas de Petrarca. De Hespanha passou a Poesia a Portugal, pouco antes do reinado de ElRey Dom Diniz, que foy Principe muy dado ás Musas, e o pri-

primeiro (se me naõ engano) que compoz entre nós em verso fundado em alguns preceitos da Arte. Digo em alguns preceitos; porque ainda que haja noticia de algumas trovas de authores anteriores, como v. g. *Se pensades, que me vom, non lo pensedes, que chantado em bos estom, e non me bedes*, saõ cousas informes, e taõ raras, que apenas ha memoria de outras, que naõ sejaõ de Egas Moniz. Como naõ escrevemos a Historia da nossa Poesia vulgar, naõ entramos a dizer quaes foraõ os progressos desta Arte em Portugal desde o tempo de ElRey Dom Diniz até ao de ElRey Dom Joaõ III. em que floreceo Camoens, e a mayor parte dos melhores Poetas Latinos, e vulgares, que tivemos.

CAPITULO III.

Da essencia, e definiçaõ da Poesia.

TEmos dado succintamente a noticia da origem da Poesia, seus progressos, e invençaõ da vulgar, ou seja restauraçaõ desta mesma Arte nas linguas vulgares; resta agora, que entremos a especular os occultos mysterios desta Faculdade, e as suas especies; para o que nesta prolixa, e ardua navegaçaõ tomaremos por rumo a verdade, e as authoridades dos grandes Authores, discorrendo sem paixaõ, e com o livre espirito, que pede este assumpto; e quando naõ consigamos o fim que pertendemos, que he instruir a mocidade Portugueza nos preceitos da Poetica, sempre com tudo com este nosso trabalho acordaremos engenhos muito mais felices que o nosso, para que se resolvaõ a intentar esta mesma empreza, formando huma perfeita Arte, com

com a qual dem huma completa inſtrucçaõ. Demos pois principio, fallando da eſſencia, e definiçaõ da Poeſia.

Vulgarmente ſe toma por Poeſia tudo o que ſe lê eſcrito em verſo; e ainda que muitos Authores da melhor nota affirmem, que o verſo he abſolutamente neceſſario neſta Arte, como em ſeu lugar largamente expenderemos, com tudo o verſo em rigor critico, naõ he outra couſa mais que hum inſtrumento da Poeſia, e delle ſe val como os Pintores dos pinceis, os Abridores do buril, e os Eſcultores do ſinzel. Se attendermos para a etymologia Grega, ſoa a Poeſia o meſmo que *feitura*, e Poeta o meſmo que *creador*, talvez para que ſe conheça neſte nome, que a eſſencia deſta Arte he a imitaçaõ das couſas, com as quaes criaõ elles novas imagens, e ſe fazem deſte modo como creadores; e até póde ſer que alludiſſem tambem a iſto os antigos Provençaes, quando chamaraõ aos Poetas *Trovadores*, iſto he, *Achadores*. Ouçamos ao P. Donato na ſua excellente Poetica in princip. *Sed quamvis omnes artifices, materiam quiſque ſuam elaborando, ſint effectores; tamen Poetæ nomen ſortiti non ſunt, quod primum ſibi fecit carminum ſcriptor, qui imitando rerum veluti ſimulacra conformat. Ut vel ex ipſo nomine ingenioſa Poetæ machinatio, actionumque veriſimilis conſtructio deprehendatur. Nam huic arti aliæ artes collatæ nihil quodammodò faciunt.* Porèm como eſta queſtaõ he de Grammaticos, ſeja qual for a etymologia deſta palavra; o que he certo, ſegundo a opiniaõ dos melhores Authores, he que conſiſte a eſſencia da Poeſia na imitaçaõ da natureza; tanto que Ariſtoteles na ſua Poetica degradou da claſſe de Poetas aos que naõ imitarem, dizendo que ſe com-

compozerem huma Elegia, ou hum Poema sem imitaçaõ, naõ devem estes ter o titulo de Poetas, mas sim o de Authores de Elegias, e de versos heroicos. Veja-se a Paulo Beni Poetic. Aristot. partic. 2. pag. 56. e partic. 33. pag. 183. e sobre tudo recorra-se á Poetica de Mazoni l. 3. cap. 69. onde discorre diffusamente da imitaçaõ, e em particular de quantos modos se póde considerar a Poesia.

Esta determinaçaõ de Aristoteles, que acima dissemos, tem padecido grandes criticas, por usar de hum termo taõ geral, como he a imitaçaõ, o que naõ explica bem a essencia da Poesia, antes se confunde com a Pintura, e Escultura, e ainda com a Musica, e Baile, que tambem imitaõ. Porèm doutamente o defende Alexandre Piccolomini sobre a Poetica do Filosofo partic. 131. temperando de algum modo a sobredita severidade da imitaçaõ, e reduzindo a intençaõ de Aristoteles a este especialissimo sentido, de que o Poeta entaõ verdadeiramente perde o nome, e a honra de tal, quando elle despindo-se do habito de Poeta falla naõ como narrador, mas como interessado, e juiz das cousas narradas, invocando, propondo, exclamando, aconselhando, proferindo alguma sentença sobre o que diz, inferindo algum corollario, chorando a miseria humana, detestando a fortuna, e louvando alguma virtude, segundo a occasiaõ. Isto (continùa este Author) he o que quiz dizer Aristoteles, affirmando, que o Poeta Epico rarissimas vezes deve fallar em a sua propria pessoa; porque fazendo tal, naõ ha imitaçaõ. Naõ se deve entender esta doutrina, quando o Poeta narra, conservando a sua pessoa no habito de Poeta; pois quando elle narra deste modo, imita ao mesmo tempo. Quem dirá, tendo bom juizo, que

naõ ha imitaçaõ na defcripçaõ, que faz hum Poeta de huma tempeftade, de hum fuceffo de armas, da expugnaçaõ de huma Cidade, da acçaõ de hum valente, de hum fraco, de hum colerico &c. ainda que o Poeta falle como tal, e na fua propria peffoa?

De fórte que fegundo efta expofiçaõ de Piccolomini, Ariftoteles naõ reprova poder o Poeta algumas vezes, fe bem que rariffimas, narrar fem interpofta peffoa. O mefmo fegue Donato no fim da vida, que efcreveo de Virgilio, dizendo, que ha tres generos de eftylo na Poefia: hum he imitativo, a que os Gregos chamaõ *Dramaticon*, no qual naõ falla o Poeta, mas introduz peffoas, que fallem, como faõ as Tragedias, e Comedias: outro he narrativo, chamado pelos mefmos Gregos *Diegematicon*, no qual falla o Poeta fem interpofta peffoa, como faõ os verfos de Lucrecio: e o outro he commum, ou mixto, a que os Gregos chamaõ *Mičton*, no qual o Poeta naõ fó falla alguma vez, mas introduz peffoas, que fallem, como he a Eneada de Virgilio. Porèm eu feguindo a doutrina do infigne Patrizi, por me parecer a mais acertada, digo, que Ariftoteles naõ definio bem a Poefia com o fó termo generico de imitaçaõ, fazendo-a fujeita áquelles mefmos termos, que nas Efcolas fe chamaõ tranfcendentes, e analogos. A Poefia toda naõ he imitaçaõ, porque os 38. livros, ou Poemas de Orfeo nenhuma imitaçaõ tem, como tambem os 18. de Homero, exceptuando 7. e menos os 9. de Hefiodo, dos quaes muitos nem ainda contèm em fi Fabula. Antes que fe pozeffe no theatro a Tragedia, a Satyra, a Comedia, e outras coufas femelhantes, naõ havia imitaçaõ na Poefia, ou era efta rariffima. Diz Ariftoteles, que o Poeta imita por meyo do fallar; ao que

digo,

digo, que tambem o Orador, e outros muitos, que naõ ſaõ Poetas, fazem eſſa meſma imitaçaõ de palavras; e ſe a imitaçaõ faz ſer Poeta; Demoſthenes, Cicero, Livio, e Salluſtio o foraõ; porque imitaraõ igualmente por meyo de palavras. Quanto mais: ſe unicamente a imitaçaõ fizeſſe o Poeta ao menos mais perfeito do que naõ ſeria o Poetizante ſem imitar, ſeria ſem duvida alguma a Poeſia Comica, a Mimica, e a Satyrica de mais valor, e preeminencia, que a Heroica, a qual nem ſempre imita. Leaõ-ſe ſobre eſte particular, porque naõ queremos ſer prolixos, as Liçoens Poeticas de Angelo Segni, as de Varchi, e a Poetica de Viperani l. 1. cap. 8.

Admittido pois, que a doutrina de Ariſtoteles, em que faz ſer a imitaçaõ a unica eſſencia da Poeſia, por ſer hum termo muy generico, ſe naõ deve admittir, como naõ admittiraõ graviſſimos Criticos, reſta definirmos eſta Arte. Definio-a Antonio Minturno, dizendo no 1. liv. da ſua Arte Poetica ſer a Poeſia *Huma imitaçaõ de varias claſſes de peſſoas em diverſos modos, ou com palavras, ou com harmonia, ou com tempos, ſeparadamente, ou com todas eſtas couſas juntas, ou com parte dellas.* O douto Luzan critîca eſta taõ diffuſa definiçaõ, e juſtamente, dizendo, que della excluira huma grande parte de objectos, que póde imitar, e pintar a Poeſia, como ſaõ os brutos, e innumeraveis couſas inanimadas; pois ſó deu por objecto deſta Arte *Varias claſſes de peſſoas.* Diomedes fez outra definiçaõ da Poeſia, dizendo ſer *Fictæ, veræve narrationis congruenti rhythmo, vel pede, compoſita metricâ ſtructurâ ad voluptatem, utilitatemque accomodata*: porèm a eſta definiçaõ ainda faltaõ couſas, como moſtrarey na que eu ſeguir, que

logo direy. Paulo Beni Poetic. Ariſtot. partic. 2. pag. 49. e 55. e partic. 5. pag. 66. e partic. 33. pag. 183. diz aſſim : *Poeſis eſt oratio non exiguæ magnitudinis actionem imitans, quâ non ſine magnâ jucunditate ad virtutem excitentur, & ad benè, beatèque vivendum dirigantur mortales.* Porèm eſta definiçaõ tambem naõ deve ſatisfazer a hum bom juizo critico; porque naõ ha razaõ (como aponta o douto Luzan pag 31.) para que a eſſencia da Poeſia haja de depender *Da menor, ou mayor extenſaõ*, nem para ſe dizer, que *Imita alguma acçaõ*; pois com iſto ſe exclue tudo o demais, que imita eſta Arte diſtincto da acçaõ; e ſem fundamento degrada da honra de Poetas a muitos, principalmente Lyricos, que nas ſuas obras naõ imitaraõ acçoens humanas. Quem neſta materia dá muita luz he o Padre Donato Poetic. pag. 7. dizendo laconicamente, que a Poeſia he *Imitatio facta carmine.* Neſta definiçaõ (diz elle) ha duas partes, huma como genero, outra como propriedade, ou differença; e a imitaçaõ he genero commum para tudo; porque as Artes de pintar, de fingir, e de eſculpir &c. ſaõ imitaçoens: pois com a ſemelhança de imagens imitaõ couſas verdadeiras. Neſta parte concorda a Poëſia com eſtas, e outras Artes; porèm aquellas palavras *Facta carmine*, involvem huma propriedade taõ particular, que ſepara a Poeſia de todas as mais Artes. Deve-ſe advertir, que por *Carmine* ſe naõ ha de entender ſó aquella oraçaõ, que eſtá ligada a numeros, mas tambem tudo o que concorre para ſe formar bem o verſo; iſto he, aquella liberdade de fingir, e de fallar junta com huma narraçaõ promiſcua do falſo, e do verdadeiro, alèm dos Tropos, figuras, frequente energia, ou evidencia, e finalmente com aquella locuçaõ, que diz Cicero de Ora-

Oratore: *Locutione alienæ cujuſdam linguæ.* Com eſta expoſiçaõ he muito boa a definiçaõ de Donato; porèm como he muy laconica em ſi, e poderá naõ ſe fazer perceptivel, ſeguirey em parte a de Luzán, que tenho pela melhor de todas as que tenho lido, que rara he a que naõ diffira huma da outra; e naõ as tranſcrevo, por naõ ſer mais prolixo do que tenho ſido; ſendo que para inſtruir principiantes tudo he preciſo. Diz pois eſte erudito Author, que a Poeſia he *Imitaçaõ da natureza no univerſal, ou no particular feita em verſos para utilidade, e para deleite dos homens.* Diz em primeiro lugar *Imitaçaõ da natureza*, porque he o genero da Poeſia. Toma-ſe aqui *Imitaçaõ* na ſua analogia, e mayor extenſaõ; porque tambem em ſentido analogo quer comprehender na claſſe de Poetas a Heſiodo, Arato, Nicandro, Virgilio nas Georgicas, e outros muitos, ainda que neſta materia ha tanta opiniaõ, que ſe confunde o entendimento: porèm Beni na Poetica; e no commento ao Taſſo patrocina a cauſa deſtes Poetas com razoens, que convencem. Diz em ſegundo lugar *No univerſal, ou no particular*; porque a eſtas duas claſſes de *Icaſtica*, e *Fantaſtica* ſe póde reduzir a imitaçaõ, pois ou as couſas ſe pintaõ, ou imitaõ como ellas em ſi ſaõ, e eſta he a Icaſtica, e imitar o particular; ou como ellas ſaõ, ſegundo a idéa, e opiniaõ dos homens, e eſta he a Fantaſtica, e imitar o univerſal. Diz mais *Feita em verſos*, aſſinando o inſtrumento de que ſe ſerve a Poeſia para a diſtinguir das outras Artes imitadoras, que naõ pódem ter eſte inſtrumento. Eſta doutrina he a meſma de Donato, como acima eſcrevemos, dizendo: *At illæ voces * facta carmine rectè explanatæ peculiarem involvunt proprietatem, quâ Poeſis ab aliis artibus ſeparatur.* Eiſaqui

que

que com esta distinção podemos reconciliar a doutrina de Patrizi no seu *Parecer a Bardi*, de que acima fizemos menção, e a de Escaligero Poetic. l. 6. pag. 2. ibi: *Imitatio est in omni sermone.* Finalmente diz *Para utilidade, e deleite dos homens*; porque estes são os fins, que póde ter hum Poeta; e o Capitulo, que se segue, servirá de illustração a estas palavras.

CAPITULO IV.

Do fim da Poesia.

NAõ póde entrar em duvida, que o principal fim da Poesia naõ seja o ensinar o povo, e servirlhe de utilidade. Por isso os primeiros Poetas, Orfeo, Museo, Homero, e Hesiodo se empenharaõ em ser uteis, se houvermos de dar credito a Aristophanes na sua Comedia das *Rans*. Com tudo, ainda que todos os Poemas, regularmente fallando, devaõ encaminhar-se á utilidade de quem os ouve, ou lê; com tudo isso, alguns foraõ destinados pela Politica, ou Filosofia moral para instruir algumas determinadas pessoas. Os Poemas heroicos accendem os Capitães, e guerreiros ao amor da gloria, e das emprezas illustres, com o exemplo dos heroes, e homens famosos. Pelas Tragedias se refrea a soberba dos Principes, dos poderosos, e dos ricos, expondo-lhes os casos atrozes de outros da sua condiçaõ, sujeitos ás desgraças, e castigados pelo braço da justiça divina, ou humana. O vulgo, e tambem o povo igualmente aprende das Comedias a emendar os seus costumes, e a contentarse com o seu proprio estado, vendo nos defeitos alheyos bem representados, e

que

que promovem a riſo, a correcçaõ dos ſeus proprios. Finalmente da Poeſia Lyrica, da Satyrica, e de outras ſemelhantes obras toda a gente póde aprender a louvar a Deos, e aos homens bons, e naõ menos a vituperar os vicios, e os homens máos.

He pois evidente, que a Poeſia em todas as ſuas eſpecies ſe encaminha a aproveitar os póvos, e que ella naõ he mais que huma Filoſofia moral veſtida com mais pompa, e galhardia. Diz Horacio na ſua Poetic.

.... Fuit hæc ſapientia quondam
Publica privatis ſecernère, ſacra profanis,
Concubitu prohibere vago, dare jura maritis,
Oppida moliri, leges incidere ligno.
Sic honor, & nomen divinis Vatibus, atque
Carminibus venit &c.

Da allegoria deſtes verſos ſe vem a conhecer, que os Poetas foraõ dos primeiros legisladores dos coſtumes, e os primeiros Sabios, e Filoſofos da antiguidade, enſinando, e inſtruindo os póvos com a Filoſofia moral, explicada nos ſeus verſos. Continuando porém a noſſa materia do fim da Poeſia, nos achamos em hum grande embaraço ſobre ſe o fim primario dos Poetas he o deleitar, ou o inſtruir. He eſta huma queſtaõ (como quaſi todas da Poeſia) em que os mayores homens neſta Arte eſtaõ diſcordes. Diz Horacio Poetic.

Aut prodeſſe volunt, aut delectare Poetæ,
Aut ſimul, & jucunda, & idonea dicere vitæ.

Naõ póde agradar eſta doutrina a hum bom juizo critico; porque poz Horacio em duvida, e dividio em duas partes o que he certiſſimo, e hum ſó. Qualquer ordinario Filoſofo ſabe, que naturalmente qualquer amante ſempre ſe encaminha ao fim da bemaventurança; iſto he, ao que elle imagina ſer ſua felicidade.

(Fallo

(Fallo mais como Filosofo natural, que Christaõ) Naõ se póde chegar a este fim sómente pelo caminho do deleitavel, mas sim do util; porque naquelle póde ser enganado, e neste nunca póde haver engano. E se Plataõ nos Dialogos do amor 10. de Republ. diz, que a Poesia sempre olha para o deleite, diz isto para servir á razaõ da Dialetica, á da opiniaõ do povo, e naõ á sua: e tanto he assim, que sempre celebra os bons Poetas, e manda, que os máos sejaõ degradados; o que naõ diria, se na Poesia preferisse o deleitavel ao util, e entendesse, que podia haver bom Poeta unicamente deleitando. Devemos pois assentar (e nisto concorda a mayor parte dos votos dos melhores Authores) que o Poeta com a boa imitaçaõ ha de ser util, e deleitavel, como mais advertidamente affirmou o mesmo Horacio, dizendo na sua Poetic.

Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.

Póde-se dizer, que a Poesia, ou a Poetica, em quanto he Arte imitadora, e compositora de Poemas, tem por fim o deleitar; e que em quanto he Arte subordinada á Filosofia moral, ou Politica, tem por fim o utilizar a alguem. Com esta doutrina, que he do insigne Muratori, se vê, que a mesma cousa considerada de differente maneira tem dous fins diversos; isto he, a utilidade, e o deleite. A Poesia considerada em si mesma procura causar seu deleite, e considerada como Arte sujeita á faculdade civil toda se emprega em causar utilidade. E como quer que esta tal faculdade seja a que encaminha todas as Sciencias, e Artes á felicidade eterna, á temporal, e ao bom governo dos póvos, por isso a verdadeira, e perfeita Poesia deveria sempre igualmente deleitar, que utilizar a huma Re-

publica.

publica. Quem com a boa imitaçaõ Poetica naõ deleita, pecca propriamente contra huma intençaõ da Poesia; e quem imitando, e deleitando, naõ he igualmente causa de que o povo se aproveite, e se instrûa, pecca gravemente contra outra precisa obrigaçaõ desta Arte; e por isso só disse bem Horacio, dizendo: *Lectorem delectando, pariterque monendo*; e naõ: *Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ.* A' vista do que temos dito se segue tambem, que muito mal fundada he a opiniaõ (como infinitas outras) do Author Anonymo de huns livros modernos escritos em Portuguez, intitulados: *Verdadeiro methodo de estudar &c.* onde na Carta Poetica affirma, que o fim da Poesia he só o deleite

CAPITULO V.

Da imitaçaõ, e do objecto da Poesia.

COmo na definiçaõ se disse ser a Poesia imitaçaõ da natureza no universal, ou no particular, he justo, que com a clareza possivel expliquemos diffusamente esta parte da nossa definiçaõ para mayor intelligencia. Já dissemos, que a imitaçaõ he hum nome generico, na qual se comprehendem muitas especies diversas, ou pelo modo, ou pelos instrumentos com que imitaõ, representaõ, ou pintaõ; porém a circunstancia, pela qual a Poesia se distingue das outras Artes, he a qualidade da imitaçaõ, a qual segundo Paulo Beni he *Huma narraçaõ, com que hum representa a outro, ou por meyo das acçoens, ou pelo da voz.* Esta authoridade he fundada em outra de Plataõ.

Porém de qualquer modo, que entendamos este termo de *imitaçaõ*, he certo, que naõ ha cousa mais natural no homem do que a imitacaõ, a qual até se observa nas crianças, brincando na sua primeira idade. Eu entendo por *imitar* poeticamente aquella acçaõ, com que muitas vezes fallando de tal modo se veste huma cousa de imagens, e se exprime com pensamentos, ou bellos, sensiveis, claros, novos, ou evidentes, que o entendimento a percebe sem trabalho, especialmente por meyo da fantasia, e fica tendo hum gosto taõ particular, que nos parece, que estamos vendo a tal cousa. Por esta razaõ chamo *pintar*, e *imitar*, aquella acçaõ, com que hum Pintor veste de cores, e de sombras proporcionadas huma cousa de tal maneira, que aos olhos lhes parece, que estaõ vendo naquella imagem a mesma cousa verdadeira. Ora isto, que o Pintor faz com as suas cores aos olhos exteriores do corpo, póde tambem por meyo das imagens fazer o Poeta aos olhos internos da alma. Ambos pintaõ, e ambos imitaõ os objectos; porém com esta differença, que o Pintor quasi que naõ póde pintar mais do que aquillo, que se póde ver; mas o Poeta póde pintar tambem as cousas sujeitas ao sentido, como logo direy, tratando do objecto da Poesia. Esta pintura pois, e esta representaçaõ he a que se chama imitaçaõ Poetica, e que he a essencia da Poesia.

Sendo esta Arte (como se tem visto) huma imitaçaõ da natureza, resta agora dizer, que he dilatadissimo o seu objecto, ou, para melhor nos explicarmos, que tem hum numero infinito de objectos, em que possa exercitarse. Para mayor percepçaõ se ha de suppor (como fez o insigne Muratori) que se pódem dividir todos os entes creados, e increados em tres mundos,

mundos, tomando a voz de *Mundo* por huma uniaõ de muitos ornatos. O primeiro mundo he o *Celeste* o segundo o *Humano*, e o terceiro o *Material*. Por mundo material, que tambem se póde chamar mundo *Inferior* se entende tudo o que he formado de materia, ou corpo, como v. g. os Elementos, o Sol, os corpos humanos, as flores, e finalmente tudo o mais, que está sujeito aos nossos sentidos. O mundo celeste, ou *Superior* comprehende tudo o que naõ tem corpo, nem materia, como he Deos, os Anjos, e as Almas separadas dos corpos. O mundo humano, ao qual podemos chamar *Mundo do meyo*, participando do superior, e do inferior, comprehende, e abraça tudo o que he corpo, e juntamente alma racional; isto he, todos os homens, que se encerraõ no mundo material. Todos estes tres mundos, ou Reinos da natureza contém em si infinidade de varias, e differentes verdades, as quaes saõ, ou pódem ser o objecto, e o sujeito da Poesia. Verdade he, que tambem a Mathematica, a Theologia, e a Filosofia moral tem por objecto estas verdades; porém a Mathematica só busca as do mundo material, a Theologia as do celeste, e a Filosofia moral as do humano: mas a Poesia trata, e comprehende todas as verdades destes tres mundos. Esta vastidaõ de objectos concedida á Poesia he que a distingue das sciencias como tambem o seu fim. Estas consideraõ a verdade para a saber, e entender, e a Poesia a considera para a imitar, e pintar, como acima se disse. Aquellas procuraõ conhecer a verdade, esta só busca o representalla. Por isso algumas verdades, as quaes naõ he possivel imitar, ou pintar na fantasia alheya, naõ saõ proprias dos Poetas; como v. g. as verdades da Mathematica especulativa, da Metaphysica, e da Arith-

metica, as quaes ſaõ taõ abſtractas, que o Poeta naõ as póde pintar, repreſentar, ou imitar com imagens ſenſiveis, e palavras intelligiveis. Sim ſe pódem communicar aos entendimertos alheyos com palavras, e aos olhos com numeros, e linhas; mas naõ he poſſivel pintallas, e veſtillas daquellas cores, que fazem ver as couſas á fantaſia do homem.

Dada eſta differença, que ha entre o objecto das Sciencias, e o da Arte Poetica, brevemente diremos qual he tambem a que ſe dá entre a Poeſia, a Oratoria, e a Hiſtoria. Ainda que eſtas duas nobres Artes repreſentaõ a verdade, naõ menos que a Poeſia, com tudo a Oratoria a pinta para a perſuadir, e a Hiſtoria a pinta ſempre como ella he, encaminhando-ſe ao fim de inſtruir. Pelo contrario a Poeſia pinta, e repreſenta de huma parte a verdade, ou como ella he, ou como poderia, e deveria ſer; e de outra a pinta com o fim de imitar, e de cauſar inſtrucçaõ, e deleite com eſta imitaçaõ, enchendo a fantaſia alheya de maravilhoſas imagens. Por iſſo com expreſſiva metafora commummente ſe chama a Poeſia *Pintura, que falla*, e a pintura *Poeſia muda.* Aſſim o deu a entender Horacio na ſua Poetic. Thomé de Burguilhos (ou Lope de Vega, como he mais crivel, disfarçado com eſte nome) em hum dos ſeus Sonetos chamou engenhoſamente á Poeſia pintura dos ouvidos, e á Pintura Poeſia dos olhos, dizendo:

Marino gran Pintor de los oidos,
Y Rubens gran Poeta de los ojos &c.

Mas já antes Petrarca havia dito quaſi o meſmo, louvando a Homero com o epitheto de *Pintor*; e verdadeiramente o foy inſigne em deſcrever vivamente os objectos materiaes.

Pri-

Prîmo Pittor delle memorie antiche &c.
Camoens ao mesmo intento cant. 7. Est. 76.
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.
E no cant. 8. Est. 41. diz:
E como a seu contrario natural
A' Pintura, que falla, querem mal,

CAPITULO VI.

Da imitaçaõ do universal, e do particular.

ESta imitaçaõ explicaõ varios Authores com palavras, que só servem de augmentar a confusaõ. O insigne Vicente Gravina no seu Discurso Poetico l. 1. n. 4. a distingue, seguindo a Plataõ, em *Icastica*, e *Fantastica*. O mesmo segue Monsignani Imitat. Poetic. sec. 2. dizendo ambos, que a imitaçaõ *Icastica* corresponde á imitaçaõ do particular, e tem por objecto todas as acçoens, e cousas, que procedem da natureza, ou da Arte, e naõ menos da Historia, que da invençaõ de alguem. A *Fantastica* corresponde á imitaçaõ do universal, e tem por objecto tudo o que naõ existindo per si, tem novo ser, e vida, nascendo da fantasia do Poeta, quando entra a inventar novas cousas, ou acçoens semelhantes ás historias, que se bem naõ succederaõ, podiaõ succeder. O P. Donato, seguindo a mesma doutrina de Plataõ, a explica de outro modo na sua Arte Poetica pag. 5. Uzaremos das suas mesmas palavras: *Celebris verò est ex Platone imitationis divisio in Icasticam, & Phantasticam. Icastica, seu assimilatrix rei expressæ æqualem usquequa-*

que

que componit imaginem. Phantaſtica etſi non æquat, certo tamen intervallo, aliiſque de cauſis videtur æquare. Ut cùm ſtatua Principis ipſo maior è faſtigio fabricæ eidem apparet æqualis. Aſſim como pois a Icaſtica tem por objecto a verdade, aſſim a Fantaſtica tem a ficçaõ por ſeu ſujeito. Cicero de Invention. l. 2. fallando da admiravel pintura de Zeuſis, que repreſentava a imagem da famoſa Helena dos Gregos, diz aſſim: *Neque enim putavit (Zeuxis) omnia quæ quæreret ad venuſtatem, uno in corpore ſe reperire poſſe; ideo quod nihil ſimplici in genere omnibus ex partibus perfectum natura expolivit.* Quiz Zeuſis pintar-a ſingular formoſura de Helena, e naõ ſe contentou de copiar a imagem formoſa de alguma particular mulher. Deu na idea de ajuntar todas as que eraõ mais bellas, e de cada huma foy tomando aquella parte, que lhe pareceo mais perfeita; e aſſim formou o retrato de Helena, ou para melhor dizer retratou neſta mulher a meſma formoſura. Eiſaqui neſta pintura hum exemplo da imitaçaõ fantaſtica, em que a ficçaõ he objecto; porèm ſe Zeuſis retratara a formoſura de Helena como ella em ſi era, e naõ pela idéa, e capricho, ſegundo o veroſimil, fazia entaõ huma imitaçaõ Icaſtica, pois tinha por objecto a verdade.

Eſte he o modo, que deſcubro mais claro para explicar, que couſa he a imitaçaõ do univerſal, e do particular, que nos Authores he couſa baſtantemente confuſa, e tanto, que alguns naõ fizeraõ della mençaõ para naõ ſe embaraçarem, e confundirem neſte labyrintho. O Padre Donato, acima allegado, tratando deſta materia quando poem a ſua diviſaõ, e a explica, acaba o Capitulo, dizendo: *Scio hæc ſuis implicita nodis aliter ab aliis explicari &c.*

Deſta

Desta imitaçaõ Icastica, e Fantastica nasce entre os Authores outra questaõ, e he, qual destas imitaçoens se deve preferir na Poesia. Huns dizem, que a Icastica pertence aos Historiadores, e a Fantastica aos Poetas. Naõ he debil o fundamento, em que se fundaõ os que particularizaõ a Fantastica para a Poesia. Na etymologia desta Arte he que estabelecem a sua opiniaõ; pois, como diz Donato: *Poesis à * faciendo nomen invenit*: e Escaligero igualmente com Vossio, dizem: *Nimium (Poetæ) Dei instar res velut condant.* Soando pois a palavra Poesia, e Poeta o mesmo, que *Factura*, e *factor*, dizem muitos, que o Poeta só he Poeta, quando cria com o seu engenho, e fantasia novas fabulas, e naõ quando refere as cousas já inventadas por outros. Assim o affirmou Plataõ, dizendo no seu Phedòn: *Que o Poeta para ser tal, he preciso, que componha fabulas, e naõ discursos.* Esta mesma doutrina se lê na Poetica de Aristoteles, como diz Vossio Poetic. cap. 2. pag. 5. 6. &c. Outros Authores porèm saõ de parecer, que basta a imitaçaõ Icastica para se lograr dignamente o nome de Poeta; porque (segundo a sua opiniaõ) se naõ póde haver Poema sem metro, e o póde haver sem imitaçaõ, disto se segue ser muy verosimil, que o Poeta toma o nome de tal por metrificar, e naõ por imitar. Assim o affirma Escaligero na sua Poetica, e na Declamaçaõ, que fez contra os calumniadores da Poesia, naõ receando escrever, que: *A' Poesi Historiam nihil differre nisi modo dictionis.* Se isto assim he, naõ póde o Poeta deduzir o nome de *compor*, e *fingir fabulas*, como entre muitos quer Plataõ, e Aristoteles, segundo já dissemos.

Entre estas duas encontradas opinioens ha outra, que

que degrada da Poesia toda a imitaçaõ Fantaſtica, pertendendo moſtrar, que he inutil; e que ſó a Icaſtica ſe deve admittir, pois he proveitoſa, por ter a verdade por objecto. O que nós neſta materia ſeguimos he o que diſſemos na definiçaõ deſta Arte, dizendo, que admitte tanto huma, como outra imitaçaõ; porque ſegundo o ſabio Muratori, todas as couſas dos tres Mundos, Celeſte, Material, e Humano pódem ſer objecto da Poesia. Pódem-ſe eſtas conſiderar, ou como em ſi ſaõ, e em cada individuo, ou tambem como ſaõ naquella idéa univerſal, que formamos das couſas; e eſta vem a ſer hum original de quem ſaõ copias os individuos, ou particulares. Lea-ſe a Luzan Poetic. pag. 42. onde com varias razoens, e reflexoens prova, que ſe deve uſar, e admittir na Poesia huma, e outra imitaçaõ do univerſal, e do particular.

CAPITULO VII.

Do furor Poetico.

TRes ſaõ as cauſas efficientes da Poesia, Enthuſiaſmo, Natureza, e Arte. Poetas de Enthuſiaſmo ſaõ aquelles, que excitados por diſpoſiçaõ divina cantaõ em verſos couſas futuras, e myſterioſas: taes ſaõ os Profétas, e foraõ as Sybillas. Poetas de Natureza ſaõ os que poetizaõ mais por natural genio, que por eſtudo artificial; como eſpecialmente foraõ Lucrecio, e Ovidio. Poetas de Arte, chamaõ-ſe aquelles, que naõ tendo propicio o vento, que ſópra a natureza, vaõ para navegar forcejando com os remos da arte. Deſtes tem havido muitos, entre os quaes contaõ os Criticos a Eſ-

a Estacio, Lucano, e Persio. Do Enthusiasmo, ou furor poetico fazem os Poetas particular mençaõ, suppondo-se quando poetizaõ, que se arrebataõ, como dotados de virtude sobrenatural. Estacio no principio da Thebaida, diz: *Pierius menti calor incidit &c.* Ovidio de Ponto l. 3. Eleg. 4. *Ista Dei vox est: Deus est in pectore nostro. Hoc duce prædico, vaticinorque Deo.* O mesmo diz nos Fastos l. 6. de Arte amandi l. 3. e no 3. l. Amorum, Eleg. 4. Tambem Cornelio Severo in Æthna.... *Per insolitum Phæbo duce cautius itur.* e Hesiodo na Theogonia v. 94. *A' Musis, & eminus feriente Apolline viri cantores sunt super terram... ille verò beatus quemcumque Musæ amant; suavis ei ab ore fluit vox.* Cicero em diversos lugares das suas obras trata do furor Poetico; como na Oraçaõ Pro Archia, no 1. l. Tuscul. de Divinat. l. 1. e no 2. de Orat. dizendo: *Sæpe audivi Poetam bonum neminem (id quod à Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt) sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Finalmente Aristoteles na Poetica 166. deixou escrito, *Poetica est hominis ingeniosi, aut furiosi: horum enim hi quidem facile formantur: hi autem facti sunt ad inquirendum*: e na sec. 30. dos Poblem. n. 1. attribue a causa do Enthusiasmo á *atra bilis* esquentada, e como maniaca; e desta he que procediaõ os Bacchantes, e as Sybillas da antiguidade. Porém muitos, e graves Authores negaõ este furor Poetico, como he Castelvetro sobre a Poetica de Aristoteles pag. 65. 180. e 374 Paulo Beni Poetic. partic. 88. pag. 424. e Vdeno Nisiely tom. 5. Progin. 21. E na verdade mais força me fazem as razoens destes, que as de Patrizi, que por capricho quiz seguir o contrario. Naõ se nega, que

no Poeta haja este furor; nega-se sim, que seja dom de Deos, e hum caracter especial dos Poetas, como vindo, e procedendo de causa sobrenatural; porque he cousa naturalissima o poderse conseguir com a Arte este Enthusiasmo.

He certo que para o Poeta crear as imagens poeticas he preciso primeiro agitar a fantasia; e nenhuma outra cousa he o Estro, ou furor poetico, senaõ esta forte agitaçaõ, com que occupada a fantasia imagina cousas raras, estranhas, e maravilhosas sobre qualquer objecto, que se propoem. Muitas saõ as causas deste movimento da fantasia, assim como saõ muitos, e diversos os seus effeitos. Por obra divina póde-se agitar a fantasia; e daqui nascem os extasis, as visoens, os sonhos, e as revelaçoens sobrenaturaes; porém eu restringindo-me ás cousas naturaes, digo, que estas procedem, ou por parte do corpo, ou tambem pela da alma. Por parte do corpo agita-se fortemente a fantasia, ou pelo demasiado comer, e vinho, ou por causa de febres, de frenezîs, e especialmente de malancolia: e a experiencia todos os dias nos está mostrando o quanto nos embriagados, nos febricitantes, nos hypocondriacos, e nos freneticos he violenta a commocçaõ das imagens internas da fantasia. Agita-se igualmente esta por parte da alma, pelas violentas paixoens, como v. g. dor, ira, amor, e outras semelhantes; como tambem a estimaçaõ, o desprezo, o pasmo, o deleite, a compaixaõ, e outros movimentos internos. Quem bem reflectir, sentirá, que a principal força destes movimentos do animo se faz na fantasia, á qual quando elles reinaõ em nós, se representaõ mil imagens novas, estranhas, e maravilhosas. E taõ vulgar cousa he a violencia da fantasia movida pelos affectos,

 que

que muitas vezes fica o entendimento opprimido, ſem poder exercitar o ſeu imperio, nem fazer hum recto juizo das couſas; como enſina Ariſtotoles no 7. l. da Ethica.

Aſſentado iſto aſſim; para a fantaſia ſe encher de furor, he preciſo, que o Poeta em ſi meſmo acorde algum affecto ſobre a materia, que ſe lhe propoem, conſiderando-a em fórma de bem, ou de mal, de nobre, ou de vil; iſto he quando a meſma materia per ſi meſma naõ tenha primeiro gerado no noſſo animo algum deſtes differentes movimentos, como ſuccede aos Poetas namorados. Depois deverá eſcolher da fantaſia aquellas imagens, que lhe parecerem, ou mais bellas, ou mais mageſtoſas, ou mais vîs, ou mais ridiculas, ou mais terriveis, e em huma palavra, aquellas, que melhor poderem exprimir a qualidade da materia, de que quer tratar. Ora aſſim como he certo, que nós naturalmente podemos acordar em nós os affectos, e que qualquer objecto, que ſe nos propoem, ſe move, ou ſe póde mover para amor, ou ira, ou medo &c. aſſim igualmente he certiſſimo, que toda a materia póde agitar de qualquer maneira a noſſa fantaſia, e por conſequencia inſpirarnos o furor, e enriquecernos de huma grande abundancia de imagens. Tenha por tanto o Poeta cuidado em mover com a Arte algum affecto para a materia, que pertende tratar: introduza a alma na ſua fantaſia, e mande-lhe, que conſidere todas as qualidades, circunſtancias, e adjunctos, que ella movendo-ſe com vehemencia, e por força por meyo do affecto, formará novas, e maravilhoſas imagens, das quaes em ſeu lugar trataremos diffuſamente, apontando exemplos, que façaõ capacitar melhor o leitor da verdade deſta doutrina.

Eisaqui como o Enthusiasmo, ou furor poetico naõ procede de causa sobrenatural, mas sim natural, e como se prova, que este Estro se póde adquirir com a Arte; e que considerado como os antigos Poetas o consideravaõ, fica sendo hum sonho procedido da vangloria para se exaltarem por entendimentos divinos, e por taes serem cridos na opiniaõ do povo. Nem obstaõ as palavras de Prataõ, dizendo em muitos lugares, especialmente, no *Jon*, que *todos os Poetas mais insignes, sabem fóra de si naõ por Arte, mas por divina inspiraçaõ, quando cantaõ os seus Poemas; e que os naõ pódem cantar, se naõ estaõ fóra de si, arrebatados em extasi, e cheyos de divindade*; porque este Enthusiasmo de Prataõ, e de outros, que o seguiraõ, como Democrito, e Cicero, se deve tomar em sentido allegorico, o qual a cada passo se acha nas obras deste Filosofo; quando naõ queiramos dizer com a opiniaõ de Castelvetro na sua admiravel exposiçaõ á Poetica de Aristoteles; que Prataõ zombasse (como era seu costume) quando escreveo as palavras, que agora dissemos. Lea-se o que diz pag. 65. 280. e 374. A doutrina de Aristoteles sobre esta mesma materia he mais huma opiniaõ Etnica, que huma razaõ filosofica, como diz o celebre Nisiely tom. 5. Progin. 21. Tambem naõ faz força o exemplo das Sybillas, e das Bacchantes; porque estas naõ versificavaõ, ou profetizavaõ por natural intemperança de malancolia, mas por obra do demonio, o qual fazia com que vencessem, e excedessem o uso do saber de huma mulher, e mostravaõ isto com varias demonstraçoens. As Sybillas em quanto prégavaõ mysterios divinos eraõ inspiradas pela Sabedoria divina, que quiz houvesse alguma luz sua nas trevas da gentilidade. Deixo á parte o mais, que

estas

eſtas mulheres profetizavaõ a reſpeito de outras couſas; porque iſto devidamente pertence aos Theologos, que trataõ do dom *gratis datum.* O certo he que nellas o eſpirito fatidico naõ era malancolia, mas huma potencia, ou ſobrenatural, ou preternatural extrinſeca.

CAPITULO VIII.

Os Poetas devem ter ſua inſtrucçaõ de todas as Sciencias, e Artes.

ALguns Filoſofos diſſeraõ, que todas as ſciencias, exceptuando a Poeſia, eſtavaõ ſujeitas á ſua faculdade; porém o Poeta, para mayor excellencia da ſua Arte, excede neſta parte a Filoſofia; porque comprehende a faculdade Poetica todas as Sciencias, e Artes. Em primeiro lugar, deve todo o Poeta naõ ignorar a *Aſtrologia*; pois muitas vezes deve deſcrever o naſcimento, e occaſo dos Signos celeſtes, exprimir o movimento das Eſtrellas, e narrar as tempeſtades &c. Aſſim o praticou Virgilio, dizendo:

Hic canit errantem Lunam, Solisque labores,
Unde hominũ genus, & pecudum, unde imber, & ignis,
Arcturum, pluviasque hyadas, geminosque triones;
Quid tantum Oceano properent ſe tingere Soles
Hyberni, vel quæ tardis mora &c.

Por eſtes verſos nos conſta, que antigamente os Poetas eraõ peritos na Aſtrologia; o que mais claramente ſe vê, quando deſcreve a Eſtrella, ou Conſtellaçaõ *Orion*, no ſeu oriente, e no ſeu occaſo, e a Venus, ou Eſtrella d'alva. Porém onde Virgilio moſtrou, que

que tinha huma particular noticia das eſtrellas, he neſtes verſos:

Anne novum tardis ſydus te menſibus addas,
Quâ locus Erigònem inter, chelasque ſequentes
Scorpius, & Cœli juſtâ plus parte reliquit.

Em outros Poetas ſe achaõ muitas deſcripçoens deſtas, pelas quaes ſe moſtraõ quanto ſouberaõ deſta ſciencia, e principalmente Lucano; porém he demaſiadamente importuna a vaidade, com que oſtenta ſaber a Aſtrologia, ſegundo o juizo, que delle faz o Padre Le Brun de Eloquent. Poetic. tom.1. pag.22. Igualmente he neceſſaria no Poeta a noticia da *Geografia*: pois muitas vezes lhe he preciſo deſcrever a grandeza das Regioens, a diſtancia de humas a outras, a ſituaçaõ das Cidades &c. Quanto o meſmo Virgilio ſoubeſſe deſta faculdade, moſtrou nos ſeguintes verſos.

.... Tum Tartarus ipſe
Bis patet in præceps tantùm, tenditque ſub umbras,
Quantus ad æthereum Cœli ſuſpectus Olympum.

E tambem quando enigmaticamente diſſe:

Dic quibus in terris, & eris mihi magnus Apollo,
Tres pateat Cœli ſpatium non amplius ulnas.

Da noticia, que tambem deve ter da *Muſica*, ninguem ſe atreverá a duvidar, ſabendo, que Lyno, e Orfeo foraõ taõ excellentes Poetas, como Muſicos; e que antigamente ſe naõ ſabia Poeſia ſem ſaber Muſica; pois a huma, e outra Arte eraõ communs os numeros harmonicos. O P. Donato na ſua Poetic. pag.3. diz; *Ideo quidquid canitur muſicis modis ferè carmen eſt: & Poetæ ſcribentes carmina, aiunt non ſe ſcribere, ſed canere.* Aſſim o praticou Homero, e igualmente Virgilio, eſcrevendo *Arma, Virumque cano &c.*

Ultimamente quem haverá, que naõ ſaiba, que os Poetas

Poetas Lyricos eraõ Muficos, que ao fom da lyra compunhaõ, e cantavaõ tambem feus verfos? Pois que diremos da *Hiftoria*? Naõ ha coufa mais precifa a hum Poeta. Ella he como alma do Poema, e quem a ignorar, nem ainda mediocremente faberá compor. Muito neceffita o Poeta de faber os coftumes das naçoens, os principios, e augmentos das Cidades, quaes foraõ os feus fundadores, que acçoens illuftres fe tem obrado, as geraçoens, as Religioens, os oraculos, e finalmente innumeraveis coufas. De tudo Virgilio nos deixou exemplos, tirando muito dos antigos annaes, principalmente quando declarou o coftume antigo dos facrificios, dizendo:

Purpureo velare comas adapertus amictu,
Nequa inter fanctos ignes in honore Deorum
Hoftibus occurrat facies, atque omnia turbet.

Se Homero, ou Virgilio ignoraffem a Hiftoria, ou Geografia, nenhum defcreveria as peregrinaçoens de Eneas, nem outro as de Ulyffes; nem hum narraria a tornada para Itacha, nem outro a navegaçaõ para Italia; nem hum, e outro ufariaõ de comparaçoens taõ proprias, fe ignoraffem a Hiftoria natural. Neftes Poetas vemos comparada, ou a alegria com o cavallo, ou a fereza com o tigre, ou a violencia com o leaõ, ou o impeto com hum rio caudalofo, ou a refiftencia com o rochedo, ou o temor com o veado, ou o clamor da multidaõ com o canto das aves, ou a voracidade, e traiçaõ com o lobo. Nefte animal explicou engenhofamente Virgilio o delicto, e o medo do caftigo, quando cantou:

Qui prius à tergo quam tela inimica fequentur,
Continuò in montes fe fe avius abdidit altos,
Occifo Paftore lupus, magnoque juvenco

Conf-

Conſcius audacis facti, caudamque remulgens
Subjecit pavitantem utero, ſylvasque petivit.

Igualmente o eſtudo das *Leys* naõ deve ſer deſconhecido do Poeta, por ſer huma principal cauſa da vida civil, e como tal lhe pertence muito por ter por fim o inſtruir. O 6. l. da Eneada largamente trata de premios, de caſtigos, de Juizes, e de ſentenças; e pelo diſcurſo deſte Poema ſe lem as determinaçoens dos Deoſes, e dos Reys, e ſe apontaõ os modos de ſe adminiſtrar bem huma Cidade. Que repreſenta Latino, e Eneas, ſenaõ a peſſoa de hum Principe bom, e Mezencio, e outros, ſenaõ a imagem de hum Tyranno? Ultimamente (ſegundo o Padre Le Brun acima allegado) naõ deve ignorar a *Arithmetica*, a *Optica*, a *Dialectica*, nem ainda a *Medicina*, de que tudo achamos exemplos nos dous Principes da Poeſia Grega, e da Latina. Virgil. tratando da Medicina, diſſe:

Dictanum genitrix cretæâ carpit ab Idâ
Puberibus caulem foliis, & flore comantem
Purpureo; non illa feris incognita capris
Gramina, cum tergo volucres hæſere ſagittæ.

CAPITULO IX.

Os Poetas naõ devem affectar, que ſaõ peritos nas Sciencias, e Artes.

HE digna naõ menos de conſideraçaõ, que de obſervancia, aquella ſentença de Horacio: *Tractant fabrilia fabri*; porque ſe póde accommodar a muitas eſpecialidades da Arte; mas por ora ſó ſervirá para moſtrar, que o Poeta (o meſmo ſaõ tambem os Orado-

Oradores, e Hiſtoriadores) naõ ſe deve engolfar em diſcorrer nas couſas por modo ſcientifico, por ſer hum vicio muy tedioſo aos leitores. Por iſſo Tucidides no principio da narraçaõ da peſte, prevendo já eſte vicio, fugio delle, dizendo: *Dicat igitur de hoc ut quiſque novit, & Medicus, & idiota, à quo veriſimile ſit illud extitiſſe, & cauſas &c. Ego autem cujuſmodi fuerit explicabo.* Sobre eſtas palavras diſcorre doutiſſimamente Fabio Pagolini l. 1. Prelect. 6. dos ſeus Commentarios ſobre eſta narraçaõ de Tucidides; cenſurando a Diodoro, a Paulo Oroſio, e a Ammiano Marcellino, cujas doutrinas ſe pódem applicar aos Poetas, ainda que ſó falla dos Hiſtoriadores. Porém ouçaõ os Poetas o que contra elles diz ſobre eſte vicio o Biſpo Jeronymo Vida no 2. l. da ſua Poetica:

..... Sunt qui, ut ſe plurima noſſe
Oſtentent, pateantque ſuarum opulentia rerum,
Quidquid opum congeſſerunt, ſine more, ſine Arte
Irriſi effundunt, & verſibus omnia acervant.
Præcipuè ſiquid ſummotum, ſiquid opertum,
Atque parum vulgi notum auribus, aut radiantis
De Cœli arcanâ ratione, Deûmve remotâ
Natura, aut animæ obſcuro impenetrabilis ortu, &c.

Eſta economia, e modeſtia Poetica moſtrou Virgilio no ſeu Poema, tratando em muitas partes das ſciencias, mas de modo, como diz A. Gellio l. 3. cap. 2. *ut hominem decuit poeticas res agentem.* O contrario obſervou Claudiano de Raptu Proſerp. porque com huma longa, e importuna digreſſaõ faz diſcurſos fyſicos ſobre a cauſa dos incendios do Etna: por iſſo delle diz Scaligero no l. 6. da Poetic. *Importunè cauſam quærit incendiorum Ætnæ ex perſonâ ſuâ. Quid nempe nunc agat Fyſicum? Siquem hæc narrantem introduxiſſet,*

F pate-

pateremur: nunc excurrit ipse suo relicto argumento. Pelos mesmos passos de Claudiano foy Lucano, naõ seguindo os vestigios de Virgilio, que sempre com modestissima brevidade discorre de cousas astrologicas: por este motivo foy criticado por Minturn. Poetic. l. 2. pag. 88. dizendo: *Lucanus vel nimis in hoc est, atque in ostentatione quadam artis gloriam consequi conatur.* Excellente doutrina nos dá nesta materia Bulgarini na disputa, que teve com Mazoni partic. 1. dizendo: *Que como a Poetica naõ fora inventada para o uso de argumentar, e disputar, segundo affirma Averroes na sua Parafrase sobre a Poetica, por isso o bom Poeta deve fugir de tratar diffusamente as materias scientificas, e só as deve apontar, como faz Dante ex professo passando por todas com hum certo magnanimo desprezo.* Esta mesma doutrina se corrobora com a authoridade de Castelvetro Poetic. de Arist. pag. 597. reprehendendo a Petrarca sobre aquelle verso do Soneto 9.

Quando il pianeta, che distingue l' ore &c.

Diz assim: *O Poeta naõ deve sem necessidade grande misturar nos seus Poemas cousas pertencentes á Astrologia, ou alguma Arte, de que o povo naõ possa ter alguma instrucçaõ. Por isso Homero, e Virgilio nunca mostraõ o tempo do anno, ou do dia, por causa das Estrellas, das quaes muitas naõ saõ conhecidas do vulgo. Com pouco louvor se affastou Ovidio algumas vezes deste exemplo, e Lucano muitas &c.* Deste vicio dos Poetas nascem muitos inconvenientes: o primeiro he a escuridade, como aponta o mesmo Castelvetro, a qual *augmenta muito o verso*: o segundo he a affectaçaõ; e senaõ, lea-se a *Dorothea*, e sobre tudo a *Philomena* de Lope da Vega Carpio, onde diz:

Mes-

Meſcla con ſuavidad clarin ſagrado
(Sin que puedas tomar paxaros viles)
Al genero Chromatico, y Diatonico
Con intervalo dulce el Enarmonico.
Haz puntos ſuſtentados, haz intenſos,
Haz ſemitonos, Dieſis, y redobles &c.

Outro exemplo ſemelhante ſe lê em Valdivieſſo no Canto 3. de S. Joſeph na Eſt. que prinpicia *Ceſſen las Veſtas, Palas, Cythereas &c.* E em Montalvan na ſua Comedia de *D. Floriſel de Niquea*, jornada primeira, quando diz: *De traz de eſte jardin a breve eſpacio &c.* Naõ copiamos os verſos deſtes Authores, e de outros infinitos, por naõ ſermos prolixos em couſa, que he taõ pueril. O outro defeito, que traz comſigo a affectaçaõ do Poeta em moſtrar, que ſabe muito das outras faculdades, he o perigo de errar; como alguns erraraõ, por naõ eſtarem plenamente inſtruidos na materia de que tratavaõ; do que nem ainda eſtaõ livres Homero, e Virgilio, como diz Turnebo examinando eſte Poeta, e aquelle Eſcaligero Poetic. l. 5. cap. 3. Tambem neſtes Poetas talvez poderemos comprehender a Camoens, lendo a primeira Eſt. do 2. Cant. da ſua Luſiada.

Já neſte tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia diſtinguindo &c.

E a razaõ podia ſer; porque parece, que o Sol naõ he o que diſtingue as horas; antes eſtas he que o diſtinguem a elle. Taſſoni he o que faz eſte reparo tambem ao verſo do Soneto de Petrarca acima allegado: *Quando il pianeta, che diſtingue l' ore &c.* E aſſenta, que lhe parece ſer o Sol, naõ o que diſtingue as horas, mas ſim o dia, a noite, e as Eſtaçoens. Finalmente para o Poeta evitar as juſtas cenſuras dos Criti-

cos, lea o conſelho, que neſta materia, de que tratamos, lhe dá o Padre Pontano na ſua Poetica l. 1. cap. 5. e l. 2. cap. 7. dizendo: *Ne fabulis inſerendis luxuriemus; raræ ſint, nec ita abſtruſæ, ut mediocriter eruditis multùm negotii faceſſant. Ne magnam antiquitatis cognitionem oſtentemus, nec frequenter ad hiſtorias veteres, aut dicta egregia ſapientùm alludamus. Nam ut iſta, opportunè ſi facias, vehementer placent; ſic ipſa frequentia diſplicent, & tenebras gignunt.* Talvez que fundado neſta opiniaõ, e authoridade, cenſura alguem a Camoens o ſer taõ frequente em uſar de fabulas para qualquer couſa, oſtentando moſtrar, que ſabia bem da Mythologia; motivo porque parece a alguns neſta parte, naõ ſó enfadonho, mas eſcuro. Lea-ſe a Garcez Ferreira nas Notas, que fez a eſte grande Poeta.

CAPITULO X.

Do deleite poetico, e dos ſeus dous principios, belleza, e doçura.

ENtremos agora em hum dilatado aſſumpto, havendo de tratar do deleite poetico, que he o que faz exceder a Poeſia a todas as mais Sciencias, e Artes, como imàn, que attrahe os coraçoens. Nenhuma outra couſa he eſte deleite poetico, ſenaõ aquelle prazer, e goſto, que recebe a noſſa alma pela belleza, e doçura da Poeſia. Muitos Authores confundem eſtas duas qualidades, tendo-as por huma meſma couſa, quando na verdade ſaõ entre ſi diſtinctas, como moſtra Luzan na ſua Poetica, a quem ſeguimos, por ſer excellente.

A bel-

A belleza consiste naquella luz, com que a verdade apparece brilhante, e ornada; e esta luz naõ he outra cousa senaõ a brevidade, ou clareza, a energia, utilidade, e outras circunstancias, que pódem acompanhar, e fazer bella a verdade; porém a doçura naõ consiste propriamente em alguma destas qualidades, senaõ especialmente naquellas, que pódem mover os affectos do nosso animo; como affirmou Horacio, quando disse, que os Poemas naõ só devem ser bellos, mas tambem doces.

Non satis est pulchra *esse poemata*, dulcia *sunto*, accrescentou tambem:

Et quocumque volent, animum auditoris agunto: No que mostrou, que a doçura poetica consiste propriamente em saber mover os affectos, e fazerse senhora dos animos, de quem a ouve, ou lê.

Porém entremos mais profundamente neste ponto, e principiemos a dar algumas luzes, que claramente mostrem, em que consiste a belleza, e doçura poetica. Seguiremos os passos do celebradissimo Muratori; que magistralmente tratou desta ignorada materia, escrevendo os livros *Della perfetta Poesia Italiana*; no que faremos aos Poetas Portuguezes hum particular serviço para o bom gosto das suas Poesias.

CAPITULO XI.

Em que precisamente consiste a belleza poetica.

JA' dissemos, que o fim da Poesia, em quanto Arte fabricante, he deleitar com a imitaçaõ. De dous modos póde ser esta Arte deleitavel, ou com as

cou-

cousas, e verdades, que ella imita, ou com a maneira de a imitar: isto he; pódem causar deleite as verdades, e cousas, que o Poeta representa, ou porque saõ novas, e maravilhosas per si mesmas, ou porque o Poeta as faz ser taes com o seu artificio. Estas verdades maravilhosas he que saõ a alma da Poesia, e a origem do deleite; porque se huma cousa naõ he nova, por experiencia vemos, que naõ nos causa maravilha, e por consequencia naõ nos instrue; pois sempre tiramos nossa instrucçaõ de ver alguma cousa, que seja nova. Porém como he muy difficil, ou para melhor dizer impossivel, que o Poeta sempre ache cousas novas, e verdades admiraveis, que imitar, deve-se advertir, que se daõ tambem outras verdades, as quaes naõ saõ maravilhosas, e novas, mas o artificio do Poeta pelo modo de as representar as faz parecer taes, como acima dissemos; por quanto elle as reveste de tal maneira, e lhe dá hum tal colorido, que apparecem cheyas de novidade, e de belleza, por virtude do maravilhoso, e exquisito artificio, da vivacidade da pintura, e do novo ornato poetico, que lhe deu. Naõ ha verdade mais trivial, e conhecida do que esta de que *igualmente morrem os ricos, e os pobres*, nem esta proposiçaõ causa algum deleite a quem a ouve: mas se se vestir esta verdade com ornato poetico, dirse-ha com Horacio:

Mors æquo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres.

E ficará entaõ nova, viva, e deleitavel, por virtude do novo habito, com que se representou. Se dissermos tambem simplezmente, que *Chegára o tempo de fallecer ElRey D. Affonso Henriques*, nenhum deleite causará isto assim dito; porque naõ está revestido com

com belleza poetica: porém farnos-ha esta verdade huma grande novidade, e maravilha poetica, se a lermos em Camoens Cant. 3. Est. 83.

De taman' as victorias triunfava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
da larga, e muita idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria maõ o corpo enfraquecido,
E pagáraõ seus annos deste geito
A' triste Libitina seu direito.

Do mesmo modo talvez naõ foy maravilhosa a acçaõ de Paris filho de Priamo, e roubador da celebrada Helena. Adquirio com tudo novidade, e pareceo rara pela industria dos antigos Poetas, os quaes fingindo ser Paris eleito juiz das tres Deosas, vestiraõ a verdade com hum tal ornato, que a fizeraõ ficar maravilhosa, e estranha. Em huma palavra, como diz Muratori, os Poetas ou achaõ viandas saborosas, e novas per si mesmas, ou com a novidade do tempero daõ particular sabor ás triviaes, e usadas, fazendo por ambos estes modos bellissimos os seus Poemas, e deleitando summamente o gosto do entendimento.

A' vista do referido dizemos, que a belleza precisa da Poesia consiste na novidade, e no maravilhoso, que resulta das verdades, que o Poeta representa. Esta verdade, e este maravilhoso he huma suavissima luz, que nos póde deleitar, e arrebatar, empregada no nosso entendimento, e especialmente na fantasia. Dous modos pois, e dous meyos tem os bons Poetas, para fazerem bellas as suas composiçoens, e com ellas causarem deleite. O primeiro he o de achar cousas, e verdades novas, estranhas, e maravilhosas, que per

si

ſi mesmas causem admiraçaõ. O segundo he o de pintar bem com vivas cores, e de ornar com pompa, novidade, e maravilhosos artificios as mesmas verdades, que per si mesmas naõ saõ admiraveis, nem estranhas; e quem for dotado de huma, e outra virtude, póde seguramente dizer, que possue, e sabe em que consiste a verdadeira belleza poetica.

Segundo estes principios podemos igualmente dividir em duas especies esta belleza poetica; isto he, em *materia*, e em *artificio*. Ou o Poeta ha de achar materia nova, admiravel, e estranha, ou quando esta for trivial, revestilla com o artificio de novidade, e de cores maravilhosas. A *materia* comprehende todos os objectos dos tres mundos, ou Reinos da natureza, de que já tratámos no Capitulo *Do fim da Poesia*; e qualquer destes objectos póde servir de assumpto ao Poeta, e descobrir verdades novas, maravilhosas, e raras, que postas em verso deleitaráõ grandemente. O *artificio*, que he a maneira de communicar as cousas aos entendimentos alheyos, e de fazer, que estes comprehendaõ os nossos affectos, as verdades abstractas, as acçoens humanas, e tudo o mais, de que se póde discorrer em hum Poema; o artificio, digo, se extende tambem elle a todos estes objectos, podendo o Poeta por meyo delle representallos vivissimamente, e com sua novidade, quando elles per si mesmos naõ a tenhaõ; ou tambem póde unirse o artificio com a materia nova, e admiravel per si mesma, fazendo-a muito mais formosa, e capaz de sempre causar muito mais deleite. Para darmos hum exemplo de huma verdade rara por parte da materia, nos parecem muy proprios os dous versos de Maggi, nos quaes de algum modo dá a conhecer a immensidade de Deos, fonte de

toda

toda a formosura, que enche de si mesmo a todas as cousas;

Dell' ampio mondo in ogni parte è Dio,
E ne son cinti e pieni i nostri cuori &c.

Esta grande verdade naõ considera a mayor parte das pessoas, as quaes ainda que saibaõ, que Deos está em toda a parte, com tudo naõ sentem, e naõ observaõ, que elle esteja nos nossos coraçoens; e mais depressa o concebem como cousa, que assiste no Ceo, e de lá governa a terra. Daqui vem, que fica este conceito bellissimo, novo, e deleitavel; isto he, bello per si mesmo, porque descobre huma admiravel verdade naõ observada, e muito rara. Daremos igualmente outro exemplo tirado da sagrada Escritura. Lemos no cap. 3. da Sabedoria divina estas palavras: *Justorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis. Visi sunt oculis insipientium mori, & exstimata est afflictio exitùs illorum, &, quod à nobis est iter, exterminium. Illi autem sunt in pace.* Esta he huma das mais nobres verdades, que nos ensina a Fé Catholica, e sempre he nova, sempre maravilhosa. Parecia aos olhos dos ignorantes, que os SS. Martyres morressem com incrivel miseria: ensina-os pois a Sabedoria divina, fazendo-lhes saber, que os seus justos, nem ainda saõ tocados pela morte, e que loucamente se imagina ter acabado o curso das suas vidas: porque a morte delles naõ he outra cousa mais, que huma passagem do nosso desterro aos Reinos da paz, e aos gostos da immortalidade gloriosa. A verdade deste exemplo, como he inopinada, porque o contrario vem os nossos sentidos corporaes, causa hum admiravel deleite, conforta, e move a pasmo a todo o que a ouve.

Mas porque nem ſempre o noſſo entendimento póde deſcobrir verdades perigrinas, e maravilhoſas na materia, antes muitas vezes por neceſſidade lhe convém deſcrever, e tratar das mais conhecidas, e vulgares, porá entaõ todo o ſeu cuidado o Poeta em fazer bella a materia com o artificio. Muitas vezes ſuccede atenuar eſta as verdades com o demaſiado uſo, e por iſſo naõ ficar apta a produzir maravilhas; e entaõ tem o engenhoſo Poeta neceſſidade de fazer a eſta materia por meyo do artificio poetico aquelle beneficio, que lhe naõ fez a natureza. Ora iſto, como já temos dito, ſe conſegue, veſtindo a tal materia com hum novo, e viſtoſo ornato, o qual faz com que ella tome novo ſemblante; de maneira, que quando ella antes per ſi meſma naõ podia cauſar goſto, unida depois com o artificio facilmente o poſſa cauſar. Ora veja-ſe o quanto por cauſa da materia ſaõ nobres, e cheyos de hum ſuaviſſimo affecto eſtes ſeis verſos de Taſſo feitos á imitaçaõ de Virgilio. Veja-ſe quanto o artificio, bem que ſuperficial de repetir as palavras, accreſcentou notavelmente a graça, e a natural belleza:

Noi canteremo i noſtri verſi a prova,
Qualunque paia il noſtro modo, e l' arte;
E Corinna alzerem fino alle ſtelle,
Fino alle ſtelle innalzerem Corinna,
Ch' io non fui degno di vederla in Terra,
Ma ſpero forſe di vederla in Cielo.

Outra pintura com o meſmo colorido do artificio ſe achará no primeiro Tom. da Collecçaõ dos verſos Latinos da Arcadia em Roma, pag. 180. e 181. Chora hum Paſtor deſta Academia a morte do celebre Joaõ Baptiſta Zappi, chamado o Paſtor *Thyrſo Leucaſio*, em

em huma admiravel Elegia, e diz assim:

Dumque alii tibi dona ferent, dumque ossa piabunt,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.
. . . .
Sic tibi solemnes quoties statuemus honores,
Dicemus laudes, ó bone Thyrsi, tuas.
Turba frequens Thyrsin, Thyrsin nemus omne sonabit,
Thyrsin clamabunt littora, Thyrsin aquæ.

Outra acçaõ igualmente, que me parece bella por causa da materia, e que ao mesmo tempo deve grande obrigaçaõ ao artificio, se lê em Ovidio, representando vivissimamente a Ulysses, que expunha na praya do mar a Calypso os successos de Troya:

Hæc Troiæ casus iterumque, iterumque rogabat:
Ille referre aliter sæpe solebat idem.
Littore constiterant: illic quoque pulchra Calypso
Exigit Odrysii facta cruenta Ducis.
Ille levi virgâ (virgam nam fortè tenebat)
Quod rogat, in spisso littore pingit opus.
Hæc, inquit, Troia est: (muros in littore fecit)
Hic tibi sit Simois: Hæc mea castra puta.
Campus erat (campumque facit) quem cæde Dolonis
Sparsimus, Hæmonios dum vigil optat equos.
Illic Sithonii fuerant tentoria Rhesi:
Hac ego sum captis nocte revectus equis.
Pluraque pingebat: subitus cùm Pergama fluctus
Abstulit, & Rhesi cum Duce castra suo.

O suavissimo Camoens nos deixou no seu grande Poema muitos retratos deste original. Bastará por ora mostrar dous, o primeiro do Cant. 8. Est. 28. e o segundo do Cant. 6. Est. 23.

Attenta n'um, que a fama tanto extende,
Que de nenhum passado se contenta,

Que a Patria, que de hum fraco fio pende!
Sobre ſeus duros hombros a ſuſtenta.
* *Naõ o vês tinto de ira, que reprende*
A vil deſconfiança, inerte, e lenta
Do povo, e faz, que tome o doce freyo
De ſeu Rey natural, e naõ de alheyo?

Parece que eſtamos vendo com os olhos o animo, zelo, e ira do Condeſtavel Nuno Alvares Pereira, de quem trata eſta Eſtancia; porém ainda he mais expreſſiva a pintura da que ſe ſegue, na qual parece que vemos ao menino Melicerta hir brincando pela praya, e pegar nelle a Nereida Panopea, ou por hir cançado como menino, ou por evitarlhe as traveſſuras.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veyo a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello infante,
No numero dos Deoſes relatado.
* *Pela praya brincando vem diante*
Com as lindas conchinhas, que o ſalgado
Mar ſempre cria, e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopea.

De tudo quanto temos dito ſe conclue, que a Poeſia, a qual naõ he outra couſa ſenaõ imitaçaõ, comprehende duas couſas; iſto he, a materia, ou ſeja o ſujeito, e fundo da imitaçaõ, e a maneira de imitar; e cada huma deſtas couſas póde conter belleza, e cauſar aſſim maravilha, como deleite. Para hum Poeta ſer bom, baſta que ſeja excellente na maneira de imitar, do meſmo modo, que baſta ao Pintor o ſaber imitar o que quer exprimir com o pincel; nem ha neceſſidade, que a materia ou ſujeito ſeja ſempre maravilhoſo, novo, e bello per ſi meſmo; porque ſe iſto foſſe neceſſario, já mais poderia o Poeta repreſentar ſenaõ

cou-

cousas, acçoens, costumes, affectos, e sentimentos per si mesmos maravilhosos. Taõ bom mestre he aquelle, que pinta huma bella moça, como o que figura huma velha fea: nem fica inferior ao que pinta muitas figuras em hum painel, aquelle, que faz hum só retrato excellente.

CAPITULO XII.

Da belleza da materia, e como della se possaõ tirar verdades perigrinas.

NEnhuma outra cousa (segundo entendo) he o descobrir na materia, e extrahir della verdades perigrinas, senaõ o observar, e descobrir em qualquer materia, e objecto proposto ao Poeta as verdades, que outros observaõ mal, e que raras vezes, ou nunca, as costuma representar a natureza, (se bem que possa,) aos sentidos, á fantasia, e ao engenho. Estas verdades descobre o Poeta, ainda que sejaõ pintadas com locuçoens, e palavras simplices, com tudo sempre comsigo trazem maravilha, novidade, e por consequencia a virtude de nos deleitar, sem que o artificio se cance muito em fazer, com que appareçaõ maravilhosas: e como quer que as acçoens, os affectos, os costumes, e os conceitos dos homens sejaõ o principal sujeito da Poesia; nesta materia especialmente costuma descobrir o Poeta, e extrahir della verdades perigrinas. Entaõ descobrirá elle estas verdades, quando observar nos objectos, que se lhe propoem, aquellas qualidades, e acçoens, aquelles costumes, e affectos, que ordinariamente naõ produz a na-

a natureza, nem costuma vir á comprehensaõ, e advertencia do povo. Para chegarmos pois com a materia a causar maravilha, e deleite, he preciso representar os objectos dos tres mundos, naõ como elles ordinariamente saõ, mas como verosimilmente pódem, ou deveriaõ ser na sua completa fórma. Quando o Poeta intenta descrever a hum homem máo, ou bom, huma acçaõ louvavel, ou vituperavel, hum corpo proporcionado, ou disfórme, e o discurso de hum Heroe, de hum servo, ou de hum Pastor, busca, descobre, e exprime toda a perfeiçaõ, ou defeito destes sujeitos, fazendo delles huma pintura, como os deveria produzir a natureza, ou plenamente perfeita, ou defeituosa. Deve por tanto o Poeta descobrir nas cousas, e na materia tudo o que he mais raro, e maravilhoso, representando os objectos, mais do que elles ordinariamente naõ saõ: e para neste particular me poder propriamente explicar, seja-me licito, poder dizer sem escandalo, que o Poeta deve completar, e aperfeiçoar a natureza.

Póde haver esta perfeiçaõ em todas as quatro partes mais essenciaes dos Poemas, observadas por Aristoteles: isto he, na *Fabula*, ou seja nas acçoens, nos *costumes*, na *sentença*, ou seja nos conceitos, e na *dicçaõ*, ou seja nas palavras. O *sitio*, e *a tomada de Troya* naõ se conseguiraõ com tantas admiraveis operaçoens, assim de homens, como de Deoses, quantas representaraõ Homero, e Virgilio nos seus Poemas. Estes Poetas com o seu divino engenho, e fecundissima fantasia descreveraõ tal successo, imaginando-o como elle poderia, ou deveria verosimilmente succeder.

Igualmente descrevendo os *costumes* podemos aper-

aperfeiçoar a natureza. Se quizermos pintar os de hum magnanimo, ou covarde, de hum feroz, ou affeminado, de hum prudente, ou cruel, devemos pintar estes costumes, representando-os como verdadeiramente pódem, ou verosimilmente devem ser no mais eminente, e completo gráo do tal costume, ou seja louvavel, ou vituperavel, ou indifferente. Assim o praticaraõ Virgilio com Eneas, e Sinaõ, Tasso com Gofredo, Homero com Achilles, e Camoens com Vasco da Gama, cujas pinturas de valor, astucia, piedade, ferocidade, e animo heroico causaõ maravilha, e deleite; por serem obras de excellentes mãos. Talvez que os costumes destes sujeitos naõ subissem a gráo taõ eminente, ou de perfeiçaõ, ou de defeito, mas verosimilmente podiaõ, ou deviaõ ser assim estes homens para merecerem o caracter de Heroes.

Na *sentença*, e na *dicçaõ* he certo, que infinitamente se póde ainda augmentar a perfeiçaõ da natureza. Costumaõ os Poetas, quando fallaõ, ou introduzem alguem a fallar, naõ usar daquelles conceitos conhecidos, e triviaes, que ordinariamente nos lembraõ, e se ouvem nos discursos civîs, ou familiares; mas escolhem os mais nobres, os mais engenhosos, os mais doces, os mais ridiculos, e facetos, que poderá dizer hum Heroe, hum homem douto, hum amante, e hum louco &c. Muitos exemplos poderamos mostrar para prova desta verdade, mas por fugirmos á prolixidade, apontaremos só alguns, que bastaráõ para instruirem o Poeta. Em huma Tragedia, intitulada *Aspasia*, composta pelo celebre Poeta Cesareo Pedro Antonio Bernardoni, lemos hum passo, que dá humas grandes luzes ao que dizemos. Introduz elle a Dario, filho de ElRey da Persia, a fallar com Aspasia, dizendo-lhe,

do-lhe, que a tinha pedido a ſeu pay para eſpoſa, e elle lhe tinha deferido como o ſeu amor deſejava. Diz elle a Aſpaſia:

Il Re dé Perſi a me vi dona....

Reſponde-lhe ella logo:

.... Et io
Ch' impero ho più del Re dé Perſi in queſta
Libertà, che m' avanza, a voi mi tolgo.
Io del mio cor ſon donna, e ſola poſſo
Di lui, qualor mi piaccia,
Farne all' altrui virtute o premio, o dono.

Igualmente Lucano no l. 4. da ſua Farſalia imaginou os conceitos mais nobres, que deveria conceber Affranio, homem animoſo, mas vencido por Ceſar, na occaſiaõ, em que ſe rendia ao vencedor:

Victoris ſtetit ante pedes. Servata precanti
Maieſtas, non fracta malis; interque priorem
Fortunam, caſusque novos, gerit omnia victi,
Sed Ducis; & veniam ſecuro pectore poſcit.
Si me degeneri ſtraviſſent fata ſub hoſte,
Non deerat fortis rapiendo dextera lætho.
At nunc ſola mihi eſt orandæ cauſa ſalutis,
Dignum donandâ, Ceſar, te credere vitâ.

Naõ he juſto, que deixemos tambem de apontar hum exemplo do grande Camoens no Cant. 7. Eſt. 69. introduzindo a fallar hum Mouro da noſſa Religiaõ com termos, e ſentimentos decentiſſimos, e adequados ainda ſegundo as leys do Alcoraõ. Ouçamos como o Poeta ſe moſtrou a todas as luzes admiravel neſta repreſentaçaõ pelas vozes taõ proprias, e perigrinas, de que uſou:

Tem a Ley de hum Proféta, que gerado
Foy ſem fazer na carne detrimento

Da

Da Mãy, tal que por bafo eſtá approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor ſanguinolento
Das armas, no ſeu braço reſplandece;
O que em noſſos paſſados ſe parece.

Diſſemos acima, que os partos da natureza ordinariamente naõ ſaõ per ſi meſmos maravilhoſos, e novos na ordem das couſas; porque naõ ſaõ eminentes, e completos no ſeu genero. Póde com tudo algumas vezes ſucceder o contrario; porque com effeito tem havido Capitães, Principes, e Heroes de hum ſummo valor, e admiravel fortuna, ſobre ſerem ornados das mayores virtudes; e as ſuas emprezas chegaraõ com effeito áquella novidade, e perfeiçaõ, que o Poeta vay deſcobrindo na materia. Se eſtas taes emprezas, e perſonagens forem propoſtas para argumento de algum Poema, certo he, que naõ tem a fantaſia muito que ſe cançar em deſcobrir o admiravel da materia; porque a natureza per ſi meſma o manifeſtou, fazendo logo bella, e poetica a eſta materia. E taes deveriaõ certamente ſer as emprezas do Emperador Trajano na guerra contra os Dacios; porque ſe alegra muito Plinio o moço com hum certo Caninio, que queria deſtas acçoens formar hum Poema; pois tinha deſcoberto hum argumento de ſi meſmo poetico, diz aſſim na Epiſt. 4. l. 8. *Optimè facis, quod bellum Dacicum ſcribere paras. Nam quæ tam recens, tam copioſa, tam lata, quam denique tam poetica, & quamquam in veriſſimis rebus tam fabuloſa materia?* Mas porque deſtes aſſumptos, e de materia taõ eminente, e maravilhoſa coſtuma a natureza ſer muito avarenta, por iſſo a eſta póde o Poeta,

como temos dito, accrefcentarlhe alguma perfeiçaõ, e novidade; e defte modo he, que elle póde aperfeiçoar a natureza.

CAPITULO XIII.

Como os Poetas bufcaõ o verdadeiro: trata-fe daquelle que he certo, do que he poffivel, do que he crivel, e provavel, chamado por outro nome verofimil.

TEndo-fe tantas vezes dito neftes Capitulos, e eftabelecido *o verdadeiro* por primeiro principio, e fundamento da belleza poetica; e que o Poeta defcobrindo na materia as verdades mais novas, maravilhofas, e perigrinas, entaõ he que acha aquella belleza, que fe bufca nos Poemas, eftou perfuadido, que alguns entenderáõ, que he paradoxa efta propofiçaõ. Quem ha, que ignore, que o bufcar a verdade naõ he proprio dos Poetas, mas fim o affaftarem-fe della quanto pódem, fingindo, e inventando fabulas, e mentiras, que certamente contém o que he falfo, e naõ o verdadeiro. Tanto he ifto affim, que aquelle, que melhor fabe fingir, e mentir, effe he o melhor Poeta, fegundo o proverbio, *Muitas mentiras dizem os Poetas*, como efcreveo Ariftoteles no livro da Metaphyfica, e Plutarco no Tratado de aud. Poet. logo como fe póde dizer, que a belleza da materia poetica eftá fundada no *verdadeiro*?

Ceffará talvez efta grande duvida, e juftiffima admiraçaõ, quando fe entender bem a divifaõ do *verdadeiro*, do qual já demos huma breve noticia, e agora

ra hiremos expondo com mayor clareza. De duas efpecies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro*, que com effeito he, ou foy: o outro he o que verofimilmente foy, e tambem podia, ou devia fer, fegundo as forças da natureza. O primeiro *verdadeiro* bufcaõ os Theologos, os Mathematicos, os Hiftoriadores, e outras fciencias. O fegundo pertence aos Poetas, que faõ os que principalmente o bufcaõ. Do conhecimento do primeiro vem a *fciencia*, e do fegundo a *opiniaõ*. Hum pode-fe chamar verdadeiro, neceffario, ou evidente, ou moralmente certo; como feria dizer: *Que Deos he Omnipotente, e Eterno; que a terra he redonda; que o Sol queima, e brilha; que Roma fora antigamente Republica, que conquiftara muitas Provincias de Europa, e da Afia; e que os Chriftãos libertáraõ Jerufalem do poder dos Sarracenos, fendo Capitaõ Gofredo.* Outro póde-fe chamar *verdadeiro*, poffivel, provavel, e crivel, que vulgarmente fe diz *verofimil*, como v. g. *Que a Lua contêm em fi, como a terra, variedade de corpos; que ha fogo debaixo da esféra da Lua; que huma loba criára a Romulo, e Remo; e que na conquifta da Terra Santa, que fizera Gofredo, houveffe hum fortiffimo Sarraceno chamado Argante, e huma valerofa donzella com o nome de Clorinda.* Porém como todos os dias eftamos infelizmente experimentando, que he difficil de achar o *verdadeiro*, certo, e evidente; por iffo o noffo entendimento, como o naõ póde confeguir, fe contenta, e deleita com o *verofimil*, que até comprehende além dos Poetas tambem aos Theologos, aos Filofofos naturaes, aos Hiftoriadores &c. como prova o noffo feguido Muratori tom. 1. pag. 72.

Eftabelecida efta doutrina, continuamos a dizer,

 que

que ſempre algum *verdadeiro* ſerve de fundamento ás invençoens poeticas, e que eſtas naõ pódem ſer bellas, quando naõ nos fazem aprehender alguma verdade, ou certa, e evidente, ou tambem poſſivel, e veroſimil. Muitas ſaõ as verdades reaes, certas, e exiſtentes, que ſe encontraõ nos Poemas. Na Epopea, nas Tragedias, e em infinitas compoſiçoens lyricas coſtuma ordinariamente ſer o ſujeito dos verſos alguma acçaõ, ſuceſſo, ou peſſoa, que verdadeiramente foy, ou realmente he. Todos os dias nos moſtra a Poeſia mil pedaços de Hiſtoria, de Geografia, de Filoſofia; e de outras Sciencias, e Artes; mil deſcripçoens de lugares, de rios, de animaes, e de outras couſas, que ſaõ verdadeiras; antes pela mayor parte os conceitos de que ella uſa, contém a verdade evidente, e real. O reſto das outras invençoens, e deſcripçoens dos outros ſuceſſos, e conceitos, que ella nos faz ver, e ouvir, e que induſtrioſamente finge, contém, ou deve conter o *verdadeiro* poſſivel, crivel, e provavel. Onde o entendimento naõ deſcobrir na ſéria, e nobre Poeſia, e em qualquer das ſuas partes, ou o primeiro verdadeiro, ou o ſegundo; he certo, que a tal compoſiçaõ naõ cauſará deleite, nem parecerá bella, ainda que ſe encontre o novo, e o maravilhoſo; porque nos ha de cauſar o falſo hum grande deſagrado, como couſa impoſſivel, incrivel, ou inveroſimil. Por iſſo o Poeta, que he nobre, e ſério, ſempre nos repreſenta as couſas verdadeiramente ſuccedidas, certas, e exiſtentes; ou tambem finge com a ſua fantaſia as que verdadeiramente pódem, ou podiaõ, devem, ou deviaõ ſer, e ſucceder, cauſando deſte modo, ou ſciencia, ou opiniaõ em o noſſo entendimento. Naõ ſe póde dizer, que eſtes ſuceſſos poſſiveis ſejaõ falſos;

porque

porque ainda que ſeja evidente o naõ ſerem elles realmente verdadeiros, tambem he claro, que elles podiaõ, ou pódem verdadeiramente ſucceder; e o Poeta com elles faz, que o entendimento alheyo aprehenda hum verdadeiro, naõ real, e ſuccedido, mas ſim poſſivel, e veroſimil, que antes naõ era conhecido. Eſtas couſas pois, que ſaõ criveis, poſſiveis, e provaveis, chamamos-lhe *veroſimeis*; porque ſaõ ſemelhantes ao *verdadeiro* certo, evidente, e real; e tambem ſaõ certas na razaõ, e genero (digamos) de poſſibilidade, probabilidade, e credibilidade. Baſta por ora deſte aſſumpto; porque largamente diſcorreremos do veroſimil, e inveroſimil, pelo diſcurſo deſta Arte, e faciaremos (quanto nos for poſſivel) os deſejos do leitor.

CAPITULO XIV.

Da belleza do artificio, ſua virtude, e ſeus exemplos &c.

TEndo nós até aqui tratado das bellezas da materia, convem igualmente agora, que paſſemos ás do artificio, e dizer neſte aſſumpto algumas couſas geraes para inſtrucçaõ do Poeta, que as ignora. O artificio, como já temos dito, conſiſte na maneria de repreſentar, e exprimir as couſas, e com eſta maneira recebe a meſma materia huma grande luz, novidade, e belleza. Naõ importa, que naõ ſeja de ſi meſma maravilhoſa, e extraordinaria huma verdade, huma acçaõ, e hum conceito; porque a maneira de a repreſentar, e pintar com palavras, a fará extraordinaria,

ria, e maravilhosa; e tambem, que a que per si mesma já era tal, fique com o artificio mais perigrina, e deleitavel, do que d'antes era. Soccorrendo deste modo o Poeta com o seu artificio novo, e admiravel á materia, que naõ tem estas duas circunstancias, dá huma nova alma ás cousas, e as veste de modo, que com a pompa poetica facilmente causa deleite. Huma viva metafora, huma engenhosa parabola, e allegoria, huma bella figura, huma disposiçaõ de palavras, huma evidencia no pintar, huma affectuosa, nobre, e extraordinaria imagem (que he em que consiste principalmente o artificio) faz muitas vezes, que hum successo, hum costume, hum affecto, e hum conceito nos deleite, e nos arrebate; o que talvez naõ succederia sem o soccorro do artificio. Apontaremos alguns exemplos, e seja o primeiro do suavissimo Poeta Italiano Francisco de Lemene em huma Cançaõ a Nossa Senhora; diz assim na segunda Estancia:

Chi sia costei più fra le belle Bella?
Chi sia costei più fra le saggie Saggia?
Chi sia costei più fra le Sante Santa;
Costei, che del suo lume il Sole ammanta,
Costei, sotto il cui piè Cintia s' irraggia,
Costei, cui fregia il crin più d' una Stella?
Costei, che al candor sembra
Dell' alma, e delle membra
La feconda Conchiglia, e Verginella?
Questa (ma pria ch' io 'l dica, oimè perdona
Al mio profano ardir, Vergin pudica)
Questa (ma pria ch' io 'l dica
Tu pensier puri, e puro stil mi dona)
Questa al fin, questa, il dirò pur (ma pria
Chino la fronte umil) questa è Maria.

Que

Que admiravel artificio! Rariſſimas copias ſe poderáõ entre nós moſtrar deſte precioſo original, pelas bellas, ſuaviſſimas, e nobres expreſſoens, com que eſtá pintado. Se eſte Poeta diſſera ſem outro artificio: *Que Maria entre todas as bellas he a mais bella; que entre todas as ſabias he a mais ſabia; que tem a Lua debaixo dos pés, e que de Eſtrellas ſe fórma a ſua coroa &c.* ſeriaõ eſtes conceitos bellos, mas só por virtude da materia: porém ſem comparaçaõ alguma ficaõ muito mais bellos pela maneira, e artificio, com que ſe exprimiraõ. Aquella interrogaçaõ unida ao paſmo, aquelle ſuſpender a repoſta, aquelle interrompella com imagens affectuoſas, e inſperados apoſtrofes dá hum tal ar de novidade, de ternura, e mageſtade á materia, que quaſi nos vem a parecer outra couſa, e que infinitamente nos deleita mais, tudo por cauſa do ornato, que lhe accreſcentou o artificio. O grande Camoens em muitas partes do ſeu Poema naõ nos deixa de dar excellentes exemplos. No Canto 2. introduz a Venus fallando a Jupiter a favor dos Portuguezes com admiraveis imagens; porém na Eſtancia 41. diz aſſim:

Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fuy.... E niſto, de mimoſa,
O roſto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a freſca roſa.
Callada hum pouco, como ſe entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedoſa,
Torna a ſeguîlla, e hindo por diante,
Lhe atalha o poderoſo, e graõ Tonante.

Muito deve eſta Eſtancia ao artificio, que fez maravilhoſa a materia, que de ſi o naõ era. Se eſte Principe da Epica Portugueza fizera continuar a Venus na

na ſua falla, pouca, ou nenhuma novidade ſentiriamos: mas para a haver, e deleitar com ella aos leitores uſou, á maneira de Virgilio, artificioſamente da *reticentia*, ou *apoſiopeſis*, dizendo: *Que pois eu fuy*: queria continuar v. g. *deſgraçada*, *infeliz &c.* Como melindroſa imaginou o Poeta, que havia chorar, e explicouſe com hum particular artificio. Finalmente introduz eſta Deoſa a querer outra vez fallar, como he natural, em couſa, que importa muito; mas Jupiter compaſſivo lhe atalha as vozes; o que faz ſobreſahir notavelmente o artificio, e exceder eſta imagem a de Virgilio: *Quos ego &c.* taõ trivial aos que ſaõ dados á Poeſia. Igualmente engenhoſo he o penſamento, que tranſcreve Luzan na ſua Poetica do diſcretiſſimo D. Luiz de Ulhoa. Diz aſſim eſte Poeta em huma Decima:

Mas quando al conocimiento
Se paſſa por los ſentidos,
Ya quanto eſtan defendidos
Se niega el entendimiento.
Deſvanece al penſamiento
Ver que en guerra tan trabada
Eſtè la fuerza aſſolada,
Y las potencias rendidas,
Quedando tan ſin heridas
Los que guardaban la entrada.

Obſervou eſte Poeta, que pelos ſentidos he que nos vem o conhecimento das couſas, as quaes para o entendimento as comprehender, he preciſo, que paſſem por eſtes orgãos; como he certo na doutrina antiga de Ariſtoteles, e na moderna. Fundado neſte principio entra engenhoſamente Ulhoa a difficultar, como podeſſem as ſuas potencias internas

namorarſe, ficando ao meſmo tempo os ſentidos livres deſta paixaõ amoroſa. Eſte penſamento de ſi meſmo pela materia era deleitavel, e ainda ſem adorno, e com palavras ſinceras podia conſeguir eſte fim; porém elle com o artificio o fez muito mais maravilhoſo, e novo, como vimos nos admiraveis verſos, que apontámos.

Em todo o tempo, e em todo o lugar, onde (ſegundo a tranſmigraçaõ das ſciencias) floreceraõ excellentes Poetas, e engenhos felices, ſempre a Poeſia ſe regulou pelos meſmos principios deſta belleza poetica, de que tratamos, e já temos tratado. Sempre o verdadeiro ſervia de fundamento ás fabulas, ás acçoens, aos coſtumes, aos affectos, aos conceitos, e a todo o trabalho poetico; porém ſempre o verdadeiro maravilhoſo, e novo, ou por cauſa da materia, ou do artificio, como tambem a fantaſia, e o engenho ſe empregavaõ em deſcobrir na natureza eſte novo módo, ou em dar novidade a eſte verdadeiro trivial, e uſado. A mais pura, ſanta, e antiga Poeſia foy ſem duvida a dos Hebreos. Della ainda nos reſtaõ os Canticos de Moyſés, e de outros Profétas, os Pſalmos de David, o Livro de Job, os Proverbios, as Lamentaçoens de Jeremias, e outras obras mais, que ſaõ Poemas feitos em huma rithma, e metro particular dos Judeos, como affirma Philo, e Joſeph Hebreos, Origenes, Euſebio de Ceſarea, S. Jeronymo, e outros; ſe bem que Eſcaligero, e alguns modernos ſaõ com pouco fundamento de contrario parecer. Neſta divina Poeſia achaõ-ſe infinitas imagens, figuras, e expreſſoens verdadeiramente admiraveis, e novas, as quaes, quando pelas traduçoens paſſaraõ a outros idiomas, neceſſariamente perderaõ muito da

ſua natural belleza, e força pela ruſticidade das linguagens. Póde haver Poeſia mais doce, e affectuoſa do que os Cantares de Salamaõ, nos quaes ſe repreſentaõ os terniſſimos amores da alma com Deos? Para explicar a ira divina, e para mover a pranto, e a piedade, ſaõ admiraveis os Livros de Jeremias, cheyos de maravilhoſos penſamentos. E que ſumma nobreza ſe naõ encontra nos Pſalmos de David, cantando as grandezas, e miſericordia de Deos, e o arrependimento de huma alma fiel? Obſerve-ſe com que ſublime penſamento nos faz no Pſalmo 103. conceber o grande poder de Deos, dizendo: *Qui reſpicit terram, & facit eam tremere.* Naõ ſe póde mais vivamente explicar a Mageſtade, e Omnipotencia Divina, ſenaõ com huma tal expreſſaõ, que he huma admiravel imagem. Naõ ſó os Hebreos, mas ainda aquellas naçoens, que temos por barbaras, cultivaõ a Poeſia com aquella belleza, que inſinuámos, e vamos inſinuando. O que he bello, ſempre o foy em todo o tempo, e lugar, porque ſempre foy, e ſerá huma ſó a natureza, que pintaõ os Poetas excellentes. Sómente a mayor, ou menor cultura dos eſtudos he que faz, com que mais em hum paiz, e menos em outro haja engenhos poeticos, mais, ou menos felices em compor Poemas; pois que as meſmas ſementes do que he bello, ſaõ communas a todos os homens.

Os Arabes, os Turcos, os Perſianos, e os Gregos modernos, ainda que ſejaõ gentes pelo ordinario, que eſtaõ muy affaſtados dos eſtudos amenos, e graves, e por iſſo pouco favorecidos das Muſas; com tudo compozeraõ, e compoem muitos Poemas excellentes; aos quaes naõ ſabemos dar a devida eſtimaçaõ, por ignorarmos a lingua, em que eſtaõ com-

poſtos.

poſtos. Juſto ſerá, que deſta verdade apontemos algum exemplo. Entre os Poetas Perſianos floreceo hum com grande reputaçaõ, chamado Suzeno, homem certamente dotado do mais faceto, e agudo engenho, como teſtifica Derbelot. Falleceo no anno de 1173. Na ſua idade mais madura entrou a fazer penitencia dos ſeus peccados, e della deixou teſtemunhos em oito mil verſos, que eſcreveo, nos quaes chora as culpas, que commettera. Fingiraõ cega, e ſuperſticioſamente os Perſianos, que eſte Poeta depois da ſua morte apparecera a hum ſeu amigo, e lhe diſſera, que Deos lhe perdoara os ſeus peccados por hum Diſthico, que compozera. Traduzio-o Derbelot em Latim deſte modo:

Quatuor tibi affero, ó Deus, quæ in Theſauro tuo non ſunt:
Nihilum, indigentiam, peccatum, & pœnitentiam.

Como eſta compoſiçaõ para muitos ſerá couſa nova, ſerá tambem juſto, que a traduzamos em Portuguez, por ſervirmos áquelles, que ignoraõ a lingua Latina:

Eu, Senhor, quatro couſas te offereço,
Que naõ ha no teu theſouro,
O Nada, e a Indigencia,
Como tambem a Culpa, e Penitencia.

Ainda que eſte conceito eſteja veſtido á Perſiana, com tudo he nobiliſſimo, engenhoſo, e novo. Primeiramente cauſa maravilha, e deleite, querer apreſentar a Deos, Senhor de tudo, quatro couſas, que elle naõ tem no ſeu theſouro, e deſcobrirſe depois, que nelle verdadeiramente naõ ha as ditas couſas. Em ſegundo lugar, com muita belleza perſuade o Poeta ao meſmo tempo a vileza, e miſeria de homem, de

quem ſaõ proprias as quatro couſas, e a grandeza, e ſantidade de Deos, a qual dá a moſtrar que he immenſa, porque nos ſeus immenſos theſouros faltaõ as taes couſas. Finalmente abraçando em poucas palavras as razoens de aplacar, e ter neceſſidade de Deos, e de arrependerſe das culpas paſſadas, naõ podia o Poeta pedir perdaõ com mais engenhoſa, e aguda brevidade.

Eiſaqui como os Poetas ainda mais eſtranhos, eſtudando pela natureza, produzem tambem elles belliſſimos conceitos, imagens muy vivas, e verdades perigrinas; ainda que por cauſa da differente lingua ſeja algumas vezes muy differente o artificio em as exprimir. Porém naõ quero acabar eſte Capitulo, nem deixar eſte ponto, ſem dar outro exemplo igual ao Perſiano, copiando huma cantiga, que Bernardino Tomitano confeſſou de ter ouvido na lingua Turca, e tambem Grega vulgar, e que elle a traduzira em Italiano. Contém os verſos o ſentimento de huma moça pela auſencia do ſeu amante, expondo os ſeus proprios affectos da maneira ſeguinte:

Baſſiliſco ho piantato,
E Roſe ſon naſciute;
Dentro delli cui rami
Cantan le Rondinelle:
Deh Rondinelle mie:
Pregovi, non cantate;
Poiche 'l mio dolce amante
Radice del cor mio,
Si fá da me lontano,
Fuggendo il dolce porto,
Per ritrovar fra l' onde
Tempeſtuoſi travagli.

Deh

Deh Rondinelle mie,
Pregovi, non cantate:
Ma più toſto piagnete,
Se pietoſe voi ſiete.

Todos eſtes exemplos apontados ſervem para moſtrar, e fazer conhecer, que naturalmente qualquer homem, ſe naõ he de todo ruſtico, e falto de entendimento, póde achar, e goſtar da *belleza poetica*, e dicernir o mais do menos bello, ou eſte conſiſta na *materia*, ou no *artificio*, ou em ambos eſtes principios. Porém já he tempo de entrarmos a diſtinguir melhor do engenho a fantaſia, e a expor o como contribue para a Poeſia huma, e outra potencia, deſcobrindo, ou materia admiravel, e nova, ou tambem fazendo-a tal por meyo do artificio.

CAPITULO XV.

Da-ſe huma geral noticia da fantaſia; differença entre ella, e o entendimento, e comercio entre ſi; imagens fantaſticas, e ſua diviſaõ &c.

HE a fantaſia a fonte mais fecunda da maravilha, e belleza poetica, nem o engenho na Poeſia cria conceitos mais agradaveis do que eſta potencia; por iſſo he, que nella damos principio a eſte novo argumento taõ deſconhecido de muitos, ou quaſi todos os que eſcreveraõ da Arte Poetica; como entre infinitos he hum delles o Padre Donato, e Voſſio, que tratando de todos os ſegredos, e eſpecies da Poeſia, naõ nos deixaraõ inſtrucçaõ alguma ſobre a fantaſia. Porém para caminharmos com mais luz neſte tenebro-

ſo

ſo caminho, he preciſo explicar, que couſa he *fantaſia*. Todo o objecto, que ſe repreſenta aos olhos, aos ouvidos, e aos outros ſentidos, lança hum compendio, huma imagem, huma ſemelhança de ſi meſmo, a qual ſendo recebida pelos ſentidos, paſſa pelos nervos, e orgãos corporeos, até que chega a imprimirſe em o noſſo cerebro. A potencia, ou faculdade da alma, que aprehende, e conhece eſtes objectos ſenſiveis, ou para melhor dizer, as ſuas imagens, he a fantaſia, ou imaginativa, a qual porque eſtá (ſegundo o noſſo modo de entender) na parte inferior da alma, lhe poderemos chamar *aprehenſiva inferior*. Tem a noſſa alma outra aprehenſiva das couſas, a que podemos dar o nome de *ſuperior*; porque eſtá collocada na parte ſuperior, e racional da alma, e communmente lhe chamamos *entendimento*. O officio da fantaſia naõ he propriamente o inquirir, e entender ſe as couſas ſaõ verdadeiras, ou falſas, mas ſómente o aprehendellas. O officio do entendimento he inquirir, e entender-ſe eſtas ſaõ falſas, ou verdadeiras. Porém para meditar, e formar penſamentos, unemſe entre ſi eſtas duas potencias, adminiſtrando a inferior á ſuperior as imagens dos objectos, que lhe communica ſem ſe valer dos ſentidos; porque já em ſi as tem. Tambem póde a potencia inferior per ſi meſma valerſe deſtes objectos para imaginar as couſas já aprehendidas, ou para fabricar outros objectos; porque tambem ella tem força para conceber novas imagens.

Depois deſta geral noticia, he preciſo entender mais preciſamente o comercio, que ha entre o entendimento, e a fantaſia, e em quantos modos formaõ eſtas duas potencias dentro de nós as imagens, e os pen-

pensamentos, de que se compoem os discursos, que fazem os homens. Em tres maneiras pois se formaõ as imagens. A primeira he formallas o entendimento com a sua racional, e penetrante virtude, sem que a fantasia lhe administre alguma cousa. A segunda he unindo-se o entendimento com a fantasia, concebendo-as juntamente. E a terceira he concebellas a fantasia só, sem se aconselhar com o entendimento. A primeira succede, quando o entendimento, depois de ter bem julgadas, e escolhidas as imagens, que a fantasia aprehendera antes, fórma sobre ellas, e cria novas imagens, que antes a fantasia naõ tinha aprehendido. Vê v. g. o nosso entendimento, que a fantasia aprehendera, e formara em si muitas imagens de homens; que faz? ajunta-as, e de tantas imagens particulares, que recolhera a aprehensiva inferior, tira elle, e fórma huma imagem, que antes naõ havia, concebendo, *Que todo o homem tem a potencia de rir; que os viciosos naõ devem ser louvados; que aquelle homem, que presume, que só elle he sabio, deve ser reputado por louco &c.* Estas imagens propriamente saõ intellectuaes, ou engenhosas; nem os sentidos as pódem mandar á fantasia; mas só o entendimento as concebe, e depois faz, com que tambem a fantasia as aprehenda. A segunda maneira succede, quando a fantasia aconselhando-se com o entendimento, e valendo-se da sua luz, expoem aquellas imagens, que lhe vieraõ pelos sentidos: ou tambem quando unindo, ou separando estas, fórma outras novas, que antes naõ havia; porém nunca perdendo de vista o imperio do entendimento. A terceira maneira succede quando a fantasia domína absolutamente a alma, e pouco, ou nada attende para os conselhos do entendimento, como v. g.

nos

nos ſonhos, nas febres, nos effeitos melancolicos &c. Eſta terceira claſſe de fantaſia naõ tem lugar algum na faculdade poetica; porque a naõ regula o entendimento, e ſó a ſegunda he muy propria de Poeta, como diremos, conſiderando aquellas imagens, que ſe concebem quando a fantaſia unindo-ſe com o entendimento pacificamente concebem, e expoem as couſas.

A fantaſia pois unida com o entendimento (e por iſſo obrigada a procurar algum verdadeiro) póde, e coſtuma produzir imagens, que ou directamente ſaõ para ella *verdadeiras*, ou que tambem directamente parecem taes ao entendimento. Como v. g. quem deſcreve vivamente, e com palavras proprias o *Arco Iris*, *a batalha de dous guerreiros*, *hum generoſo cavallo*, *hum tigre feroz*, *o movimento*, *que faz na agoa de hum lago pequeno huma pedrinha*, e outras couſas ſemelhantes. Eſtas imagens repreſentaõ huma verdade vinda á fantaſia pelo ſentido, e que como tal a conhece tambem o entendimento. Pódem tambem eſtas imagens directamente ſerem ſó *veroſimeis* á fantaſia, e ao entendimento, como v. g. o imaginar a *Scena funeſta da ruina de Troya*, *a chegada de Oreſtes a Tauro*, *a morte de Niſo*, *e Eurialo*, e outras infinitas couſas imaginadas pela fantaſia, as quaes parecem poſſiveis, e veroſimeis tanto a ella, como ao entendimento. Pódem finalmente eſtas imagens ſerem directamente *verdadeiras*, ou *veroſimeis* á fantaſia, e indirectamente parecerem taes ao entendimento; como v. g. vê a fantaſia hum rio, que faz mil gyros pela planicie de huma ſelva; imagina, e parece-lhe couſa verdadeira, ou veroſimil, que elle eſteja namorado daquelle florido lugar, e que naõ ſaiba,

ba, ou naõ queira bufcar modo de o deixar. Efta imagem, naõ directamente (porque o fentido directo he falfo) mas indirectamente faz, com que o entendimento conceba, que ifto he verdade; ifto he, a amenidade daquelle fitio, e os gyros deliciofos daquelle rio.

Ainda que todas eftas diverfas imagens reconheçaõ a fantafia por fua mãy, e fe lhe poderiaõ chamar fantafticas, para as diftinguir das intellectuaes, e engenhofas; com tudo, fó ás ultimas daremos propriamente o nome de *fantafticas*; ifto he, áquellas, que directamente contém o que he verdadeiro, ou verofimil; porque neftas, mais que nas outras, apparece a força da fantafia. As primeiras, e as fegundas imagens faõ formadas pela fantafia, fó com pintar as coufas, como ellas faõ, ou pódem fer, e parecer naturalmente a ella, aos fentidos, e ao entendimento; e por iffo em parte faõ intellectuaes, e lhes convém o nome de *fimplices*, e *naturaes*. As terceiras porém, reconhecem com mais evidencia, que devem o feu fer á fantafia, a qual une duas, ou mais imagens verdadeiras, e naturaes, para formar huma nova, que nunca naturalmente houve, nem póde haver, e parecer tal ao entendimento, e por iffo chamaremos a eftas imagens *artificiaes fantafticas*. O voar v. g. he qualidade propria, e natural fó do que he animado, e tem azas; porém a fantafia agitando as fuas imagens, e unindo a do voar com a da fama, imagina, que a fama voa, falla, e opéra, como fe tiveffe alma. Igualmente o faudar he fó proprio do homem; com tudo, a fantafia une efta imagem com a de hum paffaro, e imagina, que os paffarinhos faudaõ com o feu canto o nafcimento da Aurora. Difto fe comprehende,

hende, que esta casta de imagens saõ propriamente produzidas pela fantasia, que vay imaginando cousas maravilhosas, e novas, que aliás saõ falsas a quem só vay buscar o sentido directo. Mas porque indirectamente fazem estas perceber alguma cousa, que he verdadeira, ou verosimil ao entendimento, por isso a elle lhe agradaõ, e na formaçaõ dellas se une com a fantasia, permittindo-lhe hum taõ bello dilirio, e entregando-lhe ás vezes imagens intellectuaes, para que ella as vista, e orne com as suas bellas, e admiraveis cores, se bem que mentirosas. Porém justo he, que expliquemos com alguns exemplos, em que consiste a força das imagens da fantasia, tanto as *simplices*, e *naturaes*, como as *artificiaes fantasticas*. Principiemos pelas primeiras.

CAPITULO XVI.

Mostra-se com exemplos, em que consiste a força das imagens simplices, e naturaes da fantasia.

JA' dissemos no Capitulo passado, dividindo as imagens da fantasia, que as simplices, e naturaes saõ aquellas, que descreve a mesma fantasia, ou seja imaginativa dos Poetas, as quaes naturalmente viriaõ pelos sentidos, e que directamente tambem saõ verdadeiras, ou verosimeis ao entendimento. Igualmente já temos dito, que hum dos mayores cuidados, e perfeiçoens da Poesia consiste no descobrir cousas admiraveis, e no aperfeiçoar a natureza; isto he, em formar os seus partos mais perfeitos, e completos na sua especie, achando novas, e maravilhosas cousas, ac-

çoens, costumes, e conceitos. Consiste a outra perfeiçaõ, e cuidado da Poesia no modo de bem pintar, imitar, e representar os partos da mesma natureza. Esta perfeiçaõ (como já temos explicado) naõ pertence á *materia*, e cousas, que se haõ de representar, pertence especialmente ao *artificio*, e maneira, com que a poetica fantasia deve representar estas cousas. Agora neste Capitulo mostraremos, que outro naõ menor gosto experimenta a nossa alma, quando a fantasia alheya pinta, e representa á nossa as cousas fóra do lugar, ou do tempo, e de tal modo, que vivamente as vemos com os olhos internos do entendimento, como se usassemos da vista, e dos sentidos externos. Nesta viva pintura consiste huma das principaes delicadezas da Arte poetica; e ainda que possa dizerse, que o Poeta sempre imita, e pinta, com tudo, mais precisa, e propriamente faz elle este officio, quando entra a colorir, e a pôr diante dos olhos internos da alma com evidencia, e com força os successos, os costumes, os conceitos, e todos os mais objectos, que elle pinta, e imita. Assim he o Pintor, o qual geralmente sempre imita, e he imitador, ainda quando sem usar de cores, e só com a penna, ou com o lapis debuxa as figuras simplezmente a claro, e escuro: porém muito mais precisamente imita, e pinta, quando a estas figuras ajunta o trabalho de lhe fazer as cores, e as sombras; porque no primeiro modo mais depressa mostra a sua tençaõ, do que as cousas, que intenta pintar; e no segnndo naõ só mostra a sua tençaõ, mas faz ver as mesmas cousas, que intentara. Desta pois vivissima imitaçaõ das cousas, feita pelos Poetas tiramos nós hum grande deleite pela razaõ fundamental, de que a todos he deleitavel o maravilharse, e ao mes-

mo tempo instruirse. Grande obrigaçaõ devemos áquelle Poeta, e Pintor, que com as suas Artes nos conduzem a ver, como se fosse com os proprios olhos v. g. a famosa ruina de Troya, as acçoens de Achilles, ou de Eneas, e os trabalhos de Ulysses gyrando pelo mar. A pezar do tempo passado, e de lugares taõ distantes, vemos presentes aquellas cousas, e aquellas acçoens; ouvimos as suas palavras, e os seus conceitos quasi do mesmo modo, que no las fariaõ ver, e ouvir os sentidos externos.

Maravilhoso he certamente Ovidio nesta casta de imagens, e pinturas, expondo ordinariamente as cousas, como se as vira, e pintando-as com tal viveza, que tambem os leitores entendem, que as estaõ vendo. Veja-se como elle representa ao velho Sileno, que vinha das Indias em companhia de Baccho. Descreve-o embriagado, sobre hum jumento, pegandose-lhe ás crinas para naõ cahir; mas porque se lhe turba a vista em seguir, e olhar para as Bacchantes, que o vaõ cercando, e porque vay obrigando ao animal a apressar os passos, cahe em terra, donde os Satyros logo o levantaõ. Mas ouçamos a viva expressaõ do Poeta, no qual naõ ha palavra, que naõ seja huma excellente cor, que aviva a Poesia:

Ebrius ecce senex pando Silenus asello
Vix sedet, & pressas continet arte jubas.
Dum sequitur Bacchas, Bacchæ fugiunt que petũt que,
Quadrupedem ferulâ dum malus urget eques;
In caput aurito cecidit delapsus asello.
Clamarũnt Satyri: surge, age, surge, Pater &c.

Continũa o Poeta a descrever a chegada de Baccho á presença de Ariadna, que se queixava pelo desamparo, em que a deixara o desleal Theseo; e diz assim:

Jam

Jam Deus è curru, quem ſummum cinxerat uvis,
Tigribus adjunctis aurea lora dabat.
Et color, & Theſeus, & vox abiere puellæ:
Terque fugam petiit: terque retenta metu.
Horruit, ut ſteriles, agitat quas ventus, ariſtæ:
Ut levis in madidá canna palude tremit.
Cui Deus: En adſum tibi cura fidelior, inquit.
Pone metum; Bacchi, Gnoſſias, uxor eris.
Dixit, & è curru, ne tigres illa timeret,
Deſilit: impoſito ceſſit arena pede.

Ora vejaõ os leitores ſe ſe podiaõ mais vivamente exprimir as imagens daquella acçaõ da fantaſia do Poeta, e fazer conceber aquelle caſo com cores mais proprias, e vivas. Naõ he menos admiravel a imagem, com que D. Luiz de Ulhoa pintou a turbaçaõ, ſobreſalto, e medo da formoſa Judia Rachel, quando entraraõ os conjurados em ſua caſa para a matar; diz aſſim:

Traidores fue a decirles, y turbada
Viendo cierca de el pecho las cuchillas,
Mudò la voz, y dixo: Cavalleros,
Porque infamais los inclitos aceros?

O famoſo Petrarca he cheyo deſtas bellas imagens; e por naõ copiarmos infinitos lugares ſeus, daremos ſó a ler hum, em que elle nobremente imagina o acto, em que lhe pareceo, que a ſua Laura entrava no Ceo:

Gli Angeli eletti, e l' Anime beate
Cittadine del Cielo, il primo giorno
Che Madonna paſſò, le furo intorno,
Piene di meraviglia, e di pietate.
Che luce è queſta? e qual nuova beltate?
(Dicean tra lor) perch' abito ſi adorno
Dal Mondo errante a queſt' alto ſoggiorno
Non ſalì mai in tutta queſta etate &c.

Porém

Porém entre todos os Poetas modernos entendo, segundo o meu juizo, que naõ houve algum taõ maravilhoso nas suas imagens, como o Padre Thomaz Ceva no seu Poema Latino, intitulado *Puer Jesus*. Descreve elle hum conductor de camellos, que tornando de Nazareth, o cercaõ os póvos, e todos lhe pedem, que lhe dem novas de Maria, refugiada no Egypto. Narra este homem muitas cousas; mas apenas acaba de fallar, logo entraõ os outros de novo a fazerlhe mais perguntas. Esta pintura certamente naõ póde ser mais viva; porém, eu por fugir á prolixidade, só apontarey huma naturalissima circunstancia, com que o Poeta dá mais alma á sua obra:

Nunc sequar (hospes ait) siccis permittite labris,
(Nam crudis cæpis vox aspera faucibus hæsit)
Tantisper liquido verba irrorare lyæo.
Sic ait, appositoque mero, ut gens prisca solebat,
Implevit pateram, manibusque utrinque prehensam
(Quod felix, socii, faustumque sit omnibus) hausit,
Bisque interrupit sinceris laudibus haustum,
Inversáque manu barbam, atque ora hispida tersit.

Veja-se como este excellente Poeta tendo fixos os olhos da fantasia para o costume, e caracter de hum homem rustico, o exprimio todo com palavras admiravelmente significantes. Aquelle pedir vinho para (como nós ainda vulgarmente dizemos) molhar a palavra; por ter a voz aspera, e seca pelas cebollas cruas, que comera: aquelle pegar na taça com ambas as mãos, beber á saude de todos, e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho, e com louvores *sinceros*: aquelle enxugar a barba com as costas da maõ, saõ tudo humas bellissimas, e vivissimas imagens, que pintaõ, e fazem ver as cousas com evidencia. Naõ posso pro-

proſeguir aos exemplos de outros Poetas, ſem trazer outro deſte admiravel Pintor dos coſtumes, e da natureza. Veja-ſe como elle narra, que eſtando huns meninos brincando, veyo Maria, e interrompeo-lhes o brinco, dizendo-lhes, que lhe levaſſem hum recado, para o que a cada hum deu ſua fruta. Arrebata certamente eſta imagem a quem tem bom goſto poetico, pelas admiraveis cores, com que pinta o caracter, ou coſtume, e acçaõ de taes peſſoas;

. . . . . . Summo ſpeculati in vertice nidum
Luſciniæ, jactis glebis, ſaxisque per auras
Dejicere inſtabant.
. . . .
Hùc, ait. Et poſitis ſaxis accedere coram
Improbulos, cœnoque manus abſtergere juſſit;
Eduxitque ſinu tria perſica, & oſcula ritè
Ferre prius manibus docuit; primumque Menaſſi;
Tum Jonathæ, Phineique dedit. Dein jam fugientes,
Acceptis donis, cupidosque oſtendere, rurſum
Ad ſeſe revocat, prohibens ea lædere morſu,
Ferre intacta jubet. Veſtris & matribus, inquit,
Si vos forte rogent, Maria hæc Jeſſeia nobis,
Dicite, dona dedit, gravibus jam libera curis
Huc reditura brevi. Memores hoc deinde tenetè:
Dicite, Juditham mihi ſervent, quam meus Infans
Vult caſtis thalamis jam nunc ſibi nubere Jeſus.
Audiſtis? Juditha meo deſponſa Puello eſt:
Hic meus, hanc, inquam, ſibi nuptam deſtinat Infans.
Sic inſtat, nomenque iterum, & mandata repoſcit,
Ut memores ſervent, recitentque fideliter omne;
Et blæſas voces, ſemeſaque dicta reformat.
Tantaque ſimplicitas erat, ut jam ferre docentem
Præcupidi haud poſſent. Ite ocyus, ite, Puelli.

Ocy-

Ocyus exiguos per culta virentia gressus
Accelerant læti; procul & clamoribus altis
Dona manu ostentant: Maria hæc pulcherrima donat.

Observe o leitor este verdadeiro costume, ou caracter pueril; admire estas propriissimas imagens: aquelle depor das pedras, e fazer com que estes meninos limpassem as mãos sujas da terra; aquelle ensinarlhes a beijar a maõ primeiro, que recebessem a fruta; aquelle querer elles fugir logo, para mostrarem o que lhe deraõ, e serem chamados a voltar a traz; aquelle repetirlhes tres vezes, e inculcarlhes a mesma cousa, para que se lhe imprimisse bem na sua fraca memoria; aquelle fazerlhes repetir o que se lhes tinha dito, e ajudallos a pronunciar bem as palavras; aquella impaciencia delles; depois a pressa, com que foraõ para casa, começando de longe a levantar as mãos, para mostrar a fruta, que lhe deraõ &c. Toda esta viva pintura he filha de huma vivissima fantasia poetica, a qual, depois de ter bem concebido com miudeza as partes, e as verdades mais vivas do costume pueril, felizmente o colorío depois com palavras proporcionadas. Estas mesmas virtudes acharemos em muitas partes do Poema, e Rithmas do grande Camoens, insigne Pintor de imagens fantasticas; mas por fugirmos á extensaõ de demasiados exemplos, que a muitos pareceraõ prolixos, daremos hum só, que pertence, como o de cima, á *particularidade*, ou expressaõ individual de qualquer objecto, reduzido do universal ao particular. Abramos o Canto 6. da Lusiada, e admiraremos a Estancia 16. e as seguintes:

Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rey, e da Salacia veneranda,

Era

Era mancebo negro, forte, e feyo
Trombeta de seu pay, e seu correyo.
Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eraõ
Huns limos prenhes de agoa, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceraõ:
Ñas pontas pendurados naõ fallecem
Os negros mixilhoens, que alli se geraõ:
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma muy grande casca de lagosta.
O corpo nu, e os membros genitaes
Por naõ ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animaes
Do mar, todos cubertos cento, e cento:
Camaroens, e cranguejos, e outros mais,
Que recebem de Phebo crescimento;
Ostras, e bribigoens de musco sujos,
A's costas com a casca os caramujos &c.

A quem naõ parecerá com esta vivissima descripçaõ, e imagem poetica, que está vendo com os seus proprios olhos a este monstro dos Poetas? Quanto melhor he esta hipotiposi feita em estylo Asiatico, do que a que nos deixou Virgilio do mesmo monstro, retratando-o com idea Attica na popa de huma náo, dizendo na Eneada l. 10.

Hunc vehit immanis Triton, & cærula conchâ
Exterrens freta, cui laterum tenus hispida nanti
Frons hominem præfert, in pristin desinit alvus.

Ignacio Garcez Ferreira nas Notas, que fez a este Poema, judiciosamente diz destas Estancias: *Entra o Poeta a fazer huma admiravel hipotiposi do Tritaõ, em que se observa huma singular fecundidade de imagens poeticas, todas propriissimas, e (a meu ver)*

todas originaes do seu raro engenho. Naõ nos esqueceremos igualmente de huma vivissima imagem, que lemos em Pedro Jacome Martelli na sua *Arte d' amar a Dio*, na qual pinta vivissimamente hum raro costume, mas natural, de hum Pastor cego. Pergunta a este Nicoláo Pepoli, porque está taõ triste em hum Paiz taõ delicioso; responde-lhe o cego entre outras cousas:

Se vuoi saper, con che ragione io piango,
Vè in alto là; quella è la mia Capanna:
Quì accenava il buon Cieco, alzando il dito,
Ed accenò tutto contrario al sito.

Temos dito o que basta, para perceber por meyo de exemplos em que consiste a força das imagens simplices, e naturaes da fantasia; resta por ora só advertirmos, que na classe destas imagens se naõ comprehendem (como erradamente quizeraõ alguns pouco versados nesta materia) as *amplificaçoens*; isto he, o extender com muitas palavras huma verdade, que de si he breve, descrevendo os antecedentes, os consequentes, os concomitantes, as causas, os effeitos, os relativos, e outros semelhantes modos, com que melhor se vem os objectos, segundo ensinaõ os Mestres da eloquencia. Se o Poeta der em amplificar as cousas, nem por isso poderá justamente dizer, que as pintou, antes muitas vezes causará tédio aos leitores; porque a amplificaçaõ naõ he propriamente aquella viva pintura, e evidencia, que se fórma pela fantasia poetica. Porém sobre este particular fallaremos largamente pelo discurso deste Livro, e o provaremos com evidentes exemplos de alguns Authores, que usaraõ de amplificaçoens pouco nobres, engenhosas, e agradaveis.

CAPITULO XVII.

Das imagens fantasticas artificiaes; sua excellencia; imagens verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos; outras verdadeiras, ou verosimeis por causa do affecto; como se fórma o engano da fantasia &c.

ENtramos agora a fallar das imagens *fantasticas artificiaes*, que saõ as que mais propriamente, do que as *simplices*, e *naturaes*, reconhecem a fantasia por sua mãy. Tem esta outra maneira, e outro artificio, para pintar bem as cousas, e augmentar á materia a novidade, e belleza. Consiste pois este artificio em explicar as cousas com translaçoens, expressoens, e imagens, que sim saõ falsas a quem observa o sentido directo, mas com toda a sua falsidade saõ taõ vivas, que imprimem mais fortemente na fantasia, e entendimento alheyo alguma verdade, o que se naõ conseguiria com palavras proprias, e com imagens simplices, e directamente verdadeiras. Se dissermos v. g. *Que o mar está em tempestade; que hum Heroe sempre he victorioso; que a belleza do semblante em toda a parte attrahe os coraçoens &c.* naõ poderemos com estas expressoens causar aquelle deleite, e novidade, que causariamos, dizendo: *Que o mar irado faz guerra ás prayas; que sempre a victoria fielmente segue todos os passos daquelle Heroe; que o formoso semblante he hum poderoso imàn, que attrahe os coraçoens em toda a parte.* He certo, que semelhantes expressoens admiravelmente explicaõ, e representaõ com viveza huma verdade, ainda que directamente sejaõ falsas ao

entendimento; pois naõ he verdadeiro, que a belleza seja imàn, que o mar tenha colera &c. mas dizemo-lo deste modo, para poder imprimir com deleite estas mesmas cousas na fantasia alheya; o que naõ conseguiriamos, se usassemos de palavras proprias, e de expressoens, que logo parecessem verdadeiras. Saõ por tanto summamente estimaveis estas imagens, e tanto mais o seraõ na Poesia, quanto mais forem vivas, maravilhosas, novas, insperadas, nobres, e delicadas; isto he, quanto mais fortemente fizerem conceber a qualidade dos affectos, e das cousas, que quizermos representar. Para darmos logo ao principio hum exemplo destas imagens, recorramos ao insigne Mestre o Padre Ceva no l. 2. do seu aureo Poema do *Puer Jesus*:

Nox erat. In nidis volucres, in frondibus auræ,
Ipsa etiam ripis stagna acclinata quierant;
Et dormire putes, pictasque in gurgite stellas
Esse quiescentis nitidissima somnia lymphæ.
Cum levis in nimbo delapsa volucribus alis
Lætitia in terras stellato ex æthere venit:
Cui comes ille ciens animos, & pectora versans
Spiritus à capreis montanis nomen adeptus,
Ignotum Latio nomen; pictoribus ille
Interdum assistens operi, nec segnius instans
Vatibus ante alios, Musis gratissimus hospes &c.

Veja-se quanto saõ delicadas estas imagens artificiaes da fantasia poetica, e com quanta novidade, e deleite pinta o Poeta na nossa algumas verdades. Observe-se aquelle parecer ao Poeta, que durmaõ as agoas das alagoas; que as estrellas apparentes por causa do reflexo nas mesmas alagoas sejaõ resplandecentes somnos da agoa adormecida; cujo conceito tambem foy do suavissimo Maggi, dizendo: *L'onda*

L'onda dorme, e ſcintillante
Con riverbero di ſtelle,
Par che ſogni luci belle,
Fantaſie di Cielo amante.

Parece tambem ao Poeta, que a alegria, como couſa animada, deſça do Ceo á Terra, e que traga comſigo o *capricho*, eſpirito amiciſſimo dos Poetas, e dos Pintores. Outra imagem deſtas igualmente admiravel achamos em Gabriel Pereira de Caſtro na ſua Ulyſſea C. 3. Eſtanc. 2. Concebeo elle na ſua fantaſia, que hia hum rio lentamente correndo pela planicie de hum ſitio delicioſo de plantas, flores &c. Pareceo-lhe, que era verdadeiro, ou veroſimil, que á viſta de tanta delicia ficaſſe o rio namorado do lugar, e que por eſta cauſa, ou naõ quer partir dalli, ou naõ ſabe o caminho para o ſeu curſo, e diz aſſim eſte Poeta:

Corre por entre os boſques divertido,
Com curſo taõ quieto, e ſocegado,
Que nas ondas ſe moſtra arrependido,
De levar agoa doce ao mar ſalgado:
Deixava o arvoredo ao Ceo ſubido,
Dentro no eſpelho d'agoa ſeu traslado;
E em ſuaviſſima ſombra lhe pagava
O ſer, e a vida, que a ſeus troncos dava.

Eſtas imagens fantaſticas humas vezes conſiſtem em huma ſó palavra, como v. g. as metaforas &c. outras em hum ſentido, e periodo, como os hyperboles, as allegorias &c. e outras vezes em parabolas, e outras ſemelhantes imagens, de que ſe formaõ compoſiçoens inteiras. Imagem fantaſtica artificial he a metafora, com que o meſmo Gabriel Pereira deſcreveo no ſeu Poema a amenidade de hum prado, dizendo:

Moſtra-

Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria,
De mais finas, e mais suaves cores,
Que estarse rindo o prado parecia.

Com igual conceito, e imagem descreveo huma manhã Luiz Allamani, celebre Poeta Italiano:

E i dèpinti augelletti a lei d'intorno
Salutavan cantando il nuovo giorno.

Com a mesma imagem ideou por boca de Camoens Vasco da Gama a ElRey de Melinde a grande estatura do gigante Adamastor, dizendo:

Taõ grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo.

Porém naõ he este o lugar muy proprio para estes exemplos, sem primeiro expormos as imagens, que naturalmente parecem verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos. Saõ estas aquellas, que o sentido naturalmente introduz na fantasia como verdadeiras, ainda que o entendimento facilmente as descubra logo por falsas. Quem v. g. no fim da tarde está no alto mar, e naõ vê mais que Ceo, e agoa, quando o Sol se poem, parece-lhe, que entra no mar; o que certamente jurariaõ os olhos. Esta imagem, que de si naõ he verdadeira, mas só o parece á fantasia por causa do sentido, he admiravel para o Poeta, usando della para causar gosto, e maravilha; porque parece cousa estranha, e maravilhosa o ver, que este ardente Planeta sem detrimento seu se recolha nas agoas, e que na manhã seguinte se levante dellas mais resplandecente: por isso os Poetas para exprimir o occaso do Sol, disseraõ com liberdade: *Que se mete no mar; que vay a dormir nas agoas;*

agoas; e que se lava nas ondas &c. Do mesmo modo disseraõ, que as figuras de huma pintura bem feita *fallaõ, e saõ animadas*, porque assim parece aos olhos; por isso Tasso descreveo em dous bellissimos versos as figuras de relevo, que estavaõ no palacio de Armida, dizendo:

Manca il parlar, di vivo altro non chiedi;
Ne manca questo ancor, se a gli occhi credi.

Sendo pois certo, que os nossos olhos verdadeiramente vem taõ estranhas cousas, naõ podemos dizer, que o engano provêm delles, mas sim do entendimento, quando este queira cegamente crer o que lhe propoem os sentidos; por isso dizemos, que taes imagens saõ verdadeiras á fantasia, ainda que directamente o naõ sejaõ ao entendimento. Assim saõ estas, que agora propozemos com o exemplo do occaso do Sol, ao qual podemos ajuntar o de nos parecer tambem, *que as Estrellas cahem do Ceo em huma noite serena de veraõ; que diversas cores andaõ como ondeando no pescoço das pombas; e que as prayas, e terras fogem, quando os navegantes se partem dellas &c.* como fantasiou Virgilio, dizendo no 3. l. da Eneada:

Provehimur portu, terræque, urbesque recedunt.

Este estranho effeito, ainda que falsissimo, parece com tudo verdadeiro aos olhos dos navegantes; e o confirmou Lucrecio com estes versos do livro 4.

Quâ vehimur, navis fertur, quum stare videtur;
Quæ manet in statione, ea præter creditur ire;
Et fugere ad puppim colles, campique videntur.

Ha outras imagens fantasticas, as quaes por causa dos effeitos saõ directamente verdadeiras, ou verosimeis á fantasia; e destas he que na verdade deve estar muy rico o thesouro poetico: por isso será util, que digamos qual

qual he a ſua natureza, e em que conſiſte a ſua belleza. Formaõ-ſe ſemelhantes imagens pela fantaſia, quando ella por algum affecto movida une duas diverſas imagens ſimplices, e naturaes, e da-lhes hum ſer differente de quanto lhe repreſenta o ſentido. Deſte modo ordinariamente dá a fantaſia em imaginar, que ſaõ animadas as couſas, que naõ tem alma. Saõ infinitos os exemplos para prova do que dizemos. Diz Virgilio na primeira Ecloga, que as fontes, e as arvores chamavaõ por Titiro, que ſe tinha auſentado dos ſeus campos:

. . . - . . . . . Ipſæ te, Tityre, pinus,
Ipſi te fontes, ipſa hæc arbuſta vocabant.

E na Ecloga 10. diz que as arvores, e as pedras choraraõ, ouvindo o pranto, e o lamento de Gallo:

Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ;
Pinifer illum etiam ſolâ ſub rupe canentem
Menacus, & gelidi fleverunt antra lycæi.

Igualmente na Ecloga 5. imitando, como na 10. a Theocrito, finge que os leoens, os campos, e os boſques choraraõ a morte de Daphne:

Daphni, tuum Pænos etiam ingemuiſſe leones
Interitum, montesque feri, ſylvæque loquuntur.

Hum dos Poetas mais admiraveis, e felices neſtas imagens foy o celebre Petrarca. Deſcreve elle a ſua Laura paſſeando pelo campo, e diz aſſim:

L' erbetta verde, e i fior di color mille
Sparſi ſotto quell' elce antica, e negra,
Pregan pur, che 'l bel piè li prema, o tocchi.

Muy ſemelhante a eſta imagem he outra do meſmo Poeta poſta no Soneto 12. da 2. p. onde diz:

L' acque parlan d' amore, e l' ora, e i rami
E gli augelletti, e i peſci, e i fiori, e l' erba,
Tutti inſieme pregando, ch' io ſempre amai.

Cer-

Certamente todas eſtas imagens naõ podiaõ vir á fantaſia por meyo dos olhos, ou dos ouvidos; porque naõ ſe vê, nem ſe ouve, que as fontes, as arvores, os campos, e as féras chorem, nem que as flores, as aves, e os peixes roguem a alguem alguma couſa, como fazem os homens. Por iſſo a fantaſia agitada do affecto, e movendo as imagens ſimplices, ajunta v. g. a de huma flor com as acçoens, que ſe coſtumaõ ver nos homens; e com eſte artificio dá alma a humas imagens taõ bellas, como ſaõ eſtas. Eiſaqui como as paixoens v. g. da ira, do temor, dos zelos, da eſperança, e da gloria recebem na fantaſia de hum Poeta alma, corpo, e tambem movimento. Porém de todos os affectos, e paixoens nenhuma he taõ querida, e frequente nos Poetas, como a do amor, ou ſeja por uſo, e abuſo, ou talvez porque he á paixaõ mais agradavel, e confórme á noſſa natureza. Continuemos a recrear o leitor com exemplos deſtas imagens, e ſirva-nos de prova a paixaõ amoroſa. Ouçamos o que em huma das ſuas Eclogas diſſe o Principe de Eſquilache:

Que puedo hazer, Paſtores?
Aconſejadme fuentes, ſelvas, prados;
He de morir de amores?
Mas que podeis decir, ſi enamorados,
Quando Filida os piſa,
Verteis las flores, y doblais la riſa?

Ouçamos igualmente a Camoens aquella viviſſima, e ſummamente expreſſiva imagem do Canto 9. Eſt. 31. tratando da fragoa do amor:

Nas fragoas immortaes, onde forjavaõ
Para as ſettas as pontas penetrantes,
Por lenha coraçoens ardendo eſtavaõ,
Vivas entranhas inda palpitantes:

As agoas, onde os ferros temperavaõ
Lagrimas ſaõ de miſeros amantes:
A viva chamma, o nunca morto lume,
Deſejo he ſó que queima, e naõ conſume.

Veja-ſe como por cauſa do affecto he artificioſa eſta imagem fantaſtica, veſtida de huma taõ bella galla de novas, e originaes cores poeticas. Taes ſaõ (como diz Garcez Ferreira) as da exquiſita parabola de *coraçoens por lenha*, e do *deſejo por lume.* Até na dicçaõ he admiravel eſta Eſtancia, para em tudo ſer optima; pois os verſos naõ pódem ſer mais numeroſos, nem os periodos mais bem compaſſados. He, como dizem os Pintores, huma pincellada de meſtre, ſe bem que naõ em tudo original; porque tambem figurou a meſma imagem Scipiaõ Herrico na ſua Babylonia Diſtrutta C. 5. p. 30. e Mario de Leo nas Oitavas do Amor preſo. Paſſemos do Canto 9. ao 3. Eſt. 135. do meſmo Camoens, onde naõ ſe contentando ſó de uſar deſta caſta de imagens, adiantou tambem a imitaçaõ dos antigos Poetas; pois naõ ſó introduzio as Nynfas do Mondego a chorar a morte de Dona Ignez de Caſtro, mas até quiz imitar as metamorphoſes dos meſmos Gentios, inventando com feliz fantaſia huma transformaçaõ das lagrimas daquellas Nynfas em fontes:

As filhas do Mondego a morte eſcura,
Longo tempo chorando, memoraraõ;
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli paſſaraõ:
Vede, que freſca fonte rega as flores,
Que lagrimas ſaõ agoa, e o nome amores.

Eſta

Esta Estancia he huma das mais sublimes da Lusiada pela estranha imagem fantastica, de que usou o Poeta por causa da paixaõ, fingindo a bellissima, e propriissima metamorphose em allusaõ á *fonte dos amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em huma quinta, que fora jardim do palacio, em que vivera esta infeliz Princeza. Naõ se contentou de dizer aqui o Poeta, como já tinha dito tambem patheticamente no mesmo Canto, Est.84. fallando da morte de ElRey D. Affonso I. com huma imagem das que tratamos, e de que já apontámos alguns exemplos:

Os altos Promontorios o choraraõ,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagaraõ,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaraõ
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamaráõ
Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.

Em hum amante sempre a fantasia está cheya destas imagens, que provêm do objecto amado. O affecto violento lhe faz v. g. conceber como rara, e invejada fortuna o estar perto da cousa, que ama. Daqui vem imaginar verdadeira, e naturalmente a fantasia, que todas as outras cousas, como hervas, flores, (segundo os exemplos, que trouxemos) desejem, e suspirem por esta mesma felicidade. Naõ se póde com razaõ duvidar, que esta imagem naõ pareça á fantasia verdadeira, ou ao menos verosimil: e por isso tem o Poeta sufficiente fundamento para a abraçar, e usar della na Poesia; a qual especialmente requer a pompa de humas proposiçoens maravilhosas, e novas; como no nosso caso he ver fazer acçoens proprias de cousas

animadas ás que naõ tem alma. He isto hum engano da fantasia namorada ; mas o Poeta o representa a outrem do modo que lhe nasceo na sua imaginaçaõ, para lhe fazer comprehender vivamente a violencia do affecto, e paixaõ interna.

Que verdadeiramente haja este engano, e se forme na fantasia huma tal imagem, os mesmos Poetas o confessaõ algumas vezes, affirmando, que lhes passa pela fantasia aquella imagem, mas naõ accrescentando, que a crêm. Gabriel Pereira na sua Ulyssea C. 7. disse:

Mostrava a terra verde as bellas flores,
Vestidas com tal graça, e alegria;
De mais finas, e mais suaves cores,
Que estarse rindo o prado parecia.

Eisaqui como o Poeta descreve, segundo lhe passava pela fantasia, esta imagem, que já copiámos, se bem que para outro fim. Diz elle, que lhe *parecia*, que o prado se estava rindo: como se dissera: á minha fantasia parecia isto assim; mas naõ digo, que seja verdade. Igualmente Petrarca no Soneto 132. part. 1. vendo passar a sua Laura por hum prado, diz, que á sua fantasia lhe parecia, que dos pés desta dama sahia huma virtude tal, que dava vida ás flores:

Come il candido piè per l' erba fresca
I dolci passi onestamente move;
Virtù, che intorno i fiori apra, e rinove,
Dalle tenere sue piante par ch' esca.

Taõ naturaes saõ estas imagens, que ainda os mesmos Oradores usaõ dellas, quando achaõ lugar proprio, se bem que a sua obrigaçaõ he de usar de estylo modesto. Veja-se como huma destas vivas imagens passava pela fantasia de Cicero, quando em publico agradecia a Julio Cesar a graça de ter chamado do dester-

ro

ro a Marco Marcello : *Parietes* (diz elle) *medius fidius* , *C. Cesar* , *ut mihi videtur* , *hujus Curiæ tibi gratias agere gestiunt* , *quod brevi tempore futura sit illa authoritas in his maiorum suorum* , *& suis sedibus*. Que as paredes do Senado Romano dessem os agradecimentos a Cesar , por querer em breve tempo restituir á Republica a sua antiga dignidade , he certo , que he huma imagem directamente falsa ; mas como verdadeira a concebeo a fantasia de Cicero , fazendo , com que os ouvintes percebessem a grandeza do gosto , que haveria em todos pela acçaõ generosa de Cesar. Naõ quiz porém usar livremente desta imagem , sem pôr aquella limitaçaõ *ut mihi videtur* , para mostrar , que era opiniaõ , e imagem da sua fantasia, e que como tal he que se animava a usar della. Esta liberdade, que com moderaçaõ póde alguma vez entrar na Oratoria , naõ tem lugar algum na Historia , cuja modesta magestade naõ soffre algum ornato , senaõ o da pura verdade ; por isso me parece fóra de proposito huma imagem, de que usa Solis na sua Historia de Mexico l. 1. cap. 8. dizendo : *Llegaron à un promontorio , ò punta de tierra introducida en la jurisdiccion de el mar , que al parecer se enfurecia con ella sobre cobrar lo usurpado , y estaba en continua inquietud , porfiando con la resistencia de los peñascos*.

Esta liberdade, que naõ logra õ os Historiadores, e tem com muita sobriedade os Oradores , só nos Poetas tem toda a sua jurisdicçaõ ; porque pódem livremente expor quantas bellezas vem á sua fantasia ; nem estaõ obrigados á limitaçaõ , dizendo-nos , que *lhes parece* ; porque deixaõ isso aos leitores. Por isso Horacio naõ disse , que parecera á sua fantasia ver a Baccho

cho pelas montanhas enſinando verſos ás Nynfas; mas para logo diſſe, que o vira. Igualmente Virgilio deſcrevendo a navegação de Eneas com ſeus companheiros pelo Tibre, diſſe reſolutamente, que as ondas daquelle rio, e os boſques ſe admiravaõ de ver aquella gente armada, e aquellas náos pintadas:

. . . . Mirantur & undæ,
Miratur nemus inſuetum fulgentia longe
Scuta virûm fluvio, pictaſque innare carinas.

Com o exemplo de Virgilio diſſe Ovidio, que as agoas ſe admiraraõ, quando no mar appareceo a primeira náo:

Prima males docuit, mirantibus æquoris undas,
Peliaco pinus vertice cæſa vias.

E Eſtacio fallando do rio Iſmeno no l. 9. da Thebaida, diz:

. . . . Stupet hoſpita belli
Unda viros, clarâque armorum incenditur umbrâ.

Tambem naõ ſey, que Author diſcorrendo da alegria do Tejo por paſſar por elle huma grande Perſonagem, diſſe reſolutamente como Horacio, quando vio a Baccho:

Vidi ego, Neptunus vidit, nutuque probavit,
In mare jam verti; quod modò flumen erat.

Finalmente daremos fim a eſte Capitulo, moſtrando hum admiravel exemplo de Camoens no Cant. 10. Eſt. 12. da ſua Luſiada; onde dando alma ás couſas inanimadas, uſa de huma imagem artificioſamente fantaſtica, ſem dizer que a ſua fantaſia ſe engana no que diz; mas affirmando reſolutamente, que a náo, e o mar ſentiriaõ o pezo de Duarte Pacheco, e que por eſta cauſa gemeriaõ tambem os troncos dentro da agoa &c.

E canta

E canta como lá se embarcaria
Em Bellem o remedio deste damno,
(Sem saber o que em si o mar trazia)
O graõ Pacheco, Aquilles Lusitano.
O pezo sentiráõ, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Veja-se quanto mais melhorada está a imagem, do que a de Virgilio, quando disse no l. 6,

. . . . *Simul accipit alveo*
Ingentem Æneam, gemuit sub pondere cymba,
Sutilis, & multam accipit rimosa paludem.

Mas entre estes bellos enganos da fantasia naõ ha talvez algum, que seja mais conhecido, e usado dos Poetas, como aquelle, que faz animado ao amor. Considerava a fantasia dos antiquissimos Poetas gentios quanta fosse a virtude, e força do amor, e pareceo-lhe, que elle tinha hum naõ sey que de divino; e cresceo tanto este idolo fantastico, que imaginaraõ ser verdadeiramente hum Deos. Este erro, que tiveraõ os Poetas antigos, e ainda os mesmos Filosofos, naõ tem o entendimento dos Christãos, os quaes bem sabem pelas luzes da nossa verdadeira Religiaõ, que o amor naõ he divindade, como se fingio, mas sim unicamente huma paixaõ do nosso animo. Com tudo quando os nossos Poetas trataõ de algum sujeito namorado, ou elles tambem o estaõ, parece-lhes na sua fantasia, que estaõ vendo o amor como pessoa animada, e que fallaõ com elle, attribuindo-lhe todas as acçoens, naõ só de pessoa animada, mas ainda dotada de hum poder divino. Destas determinadas imagens, com que a fantasia se deixa enganar, foy fecundissimo o engenho de Camoens.

Lea-

Leaõ-ſe as ſuas Rithmas, que ſe encontraráõ para exemplos muitos Sonetos. Admiravel he o 20. da 1. part. dizendo:

N'um boſque, que das Ninfas ſe habitava,
Sibella, linda Ninfa, andava hum dia,
E ſubida em huma arvore ſombria,
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli ſempre coſtumava
A vir paſſar a ſeſta á ſombra fria,
Em hum ramo arco, e ſettas, que trazia,
Antes, que dormeceſſe, pendurava.
A Ninfa, como idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, naõ dilata;
Mas co' as armas foge ao moço eſquivo:
As ſettas traz nos olhos, com que atira;
Oh Paſtores fugi; que a todos mata,
Senaõ a mim, que de matarme vivo.

Igualmente no Soneto 8. da 1. part. pareceo á fantaſia poetica do noſſo Poeta, que vira ao amor, que lhe moſtrava vivas faiſcas &c. diz aſſim:

Amor, què o geſto humano n'alma eſcreve,
Vivas faiſcas me moſtrou hum dia,
Donde hum puro criſtal ſe derretia,
Por entre vivas roſas, e alva neve &c.

Seria hum nunca acabar, ſe quizeſſemos buſcar neſte Poeta ſemelhantes imagens, para authoriſar o que dizemos. Paſſe o leitor pelos olhos as ſuas Rithmas, e fará com que naõ ſejamos prolixos, vicio, em que cuidamos muito naõ cahir, para que ſe naõ diga, que queremos oſtentar erudiçaõ. Porém antes que acabemos eſte Capitulo, parece-nos juſto apontar alguns exemplos de Petrarca, que verdadeiramente foy o mais delicado Pintor deſtas imagens. Pareceo á fantaſia deſ-

te

tePoeta, que o amor, iſto he, aquella imaginada divindade para ſe vingar hum dia de tantas offenſas, que elle lhe fizera, occultamente o ferira com huma ſetta, e diz aſſim:

Per far' una leggiadra ſua vendetta,
E punir' in un dì ben mille offeſe,
Celatamente Amor l' arco ripreſe,
com' uom, che a nuocer luogo, e tempo aſpetta &c.

No Soneto 28. part. 1. claramente diz, que diante da ſua fantaſia tinha a imagem animada do Amor: e depois de ter dito, que andava cuidadoſamente pelos lugares ſolitarios, para que ninguem ſoubeſſe, que elle tinha taõ violenta paixaõ amoroſa, accreſcenta eſtes tres verſos, que na Pintura poetica merecem particular eſtimaçaõ:

Ma pur ſì aſpre vie, nè ſì ſelvagge
Cercar non ſo, che amor non venga ſempre
Ragionando con meco; ed io con lui.

O que tornou a repetir no Soneto 25. da 2. part. dizendo com eſta belliſſima imagem, que entre as dos Poetas bons he como hum quadro de Rafael:

Amor, che meco, al buon tempo ti ſtavi
Fra queſte rive a' penſier noſtri amiche,
E per ſaldar le ragion noſtre antiche,
Meco, e col fiume ragionando andavi.

Eiſaqui como os bons meſtres concebendo com arte os affectos, e paixoens proprias do ſeu aſſumpto, voaõ com a fantaſia á mais alta regiaõ ſem o riſco de cahir; porque ſempre levaõ por guia o juizo, a arte, e a prudencia. Pelo contrario os máos Poetas entregando-ſe totalmente ao arbitrio da ſua deſordenada imaginaçaõ, e correndo á redea ſolta, porque naõ buſcaõ a guia da Arte, facilmente cahem naquelles pre-

N cipicios,

cipicios, que já he tempo advertir, e os moſtraremos no Capitulo, que ſe ſegue.

CAPITULO XVIII.

Da proporçaõ, relaçaõ, e ſemelhança, com que o juizo regula as imagens da fantaſia.

SE as imagens fantaſticas bem pintadas daõ alma á Poeſia, as que ſaõ formadas ſem juizo, e ſem arte lhe tiraõ toda a viveza, e os bons intelligentes as reputaõ por cadaveres. Na proporçaõ, na ordem, e na unidade he que conſiſte a belleza poetica; de ſórte, que as couſas, que directamente ſe lhe oppoem ſaõ a deſordem, a impropriedade, a deſproporçaõ, e a deſuniaõ. He ſentença de Horacio na ſua Poetica, dizendo, que todos ſe ririaõ, ſe hum Pintor fizeſſe hum painel, no qual pintaſſe huma cabeça de mulher com peſcoço de cavallo, e remataſſe eſta figura com huma cauda de peixe:

Humano capiti cervicem Pictor equinam
Jungere ſi velit, & varias inducere formas,
Undique collatis membris, ut turpiter atrum
Deſinat in piſcem mulier formoſa ſupernè,
Spectatum admiſſi riſum teneatis amici?
Credite, Piſones, iſti tabulæ fore librum
Perſimilem, cujus, velut ægri ſomnia vanæ
Fingentur ſpecies, ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ.

Naõ ſeria eſta figura mais ridicula, e disforme, que a de huma imagem da fantaſia eſtragada, ſem connexaõ, ſem juizo, e (como ſe coſtuma dizer) ſem pés, nem cabe-

cabeça. He a fantaſia poetica como hum cavallo muy fogoſo, o qual para naõ ſer deſenfreado, he preciſo, que ſe ſujeite ás regras da Arte. A meſma deſordem, que ha, faltando eſta ao bruto, ſe experimenta na fantaſia, quando as ſuas imagens, por naõ ſerem dirigidas pelo entendimento, naõ tem a ſua devida proporçaõ, e fundamento, para naõ ſerem tidas por exceſſivas, por atrevidas, ou por improprias. Eſtas circunſtancias faltaõ certamente em muitas obras de Poetas, que tem conſeguido grande nome; porque floreceraõ em ſeculo, em que reinava hum goſto eſtragado, naõ ſó em Portugal, e Heſpanha, mas ainda por Italia, e França. Para moſtrar, que naõ havendo proporçaõ nas imagens fantaſticas da Poeſia, neceſſariamente haõ de ſer eſtas monſtruoſas, uſaremos de huma juſta critica, apontando alguns exemplos, entre infinitos, que ſe poderiaõ tranſcrever. Principiemos por hum delirio de Luiz Peres de Montalvaõ na ſua Comedia do *Marechal de Biron* Diz elle aſſim, deſcrevendo o merecimento de hum Principe:

Aquel, de cuyo coraçon valiente
El Sol es Coroniſta ſolamente,
Porque a ſus hechos ſolos
Aun eſtrechos le vienem ambos polos.
Y aſſi el Ciel, que ſabe,
Que en ſolo ſu papel ſu nombre cabe,
Deve ya detener ſin duda alguna
Deſcombrada la esfera de la Luna,
Para que en ſu diſtancia
Vaya eſcriviendo ſus Anales Francia.

Ainda que eſta imagem per ſi meſma foſſe bem formada, com tudo naõ devia (como diremos em ſeu lugar) entrar em huma Comedia (ou ſeja Tragedia)

 onde

onde a fantaſia de quem falla, imitando a natureza, e o coſtume, ſe regula ſeveramente pelo entendimento. Porém deixando á parte eſta obſervaçaõ, e conſiderando eſta imagem em ſi meſma, naõ podemos deixar de dizer, que ſeu Author a naõ formou, ſegundo a natureza das couſas, nem traz comſigo hum tal fundamento, que a poſſa fazer parecer veroſimil á fantaſia, e merecer por iſto a approvaçaõ do entendimento. Supponhamos muito embora, que o Ceo ſeja animado, e que conheça, como imaginou a fantaſia, o merecimento daquelle Principe; pede ſempre a razaõ, que ſe attribuaõ acçoens proprias, e veroſimeis a eſte Ceo animado. Ora naõ ſó he pouco veroſimil, mas totalmente couſa deſproporcionada a acçaõ, que o Poeta lhe attribue. O Ceo ſe tiveſſe alma, nunca entenderia, que ſómente nos ſeus immenſos eſpacios (que tanto quer ſignificar com a metafora pouco bem conſideda do *papel*) he que poderia caber o nome daquelle Heroe; e menos lhe viria já mais ao penſamento de fazer á Lua tal prejuizo, para que na ſua esfera ſe podeſſem eſcrever as acçoens deſte Principe. Fazendo-ſe eſta meſma conſideraçaõ ſobre huma imagem de Marino, póde ſer que naõ a approve o bom juizo critico, ou ſeja como naſcida do entendimento, ou da fantaſia. Falla elle da citara de Orpheo morto, e diz, que ſe vio hirem as abelhas chupar mel das cordas:

Dalle ſtemprate corde
Raccontaſi che furo
Sugger dolcezze Iblee vedute l' api.

Ainda que as abelhas tiveſſem alma racional (como póde imaginar a fantaſia de hum Poeta) e percebeſſem a virtude de Orpheo, e da ſua cithara, com tudo nunca ſeria veroſimil, e proprio da ſua natureza o chupar

par mel daquellas cordas, as quaes ſem duvida naõ tinhaõ a propriedade das flores, nem a natureza do poder dar mel; iſto he, fazer ridiculas, e neſcias ás que ſaõ taõ engenhoſas, e aſtutas, naõ tendo alma racional. Igualmente deveriamos reputar ridiculo o Ceo, quando ſendo animado obraſſe como pertende o talento, e boa idéa de Montalvaõ. Nem ſe me diga, que ſahindo da cithara de Orpheo em quanto vivo huma maravilhoſa doçura, ſe podia tambem dizer, que della ſahia mel, como já diſſeraõ Homero da lingua de Neſtor, e Ovidio da de Piſaõ, no verſo:

Inclita Neſtorei cedit tibi gratia mellis.

Por quanto demos de barato, que ſe poſſa dizer, que de huma cithara, ou da boca de hum homem ſahe mel (o que naõ diſſe Homero, mas ſó que da boca de Neſtor ſahiaõ palavras mais doces, que o mel) com tudo como o entendimento ſabe, que eſte mel he ſó imaginado pela fantaſia poetica, e naõ verdadeiro, naõ póde elle, ou naõ deve approvar a outra imagem fundada na primeira; porque nem ainda á imaginaçaõ he veroſimil, que as abelhas queiraõ chupar eſte mel ſonhado. Eſte modo de conceituar he o meſmo, que fazer huma fabrica ſem fundamento algum, que vem logo a baixo com qualquer impulſo do vento. Continuemos o noſſo aſſumpto. Naõ ſeria propoſiçaõ paradoxa, e muy rara, ſe ſe podeſſe provar, que nem por iſſo eſtá auſente huma peſſoa, ainda que eſteja muy diſtante? He certo, que ſim: pois Lope da Vega no Soneto 94. pertende provar eſte paradoxo, formando huma falſa illaçaõ do Sol verdadeiro á hum metaforico:

Si de mi vida con ſu luz reparte
Tu Sol los dias quando verte intente,
Que importa, que me acerque, ò que me aparte?

Don-

Donde quiera ſe ve ſu hermoſo oriente,
Pues ſi ſe ve deſde qualquiera parte,
Quien es mi Sol no puede eſtar auſente.

Veja-ſe quanto he fraco o fundamento deſte conceito, e a baſe deſta imagem; pois attribue o Poeta ao Sol metaforico de huma dama as meſmas qualidades, e attributos, que tem o verdadeiro. O meſmo Poeta em outro Soneto tirou huma concluſaõ tal como a paſſada, dizendo:

Dentro de el Sol ſin abraſarme anduve.

Como ſe naõ foſſe couſa muito facil, e natural, que naõ abraſaſſe hum Sol metaforico. Eſtes caſtellos armados no ar ſaõ fabricas, que agradaraõ a Calderon, dizendo tambem eſte conceito em huma Copla:

Ardo, y lloro ſin ſociego,
Llorando, y ardiendo tanto,
Que ni al fuego apaga el llanto,
Ni al llanto conſume el fuego.

Naõ advertio eſte grande Comico do ſeculo paſſado, que ſó o fogo real ſe apaga com a agoa, e naõ o que he imaginario, como o do amor. O meſmo paſſou por alto a Gongora, dizendo em hum Soneto a Santo Ignacio:

Ardiendo en aguas muertas llamas vivas.

Como ſe fora milagre (ſegundo diz judicioſamente Luzan) que ardaõ chammas vivas em hum lugar chamado *Aguas mortas*, e mayormente ſe foſſem eſtas chammas metaforicas do amor divino. Porém leamos deſte meſmo Poeta huma imagem bem disforme, que traz no ſeu Poliſemo, Eſt. 53. introduzindo a eſte gigante a fallar com Galatea, a quem diz, como em hum dia ſereno ſe vira nas aguas de huma praya:

Miré-

Mirême, y luzir vi un Sol en mi frente,
Quando en el Cielo un ojo ſe veîa,
Neutra el agua dudava, a qual ſe preſte,
Al Cielo humano, ò al Ciclope celeſte.

Naõ ha conceito mais falſo, nem imagem mais inveroſimil. Em que convem o Ceo com Polifemo, e Polifemo com o Ceo, para *o Ceo ſer hum celeſte Polifemo, e Polifemo hum humano Ceo?* Tirou o Poeta eſta illaçaõ, porque na linguagem das metaforas chama-ſe ao Sol *Olho do Ceo*, e ao olho *Sol da cara.* Eiſaqui como por falta dos fundamentos, que temos allegado, ſe eſtraga a fantaſia poetica; e neſte exemplo ſe vê quanto fica eſcura, e remota toda a translaçaõ, que naſceo de outra. Neſte meſmo vicio, e ſobre eſte meſmo ſujeito de Polifemo cahio Thomaz Stigliani no ſeu Poema paſtoral intitulado: *Polifemo*, quando diſſe no liv. 2.

Chi più bello del Ciel, da cui ſi ſuole;
Ogni bellezza dirivar frà noi?
E pur' hà un' occhio in faccia, io dico il Sole,
Con cui mira dá Mori a' liti Eoi;
Egli nel mar, io nel mio ſcoglio il celo,
Egli gran Polifemo, io picciol' Cielo.

Naõ conſiſte niſto a belleza poetica, ainda que a muitos pareça o contrario, por ſerem como os meninos, ou hum ſimples ruſtico, que eſtimaõ o lataõ como o ouro, e o cryſtal como o diamante. Como eſtes leitores naõ penetraõ o fundo das couſas, ficaõ na ſuperficie. A belleza poetica eſtá fundada na verdade, e compoem-ſe de perfeiçoens reaes, naõ de deſconcertos, ou illuſoens aerias. Nunca ao entendimento póde directa, ou indirectamente parecer verdadeiro o que he falſo, porque foy creado para conhecer a verdade,

dade, excepto se elle está depravado, pelo desconcerto dos orgãos. Semelhantes sofismas só em dous casos se pódem permittir. O primeiro he no estylo jocoso, no qual o fim como he promover o riso, muito bem se consegue com estes conceitos falsos no sentido metaforico, ou equivoco, segundo todos os Authores. Por isso devemos louvar semelhantes imagens no *Polifemo* de Jacintho Freire de Andrade por escrever esta fabula em tal estylo, e nas obras de outros Poetas, que escolheraõ o mesmo, como saõ as do famoso Cego Joseph de Sousa, que modernamente se imprimiraõ. O segundo caso he, quando o Poeta mostra, que está delirante, e frenetico por causa da paixaõ, que o violenta. Entaõ pede a natureza, que hum homem como louco naõ atine a discorrer formalmente, e a formar conceitos verdadeiros. He natural, que o que só he imaginaçaõ, o crea como realidade. Assim o observou o nosso Diogo Bernardes excellente Poeta Bucolico, quando disse na Ecloga 3:

A viva chamma, aquelle intenso ardor,
Que brando sinto já pelo costume;
De noite de si dá tal resplendor,
Que mil Pastores vem a buscar lume.

Finge o Poeta, que tem a imaginaçaõ estragada á violencia do seu amor; e por isso assenta, que do fogo, em que se abrasa o seu peito, sahe hum tal resplendor, que os Pastores pódem accender lume neste fogo metaforico. Imitou Bernardes neste conceito falso a Porcio Licinio Poeta antigo, o qual em hum elegante Epigramma, disse tambem:

Custodes ovium, teneræque propaginis agnûm,
Quæritis ignem? ite huc: quæritis? ignis homo est.

Si

Si digito attigero, incendam sylvam simul omnem,
Omne pecus flamma est, omnia quæ video.

Igualmente fingio este Poeta Latino, que por causa do amor estava frenetico, e o delirio lhe fez imaginar, que era verdadeiro fogo o que nascia da sua paixaõ amorosa; e por isso capaz de abrazar quanto tocasse com o dedo. Bastem estes poucos exemplos, entre innumeraveis, que se poderiaõ transcrever, para mostrar, que sem a *Relaçaõ*, *Proporçaõ*, e *Semelhança* naõ póde o entendimento regular as imagens da fantasia.

CAPITULO XIX.

Dos raptos, e extasis da fantasia.

QUanto mais forte for a paixaõ reinante da fantasia do Poeta, tanto mais vivas, e atrevidas pódem sahir as imagens. Nem por isso deixaráõ de ser mais bellas; porque explicaõ maravilhosamente a violencia do affecto; e esta serve de fundamento á fantasia, para crer estas imagens como verdadeiras, ou verosimeis. Quando melhor se conhece esta verdade, he naquelles delirios poeticos, a que nós damos o nome de *raptos*, e *extasis* da fantasia, que saõ o ultimo, e glorioso excesso desta potencia. Saõ, torno a dizer, bellissimas estas imagens, porque nunca perdem de vista a natureza. Quando os Poetas em honra de Baccho entravaõ a compor versos Dithirambicos, fingiaõ, que estavaõ embriagados. Como quem assim está, naturalmente fórma na fantasia humas imagens muy estranhas, irregulares, e inverosimeis, por isso estes Poetas costumavaõ usar destes raptos, a fim de fingirem, e repre-

ſentarem, que eſtavaõ embriagados. Ninguem duvidará, que elles niſto imitavaõ a natureza, repreſentando naõ ſó o que he veroſimil, mas ainda verdadeiro nas operaçoens de quem tem bebido muito; e o meſmo ſuccede, quando ha outra paixaõ tambem forte, que occupa a fantaſia do Poeta, como já apontámos no Capitulo antecedente. Hum admiravel extaſis he o que lemos no liv. 2. Od. 20. do Principe dos Lyricos Latinos. Deſejava, e eſperava Horacio, ou para melhor dizer, cria como certa a eternidade do ſeu nome por cauſa dos verſos, que fizera, os quaes elle muito bem conhecia, que eraõ dignos de immortalidade. Com eſta taõ juſta ambiçaõ começou a agitarſe a ſua fantaſia; motivo porque lhe veyo a parecer, que já naõ era homem daquella baixa condiçaõ, de que a fortuna o fez naſcer, mas que ſe havia transformado em hum candido Ciſne, e que livremente voava, diſcorrendo pela terra, ſegundo lhe parecia. Brada depois eſte Poeta, e quer, que lhe poupem as lagrimas, e a pompa da ſepultura; porque elle já naõ ha de morrer mais, nem tem neceſſidade de ſepulchro. Ouçamolo, como falla a Mecenas:

Non uſitatâ, nec tenui ferar
Pennâ, biformis per liquidum æthera
Vates; neque in terris morabor
Longius, invidiâque maior.
Urbes relinquàm &c.
Jam jam reſidunt cruribus aſperæ
Pelles, & album mutor in alitem
Superna: naſcunturque leves
Per digitos, humerosque plumæ.

Eu perſuado-me, que Horacio neſte extaſi, que fingio, imitou a Ennio, o qual, ſegundo A. Gellio, tambem ſe

se fez passaro no Epitafio, que compoz para si, dizendo, que ainda depois de morto voava vivo nas bocas dos homens:

Nemo me lacrymis decoret, nec funera fletu
Faxit; cur? volito vivu' per ora virûm.

Naõ se póde negar, que estas, e outras imagens fantasticas usadas por Horacio naõ sejaõ muito estranhas. Com tudo considerando-se este delirio como hum rapto da fantasia, agitada de hum intimo desejo da gloria, e do conhecimento do proprio merecimento, facilmente o reputamos bello, e judicioso, exprimindo com admiravel força o conceito do Poeta. Além deste fogo da paixaõ, tem a imaginativa esquentada outro fundamento para ter por verosimil a transformaçaõ de hum Poeta em hum Cisne. Muitas vezes tem ella ouvido dizer, que aos Poetas se dá o nome de Cisne, e que estes cantaõ com a mesma suavidade, com que o vulgo crê, que cantaõ os Cisnes; e tanto assim, que o mesmo Horacio, sem se suppor arrebatado, usou desta mesma imagem no Panegyrico a Pindaro, liv.4. Od. 2. No mesmo Poeta se póde observar outro extasi, que lhe causou Baccho, para que cantasse os louvores de Augusto. Principia assim a Ode:

Quo me, Bacche, rapis tui
Plenum? Quæ in nemora, aut quas agor in specus? &c.

Mas passemos dos antigos aos modernos Poetas, nos quaes naõ faltaõ exemplos, com que provemos os raptos poeticos. Celebrou o Padre Antonio Vieira em verso a delicadeza, e perfeiçaõ de huma Custodia feita de cortiça, e finge a sua fantasia arrebatada, ou elle mesmo pela Musa, dizendo deste modo a respeito de ter já deixado a Poesia havia muitos annos:

Quò me Musa rapit? longumque relictus Apollo
Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,
Frigentemque ætate jubet recalescere flammam?
Corticis est quæ forma senem pulcherrima Vatem
Concipere Aonios effætâ mente furores,
Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum
Cogit, & oblitos reminisci carmine fontes.

Porém como naõ he sempre possivel, que haja huma paixaõ taõ violenta, nem he licito aos Poetas usar a miudo destes taes extasis da fantasia, ha outra especie de movimentos internos, que saõ os chamados *Voos poeticos*, dos quaes usaraõ mais os Poetas. Ainda que elles naõ finjaõ, que se vem voando pelo ar, como parece á sua fantasia, com tudo sempre he poeticamente verdade, que voaõ, ou tem virtude de voar. Isto succede quando elles tendo a fantasia cheya de algum forte affecto, e agitando-a com vehemencia, discorrem com o pensamento por diversas, e estranhas imagens, sem observar ordem, nem uniaõ, que ordinariamente costuma haver, quando a fantasia quieta se regula pelo entendimento. Confirma esta sentença hum lugar de Lucrecio, que diz:

Avia Pieridùm peragro loca, nullius ante
Trita solo; juvat intègros accedere fontes,
Atque haurire; juvatque novos decerpere flores,
Insignemque meo capiti petere inde coronam;
Unde prius nulli velarint tempora Musæ.

Igualmente me parece admiravel outro rapto, ou voo poetico, que li em hum Poema, que anda com outros mais em huma Collecçaõ intitulada: *Applausos da Universidade de Coimbra a ElRey Nosso Senhor Dom Joaõ IV.* feitos na Acclamaçaõ deste Principe. Veja-se a pag. 34. v.

Quid

Quid tamen aſpicio? Denſam per compita turmam
Ire equitum video? Mediâ ſub nocte refulget
Germano ſine Sole dies? Quàm læta paratu
Pompa animos, avidosque oculos prædatur! Olympi
Quantùm ſydereos rapiunt ſpectacula Cives!

Outra imagem ſemelhante de voo fantaſtico lemos no livro *Carmina ſelecta* do noſſo celebre P. Macedo, deſcrevendo a coroaçaõ de Alexandre VII. e principia aſſim:

Quas ego conſpicio per nubila rupta cohortes
Aligeram properare viam? ſtellasque ſequentes
Inclinare polum (tanta eſt ea turba) Juventus
Quò Romana ruit ſtimulis agitata videndi,
Quæ vetus exhibuit nunquàm ſpectacula Roma? &c.

Porém quando fazem melhor effeito na Poeſia eſtes voos, que perturbaõ a ordem, e uniaõ ordinaria da fantaſia, he quando o Poeta ora falla com hum objecto, que eſtá muy diſtante, e que tambem o ſuppoem animado a ſua imaginaçaõ, ora falla comſigo meſmo, ora ſe entriſtece, ora ſe alegra, ora ſe encoleriza, e em huma palavra, voa por mil differentes paixoens, e imagens. Foy Petrarca taõ divino neſtes voos, que he preciſo recorrer a elle, primeiro que a outros Poetas. Chegou-lhe á noticia, que morrera a ſua Laura: e para explicar as duas paixoens de ſentimento, e de amor, que vivamente batalhavaõ no ſeu coraçaõ, falla ao Amor com eſta belliſſima imagem:

Che debb' io far? Che mi conſigli, Amore?
Tempo è ben di morire,
Ed ho tardato più, ch' io non vorrei.
Madonna è morta, ed ha ſeco il mio core,
E volendol ſeguire
Interromper convien queſti anni rei &c.

Con-

Continùa a diſcorrer com o Amor neſta Cançaõ, e logo irado ſe volta a fallar com o mundo, porque naõ chora com elle.

Ahi! Orbo mondo ingrato,
Gran cagion' hai di dover pianger meco,
Che quel Bel, ch' era in te, perduto hai ſeco.

Deixa de diſcorrer com o mundo, e paſſa a fallar comſigo meſmo, e a conſiderar a belleza, e predicados da ſua Laura, com a qual falla tambem depois, e logo com as mulheres, rogando-lhes, que tenhaõ piedade delle. Finalmente diz, que já a ſi meſmo ſe teria morto, ſe o Amor lho naõ impedira, fallando-lhe no coraçaõ; e paſſa a narrar as meſmas palavras, que lhe pareciaõ ſer ditas pelo Amor. Admiravel he certamente eſta Cançaõ para provar quaes ſaõ os voos poeticos, que pódem arrebatar a quem conhece, em que conſiſte a belleza, e bom goſto da Poeſia. Por obſervar brevidade a naõ copiamos toda, mas rogamos ao leitor, que a lea para ſe recrear. He a primeira da 2. parte. Igualmente inſigne na delicadeza de formar os voos poeticos foy Virgilio. Diz elle na Ecloga 3. por boca de Dametas:

Oh quoties, & quæ nobis Galatea loquuta eſt!

Voa a fantaſia namorada deſte Paſtor a formar huma imagem de ternura, que ninguem eſperaſſe, e continùa, dizendo:

Partem aliquam, venti, Divûm referatis ad aures.

Naõ ſe podia deſcobrir couſa, que moveſſe mais a ternura, do que rogar aos ventos, que queiraõ levar alguma parte daquellas ſuas doces palavras aos ouvidos dos Deoſes; quaſi imaginando, que ellas naõ ſó eraõ dignas de que elles as ouviſſem, mas ainda poderoſas de accreſcentar ás Divindades a ſua bemaventurada felici-

felicidade. Tanta doçura acha este Pastor nas palavras daquella Nynfa! Naõ he menos bello outro voo do mesmo Poeta na Ecloga 8. onde depois de dizer o mesmo Dametas, que a formosa Nisa, a quem elle amara muito, casara com Mopso Pastor muy feyo, voa com enfase a dizer;

Mopso Nisa datur. Quid non speremus amantes?

Entre todos estes voos enfaticos da Poesia merece hum particular louvor o de *Efigenia* na Tragedia de Monsieur *Racine*. Finge o Poeta a esta donzella amante, e amada de Achilles, já destinada a ser victima no altar por determinaçaõ do Oraculo, que assim o dispuzera. Oppondo-se Achilles a hum taõ barbaro sacrificio, manda Agamenon a sua filha, que naõ falle mais com Achilles, mas antes o aborreça. Narra Efigenia este preceito, e voa depois em hum instante com o pensamento aos Deoses, dizendo: *O' Deoses mais benignos! Vòs naõ pedistes mais, que a minha vida.*

Dieux plus doux! Vous n' avez demandè que ma vie.

Naõ se podia mais viva, e engenhosamente explicar a violencia do amor, que Efigenia tinha a Achilles, nem dizerse com mais belleza, que ella reputava por partido muito mais duro o naõ dever amar a Achilles, que o dever ficar sem vida, mostrando ao mesmo tempo ser mayor a crueldade de seu pay, que a dos Deoses, que a queria sacrificada. Na mesma Tragedia Agamenon, que quer obedecer ao Oraculo sacrificando sua filha, e enternecendo-se, ouvindo as queixas de Clitemnestra, volta-se a fallar com os Deoses lembrado de que era pay, e diz-lhes: *Como deviaõ deyxarlhe hum coraçaõ de pay, impondo-lhe huma ley taõ violenta?*

Helas!

Helas! En m' imposant une loy si severe,
Grands Dieux, me deviez-vous laisser un coeur de Pere?

Porém quanto tem de attractivos estes voos poeticos, tanto tem de difficultosos. Deve o Poeta advertir, que está obrigado a medir as qualidades do sujeito, e observar, se elle póde natural, e verosimilmente mover tanto a fantasia, que racionalmente se possaõ usar estes voos poeticos. Se se propuzerem á sua Musa objectos grandes, magestosos, e naõ ordinarios, ou seja por belleza, ou por virtude, ou por vicio, ou por outra qualquer causa, poderá agitarse muito a fantasia quasi sempre com verosimilidade; e seraõ por isto naturaes os voos, e igualmente convenientes as figuras sublimes, e as imagens magestosas. Pelo contrario as cousas humildes, e aquellas, que naõ tem, ou naõ pódem ter força para excitar huma paixaõ vehemente na nossa fantasia, pedem aquella moderaçaõ, e aquella ordem de discorrer, que em tal caso costuma ter a fantasia, que naõ está esquentada. Aos objectos, v. g. pastorîs, como saõ humildes, naõ se concede facilmente a liberdade, e uso dos voos sublimes. Naõ podemos negar, que tambem nestes sujeitos se move, e esquenta a fantasia, porém naõ de modo, que queira subir ao ar, e bater as azas com força: *In parvis rebus* (dizia Cicero no 2. liv. de Orat.) *non sunt adhibendæ dicendi faces.*

CAPI-

CAPITULO XX.

Do engenho, e das imagens intellectuaes, ou engenhosas; imagens de ſemelhança; varios modos de uſar dellas; formaçaõ das metaforas.

DEpois de termos diſcorrido com a brevidade, que nos foy poſſivel, da *fantaſia*, a qual moſtrámos ſer (digamo-lo aſſim) como hum toucador, em que ſe encontraõ todos os enfeites para ornarſe a belleza poetica; reſta agora fallar alguma couſa ſobre o *engenho*, o qual he outro theſouro das Muſas naõ menos importante. Nenhuma outra couſa he o engenho, ſe naõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento recolhe, une, e acha as ſemelhanças, as relaçoens, e as razoens das couſas. Para melhor ſe entender eſta tal qual definiçaõ, he preciſo obſervar, que de dous modos póde eſpecialmente o entendimento exercitar a ſua força, e virtude, que nós chamamos *engenho*. O primeiro modo he penetrando o interior das couſas, e comprehendendo a ſua razaõ, qualidade, e natureza. O ſegundo he voando velozmente ſobre mil objectos differentes, e diſtantes, e depois recolhendo as ſemelhanças, as correſpondencias, e os laços, que prendem a eſtes diverſos objectos. O que ſouber obrar com o ſeu entendimento do primeiro modo, he dotado de engenho penetrante, e agudo; e o que tiver mais actividade para diſcorrer do ſegundo, he ornado de engenho vaſto: e de ambas eſtas operaçoens do entendimento naſcem, como de duas abundantiſſimas fontes; conceitos bellos, e nobres para adorno da Poeſia. Começemos pelas ſemelhanças, moſtrando como o entendimento poſſa fazer iſto.

 Qual-

Qualquer que puzer fixamente os olhos do entendimento nos objectos, de que se compoem a grande Republica dos tres mundos, de que já tratámos, facilmente verá, que todos estes objectos, ainda que estejaõ, ou pareçaõ distantes, diversos, e ainda muitas vezes entre si contrarios, com tudo concordaõ, e saõ em alguma parte semelhantes por alguma sua qualidade, e razaõ. De sua natureza he entre si cousa bem diversa hum *rochedo*, e huma *mulher*; com tudo se esta for dotada de huma severa honestidade, e resistir fortemente aos assaltos de quem a ama, ella ahi semelhante a hum rochedo, que com igual resistencia naõ faz caso dos assaltos das ondas. O mesmo se póde dizer de todas as cousas, de que se compoem este mundo. Ora esta, e outras semelhanças, que o entendimento achou, e recolheo, saõ as que chamamos *imagens intellectuaes*, ou *engenhosas*, para que se naõ confundaõ com as da fantasia: naõ já porque a fantasia naõ sirva ao entendimento no achar, e unir as semelhanças; mas porque parece esta operaçaõ mais propria do entendimento, parecendo-lhe estas imagens directamente verdadeiras, ou verosimeis. A fantasia lhe representa os objectos entre si diversissimos, e distantes; elle fixando a vista recolhe quanto verdadeiramente ha de semelhança entre elles. Tanto mais seráõ bellas estas imagens, quanto mais se forem buscar as semelhanças a objectos entre si remotos, e nobres, e quanto mais novas, e insperadas forem; porque da novidade he que nasce a maravilha, e o deleite. Com esta sentença naõ se persuada alguem, que he pouco abundante esta fonte de imagens engenhosas, e que o Poeta usando muitas vezes dellas correria no perigo de causar tédio ao leitor. Saõ tantos, e taõ varios os modos,

modos, com que se póde, e costuma usar das semelhanças, que he facil aos Poetas extrahir innumeraveis conceitos sem o temor de enfastiar. De dous modos porém he que pela mayor parte se usa dellas na Poesia. O primeiro he quando se trazem unicamente por ornato, a fim de explicar melhor huma cousa, ou pintalla, e exprimilla com mais valentia. Chamaõ-se entaõ a estas semelhanças *comparaçoens*, fazendo-se parallelo entre huma cousa, e outra. Nellas foy verdadeiramente admiravel o nosso Camoens. Lea-se a Est. 38. do Cant. 2. que diz, fallando de Venus:

E mostrando no angelico semblante
Co' riso huma tristeza misturada,
Como Dama, que foy do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada;
Que se queixa, e se ri n'um mesmo instante,
E se torna, entre alegre, magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma igualla,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

Igual viveza, e propriedade se conhece em outra comparaçaõ, de que usou este Poeta no mesmo Canto 2. Est. 43. tratando do mimo, com que Jupiter consolou a Venus chorosa:

E co' seu apertando o rosto amado,
Que os soluços, e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga, o choro lhe accrescenta &c.

Merece Estacio, que neste lugar façamos tambem memoria de huma sua felicissima comparaçaõ, que traz no liv. 10. da sua Thebaida nestes versos:

Ut lea, quam sævo fœtam pressère cubili
Venantes Numidæ, natos erecta superstat
Mente sub incertâ, torvum, ac miserabile frendens.

 Illa

Illa quidem turbare globos, & frangere morſu
Tela queat; ſed prolis amor crudelia vincit
Pectora; & in mediâ catulos circunſpicit irâ.

Cuja comparaçaõ felizmente imitou o Arioſto no Canto 19. do ſeu *Orlando Furioſo*, mudando de leoa para urſa, com a qual compara a Medoro, que queria defender a ſua vida dos inimigos, mas ao meſmo tempo naõ queria apartarſe do amado cadaver do ſeu Rey. Igual, ou mayor eſtimaçaõ merecem as comparaçoens de Virgilio, principalmente a das formigas do liv. 4. da Eneada:

Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cùm populant, hyemis memores, tectoque reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Contrectant calle anguſto. . . . . . .

O que tambem imitou Camoens na ſua Luſiada, como quem quaſi ſempre ſeguia os veſtigios de Virgilio, tratando no Canto 2. Eſt. 23. das Nynfas, que eſtorvavaõ aos Portuguezes a ſua viagem:

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitaõ, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Alli ſaõ ſeus trabalhos, e fadigas,
Alli moſtraõ vigor nunca eſperado:
Taes andavaõ as Nynfas eſtorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

Quem deſejar ler mais comparaçoens deſte noſſo grande Poeta todas belliſſimas, e naturaliſſimas, lea no Canto 1. a Eſt. 35. deſcrevendo o tumulto dos Deoſes; no Canto 2. a Eſt. 27. deſcrevendo o medo dos Mouros, e comparando os ás rans: a Eſt. 49. do Cant. 3. comparando a acçaõ de tomar apreſſadamente as ar-

mas ſem tino, com a preſſa dos Paſtores atemoriſados, quando os deſperta o incendio, que ſe ateou no campo: a Eſt. 106. do meſmo Can o, em que compara a Rainha Dona Maria de Caſtella, pedindo a ſeu Pay ſoccorro a favor de ſeu Marido, com Venus fazendo a meſma ſupplica a Jupiter para ſeu filho Eneas. Finalmente lea o curioſo eſte Poema, que nelle achará outras muitas comparaçoens feitas com particular artificio, e grande naturalidade, no que verdadeiramente foy divino eſte Poeta. Tem depois delle hum diſtincto lugar, a reſpeito deſtas imagens, Antonio da Fonſeca Soares na ſua *Filis*. Compara eſte Poeta ao gado errante, e ſem Paſtor, o povo Troyano, dizendo no Canto 1. Eſt. 19. *De las ruinas*:

No aſſi ganado ſin Paſtor errante
Se eſparce, y vaga por el verde ſuelo,
Quando a golpes ſe vê del gran Tonante
Caer en fuego el ayre, en lluvia el Cielo:
Como el pueblo de Troya, a cada inſtante,
Attonito en ſu daño, y en ſu recelo,
Vaga confuſo, viendo en ſus deſmayos
Caer la muertes, y llover los rayos.

Mais exemplos deſte Poeta poderamos allegar; porém por fugirmos á extenſaõ, apontaremos ſó os lugares. Veja-ſe do meſmo Poema no Canto 3. *Los affectos* a Eſt. 6. comparando gentilmente a formoſura de Filis com a roſa: no Canto 9. *Los extremos* a Eſt. 80. comparando a firmeza de huma alma á de huma enzinheira, e de huma rocha: no meſmo Canto a Eſt. 56. comparando ao cháos a confuſaõ, e o horror de huma batalha; e ultimamente lendo-ſe outras muitas Eſtancias, ſe acharáõ diverſas, e propriiſſimas comparaçoens.

Eſte

Este he o primeiro modo, de que usaõ os Poetas para pintar, e exprimir vivamente huma cousa, ajudando-se da outra. O segundo modo de usar das semelhanças he quando se usa dellas, naõ como comparaçoens puras, e discretas, que se poderiaõ tirar do discurso, sem lhe causar prejuizo, mas indirectamente como cousa intrinseca daquelle conceito, que se propoem. Tem estas o seu uso, quando v. g. para explicarmos, e provarmos huma cousa, nos valemos da semelhança de outra. O Cardeal Pallavicino no Capit. 9. do seu *Tratado do Estylo*, mostrando a utilidade, que se tira do bom uso das comparaçoens, faz, que o seu mesmo conselho nos sirva de louvavel exemplo. Diz elle assim: *Non dee il Filosofo usarle senza utilità di maggior chiarezza, e solo per lusso d' ingegno: adirandosi il lettore,* * *che la Guida gli faccia allungar la via, non a fin di condurlo per la più piana, ma solo per fargli veder le ricchezze delle sue possessioni.* Eisaqui como este Author prova admiravelmente com huma semelhança, e explica com ella o conceito proposto, dizendo, que o Filosofo naõ deve usar das semelhanças só por ostentar engenho, mas para dar mayor clareza ao que diz; a fim de que o leitor se naõ enfade de que o guia o leve por caminho mais longe, naõ para o conduzir pelo melhor, mas para lhe mostrar as terras, que possue. Usou igualmente Petrarca de huma imagem quanto póde ser nobre neste genero. Dá elle a razaõ porque começou a amar tanto a Laura, e vay descrevendo a formosura, que nella observou da primeira vez, que a vio, com esta bella imagem, que formou na sua fantasia:

Non era l' andar suo cosa mortale,
Ma d' angelica forma; e le parole
Sonavan' altro, che pur voce umana.

Em

Em outra parte dá o meſmo Poeta a razaõ porque á ſua Dama ſe lhe naõ dava de morrer, eſtando na flor dos ſeus annos, e diz:

Che gentil pianta in arido terreno
Par che ſi diſconvenga; e però lieta
Naturalmente quindi ſi diparte.

Maravilhoſa he tambem a belleza de huma imagem de Taſſo, deſcrevendo laconicamente com duas ſemelhanças mageſtoſas a gentileza, e o valor de Rinaldo:

Se 'l miri fulminar tra l' armi avvolto,
Marte il direſti, Amor, ſe ſcopre il volto.

Naõ falta igualmente eſta caſta de ſemelhanças no noſſo Camoens, e entre muitos exemplos apontarey ſó alguns. Diz elle no Soneto 45. da 1 part. imitando a Petrarca no Soneto 49. acima allegado, e tratando de huma Dama iſenta em amar:

Gentil planta diſpoſta em ſeca terra,
Lindo fruto de dura maõ colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura.

Naõ he imagem menos nobre, e bella outra ſemelhança do meſmo Poeta, que lemos no Soneto 38. da 1. part. principiando-o aſſim, á imitaçaõ tambem de Petrarca, nos verſos de que acima fizemos mençaõ: *Non era l' andar ſuo &c.*

Formoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do Ceo certiſſimos ſinais,
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhay-me a mim, que ſou feitura voſſa &c.

Veja-ſe igualmente a ſemelhança, com que principia o Soneto 90. da 1. part. em que com primoroſo pincel pinta a formoſura da ſua Dama:

A per-

A perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheya de frescura,
Que sempre em vós florece, a que a ventura,
E a razaõ entregaraõ este peito.

Como tratamos destas semelhanças, devemos precisamente tratar alguma cousa tambem das metaforas, que tem nellas o seu fundamento. Nesta imagem v. g. de Camoens, em que diz, que a Primavera florece sempre na sua Dama, tem a fantasia a sua parte por causa da metafora; e assim dizemos, que se costumaõ usar das semelhanças tambem nesta fórma; isto he, transportando o nome do objecto semelhante em outro objecto. A estas transposiçoens communmente se dá o nome de metaforas; e com effeito estas naõ saõ outra cousa, senaõ humas semelhanças, e comparaçoens compendiadas: e todos sabem, que das semelhanças até aqui descriptas passaõ os Poetas sem trabalho a formar translaçoens. Quem v. g. diz, que *Filis he na figura bella como a mesma Primavera*, usa da semelhança puramente, e a faz servir só por comparaçaõ. Mas quem passa a dizer, *Filis na formosura he huma Primavera*, usa da mesma semelhança, mas transportando o nome do objecto semelhante em outro objecto. Naõ devem estas translaçoens ter o nome de imagens do entendimento, mas sim da fantasia; pois naõ contém directamente o que he verdadeiro proprio do entendimento. Porque he verdadeiro, segundo o entendimento, que Filis he semelhante á Primavera, por isso propriamente attribuimos ao entendimento a primeira imagem. Porém a segunda sómente á fantasia parece verdadeira, e por este motivo lhe chamamos fantastica. Pertence por tanto primeiro ao entendimento, ou seja engenho, o descobrir semelhança entre

tre os objectos, e depois sobre este fundamento he que entra a fantasia a levantar as suas imagens. O entendimento v. g. sabe, que o *luxo*, e o *ladraõ* saõ entre si semelhantes, porque ambos roubaõ; e assim com verdade se póde affirmar, que o luxo he como o ladraõ: porém a fantasia naõ se contenta com este conceito, e diz, que com effeito o *luxo he hum ladraõ.* O Padre Sidronio Hoskio na sua primeira Elegia nos dá hum exemplo para provar o que dizemos:

Vita mare est; res plena metu, res plena tumultu
Utraque; mortales, credite; vita mare est.

Tambem o confirma Dante em hum Terceto do 11. liv. do seu Purgatorio, onde para descrever a Fama, descobre tambem a semelhança, que ha entre ella, e o vento, exprimindo-a em fórma de metafora:

Non è il mondan rumore altro che un fiato,
Di vento, ch' or vien quinci, ed or vien quindi,
E muta nome, perche muta lato.

Destas cousas cada vez podemos mais hir aprendendo a differença, que ha entre as imagens fantasticas, e as intellectuaes. Estas saõ directamente verdadeiras, e taes parecem ao nosso entendimento; e aquellas directamente saõ falsas ao entendimento, ainda que indirectamente elle as conheça por verdadeiras. Poderse-hia compor hum volume complecto sómente sobre as metaforas, porque he assumpto muy copioso; porém a nós basta-nos o ter apontado esta taõ ampla, e usada maneira de nos servirmos das semelhanças, e remetemos o leitor ao que escreveraõ nos seus livros os Mestres da eloquencia. Unicamente nos parece necessario dizer aqui alguma cousa aos principiantes, a respeito das comparaçoens, e das metaforas. A respeito destas dizemos, que deve haver grande cautella

nas regras, e exemplos, que ſobre ellas dá o Conde Manoel Theſauro no ſeu *Cannocchiale Ariſtotelico*; porque talvez foy o que tratou peyor deſte aſſumpto, ſendo o que delle eſcreveo com mais extenſaõ. Eu perſuado-me, que quem ſouber, que couſa ſeja bom goſto, ha de reprovar muitas metaforas, que elle approva; como v. g. que as neves ſaõ *lyrios frios dos Alpes*, e os lyrios *neves animadas dos jardins*: que as gottas de ſangue, que Chriſto ſuou no Horto, foraõ outros tantos *globos*, *ou mundos*, *debaixo de cujo pezo gemia o divino Atlante*: Que a abelha he *huma Amazona com azas*, *huma Maga volante*, *e huma aljava com ſettas*. Que o alambre he *huma luz viſcoſa*, *e hum ouro fragil*: Que o rouxinol he *hum orgaõ ſem canudos*, e o orgaõ *hum rouxinol ſem pennas*: e outras muitas ſemelhantes a eſtas, em que naõ ha proporçaõ por falta de ſemelhança de figura, de miniſterio, e de acçaõ; o que ſempre deve haver, para ſerem bem fundadas as translaçoens. Eſte Author era homem de grande doutrina, e de hum engenho vivo, ainda que daquelles a que os Francezes chamaõ *brilhantes*; porém a deſtemperada ambiçaõ de novidade lho depravou: por iſſo quiz enganar o mundo com o nome de Ariſtoteles, e o encheo de conceitinhos, e de argucias frivolas, ridiculas, puerîs, inſulſas, e irreverentes, como ſaõ as metaforas apontadas; o que tudo diz o inſigne Salvini nas Notas a Muratori tom. 1. pag. 249. Muito ajudou a Theſauro em eſtabelecer o peſſimo goſto Lourenço Gracian na ſua *Arte, y Agudeza de Ingenio*, infeſtando ainda mais a Heſpanha, como o outro a Italia, e ambos o mundo; porém entendo, que em parte nenhuma foraõ taõ bem recebidos, como em Portugal, como ſe vê péla experiencia.

periencia. Sobre este uso das metaforas lea-se a Leitaõ Ferreira na sua *Arte de Conceitos*. p. 1. lic. §. 4. n. 20.

A respeito das comparaçoens temos tambem, que advertir, que deve haver grande decóro na proporçaõ, e verosimilidade da cousa, que se compára com a comparada. Contra esta regra infallivel peccou Barbuda no seu *Virginidos*, comparando no Canto 1. Est. 118. a Adaõ, por comer o pomo prohibido, com hum cavallo, que tomou o freyo entre os dentes, e sem tino corre a despenharse.

Vay-se Eva atravessando o Paraiso,
A levar da maçã parte ao esposo;
Que por lhe converter o pranto em riso,
Lhe vay dar hum bocado venenoso:
De Adaõ quer penetrar o alto juizo,
Pelo tornar, qual bruto, que furioso,
O bocado entre dentes em tomando,
Se despenha, da redea naõ curando.

Outro vicio igual a este commetteo o mesmo Author no Canto 1. Est. 65. descrevendo a batalha de S. Miguel com Lucifer. Indecorosamente compara este Archanjo a hum leaõ feroz, que com unhas, e rugidos vence os outros brutos. Estas *armas* proprias do leaõ saõ indecorosamente impropriissimas em S. Miguel, porque falta a proporçaõ, e semelhança:

Oppoemse-lhe Miguel vibrando a lança;
D'armas brancas vestido o corpo ethereo,
E co' as aladas hostes, com que avança
Lá no Impyrio, de Deos defende o Imperio:
E valor fulminando, á semelhança
De leaõ, que rugindo, em vituperio

Do bruto opposto, vibra lingua, e garra,
Que c' huma atemorisa, e outra agarra.

Para se naõ cahir neste vicio, he preciso, que o Poeta tenha sempre diante dos olhos do juizo se a comparaçaõ, que intenta fazer, he evidente na proporçaõ, verosimil, modesta, decorosa, e sem affectaçaõ, nem humildade, excepto se esta for necessaria para bem pintar a imagem, segundo o objecto, de que se tratar; por isso entre outras he muy propria a comparaçaõ, que no Canto 5. Est. 21. fez Camoens do vapor com a sanguesuga. Porém em outro lugar trataremos deste assumpto com mais individuaçaõ.

CAPITULO XXI.

Das imagens intellectuaes de relaçaõ, e das engenhosas de reflexaõ; seus exemplos.

JA' se tem visto como as semelhanças, que o entendimento descobrio em cousas entre si remotissimas, e diversas, daõ o ser a varios conceitos, ou sejaõ imagens engenhosas: agora he necessario observar mais miudamente, que além das semelhanças, ha outras infinitas dependencias, e unioens entre as cousas do Universo, sobre as quaes se fundaõ outras innumeraveis imagens do entendimento. Algumas destas unioens, ou prizoens, ás quaes chamamos *relaçoens*, saõ taõ claras, e manifestas, que qualquer pessoa rustica as poderá perceber; outras porém saõ muy occultas, e pouco observadas pelo artificio, e idéa, que encerraõ. Quem discorre de hum Principe grande, e valeroso, facilmente sabe, que lhe dizem respeito, e relaçaõ os

os mageſtoſos palacios, as riquezas, os póvos ſeus ſubditos, as Cidades, os ſoldados, os inimigos, os antepaſſados glorioſos, e outros ſemelhantes objectos. Porém naõ ſaberá v. g. taõ facilmente, que tenhaõ connexaõ com aquelle Principe o Ceo, as Muſas, os montes, os Heroes da antiguidade, e outros taes ſujeitos, ainda mais diverſos, e remotos. Querendo pois hum Poeta louvar a hum Principe excellente, poderá lembrarſe, *que nos palacios magnificos, e nos ſeus riquiſſimos ornatos ſe póde ler a mageſtade de tal Rey; que os póvos ſujeitos gozaõ com effeito da idade de ouro, que ſonharaõ os antigos; que debaixo da ſua conducta naõ ha empreza marcial, em que ſeja difficil alcançar a victoria, tendo ſoldados taõ valeroſos; que os meſmos inimigos confeſſaõ temeroſos a gloria, e o valor de taõ grande Principe &c.* Outras ſemelhantes imagens filhas do entendimento ſe poderáõ extrahir, para as quaes concorrerá tambem a fantaſia com algum ornato, obſervando as connexoens de outros tantos objectos com o tal Principe: razaõ porque affirmamos, que o conhecer bem as reflexoens, que ha entre todas as couſas, e o reſpeito, que dizem humas ás outras, he huma abundantiſſima fonte, da qual ſe coſtumaõ extrahir muitos novos, e excellentes ſentimentos ſobre qualquer materia. E verdadeiramente o noſſo entendimento he huma potencia grande, e univerſal, que ſe póde extender com linhas infinitas por infinitos objectos, aſſim paſſados, e preſentes, como futuros. Póde examinar, e recolher todas as relaçoens, e connexoens mais accommodadas, que ha entre aquelles objectos, e aquelle, que ſe tomou por aſſumpto para diſcorrer. Quem for dotado de hum engenho vaſto, deſcobrirá as couſas de mais longe, e achará entre el-

las connexoens nobres, e nunca obſervadas por outros entendimentos; motivo porque formará imagens maravilhoſas, e agradaveis, viſto ſerem novas, e naõ eſperadas. Naõ ſómente he util, mas ainda neceſſario, que o entendimento ſe empregue neſtes deſcobrimentos, porque ſó aſſim ſe diſcorre bem em hum aſſumpto. Ordinariamente qualquer argumento naõ he per ſi meſmo taõ rico, e fecundo, que poſſa ſoccorrer com muitos conceitos o entendimento do Poeta; e por iſſo convém, que elle comece por neceſſidade a ſahir (digamo-lo aſſim) das entranhas, e centro da materia, e a deſcobrir aquellas connexoens, que com elle tem as outras couſas.

Como nós tratando dos voos poeticos diſſemos, que nelles as imagens humas vezes ſaõ propriamente concebidas pela fantaſia, e outras pelo entendimento, he preciſo agora neſte lugar dizer alguma couſa ſobre o modo, com que o entendimento ſó per ſi recolhe as relaçoens, e connexoens, moſtrando ao meſmo tempo, como a fantaſia unida com elle cauſe utilidade. Quando os Poetas, eſpecialmente os lyricos, entraõ a tratar de algum aſſumpto, coſtumaõ conſiderallo de dous modos: ou em ſi meſmo, ou com as relaçoens, que tem com elle infinitas couſas. No primeiro modo buſcaõ a belleza interior da materia, no ſegundo a belleza exterior, e tanto de hum, como de outro ſe valem para ornar as ſuas compoſiçoens. Conſiſte eſta belleza externa em deſcobrir as connexoens, e relaçoens, que tem os objectos exteriores com o ſujeito, que ſe tomou por argumento. Deſtas ou ſe ſerve o entendimento, que as deſcobrio, ou tambem a fantaſia, para formar ſuas imagens, humas vezes intellectuaes, outras fantaſticas, como moſtraremos com exemplos.

Seja

Seja o primeiro o do insigne Hespanhol Lupercio Leonardo de Argensola, escrevendo huma Cançaõ em louvor de ElRey Filippe II. na occasiaõ das festas da Canonizaçaõ de S. Diogo. Inflammada a fantasia deste Poeta com a grandeza do assumpto, remonta-se, como em extasi, a imaginar na santidade daquelle Monarcha, e nos seus futuros milagres:

En estas sacras ceremonias pias,
Donde tu gran piedad, Philipo Augusto,
Con admirables rayos resplandece
Verás como dexando el cetro justo,
Despues de largos, y felices dias,
Al nuevo tronco, que à tu sombra cresce;
Nuestra Madre santissima te ofrece
Los mismos cultos, y la misma palma,
Que yà nos muestra como en cierta idea,
Que tal quiere, que sea
La gloria entonces de tu cuerpo, y alma,
Y que al immenso Templo, que edificas
Al gran Levita, que en ardiente llama
Examinò la de su amor divino,
Ha de venir gozoso el perigrino
No solo convidado de su fama
Por contemplar las aras de oro ricas,
Sino por ver si à su dolencia aplicas
Saludable remedio desde el Cielo
Como lo dàs à todos en el suelo,

Voa depois este suavissimo Poeta com a mesma fantasia a especificar as virtudes particulares daquelle Monarcha, como a justiça, a clemencia, o valor, a prudencia, a politica; e confusa entre tantas virtudes a sua imaginaçaõ, duvída por qual dellas será elle invocado dos homens. Naõ copiamos este lugar, por ser muy extenso,

tenso, e o leitor o poderá ler na Poetica de Luzan pag. 161. Ora nesta Cançaõ certamente, que parecia serem objectos muy remotos, e muy alheyos do assumpto *o applicar remedio ás doenças*, *o ser invocado &c.* e depois passar a discorrer com as imagens *de espada rigorosa*, *de trombetas*, *de exercitos*, *de ballas*, *de victorias*, *de tempestades*, *de sementeiras, e colheitas &c.* de que tudo usa na passagem, que naõ copiamos. Porém o engenho do Poeta soube descobrir as relaçoens, e connexoens, que todos estes objectos podiaõ ter com o seu principal assumpto, e achou meyo de as enlaçar, e unir. Passemos desta Cançaõ a huma de Alexandre Guidi, que lemos na Collecçaõ da Poesia vulgar dos Arcades. Quer este Poeta provar, que he preciso á Arcadia ter leys para se dirigir bem, e entra a discorrer da idade de ouro. He certo, que muitos engenhos naõ poderáõ facilmente descobrir a connexaõ, ou ao menos aquella bella correspondencia, que elle achou entre estes dous objectos. Eisaqui como elle discorre:

Io non adombro il vero
Con lusinghieri accenti:
La bella età dell' oro unqua non venne.
Nacque da nostre menti
Entro il vago pensiero,
E nel nostro desio chiara divenne.

Costumaõ os outros Poetas contar entre as suas historias a da idade de ouro; porém este insperadamente começa a dizer, que nunca se vio no mundo esta feliz idade, e que só os nossos desejos he que a fizeraõ famosa. Dá depois engenhosamente a razaõ disto, dizendo, que em todo o tempo viveraõ homens máos, os quaes pelos seus vicios mereceraõ o castigo do Ceo; e accrescenta:

Or,

Or, ſe del Fatò infra i teſor felici
Il ſecol d'or ſi ſerba,
Certo ſo ben, che non apparve ancora
Un lampo Sol della ſua prima Aurora.

Do que ſe ſegue, ſegundo a mente deſte engenhoſo Poeta, que em todo o tempo houve neceſſidade de refrear com as leys a perverſa inclinaçaõ dos homens. Eſta he a inſperada connexaõ, e o reſpeito, que diz o aſſumpto, que tomou, com a idade de ouro. Do meſmo modo Nero, e Romulo parecem, e ſaõ na verdade dous objectos bem remotos para provar a neceſſidade das leys, e por iſſo naõ dizem reſpeito algum com o ſujeito propoſto; com tudo lembrando-ſe o meſmo Poeta, que o primeiro depois de ter governado cinco annos, praticando excellentes virtudes em utilidade dos póvos, ſe fez hum dos tyrannos mais crueis, de que ha memoria; e que o ſegundo, ainda que profeſſaſſe a vida de Paſtor, que he o meſmo, que dizer, que tinha coſtumes innocentes, e coraçaõ brando, com tudo arraſtado da ambiçaõ, chegou a matar a ſeu irmaõ; daqui toma aſſumpto o entendimento para provar quanto ſaõ preciſas as leys em todo o eſtado; para que naõ entendaõ v. g. os Paſtores da Arcadia, que pódem ſem leys viver com innocencia, e pureza. Temos dito o que baſta, para ſe vir no conhecimento do que ſaõ as imagens intellectuaes de relaçaõ, e provado iſto com os exemplos apontados; e ſe eſtes naõ baſtarem a alguns entendimentos, lea-ſe a Horacio, que he Meſtre taõ inſigne na Theorica, como na Pratica. Elle melhor, que outro algum Poeta, poderá enſinar eſte modo de deſcobrir as relaçoens remotas de hum objecto, e a ſua connexaõ. Obſerve-ſe entre outras Odes a 13. do liv. 2. que principia: *Illum, ó nefaſto*

R

fasto te posuit die &c. em que o seu assumpto he tratar de huma arvore, que cahio improvisamente perto delle, e com grave perigo da sua vida. Nella usa de objectos bem diversos, e que pareciaõ muy remotos para haverem de convir a huma arvore; como saõ os parricidas, os traidores aos hospedes, os feiticeiros, os marinheiros Carthaginenses, o Bosforo Thracio, os Soldados Romanos, os Parthos, os Reinos de Proserpina, o Juiz Eaco, os Campos Elysios, o Poeta Alceo, a Poetiza Sapho, Tantalo, Orion, Prometheo &c. Porém o seu engenho ornou assumpto taõ esteril, descobrindo razaõ de convir, e connexaõ entre estas cousas com o argumento proposto.

Passemos agora a dizer alguma cousa sobre as imagens engenhosas de reflexaõ. Já acima dissemos, que (segundo a nossa opiniaõ) nenhuma outra cousa he o engenho humano, senaõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento descobre, e recolhe ou as *semelhanças*, ou as *relaçoens*, ou as *razoens internas das cousas*. Já discorremos, como soubemos, das primeiras virtudes do entendimento; entremos agora a tratar da terceira, isto he, do recolher, e descobrir as razoens; donde (se nos naõ enganamos) se argumenta a penetraçaõ, e agudeza do engenho de cada hum. A este descobrimento das razoens internas, e á consideraçaõ, ou contemplaçaõ, que faz o entendimento sobre as cousas, chamamos nós *reflexaõ*, vocabulo, que ignoraraõ os antigos, e percebem presentemente os modernos, por ser muy proprio, e accommodado para explicar estas contemplaçoens do entendimento. Para se saber pois, que cousa sejaõ estas reflexoens, deve-se primeiramente dizer, que os Poetas nem sempre sabem, ou querem, ou pódem reves-

tir

tir as ſuas compoſiçoens de imagens fantaſticas, de ſemelhanças, e de relaçoens; e muitas vezes ſerá preciſo naõ uſar dellas. Por iſſo recorrem elles a outra fonte, que he a das reflexoens, e obſervaçoens. Fórma eſtas o noſſo entendimento, quando elle medindo, e penetrando com a ſua agudeza o interior, e natureza das acçoens, dos coſtumes, e em huma palavra de todas as couſas, deſcobrimos verdade nellas, a qual naõ deſcobririaõ facilmente outros engenhos, ou naõ a eſperariaõ os ouvintes, e leitores. Ora eſta verdade por cauſa da conſideraçaõ, e reflexaõ do entendimento, toma o meſmo nome, e chama-ſe *reflexaõ*. Semelhantes imagens ſaõ taõ commuas aos Oradores, como aos Poetas; porém como naõ ha Author, que buſque mais que o Poeta o que he maravilhoſo, por iſſo a elle, mais que a qualquer outro, lhe he neceſſario, e util o uſo dellas. Aclaremos eſta doutrina com alguns exemplos, que moſtrem o fino de huma engenhoſa reflexaõ. Principiemos por Camoens, que foy certamente neſta materia taõ admiravel na Poeſia Bucolica, que lhe podemos dar o nome de Teocrito Portuguez. Na ſua Ecloga 2. introduz ao Paſtor Almeno, queixoſo do rigor da ſua Nynfa, e diz aſſim:

O' Nynfa delicada!
Honra da natureza!
Como póde iſto ſer,
Que de taõ perigrino parecer,
Podeſſe proceder tanta crueza?
Naõ vem de nenhum geito,
De cauſa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a cauſa della?
Fóra he de natural minha triſteza.

 Mas

Mas a mim, que me espanta?
Naõ basta (ó Nynfa bella)
Que pódes perverter a natureza?
Naõ he a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Naõ póde a natureza fazer tal.
Tu mesmo, ó bella Nynfa, te fizeste;
Porém porque tomaste
Taõ dura condiçaõ, se te formaste?

Veja-se, que admiraveis imagens reflexivas se incluem nestes versos; sempre nelles está o Poeta a reflectir, e com observaçoens taõ perigrinas, novas, e elevadas, que bastaria este exemplo para prova da nossa doutrina. Iguaes virtudes poeticas descobrimos no primeiro ramo da Cançaõ 1. dizendo:

Fermosa, e gentil Dama, quando vejo
A testa de ouro, e neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito;
De meu naõ quero mais, que o meu desejo,
Nem mais de vós, que ver o lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, e ao mundo; alli me inflamo
Nas lagrimas, que choro;
E de mim, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro:
E fico por mim só perdido, de arte,
Que hey ciumes de mim por vossa parte.

Repare-se na reflexaõ conceituosa destes versos; onde diz o Author da *Arte de Conceitos*, ponderando esta imagem reflexiva, que merece Camoens ser chamado o nosso Anacreonte; e com justo fundamento, porque naõ

naõ ha cousa mais nobre, que reflectir este Poeta, dizendo, que tinha tal satisfaçaõ de saber amar, e desejar a sua Dama, que por esta fineza se namorava de si proprio; e que com tal extremo estava por si perdido, que estes amores de si mesmo lhe causaõ ciumes pela parte della, que a contemplaçaõ unio a si; isto he, os que elle de si lhe causaria, se amara outra fermosura, e aspirara a outra dita. Passemos de Camoens a Euripedes. Introduz este Poeta Tragico a Andromaca reflectindo sobre a morte de seu filho Astianates, mandada executar pelos Gregos. Naõ attribue ella a causa desta morte á crueldade dos vencedores, mas descobre outro motivo, para causar mais ternura, e maravilha aos ouvintes, e diz deste modo, fallando com seu filho: *O' amado filho, tu deixando-me aqui em pranto, morrerás ás mãos do cruel inimigo; porém o que mais me peza he considerar, que quem te mata he o valor de teu pay, que a tantos servio de escudo, e defensa.* Parece cousa estranha, e nova, que o valor de Heitor fosse o que désse a morte a seu filho Astianates; porém, se bem se considera, a causa porque foy morto este menino, foy justamente a que deu sua mãy; porque temendo os Gregos, que no filho resuscitasse o valor do pay, quizeraõ com a sua morte livrarse deste receyo. Eisaqui como esta verdade se faz nova, e admiravel ao auditorio, que talvez entendia, ou attendia para o contrario. Naõ menor novidade descobrimos igualmente em hum verso de Publio Mimo, o qual fazendo reflexaõ sobre os avarentos, deduz engenhosamente esta verdade:

Tam deest Avaro quod habet, quàm quod non habet.

Como os avarentos naõ usaõ do que possuem, antes o tem enterrado, pode-se dizer com verdade, que tanto

to lhes falta o que possuem, como o que naõ possuem. He quanto póde ser engenhosa esta reflexaõ, e poucos com o seu engenho chegariaõ a reflectir nesta verdade. Naõ he menos engenhoso outro pensamento reflexivo do Conde de Villamediana, dizendo sobre os effeitos do amor profano, e da belleza:

Amor no guarda ley: que la hermosura
Es licita violencia, y tirania,
Que obliga con lo mismo, que maltrata.

De semelhantes imagens de reflexaõ usaraõ com economia os melhores Poetas. Digo com economia; porque os prudentes sabem, que ellas mais convém ao Filosofo moral, que ao Poeta, e que saõ pedras preciosas para ornar com parcimonia, e naõ com prodigalidade o corpo das composiçoens poeticas. Se o Poeta tomasse por assumpto a Filosofia dos costumes, naõ duvidamos, que entaõ poderia usar mais livremente destas imagens, importando isto muito á gravidade do sujeito. Assim o praticaraõ os Poetas mais insignes da Grecia, como se vê do Poema de Hesiodo, intitulado *As obras*, e *Os dias*, das composiçoens de Theognides, Phocilides, Tirteo, Solon, Simonides, e outros muitos. O mesmo fez Maggi em Italia, e entre nós Francisco de Sá de Miranda, ambos copias de Seneca, tratando em verso de materias moraes. Naõ nos extendemos a mais exemplos; porque he cousa facil achallos entre os que poetizaõ com bom gosto, e com engenho penetrante, e agudo. Porém he preciso advertir, que nem todas as imagens do entendimento saõ sempre bellas, e bellas em tudo. Por este motivo he necessario saber em que defeitos costumaõ cahir as ditas imagens, e como pódem ficar improprias, por naõ se seguir os passos da natureza, a qual devemos por meyo da

Arte

Arte Poetica melhorar, e naõ offender. Duas (ſegundo nos parece) pódem ſer as cauſas principaes, que injuriem a natureza, por ſerem defeituoſas as taes imagens. A primeira he o naõ conterem eſtas o que real, e internamente he verdadeiro; o que ſuccede quando ſaõ fundadas em algum ſofiſma, ou principio falſo. A ſegunda he o naõ ſerem veroſimeis ás peſſoas, que o Poeta introduz a fallar. A eſtes dous defeitos das imagens podemos tambem accreſcentar terceiro, que he a affectaçaõ, a qual conſiſte em fazer as ditas imagens demaſiadamente engenhoſas, conſideradas, e ſubtîs; de que he cauſa o muito eſtudo de dizer couſas novas para oſtentar engenho com a novidade. Será pois juſto, que digamos alguma couſa ſobre eſtes tres defeitos, em cujo exame certamente ſeremos util ao leitor. Principiemos pelo primeiro.

CAPITULO XXII.

Das imagens verdadeiras, e das falſas; examînaõ-ſe os conceitos do Conde Manoel Theſauro.

NAõ ſerá a primeira vez, que temos dito, que o noſſo entendimento naturalmente buſca o que he verdadeiro, e que eſte, ou o veroſimil he o principal fundamento da belleza poetica. Por tanto, para que as imagens de reflexaõ contenhaõ ſempre eſta belleza, convém muito, que ſejaõ fundadas ſobre o que he verdadeiro. Porém como as imagens da fantaſia naõ deixaõ de ſer bellas, ainda que ſe conheça ſerem falſas, diſſemos tambem já, que até as meſmas imagens fantaſticas tem a obrigaçaõ de enſinarem ao noſſo entendimento

mento alguma cousa, que seja verdadeira, ou verosimil, revestida com o que he falso. As imagens intellectuaes, e engenhosas pelo contrario naõ só representaõ o que he verdadeiro, ou verosimil real, mas tambem o exprimem por meyo do que he verdadeiro, fazendo com que as palavras sejaõ externamente hum puro, e vivo retrato daquellas verdades, e razoens internas, que directamente argumentando descobrio, e concebeo o nosso entendimento. Veleio Paterculo no liv. I. das suas Historias, fallando de Codro Rey dos Athenienses, o qual disfarçando-se de proposito para naõ ser conhecido, voluntariamente se deixou matar pela saude da Republica, escreveo desta maneira: *Codrum cum morte æterna gloria, Athenienses sequuta victoria est. Quis eum non miretur, qui illis artibus mortem quæsierit, quibus ab ignavis vita quæri solet?* Eisaqui por exemplo huma imagem intellectual de semelhança, na qual se descobre o que interna, e realmente he verdadeiro, e este explicado com palavras verosimeis. Todas as vezes, que se fugir desta regra taõ confórme á razaõ, qualquer parto será monstruoso: seraõ sofismas as reflexoens, e imagens intellectuaes, e engenhosas, quando naõ forem fundadas no que he verdadeiro. Na apparencia contém verdade estes argumentos sofisticos; porém internamente os descobre com facilidade por falsos o engenho, que he penetrante, e agudo. Saõ á maneira daquelles vidros, ou crystaes, que vulgarmente chamamos *pedras falsas*, as quaes apparentemente parecem diamantes, rubins, e esmeraldas, mas naõ tem a virtude interna destas pedras preciosas.

Por desgraça nossa, assim como naõ ha cousa taõ bella, que naõ desagrade a alguem, assim igualmente

naõ

naõ ha couſa taõ fea, que naõ tenha no mundo a al guem que a ame, e eſtime. Começáraõ eſtes falſos conceitos a reinar, ainda quando florecia o Imperio Romano, tendo ſeus apaixonados, huns com mais, outros com menos tenacidade. Marcial, Poeta de tanta graça, como agudeza, teve por verdadeira, mais que todos os ſeus anteceſſores, a eſta moeda falſa. Houve innumeraveis, que o ſeguiraõ, principalmente ha perto de hum ſeculo, e foy dos principaes o Conde Manoel Theſauro, que naõ ſó ſeguio a Marcial, mas até eſcreveo o ſeu decantado *Cannocchiale Ariſtotelico*, para que todos adoeceſſem como elle deſte achaque literario. Ainda que já temos dito, que a falſidade deſtes conceitos logo ſe deſcobre, tanto que ſe medirem pelas regras da Logica, e da razaõ, com tudo he juſto, que agora, por fallarmos deſte Author, deſcubramos de todo a chaga, e moſtremos aos apaixonados de tal eſtylo quanto he falſo, e debil o fundamento, com que formaõ as ſuas agudezas. Fundaõ-ſe eſtes em imagens fantaſticas, e tomaõ por verdadeiro intellectual, e real ao que ſómente he verdadeiro, ou veroſimil á fantaſia, miſturando, e confundindo os partos de huma, e de outra potencia. Daqui naſcem mil antiteſis, mil agudezas, e conceitos falſos, que, ſegundo Theſauro, cauſaõ ſingular maravilha, e deleite a quem os ouve; quando, ſegundo os de bom goſto, ſó cauſaõ motivo de riſo. Expliquemos melhor iſto com hum exemplo, e vejamos como eſte infeliz Meſtre de conceitos conceitùa ſobre eſta propoſiçaõ: *Magdalena Chriſtum amat, ejuſque pedes lacrymis rigat.* Começa elle a obſervar, que o amor ſe chama *fogo*, e as lagrimas *agua*, e diz aſſim: *Quid hoc prodigii? Acqua, & flamma diſcordes olim rivales, ſocordes*

cordes modò contubernales in Magdalenæ oculis convivunt? Apage te flebilis amatrix Magdalena, pedes istos nè vel aduras, vel mergas. Fallor, jam merserat, ni flammis undas exsicasset; adusserat, nisi unda temperasset incendium. Fontem anhelas, viator? Ad Magdalenæ oculos diverte: frigidam propinant. Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte: ferulam inflammabis. Unis in oculis fontem habes, & facem; ac ne desit utilitati miraculum ex aquâ ignem elicies, aquam ex igne. Audieram Ætnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere. Fidem astruit fabuloso monti Magdalenæ oculus. Hæc defuit portentis appendix, ut rivuli flammis, flamma rivulis aleretur &c. Bastaõ estas poucas regras para exemplo, e recreaçaõ do leitor, que se naõ seguir os mesmos passos, certamente naõ poderá soffrer o riso, lendo conceitos taõ pueris, e imagens taõ loucas. Toda esta machina se funda em duas imagens da fantasia, isto he, sobre duas metaforas. Em muitas cousas he semelhante ao fogo a paixaõ amorosa, pois ás vezes consome aos amantes, porque os enche de espiritos inquietos, e porque lhes parece, que internamente trazem hum fogo, que os abraza: este he o fundamento, que tem a fantasia, para dizer, que *o Amor he hum fogo*. Sabendo nós igualmente, que entre os olhos de quem chora, e huma fonte de agua, ha grande semelhança, diz tambem a fantasia, que *os olhos saõ fontes de lagrimas, e de agua.* Estas duas imagens saõ verdadeiras, ou verosimeis á fantasia, e basta este fundamento para serem bellas; porém naõ saõ verdadeiras, nem verosimeis ao entendimento, quando elle attende para o sentido directo. A' vista desta doutrina tantas vezes ponderada, bem se póde contentar a razaõ de que a fantasia

fantasia chame *fogo* ao *Amor*, e aos *olhos* huma fonte: porém naõ já, que se tomem estas imagens como directamente verdadeiras, segundo o entendimento, e que sobre ellas se fórme hum sillogismo, que he cousa, em que a fantasia naõ póde ter parte, mas sim o entendimento: Mas aquelles, que andaõ buscando conceitos, ordinariamente cahem neste erro, pondo as imagens da fantasia como fundamento das do entendimento. Este mesmo discurso de Thesauro nos dará a prova. Diz elle:

O Amor he hum fogo, e os olhos chorosos saõ duas fontes. He proprio do fogo o abrazar, e das fontes o lançar agua. Logo a Magdalena, que nos olhos tem o amor, e o pranto, lavando os pés a Christo, poderá abrazallos, e submergillos: *Pedes istos nè vel aduras, vel mergas.* Todo o maravilhoso desta imagem, ou de huma tal consequencia, está fundado sobre a proposiçaõ, que concebeo a fantasia, e sobre huma imagem, que sómente a esta potencia he verdadeira. Naõ póde o entendimento valerse della para fundamento de algum seu raciocinio; pois he causa evidente, que se val de hum fundamento falsissimo, e que disto nasce hum sophisma, que facilmente se desata deste modo. O amor he hum fogo: *distingo*, natural, he falso, imaginado da fantasia, he verdadeiro. He proprio do fogo o queimar: *distingo*, do fogo natural, he verdade: do fogo imaginado sómente pela fantasia, he falso. Logo o amor da Magdalena chorosa poderá abrazar os pés de Christo: he falsissima esta consequencia; porque o amor da Magdalena he fogo só imaginado da fantasia, e naõ natural. Concedamos a Thesauro, que a sua fantasia imaginasse ao amor como fogo, e o chamesse tal; mas como póde elle suppor argumentando,

que he propoſiçaõ verdadeira, ſegundo o entendimento a que ſó he verdadeira, ou veroſimil á fantaſia? Porém ainda creſce mais o imprudente atrevimento de alguns, que muitas vezes uſaõ de propoſiçoens, que nem ainda á fantaſia ſaõ verdadeiras, ou veroſimeis; e iſto para o fim de ſerem premiſſas de alguma maravilhoſa conſequencia. Taes ſaõ os que ſe empenhaõ em amplificar com demaſia as imagens fantaſticas, e formar metaforas ſobre metaforas. Parece veroſimilmente á fantaſia, que as lagrimas ſejaõ agua: mas ſe ſe amplifica eſta translaçaõ, e ſe ſe faz eſte argumento: *As lagrimas ſaõ agua, a neve tambem he agua, logo as lagrimas ſaõ neve*, fica a propoſiçaõ, que antes era verdadeira, ou veroſimil á fantaſia, ſendo inveroſimil ainda á meſma fantaſia; porque já a eſta potencia naõ he veroſimil, *que as lagrimas ſejaõ neve*. Iſto aſſim eſtabelecido, ſeria couſa maravilhoſa, e eſtranha dizerſe, que a neve converſava familiarmente com o fogo; porque eſta propoſiçaõ naõ ſómente he falſa, ſegundo o entendimento, mas tambem ſegundo a fantaſia, á qual naõ póde parecer couſa verdadeira, ou veroſimil, que as lagrimas ſejaõ neve, pois naõ ſe deſcobre alguma boa ſemelhança, entre eſtes dous objectos. Naõ diſcorria com eſta filoſofia taõ natural o bom Theſauro, porque diſſe: *Audieram Etnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere: fidem aſtruit fabuloſo monti Magdalenæ oculus.* Naõ contente eſte Author de ter feito duas fontes dos olhos da Magdalena, paſſa a dizer, que ſaõ banhos, e entra a convidar os doentes para recuperar a ſaude: *Vos ergo, debiles, morbidique ad iſta vaporaria Leucadio fonte ſalubriora balneator Amor accerſit.* Eu perſuadome, que naõ ſe póde ouvir conceito mais deſordenado

do que este, em que faz ao Amor enfermeiro de banhos; porém contende sobre a primazia esta imagem com aquella, em que convida ao Pastor, que vá accender luz nos olhos da Magdalena: *Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte; ferulam inflammabis.* Esta imagem só podia ter lugar (como já dissemos) na boca de quem imaginasse, que estava louco por causa de alguma paixaõ: e deste modo he que podemos admittir como engenhoso o Epigramma de Porcio Licinio, reputando-o como delirio de hum entendimento namorado. Veja-se (segundo já apontámos) a Aulo Gellio nas suas Noites Atticas liv. 19. cap. 9.

Seria muy prolixo, se quizera fazer mençaõ de todos os conceitos puerîs, e estranhos, de que estaõ quasi cheyas as obras deste infeliz Mestre, e Expositor dos preceitos Aristotelicos, a quem tantos seguiraõ, e seguem, ou por pertinacia, ou por ignorancia. Naõ quero contar neste numero ao Conde de Villamediana; mas só direy, que tambem muitas vezes adoeceo deste achaque. Louva elle a huma Dama, que se estava penteando posta ao Sol, e diz, que ella com hum dourado baixel de candido metal surcava bellos golfos; que a sua maõ envergonhava a prata, e os seus cabellos os rayos do Sol:

Al Sol Nise surcava golfos bellos,
Con dorado baxel de metal cano:
Afrenta de la prata era su mano,
Y afrenta de los rayos sus cabellos.

Acaba depois este Soneto, dizendo, que aquelles cabellos eraõ cadeas, e redes, que prendiaõ a quem queria fugir; e que tambem eraõ tremulas ondas de tempestuoso ouro, e Ceos navegados:

En

En red, que prende mas al que se escapa,
Cadenas son, y de oro proceloso
Tremulas ondas, navegados Cielos.

Acabemos este Capitulo com hum Epigramma de Hugo Grocio, homem aliàs de hum sublime engenho, feito em louvor da famosa Joanna d' Arc, chamada vulgarmente a *Pucelle d' Orleans*, a qual foy condenada pelos Inglezes a morrer queimada:

Gallica non unquam perituræ laudis Amazon,
Virgo intacta viris, sed metuenda viris.
Cujus non oculis sedet Venus, atque Cupido,
Sed Mars, atque horror sanguineæque vices.
Hæc est, cui Salicæ leges, cui Patria sese
Debet, & in veras reddita sceptra manus.
Nec fas est de morte queri; namque ignea tota,
Aut nunquam, aut solo debuit igne mori.

A razaõ, que descobrio este Poeta, pela qual naõ pareçesse cruel a morte, a que foy destinada esta valerosa Donzella, he esta. Ella era toda fogo; logo ou nunca devia morrer, ou a morrer, devia ser sómente no fogo. Na verdade era huma cousa maravilhosa descobrir hum fundamento, que parecia impossivel acharse, pelo qual se provasse, que naõ fora barbara, mas natural a morte desta Donzella, quando nós a temos por muito inhumana, e desmerecida. Porém o entendimento facilmente conhece ser falsa, e sofistica a razaõ, e fundamento com que Grossio conceituou, e deu fim ao Epigramma; pois o ser *toda fogo*, nenhuma outra cousa quer dizer, senaõ que aquella Donzella tinha hum animo cheyo de espiritos valerosos. Ora que tem isto, para daqui se deduzir a reflexaõ de dizer, que naõ deve parecer tyranna a morte desta mulher? Ou ella morresse no fogo, ou em agua, ou em

em hum patibulo, he certo, que sempre o entendimento havia fundamentalmente abominar esta morte, e julgalla por cruel. A' vista disto, onde está aquella maravilha, que o Poeta queria causar, descobrindo huma razaõ taõ occulta? Onde está aquelle deleite, que tem o entendimento bem regulado em saber huma cousa, que ignorava, e aquella verdade, que tanto lhe agrada, se nenhuma cousa de novo póde aprehender com a reflexaõ deste Poeta?

CAPITULO XXIII.

Do verosimil, e inverosimil das imagens; duas especies de verosimil.

JA' temos dito, que a principal base, em que se funda a belleza das imagens intellectuaes, he ou a verdade, ou a verosimilidade interna; porém naõ basta só isto, para que as reflexoens, e conceitos sejaõ completamente bellos. He tambem necessario, que estes contenhaõ outra especie de verosimil, que chamaremos *relativo*, porque diz relaçaõ a quem falla. Este pode-se considerar de doũs modos; ou como verosimil, que convém á qualidade, condiçaõ, e gráo da pessoa, que falla, ou como verosimil, que convém ao affecto, e paixoens, que ha, ou se suppoem em quem falla. Pelo que respeita aos conceitos verosimeis á condiçaõ de quem falla, quem naõ sabe, que as reflexoens, e imagens, que viráõ ao entendimento de hum Pastor sempre creado nos bosques, e apartado das Cidades, haõ de ser differentes das que conceberá, ou poderá conceber hum Cidadaõ, hum Guerreiro,

reiro, hum Heroe, e hum Principe? Saõ neste particular bem solidos os versos de Horacio, ensinando-nos que diversamente ha de fallar o servo, que o senhor, e o moço, que o velho. Pelo que pertence ao verosimil, que convém ás paixoens da pessoa, que falla, todos igualmente sabem, que as imagens, que saõ proprias a quem falla sem paixaõ alguma, ficaráõ improprias a quem discorre movido de algum affecto violento. Humas devem ser as imagens para aquelle, que se introduz a fallar com pensamentos meditados, e outras as que convém áquelle, que se finge discorrer de repente, e com discurso continuado, como succede na conversaçaõ civil. Largamente trataremos desta materia, quando fallarmos da Tragedia, e da Epopea; por ora contentamo-nos com apontar alguns exemplos, para que facilmente se comprehenda esta doutrina. Para mayor clareza he preciso saber, que em tres modos se costuma representar a Poesia. O primeiro he quando o Poeta mostra, que naõ falla, mas introduz pessoas, que fallem sempre, como se pratîca na Tragedia, na Comedia, e em algumas Eclogas, onde sómente os interlocutores he que fallaõ, sem que o Poeta falle, e se descubra. O segundo modo he quando só o Poeta he o que falla, sem introduzir outras pessoas a fallar, como succede nas Satyras, nos Dithirambos, e nas mais Composiçoens lyricas, em que elle sómente he que discorre. O terceiro he o que participa dos dous modos antecedentes; e he quando o Poeta ou falla como historico, ou finge, que fallaõ outras pessoas, como ordinariamente se pratîca nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nas Eclogas, e em outros Poemas lyricos. Quando falla o Poeta mesmo, sem introduzir pessoa alguma, he certo, que os

seus

ſeus conceitos, ainda que muito eſtudados, e engenhoſos, facilmente nelle ſeráõ veroſimeis, com tanto que eſtas imagens, que elle formar, ſejaõ internamente verdadeiras; e naõ tenhaõ eſcuridade, deſordem, e outros defeitos, que coſtumaõ affear a belleza poetica. Quando porém o Poeta introduz peſſoas, que fallaõ, como v. g. nas Comedias, muitas vezes nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nos lyricos, entaõ os ſeus conceitos poſtos na boca daquellas peſſoas facilmente poderáõ ſer inveroſimeis, ſenaõ refrear a fantaſia, e os impetos do engenho, e ſe com prudencia ſe naõ reveſtir do caracter daquellas peſſoas, conſiderando a natureza, as circunſtancias, e as paixoens dellas. Dizemos conſiderando a natureza; porque ella he em toda a occaſiaõ a que julga o que he veroſimil; mas com iſto naõ queremos dizer, que baſta ao Poeta imitar a natureza imperfeita, e fallar como ordinariamente fallaõ os homens: dizemos, que elle deve aperfeiçoalla, e fallar como melhor deveriaõ, ou poderiaõ as gentes. De duas maneiras ſe faz iſto: a primeira he fingindo o Poeta as peſſoas introduzidas a fallar em verſo ſerem as mais perfeitas, que naturalmente no ſeu genero poſſaõ darſe; e entaõ conceber, e eſcolher os penſamentos mais bellos, e nobres, que veroſimilmente poderiaõ vir ao entendimento daquellas peſſoas. A ſegunda maneira he, reveſtindo com côres poeticas, e ornando com bellas fraſes todos aquelles conceitos, que elle imaginou ſerem proprios daquellas peſſoas. Se ſe introduz hum Paſtor, hum Soldado, hum Principe, hum ſervo, hum valeroſo, hum fraco &c. a cada hum deſtes deve o Poeta ſuppor, que he excellente, e perfeito no ſeu genero, e que tem hum optimo engenho para poder exprimir a ſua paixaõ proporcionalmente,

cionalmente, ſegundo o ſeu genio. Iſto preſuppoſto, deverá depois attender para a natureza de quem falla, e ás ſuas paixoens, conſiderando bem, ſe naquella peſſoa ſuppoſta perfeita no ſeu genero ſeraõ veroſimeis as imagens engenhoſas, ſe lhe convém os delirios da fantaſia, e ſe o que falla he demaſiadamente eſtudado, conſiderado, e engenhoſo.

Os delirios, que Lucano poz na boca de Ceſar no liv. 5. da Farſalia, certamente naõ ſaõ falſos, antes eſta imagem eſtá pintada com viviſſimas cores. Introduz eſte Poeta a Ceſar entrando de noite em huma barca com animo de paſſar o mar; e porque o pobre barqueiro Amyclas temia a tempeſtade, que já principiava a ſentirſe, finge Lucano, que eſte Capitaõ lhe falla aſſim:

. . . . Italiam ſi Cœlo auctore recuſas;
Me pete. Sola tibi cauſa hæc eſt juſta timoris,
Vectorem non noſſe tuum; quem Numina nunquam
Deſtituunt, de quo malè tunc Fortuna meretur,
Quum poſt vota venit. Medias perrumpe procellas.
Tutelâ ſecure meâ. Cœli iſte, fretique,
Non puppis noſtræ, labor eſt. Hanc Cæſare preſſam
A' fluctu defendet onus, nec longa furori
Ventorum ſævo dabitur mora: proderit undis
Iſta ratis &c. ... Quid tantâ ſtrage paratur,
Ignoras? Quærit pelagi, Cœlique tumultu
Quid præſtet fortuna mihi &c.

A alguem pareceraõ maravilhoſos eſtes penſamentos, e com effeito ſaõ quanto pódem ſer engenhoſos; porém a mim parece-me, que naõ ſaõ muito veroſimeis na boca de Ceſar. Tenho para mim, que aqui ha hum naõ ſey que de Roldaõ, e de Ferrabraz; porque naõ me ſey perſuadir, que Ceſar, homem ainda que muito afortunado, todavia prudente, houveſſe de fallar deſte

te modo com conceitos taõ hyperbolicos, e estudados. Naõ me parece provavel, que elle dissesse: *Anda homem, se o Ceo o prohibe, eu to mando. Tu justamente temes, porque naõ conheces quem te manda. Sabe que os Deoses nunca me desampararaõ, e que me dou por offendido da fortuna, quando ella para me favorecer, espera, que eu primeiro mostre, que desejo os seus favores. Esta agitaçaõ naõ he de nossa barca, he dos ares, e do mar. Contra estes, e naõ contra ella, he que os ventos combatem. O pezo de Cesar a defenderá das ondas, ou esta mesma barca livrará as ondas da tyrannia dos ventos &c. Queres tu saber, porque se levantou taõ grande tormenta? Quer a fortuna com hum tal tumulto dos ares, e do mar acreditarse mais comigo, fazendo-me beneficios, quando me podia causar damnos.* Certamente (segundo a nossa opinaõ) a mayor parte destes conceitos saõ pouco verosimeis em Cesar, o qual naquella occasiaõ, conforme dizem os Historicos, naturalmente, e tambem com muito engenho disse: *Anda, bom homem; segue animosamente a tua viagem, e naõ temas, porque levas contigo a Cesar, e a fortuna de Cesar.* Se Lucano quando compunha estes versos perguntasse de quando em quando a si mesmo, se era verosimil, que este prudente Heroe podesse, ou devesse fallar naquella occasiaõ com tanto estudo, e temeridade, certamente deixaria este Poeta de conceber conceitos taõ declamatorios, e buscalloshia mais naturaes, como sempre observou Virgilio, admiravel na contemplaçaõ da natureza. A respeito deste sublime Poeta naõ sey, que bom fundamento teve o Padre Bouhours para lhe reprovar aquelle lugar, em que introduz a Mezencio fallando com o seu cavallo, antes de morrer. Eu pelo

contrario tenho este discurso por muito verosimil em tal occasiaõ. Era este cavallo muy amado de Mezencio, ou para melhor dizer, a cousa que mais amasse depois da morte de seu filho. Manda pois que lho tragaõ á sua presença, e cheyo de raiva, de dor, e de desesperaçaõ lhe falla, como se o tal bruto o podesse entender:

. . . . . Equum duci jubet. Hoc decus illi,
Hoc solamen erat: bellis hoc victor abibat
Omnibus. Alloquitur mœrentem, & talibus infit:
Rhæbe diu (res siqua diu mortalibus ulla est)
Viximus &c.

Todos os dias vemos gentes fallarem aos seus caens, cavallos, e outros animaes, como se tivessem entendimento para perceberem: quanto mais naturalmente o podia fazer Mezencio movido da paixaõ, e com hum cavallo, que elle tanto amava? Na força das paixoens violentas até se falla com cousas, que nem tem alma sensitiva: quem v. g. desgraçadamente tivesse morto com huma espada a hum seu amigo, era natural, que deitasse fóra a espada, e fallasse com ella, dizendo: *Vay-te embora, cruel espada, pois foste causa do mais horroroso attentado, que já mais se commetteo &c.* Poderia desafogar com ella a sua ira, e dor, como se aquelle ferro inanimado tivesse culpa, e entendesse o que se lhe dizia. Por isso huma das mais bellas imagens, que tem o mesmo Virgilio sempre foy aquella, em que Dido rompe ternissimamente na Apostrophe:

Dulces exuviæ, dum fata, Deusque sinebant &c.

Por tanto se consultarmos a natureza, veremos, que totalmente he verosimil a falla de Mezencio ao seu cavallo, e a de Rugeiro ao seu Frontino, como se lê em

Ariosto

Arioſto no Canto 45. do ſeu *Orlando furioſo*; e ſómente ſe lhe podia cenſurar o fazer ao ſeu Heroe taõ erudito neſta parte. Mayor liberdade do que eſtes Poetas tomou Homero, porque naõ ſe contentando de introduzir a Achilles fallando com os ſeus cavallos, faz tambem com que eſtes no liv. 19. da *Iliada* fallem, e lhe reſpondaõ. Porém nem ainda neſta parte póde entrar a Critica juſta, porque o Poeta vence a difficuldade, dizendo, que Juno lhes dera voz; e deſte modo, como elle cria, que os Deoſes podiaõ tudo, fica o que era incrivel ſendo crivel, e veroſimil, principalmente ornado com as cores poeticas. Baſte por agora de diſcorrer mais neſta materia, que em ſeu lugar expenderemos melhor, e paſſemos a dizer algumas couſa ſobre a affectaçaõ; como promettemos.

CAPITULO XXIV.

Da affectaçaõ dos conceitos muy refinados, e eſquadrinhados; vicio da eſcuridade.

ENtre as imagens, que chamamos inveroſimeis, alguma haverá, que naõ mereça ſer uſada dos Poetas, ainda quando fallaõ ſem introduzir peſſoa alguma a fallar. O fundamento porque ſe naõ devem admittir taes imagens, he por ſerem muy refinadas, e eſquadrinhadas. Eſte he o terceiro defeito principal, que já obſervámos nas reflexoens, ou imagens intellectuaes, e tambem algumas vezes ſuccederá o meſmo nas fantaſticas. Chamamos conceito refinado, e rebuſcado áquelle, que cuſtou grande eſtudo ao engenho, ou á fantaſia para ſe deſcobrir, moſtrando eſtas duas potencias

tencias huma como ambiçaõ de achar razoens extraordinarias, e remotas da commua idea dos homens. Muitos entendem ser indicio de hum entendimento vasto, e penetrante, ou ao menos de hum feliz engenho o descobrir as mais bellas verdades internas, e as menos conhecidas razoens das cousas. He certo, que naõ se enganaõ em crer esta doutrina; porque deste modo se consegue o deleitar com a novidade os animos dos leitores; porém igualmente he certo, que muitos Poetas abusaõ deste conselho, e enganados com a apparencia do que he bom, cahem, por fugir do trivial, no extremo contrario, que he fazerem, com que os seus conceitos fiquem muito engenhosos, e subtîs, tudo procedido de affectarem novidade no dizer. Escrupulizaõ de dizer hum sentimento, e razaõ, que possa vir á imaginaçaõ de outros Poetas, e como se naõ fosse bello, senaõ aquillo, que está remoto da commua idea, que os homens fazem das cousas, formaõ com subtileza de engenho razoens, e imagens taõ estranhas, como desconhecidas dos verdadeiros Poetas. Como estes pensamentos dos engenhos desenfreados naõ contém seriedade, por serem demasiadamente subtîs, e metafisicos, por isso a natureza, digamos, padece, e se offende muito com elles, vendo, que os homens, desprezando as verdades internas, que ella subministra, só abraçaõ as razoens inverosimeis, sofisticas, e falsas. Eisaqui em que consiste a *affectaçaõ*; em ornar com hum estudo forçado as cousas mais do que he licito, e formar conceitos fóra dos limites do verosimil. Passemos para mayor clareza a dar alguns exemplos destas taes imagens. Lembraõ-nos huns versos, naõ sabemos de que Author Hespanhol, que confirmaõ bem a razaõ da nossa Critica:

Ven

Ven muerte tan escondida,
Que no te sienta venir;
Porque el placer de el morir
No me torne a dar la vida.

Eisaqui como este Poeta para rogar á morte, que lhe tirasse a vida, usou da subtileza de hum pensamento taõ refinado, e inverosimil; pois todos sabem, que o gosto, que hum infeliz experimenta em morrer, naõ lhe póde conservar a vida, e muito menos resuscitallo. Ouçamos a Quevedo, grande Mestre destes conceitos, louvando as virtudes do seu Monarcha, e tratando da grandeza do seu Imperio:

Aquella frente augusta, que corona
Quanto el mar cerca, quanto el Sol abriga;
Pues lo que no gobierna, lo castiga
Dios, con nò sugetarlo a su persona.

Alguns defenderáõ esta imagem como boa, outros soffrella-haõ; mas tambem naõ ha de faltar quem a julgue muito affectada, suppondo o Poeta, que Deos castiga aquelles póvos, que naõ saõ vassallos de tal Principe, com os naõ fazer seus subditos. Passamos por esta affectaçaõ, mas naõ podemos fazer o mesmo a outra do mesmo Author. Louva elle a hum Principe montado a cavallo; e depois de ter engenhosamente dito, que aquelle generoso bruto em lugar de obedecer ao vento, que jactava de ter por pay, o desafia na carreira:

Al viento, que por padre blasonaba,
En vez de obedecerle, desafia.

Continùa a dizer, que o bruto mostrava, que estava ferrado com azogue, ou tambem com os Talares de Mercurio, e que ameaçava a terra, mostrando querella ferir, ou pisalla com os pés, mas que

com

com effeito a naõ feria; porque vendo-ſe carregado da mageſtade daquelle Principe, perſuadio-ſe ſer a terra indigna de que elle a piſaſſe:

Herrado de Mercurios ſe moſtraba,
Si amenazaba el ſuelo, no le heria;
Porque de tanta mageſtad cargado
Aun indigno le vio de ſer pizado.

Na mayor parte das obras do noſſo ſuaviſſimo Antonio da Fonſeca Soares ſempre lemos algum conceito deſtes; o que naõ faz maravilha neſte Poeta, nem em outros muitos do ſeculo paſſado; porque viveraõ no tempo, em que Portugal ſe vio infeſtado do peſſimo goſto da Poeſia, vindo de Heſpanha, e protegido por Gongora, Villamediana, Lope da Vega, Quevedo, e outros muitos infinitos, exceptuando Garcilaſſo de la Vega, que foy Poeta de hum optimo goſto, ſobre hum juizo exquiſito. Alguns exemplos poderamos allegar do noſſo Soares; porém baſtará por todos aquelle celebrado conceito, com que dá fim a hum Soneto, em que louva a hum Cavalhero por matar de huma cutilada a hum touro:

Em fim cahio o bruto, e parecia,
Que o ſom do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia:
Pois foy tal deſſe braço a força dura,
Que inda a terra parece, que lhe abria
Nos ſobejos do golpe a ſepultura.

Na aceitaçaõ do bom diſcurſo perde eſte penſamento todo o aſſenſo, por ſer couſa muy affectada, e fóra da poſſibilidade, e veroſimilidade engenhoſa dizer, que o ſom da cutilada atroaſſe os valles, e duraſſe nelles, para no ar fazer exequias aõ touro; e que a força do braço lhe abriſſe na terra ſepultura com os ſobejos

bejos do golpe. Verdade he que com o *parece* diraõ alguns, que quiz vencer a inverosimilidade; mas o certo he, que se a venceo com esta limitaçaõ, sempre este conceito pecca em ser muy refinado, e esquadrinhado entre as idéas, que naõ saõ communas nos homens, mas singulares. Estas imagens engenhosas taõ refinadas lá de algum tal, e qual modo se poderáõ soffrer no Poeta, quando elle immediatamente he o que falla, sem introduzir pessoa alguma a fallar; porém saõ totalmente insoffriveis no theatro, porque entaõ, mais que nunca, saõ precisos os conceitos naturaes; por fallar o Poeta por meyo de pessoas, que introduz a discorrer. Quando tratarmos da Comedia, entaõ he que com exemplos confirmaremos esta doutrina; e passemos a dar alguma instrucçaõ sobre o estylo poetico, e em que mais vicios póde cahir fóra da affectaçaõ.

CAPITULO XXV.

Divisaõ do estylo em maduro, e florido; sua origem, e sequazes.

AInda que a mayor parte da nossa doutrina até aqui se tenha empregado em mostrar o modo, com que fallaõ os Poetas, quaes sejaõ os seus conceitos, e em que se distinguem dos Prosadores, com tudo segundo a necessidade de alguns, ainda naõ teremos satisfeito ao nosso assumpto, quanto deveriamos. He pois necessario discorrer expressamente do estylo poetico, já que nelle consiste grande parte do artificio, com que os Poetas causaõ maravilha, e deleite. Divide-se o estylo poetico em *maduro*, e em *florido*: este perten-

ce á Primavera, aquelle ao Outono. Propende o florido para aquillo que he fogoſo, pueril, e picante; e o maduro para o que he temperado, adulto, e natural. O primeiro pinta as acçoens, os coſtumes, e as couſas com agudeza de penſamentos, com viveza de reflexoens, e ſentenças; e reſtringindo os conceitos em poucas palavras, fere á primeira viſta com a pompa da ſua luz o entendimento alheyo, deſcobrindo muy claramente a Arte. O ſegundo eſtylo naõ tem tanto reſplendor na ſua ſuperficie; porém tem mais ſubſtancia, e ſeriedade; uſa de palavras mais accommodadas ao ſujeito; e naõ deſcobre o ſeu eſtudo, e arte, ainda que nella ſeja mais, ou menos inſigne, que o florido. Eſtes dous eſtylos, ſe bem que ſaõ diverſos, quaſi em todas as idades tiveraõ parciaes, ou para melhor dizer obſtinados adoradores. Quem goſta da quinta eſſencia de Tacito, e dos penſamentos fogoſos de Plinio o moço, deſeja em Livio, e em Cicero menos quantidade de palavras, e mayor novidade, e agudeza nos ſeus conceitos. Pelo contrario os que ſaõ devotos de Tullio, parece-lhes, que Plinio, e Tacito em lugar de melhorar a natureza com verdadeiros ornatos, a enfeitaraõ de modo, que as ſuas compoſiçoens mais parecem donzellas levianas, que ſérias matronas. Chegou a tanto eſta parcialidade, que nos lembraremos do que fazia André Navagero, celebre Poeta Italiano do ſeculo decimo ſexto. Convocava todos os annos aos ſeus amigos no dia em que celebrava o ſeu naſcimento, e depois de os banquetear, accendia huma fogueira, e queimava nella todos os exemplares de Marcial, que tinha comprado naquelle anno, dizendo quando os queimava, que naquella acçaõ fazia *hum ſacrificio ás Muſas*. A cauſa diſto era o immoderado, e cego affecto,

cto, que tinha a Catullo, naõ soffrendo, que houvesse quem o pospozesse a Marcial, que está cheyo de conceitos taõ estudados. Da mesma opiniaõ de Navagero foy Mureto, homem de subtilissimo engenho. Estava este taõ namorado daquella aurea pureza, e simplicidade de Catullo, que na sua Prefacçaõ ás obras deste Poeta chegou a chamar ridiculo a Marcial, e a affirmar, que se houvesse de naõ seguir a Virgilio, antes seguiria a Ennio, e a Furio, que a Lucano, ainda que mais erudito, porém muito mais inchado, e menos natural, que estes antigos Poetas.

He de saber, que a Poesia, e a Eloquencia nos seus principios usavaõ de huma grande simplicidade de pensamentos, e pouco se affastavaõ da commua, e natural linguagem dos homens. Aquelles mesmos conceitos, que ordinariamente costumaõ nascer no juizo do povo, esses mesmos formavaõ tanto a prosa, como o verso, com huma rustica, mas deleitavel naturalidade. Cresceo depois pouco a pouco o estudo, e começaraõ os entendimentos mais nobres a conhecer, que a Poesia naõ causava muita novidade contentando-se sómente de cousas triviaes. Entraraõ pois a cantar aquellas acçoens, e a usar daquelles conceitos, que a natureza perfeita costuma conceber, ou deveria, e poderia conceber, obrando perfeitamente. Este era todo o seu estudo; expunhaõ estas bellezas da natureza, mas ainda com estylo natural; porém sempre accommodando-se aos assumptos; isto he, apparecendo sublimes nas cousas grandes, e agradaveis nas humildes. Naõ se contentaraõ com esta boa pratica alguns ambiciosos engenhos; porque buscando a novidade mais do que deveraõ, e vendo, que o povo, ainda que ignorante, gostava muito de ditos engenhosos, e de reflexoens

agudas, introduziraõ nas ſuas obras eſte eſtylo, com que ſe fizeraõ celebrados. Até o tempo de Tiberio eſteve em grande reputaçaõ o eſtylo maduro; porque eſtava a Republica Romana bem provîda de engenhos ſérios, e ſeveros: porém depois que faltaraõ Cicero, Livio, Catullo, Horacio, e Virgilio, reliquias da mageſtade Latina, ſim entraraõ a florecer engenhos excellentes, mas naõ taõ ſeveros, como os de ſeus anteceſſores, fazendo-os affeminados aſſim o ocio, como a ſervidaõ. Naõ erraremos, ſe diſſermos, que eſta mudança teve ſua origem nos Declamadores, os quaes propriamente eſtabeleceraõ o ſeu throno no tempo de Tiberio, ſegundo diz Quintiliano no liv. 2. cap. 11. com eſtas palavras: *Inter præcipuas, quæ corrumperent eloquentiam, cauſas licentia, atque inſcitia Declamatorum fuit.* Reduzida pois a melhor parte dos eloquentes ao ocio, e exercicio particular de declamar nas eſcólas, aqui perdeo o engenho o rumo, e entregouſe a moſtrar a ſua agudeza, e a corromper a utiliſſima Arte Oratoria, dando em huma deſenfreada liberdade de ornar ridicularias, e de conceituar demaſiadamente ſobre os aſſumptos ſublimes. Eſte peſſimo goſto naõ comprehendeo ſómente aos Oradores, paſſou tambem aos Poetas; e tanto, que Ovidio applicouſe muito a declamar nas Eſcólas, como teſtifica Seneca o velho; e o provaõ as duas Oraçoens de Aiax, e de Ulyſſes, que ſe lem nos ſeus Metamorphoſes, as quaes naõ ſaõ outra couſa, mais que duas Declamaçoens nobremente deduzidas até o fim. Daqui vem, que logo facilmente ſe conhece a grande differença, que vay entre os Poetas, que floreceraõ depois de Ovidio, e os ſeus anteceſſores, como Virgilio, Horacio, &c. Neſtes tudo ſaõ frutos ſazonados, e na mayor

parte

parte dos outros, ou tudo ſaõ flores, ou ſe ha frutos, naõ ſaõ agradaveis ao paladar, por eſtarem cheyos eſtes Poetas daquellas engenhoſas, e demaſiadamente eſtudadas reflexoens, de que uſavaõ os Declamadores. Taes ſaõ Marcial, Lucano, Eſtacio, Seneca, Claudiano, e outros, ſe bem que eſte ultimo naõ adoeceo tanto como os outros deſta geral enfermidade.

Como no principio deſte Capitulo fizemos conſiſtir tambem a differença dos dous eſtylos na differença do artificio, juſto ſerá, que expendamos eſte ponto com mais clareza. De dous artificios póde uſar o engenho poetico; ou de hum, que he *occulto*, ou de outro, que he *deſcuberto*. O primeiro he proprio do eſtylo maduro, o ſegundo ſó pertence ao florido. Se attendermos bem para os conceitos, e imagens, de que uſaõ os Authores do primeiro eſtylo, veremos, que todos parecem naturaes, dotados de huma luz, e ornato naõ pompoſo, mas ſimplez, e puro, e que todos produzidos ſem trabalho naſceraõ per ſi meſmos do aſſumpto, que ſe emprendeo. Naõ penetraõ eſtes com a vivacidade das cores, mas deleitaõ com a ſua natural belleza á força de hum modeſto, e delicadiſſimo artificio. Pelo contrario o ſegundo artificio, a que chamamos *deſcuberto*, ſim diz as meſmas couſas, que deſcreve o eſtylo maduro, porém com cores taõ vivas, com tal brevidade, ſubtileza, e quinta eſſencia de conceitos, que logo á primeira viſta penetra, e arrebata a muitos leitores, ou ouvintes. Eſtes ſentimentos, a quem fez maravilhoſos o artificio deſcuberto, coſtumaõ ter o nome de *agudezas*, e *conceitos*, e os antigos Rhetoricos lhes chamavaõ *ſentenças*, e *luzes*. Deſtas fallou Quintiliano liv. 12. cap. 10. dizendo, que *feriunt animum, & uno ictu frequenter impellunt & ipſâ*

ipsâ brevitate magis hærent, & dictione persuadent. E no liv. 8. cap. 5. affirmou, que os antigos pouco usàraõ destas sentenças, e que no seu tempo eraõ muy vulgares nas Oraçoens: *Consuetudo jam tenuit, ut * lumina, præcipuèque in clausulis posita, sententias vocaremus, quæ minus crebra apud antiquos, nostris temporibus modo carent.* Daqui vem, que ao estylo florido se chamou depois *conceituoso*, porque a cada passo usava destas agudezas, e conceitos, nos quaes claramente se dá a conhecer o estudo, e artificio do Escritor. Pelo contrario obra o artificio occulto conduzido pela modestia do estylo maduro; e está entre os bons intelligentes em mayor reputaçaõ, assim porque principalmente se encaminha a descobrir o que he maravilhoso na materia, como porque tem a virtude de se occultar a si mesmo, quando o outro nenhuma outra cousa deseja mais, que o descubrirse, e manifestar o agudo engenho com que discorre. Entenderáõ alguns, que no estylo maduro naõ ha muito artificio, porque considerando, que elle se compoem de palavras proprias, de reflexoens, e luzes naturaes, de huma pura connexaõ, e simplez expressaõ das cousas, entendem, que naõ he difficil compor deste modo, e naõ faltará quem imagine de si poder fazer outro tanto. Porém estou certo, que muitos quando forem á prova, se haõ de achar muy confusos, e que talvez desenganados confessaráõ com Cicero: *Id esse optimum, quod cum tu facilè credideris consequi imitatione, non possis.*

Com effeito tome-se hum pensamento de Virgilio, e considere-se se nelle se achaõ as circunstancias do estylo florido, ou as qualidades do maduro. Descreve elle divinamente mais que em outro lugar no 4.

da

da *Georgica* os fucceffos de Arifteo, e a defcida de Orpheo ao Inferno para tornar a ver fua mulher Euridice. Em premio da fuaviffima melodîa do feu canto, foy-lhe efta concedida, e que a levaffe para o mundo; mas com a condiçaõ de que para a ver naõ olharia para traz: diz pois o Poeta, que já Orpheo vinha com ella para o mundo:

Quum fubita incautum dementia cepit amantem,
Ignofcenda quidem, fcirent fi ignofcere Manes.
Reftitit, Euridicemque fuam jam luce fub ipfâ
Immemor, heu, victusque animi refpexit . . . .

Neftes verfos naõ ha pompa conhecida, e talvez, que os penfamentos, que elles incluem, naõ fejaõ dignos no tribunal de alguem de merecerem o nome de conceitos, porque o artificio naõ ufou de agudezas, mas fim de palavras naturaes, e de expreffoens puras, e fimplez. Com tudo he quanto póde fer maravilhofa a delicadeza do artificio occulto, com que eftaõ feitos eftes verfos; nem todos a poderáõ perceber, ainda que todos poffaõ fentir os effeitos. Por ventura podia-fe explicar com mais ternura, e reprefentarfe o coftume, a paixaõ, e o erro de Orpheo, do que com eftas palavras: *Immemor, heu, victusque animi refpexit?* Igualmente admiravel, e cheya de affecto he aquella infperada reflexaõ fobre a loucura do defacautellado amante, chamando-a digna de perdaõ, fe os Deofes infernaes foubeffem perdoar:

Ignofcenda quidem, fcirent fi ignofcere Manes.

De femelhantes bellezas, que pouco, ou nada percebem os entendimentos ordinarios, eftaõ cheyos os Poemas de Virgilio, em humas partes mais, em outras menos, fegundo a qualidade da materia. Com outro gyro de palavras, ou talvez com algum conceito fubtil

til exprimiria outro Poeta este succeſſo de Orpheo, mas naõ conſeguiria certamente com o ſeu agudo engenho o chegar á belleza incomparavel daquellas poucas palavras do Poeta Latino, que tanto penetraõ o interior de quem as lê. Igualmente poderia outro Poeta talvez com mais agudeza, porém naõ com mais brevidade, e mageſtade, deſcrever a occulta partida dos principaes de Tyro para Carthago, a fim de alli edificarem hum novo Reino, guiados pela Rainha Dido. Porém Virgilio em tres unicas palavras faz huma admiravel obſervaçaõ, que naõ parecerá tal a alguns juizos, dizendo:

. . . . *Dux fœmina facti.*

Do meſmo modo he admiravel, mas ſem pompa, a deſcripçaõ de Troya deſtruida, quando diſſe o meſmo Poeta:

Et campos, ubi Troia fuit . . . . . .

Naõ podia darſe huma idéa mais grande, e mageſtoſa, bem que taõ breve, daquella arruinada Cidade: e cada vez me parece melhor este penſamento todas as vezes, que o comparo com o de Monſ. Racine deſcrevendo no Acto 1. ſcena 2. da ſua *Andromaca* o meſmo objecto com mais palavras, porém com menor força. Diz elle: *Eu naõ vejo ſenaõ humas torres cubertas de cinza, hum rio tinto de ſangue, e huns campos deſertos.* Deste modo naõ nos faz este Poeta baſtantemente conceber a grande deſgraça de Troya, dizendo que as torres eſtavaõ cubertas de cinza; porque ſe eſtas eſtavaõ ainda em pé, como ſe collige das ſuas palavras, fazem crer, que ainda Troya naõ eſtava de todo arruinada; e ſe eſtas torres já eſtavaõ cahidas, naõ lhes devia chamar torres, mas ſim ao menos hum monte de pedras; e deſte modo veja-ſe quanto in-

incomparavelmente Virgilio pintou com eſtylo laconico, e artificio occulto a extrema ruina daquella Cidade, dizendo: *Et campos, ubi Troia fuit.*

Naõ he da noſſa intençaõ condemnar o eſtylo florido, nem totalmente diſtinguillo do maduro, como ſe ambos ſe naõ podeſſem unir, e com effeito algumas vezes ſe naõ viſſem unidos. Dizemos portanto, que louvavelmente ſe pódem unir as bellezas de hum, e outro eſtylo; pois ainda os meſmos parciaes do maduro naõ deſprezaõ alguma vez de temperar as ſuas compoſiçoens com o agradavel ſabor do florido. Huns o uſaõ mais, outros menos; e he certo, que o noſſo Camoens teve em todas as ſuas obras huma particular arte de os unir com a economia, que lhe dictava o ſeu entendimento ſublime. O meſmo fizeraõ em Italia Petrarca, e Taſſo, em França Corneille, e Racine, e em Heſpanha Garcilaſſo, e outros, ſe bem que poucos, porque muito mais ſe namoraraõ do eſtylo florido, que do maduro. He de advertir, que quando approvamos a uniaõ, e liga deſtes dous eſtylos, ſempre a noſſa tençaõ he dizer, que ſe uſe do florido com muita temperança, e parcimonia, e que appareça modeſto naõ ſó na quantidade, mas tambem na qualidade. Aquelles conceitos, que demaſiadamente ſaõ agudos, e moſtraõ ſem algum rebuço a pompa, e ſuor do engenho, ſeraõ louvaveis em compoſiçoens feitas em annos puerîs, e naõ em idade adulta. Além de que, humas Poeſias ſoffrem mais, outras menos a viveza deſtas cores; e neſtas meſmas Poeſias humas vezes ha mais lugar, outras menos para os ornatos, e artificios do eſtylo florido. Ha muitas reflexoens (como já diſſemos) engenhoſas, e agudas, mas ao meſmo tempo modeſtiſſimas, com as quaes he que ſe póde (digamos) pulveri-

ſar o eſtylo maduro. Sempre porém julgamos por melhor conſelho o encoſtar a eſte eſtylo, como mais adulto, e internamente de mais valor, que o outro. Ultimamente ſim póde o florido moſtrar huma mayor ſuperficie de belleza, que logo fira os olhos; mas direy com Quintiliano no liv. 6. cap. 4. *An ego fundum cultiorem putem, in quo mihi quis oſtenderit, lilia, violas, & amænos fontes ſurgentes, quàm ubi plena meſſis, aut graves fructu vites erunt? Sterilem platanum, tonſasve myrtos, quàm maritam ulmum, uberesque oleas præoptaverim?*

CAPITULO XXVI.

Extremos vicioſos dos eſtylos, contrapoſtos, equivocos, paranomaſias, alluſoens, e outras peſtes condemnadas.

JUſto ſerá, que depois de termos tratado dos dous eſtylos poeticos, paſſemos a notar os extremos, e vicios, em que eſtá collocada a belleza delles. Póde peccar o eſtylo florido por parte do *muito*, e o maduro por parte do *pouco*. Ao primeiro vicio chamamos *affectaçaõ*, de que já tratámos, ao ſegundo damos o nome de *ſecura*. Hum he exceſſo, outro he falta daquella maravilha, e novidade da Materia, ou do Artificio, em que conſiſte a belleza poetica. Facilmente cahe no primeiro defeito quem quer dizer tudo com ſubſtancial brevidade, e agudeza, eſpalhando em tudo flores, e aromas; ou ſe empenha a diſcorrer com engenhoſa eſcuridade, para que os ſeus conceitos naõ ſejaõ logo entendidos, ou tambem para que quem lê ima-

imagine nelles o que naõ ha, ou muito mais do que ha. Já Quintiliano se queixava destes escritos, dizendo no liv. 8. cap. 2. *Pervasit jam multos ista persuasio, ut id jam demum eleganter, atque exquisite dictum putent, quod interpretandum sit.* Nesta escuridade taõ considerada, e nestes conceitos, e abstracçoens taõ frequentes, bem se lê logo a ambiçaõ do engenho de quem quer á semelhança do pavaõ mostrar todo o thesouro, que tem, e com esta descarada industria hir adquirindo louvor, e applauso de quem ouve, ou lê taes conceitos. Ora naturalmente aborrecendo nós a soberba alheya, porque ninguem ama a quem o quer exceder, especialmente com o engenho; e vendo-se, que estes taes engenhos, de que tratamos, nos insultaõ com tanta pompa, e vaidade de riquezas conceituosas, com que ornaraõ as suas obras, em lugar de sentirmos deleite, experimentamos desgosto. Como isto assim seja, segue-se, como já temos dito, que naõ ha cousa, que corrompa mais a verdadeira belleza poetica, e passe dos confins do gosto exquisito desta arte, como o querer ornar muito as cousas a demasiada sede da novidade, e o desejo de causar admiraçaõ. He verdade, que *grata est novitas, & magis inopinata delectant*, como escreveo Quintiliano, e nós tantas vezes temos persuadido; porém igualmente he certo, que a todas as cousas he necessaria a medida, que lhes he proporcionada, e que o *muito* he o mayor inimigo, que tem a belleza da Poesia. A Justo Lypsio acerrimo parcial do estylo florido, conciso, e agudo pareciaõ as Tragedias de Seneca huns maravilhosos, e incomparaveis Poemas. Particularmente sobre a *Thebaide* escreveo elle deste modo: *Eximie pulchra est, & quoties lego, veneratio me habet, vel potius stupor. Nemo Va-*

tùm visus mihi tam altè, & tam feliciter volasse. Elevou-se este grande homem destas Tragedias, porque cada hum ama o seu semelhante. Seguia Lypsio o mesmo estylo, e naõ reparava, que naquellas obras muitas vezes se encontra com o defeito da affectaçaõ, querendo Seneca dizer tudo com agudeza taõ demasiada, que ainda enche de argucias as paixoens, e affectos mais fortes, mostrando nelles, que se deixava arrastar do gosto Declamatorio, e do estylo, que se pratîca nas Escólas.

Porém onde mais claramente se conhece a affectaçaõ, he quando o Poeta vay anciosamente buscando *antithesis*, ou contrapostos, que tambem chamamos metaforas de opposiçaõ. Naõ se póde negar, que esta figura póde causar maravilha, quando o engenho especulando descobre, e faz ver, que em hum mesmo sujeito se verificaõ dous contrarios, e predicados oppostos. Pódem sem duvida estes contrapostos contér o que na Posia he verdade, e belleza, com tanto que naturalmente nasçaõ da Materia, e naõ se conheça trabalho, e ambiçaõ de engenho, que por força os introduz. Isto mesmo recommenda Aristoteles com estes exemplos: *Boa cousa he morrer, antes que se mereça o morrer. Sendo tu pessoa mortal, naõ convém, que seja immortal a tua ira.* Igualmente Publio Siro disse com engenho: *A vida he longa para o infeliz, curta para o feliz*, e Cicero fallando de Cesar, e Pompeo, disse tambem: *Quizesse Deos, que elles, ou nunca entre si tivessem contrahido, ou nunca desfeito o parentesco.* Porém assim como ha alguns compostos fundados no que he verdadeiro, assim ha infinitos, que se estribaõ no que he falso, e mostraõ claramente o pueril trabalho de quem os formou; como saõ em Hes-

panha

panha os de Gongora, e outros muitos, e em Italia os de Marino, que teve innumeraveis sequazes. Hum dos mayores foy Thesauro, o qual chegou a escrever, que a figura *antithetis*, era *douta figura*, pois assim lhe chamou Persio. Muito affastado da mente deste Poeta estava este Escritor, quando lhe interpretou aquelles versos da Satyra I.

Fur es, ait Pedio. Pedius quid? Crimina rasis
Librat in antithetis. Doctas posuisse figuras
Laudatur. Bellum hoc. Hoc Bellum? &c.

Com maneira mordaz satyrisa Persio neste lugar tanto o meyo, que tomou aquelle homem, o qual em vez de se defender do delicto, que se lhe imputara, começa a fazer antithesis, como a loucura do povo ignorante, que dizia destas ridicularias. *O' bellamente, bellamente!* E quanto mais, que Persio só quiz significar com o nome de *antithetis* aquelles periodos, que se compoem de membros correspondentes alternadamente, e contrarios hum ao outro; e entre os Rhetoricos saõ estas antithesis figuras chamadas *verborum*, e naõ *sententiarum*.

Naõ se póde negar, que esta peste de contrapostos, equivocos de vozes &c. veyo de Italia no principio do seculo decimo sexto, segundo a authoridade de Monf. Boileau insigne Critico Francez, quando disse no I. Cant. da sua Poetica:

. . . . Laissons à l' Italie
De tous ces faux brillans l' èclatante folie.

Sim se oppoz a esta opiniaõ o celebre Muratori, a quem tanto temos seguido, dizendo na sua obra *Della perfetta Poesia Italiana* liv. 2. cap. 3. que este pessimo gosto nascera em Hespanha, e naõ em Italia, porque Lope de Vega usara muito delle, antes que nasceisse

cesse em Italia Marino. Porém se consultarmos a Chronologia, he muito mal fundada a impugnaçaõ, que Muratori faz a Boileau; porque Lope de Vega nasceo em 25. de Novembro de 1562. e morreo em Madrid em 28. de Agosto de 1635. e Marino nasceo em 18. de Outubro de 1569. e morreo em Napoles em 26. de Março de 1625. Naõ nos importa discutir este ponto; o que nos serve he dizer, que muitos nossos Poetas principaes adoeceraõ deste contagio, viesse donde viesse. Quem ler o *Virginidos* de Barbuda, o *Ulyssipo* de Macedo, o *Macabeo* de Sylveira, o *Condestable* de Lobo, e a *Ulyssea* de Gabriel Pereira, ha de achar muitas destas argucias, conceitos falsos, antithesis, paranomasias, equivocos de vozes &c. Seria materia infinita se para exemplos allegassemos versos destes Poetas, e baste, que os eruditos saibaõ, que fallamos verdade no que dizemos. O mais he, que até Camoens naõ escapou deste mal, porque tambem abraçou este modo de dizer, sendo aliàs hum Poeta de exquisito gosto em muitas cousas. Apontaremos deste alguns exemplos para sermos crido, pois fallamos de hum Epico de taõ grande merecimento. A respeito dos equivocos de vozes, eu naõ sey, que haja quem possa gostar da Estancia 91. do Canto 3. em que diz, fallando de ElRey D. Sancho II.

De governar o Reino, que outro pede,
*Por causa dos * Privados foy privado.*

E menos se póde gostar em estylo heroico (se bem que em outro se poderia permittir) do fim da Estancia 14. do Canto 6. tratando da hida de Baccho ao mar, e dizendo, que as Nynfas *se estaõ maravilhando*:

De ver, que commettendo tal caminho,
*Entra no Reino * d' agoa o Rey do vinho.*

Porém

Porém ainda este naõ he o mayor defeito dos versos deste insigne Poeta: mayor he o vicio dos continuados contrapostos, que a cada passo se póde dizer, que se encontraõ no seu Poema; e ainda que muitos, no sentir de Garcez, sejaõ naturalissimos, com tudo outros saõ muy affectados, e triviaes. Lea-se a Estancia 56. do Canto 3. onde diz, fallando da Villa de Cintra:

Cintra onde as Nayades, escondidas
Nas fontes, vaõ fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente
* *Nas aguas accendendo fogo ardente.*

Naõ fallemos na metafora viciosa, e conceito falso, supponde material a hum fogo, que só he metaforico, porque este lugar aqui tem sua defensa; veja-se sim quanto parece pueril esta antithesi de *agua*, e *fogo*, a qual quando muito se poderia louvar em hum principiante. Do mesmo theor he outra, que se lê na Est. 82. do mesmo Canto 3.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Miralmominim só naõ fugio,
Porque antes * *de fugir, lhe foge a vida.*

Outros muitos lugares poderamos trazer, mas naõ queremos encher papel inutilmente. Naõ faltará quem nesta parte queira defender a Camoens, que elle fizera o mesmo, que praticaraõ Poetas mayores da antiguidade, entre os quaes tem Virgilio o primeiro lugar. He verdade, que na *Eneada* se achaõ alguns lugares, que poderiaõ defender a Camoens; porém he motivo para rir (como diz Muratori) dizer se, que Virgilio usasse advertidamente destas agudezas, que ou naõ eraõ conhecidas, ou eraõ desprezadas naquelle bom seculo. Virgilio no liv. 1. do seu Poema sim escreveo:

creveo: *Puppesque tuæ, pubesque tuorum*: no liv.4. *Viri virtus*: no liv. 9. *Sperate parati*, e tambem *Vellere vallum.* Naõ ſó nos Poetas, mas igualmente nos Hiſtoriadores, e Oradores ſe achará algum lugar para eſta defenſa. T. Livio eſcreveo: *Campanos campos, vellerent vallum*; e Cicero diſſe: *Commentariis commentitiis, decem duces &c.* Naõ cuidaraõ certamente (como diz o citado Muratori, e Salvini liv. 1. pag. 443.) eſtes inſignes homens em fazer trocadilhos; por acaſo lembraraõ taes palavras, como ſempre eſtá ſuccedendo a quem eſcreve; e o mais he pertender ſem fundamento ſolido fazer meninos a eſtes Authores taõ graves. O meſmo ſe póde dizer daquelle lugar de Virgilio do liv. 10. da Eneada:

Intereà Genitor Tiberini ad fluminis undam
Vulnera ſiccabat lymphis. . . . . . .

Faz a eſtes verſos huma obſervaçaõ o Padre Lacerda, e diz: *Vide acumen. Aquæ, quæ verè rigant, hic ſiccant.* Nunca Virgilio ſonhou em fazer ſemelhante agudeza taõ impropria do ſeu eſtylo. Ao que ſó attendeo, foy a expor naturalmente o effeito da agua fria, que ſuſpende o fluxo do ſangue, e por iſſo he que uſou do verbo *ſiccare*, para exprimir bem o ſeu penſamento; e de nenhum modo por agudeza; pois em hum Poema heroico, e em materia grave naõ havia uſar de huma couſa de que ſó ſe poderia contentar quem principia a fazer verſos. Verdade he, que Quintiliano no liv.9.cap. 3.traz por exemplo de figura, das chamadas *Verborum*, o lugar apontado de Virgilio: *Puppesque tuæ, pubesque tuorum*; porém difficultoſamente me poderey perſuadir, de que eſta foſſe a intençaõ daquelle Poeta, no que ſigo a graviſſimos Authores, como Eſcaligero na Poetica, Salvini, e Muratori já allegados. Quanto

to mais, que Quintiliano aponta ſemelhantes exemplos, naõ para que ſe imitem, mas para que totalmente ſe fuja delles, como couſa pueril.

Semelhantes agudezas ſómente ſe pódem guardar para o eſtylo jocoſo, que ſerve de promover o riſo, e eſta he toda a ſua virtude, como enſinaraõ os melhores Meſtres. Neſte eſtylo tem hum particular lugar os equivocos, os quaes nos agradaõ muito, e movem a rir, tanto que deſcubrimos o em que conſiſte a galantaria. Deve-ſe porém obſervar ſempre, que o uſo delles ſeja moderado, e guiado pelas regras, que nos deixaraõ graviſſimos Eſcritores; e quando ſem grande cautella, e juizo ſe uſa de paranomaſias, e outros jogos de palavras, he certo, que ſe dizem couſas ridiculas, e naõ galantarias engenhoſas. Se neſtas alluſoens, e equivocos ſe deſcobre taõ claramente hum eſtudo de engenho ſuperficial, quanto mais ſe obſervará eſte em outros jogos, que ha taõ affectados, inſulſos, e que foraõ ſéria occupaçaõ de tantos ſeculos, a quem fez ignorantes eſte goſto depravado? Taes ſaõ os *acroſticos*, os *acromonoſyllabicos*, os *iſolecticos*, os *correlativos*, os *alfabeticos*, os *anaſtrofos*, ou *cancrinos*, e *retrogados*; os *ſerpentinos*, os *palindromos*, os *cronoſticos*, os *ſinfoniacos*, os *concordantes*, os *protheos*, os *logogrifos*, os *parallelos*, os *filomeliſmos*, os *tautogrammaticos*, e outros mil, todos nomes Gregos, que quando agora os ouvimos, parecem palavras nigromanticas; e eu confeſſo ingenuamente, que naõ ſey o que ſignifica a mayor parte delles, do que naõ tenho pezar, por ſer couſa bem inutil, e abórtos de engenhos infelices, que querendo deleitar com a novidade, ſe perderaõ a traz deſtes modos artificioſos, e novas invençoens de verſos, que

naõ conheceo a ſabia antiguidade, e deſprezaraõ os melhores Authores modernos. Na meſma claſſe deſtes entraõ aquelles verſos, que ſe formaõ, e ſe diſpoem em diverſas figuras, como oval, pyramidal, cubica &c. Eu vi alguns, que repreſentavaõ *altares*, *azas*, *lanças*, *thronos*, *esféras*, *cruzes*, *columnas*, *torres*, e outras mais figuras, que ſó por brinco, e galantaria he, que alguma vez as formaraõ os antigos, e naõ por ſeriedade, como fez a ignorancia dos ſeculos barbaros. Nem ſaõ mais eſtimaveis, aſſim os *anagrammas* numericos, ou literaes, como os *enigmas*, os quaes naõ tem outra excellencia, ſenaõ ſerem entre as cuſtoſas ridicularias do engenho as mais engenhoſas; ſe bem que confeſſaremos, que pódem os enigmas merecer algum louvor, naõ ſendo literaes, mas ſim contendo aquelle juizo, e bom ſabor, com que naõ ſó os Gregos, mas ainda os Hebreos os faziaõ naõ menos agradaveis, que inſtructivos. Ora naõ he a noſſa Critica taõ ſevera, que alguma vez naõ admitta ſemelhantes compoſiçoens, naõ para ſervirem á Eloquencia, e Poeſia, mas para lançarem fóra a ocioſidade, mãy de todos os vicios, com hum exorciſmo taõ innocente.

A naõ ſer por eſte fim de lançar fóra o ocio, digaõme, que goſto, e deleite pódem ter engenhos aliàs grandes, e penetrantes em formar eſtes jogos de palavras, conſiſtindo toda a ſua belleza, e maravilha em huma apparencia, e ſuperficie? Naõ ha couſa (tornamos outra vez a dizer) que moſtre mais a pobreza de hum engenho, do que eſtas ridicularias, tanto naquelles, que as publicaõ, como nos que as approvaõ. A vaſtidaõ do engenho conhece-ſe no deſcubrir, e unir as ſemelhanças, e relaçoens mais remotas dos objectos; e quem faz alluſoens, paranomaſias &c. como ſómente ſe

ſe applica a recolher as ſemelhanças, e relaçoens, que ſaõ muy proximas, nenhum progreſſo faz no aſſumpto, que emprendeo. Quando queremos diſcorrer de alguma materia, o primeiro objecto, que ſe nos repreſenta, ſaõ os nomes das couſas. Com muy pouco trabalho, que tenhamos, logo nos occorrem outros nomes ſemelhantes: v. g. ſe fallarmos de *Marte* facilmente nos occorre *Morte*; de *Imperio Impireo*; de *Auguſto Anguſto &c.* A quem falla de huma *vide*, naõ ha couſa mais facil, querendo formar eſtes conceitinhos, que lembrarſe de *vida*, como fez Marino, dizendo:

Stringe il marito, e gli ſ' appogia appreſſo
La vite, onde la vita è ſoſtenuta.

E fallando da *calamidade*, uſa da palavra *calamita*, que he o imàn em Italiano:

D' ogni calamità ſia calamita.

Quem pertendeo conſeguir com eſtes inſipidos penſamentos grande applauſo entre os ſabios, foy o Conde Manoel Theſauro, tantas vezes allegado; e ſe naõ veja-ſe como conceituou na mayor parte dos ſeus Elogios, e traremos por exemplo huma inſcripçaõ feita ſobre hum elevado aſſumpto. Diz elle: *Frigida ipſa bruma in rogali flammâ Regalem ardorem ſentit. Adamas es, non adamans, Heroum hæres feliciſſime, regalis domûs columen, & culmen, tam omnibus clarus, quàm carus. Alicubi naſcere, ubique noſceris. Tot tibi perpetes annos annuit, quot præpetes fulgurum fulgores iſto ex monte coruſcabunt. Cerne, viator, rerum omnium rerum omen, non læthalia, ſed læta, omnia deferre &c.* Temos moſtrado o que ſaõ ſemelhantes conceitos, os quaes á maneira de huma teya de aranha, com qualquer aſſopro ſe reduzem

a nada: temos igualmente diſcorrido quanto baſta das imagens verdadeiras, e falſas, ou da fantaſia, ou do entendimento, do veroſimil, e inveroſimil; e finalmente de tudo o em que conſiſte a belleza poetica, materia diſcorrida por muy raros Authores: reſta agora tratar das eſpecies da Poeſia, e dizer nellas o que temos lido, e obſervado nos Eſcritores mais claſſicos, que trataraõ da Poetica; no que ſerviremos muito á mocidade Portugueza, para quem eſcrevemos.

ARTE POETICA.

LIVRO II.

CAPITULO I.

Da origem, progressos, e definiçaõ da Tragedia.

PRincipiamos a tratar das especies mais nobres da Poesia por huma das mais importantes, que se comprehendem nesta Arte, qual he a Tragedia; no que seguimos a ordem de insignes Mestres, como Vossio, Donato, Luzan, e outros muitos. Divide-se a Poesia em *Dramatica*, *Epica*, e *Lyrica*, como tantas vezes temos insinuado; e o fundamento, que houve para esta divisaõ, foraõ os tres modos, com que o Poeta imita: pois ou elle imita occultando-se a si, e introduzindo pessoas a fallar, e entaõ se chama a esta imitaçaõ Poesia *Dramatica*, ou *representativa*; ou tambem imita, humas vezes narrando elle mesmo, outras introduzindo sujeitos a narrar, e entaõ he, que a esta Poesia damos o nome de *Epica*. A *Lyrica* he aquella, em que o Poeta he só o que narra sem introducçaõ de pessoa alguma, discorrendo das virtudes, ou dos vicios, do louvor, ou do vitupeério, e finalmente de todos os infinitos objectos, que se offe-

offerecem á natureza universal. Como desta ultima especie temos já tratado taõ diffusamente no Livro antecedente, discorrendo da Poesia em geral, entraremos agora na Dramatica, da qual procedem duas especies taõ notaveis, como saõ a Tragedia, e a Comedia, e dellas exporemos as regras, qualidades, e differenças com aquella clareza, que puder o nosso estylo, e com aquella doutrina, que souber a nossa tal qual erudiçaõ.

Parece-nos, que será cousa muy conveniente, e util ao principiante, primeiro que entremos no exame das regras da Tragedia, darlhe huma breve instrucçaõ da origem, e progressos desta nobre especie da Poesia. Como nesta materia, por causa dos seculos taõ remotos, saõ muitas as trevas, que impedem as luzes da verdade, naõ podemos saber com certeza qual foy a origem da Tragedia. A opiniaõ, que os melhores Authores abraçaraõ por mais provavel, he, que a Tragedia, e a Comedia tiveraõ principio nas cousas divinas, isto he, nos Hymnos, que annualmente se cantavaõ em Athenas em louvor de Baccho. Assim o prova Donato nos Prologomenos a Terencio. Offereciaõ aquelles antigos homens sacrificios a esta sua Divindade, e accendendo o altar, offertavaõ hum bode, cantando certos versos á honra de Baccho. A' quelle, que melhor se desempenhava neste canto, destinavase-lhe por premio ao tal animal, ou hum odre (como querem outros) feito da pelle delle, e cheyo de vinho. Assim o affirma Diomedes no liv. 3. cap. de *Poemat. generibus*, dizendo: *Tragedia est heroicæ fortunæ in adversis comprehensio. Dicitur à trago, & ode: quoniam olim actibus tragicis tragos, id est, hircus præmium cantus proponebatur, qui liberalibus, die festo libero patri*

patri, ob hunc ipsum immolabatur, quia, ut ait Varro, depascunt vitem. Da mesma opiniaõ foy Horacio, dizendo na sua Arte Poetica:

Carmine qui tragico vilem certavit ob hircum,
Mox etiam agrestes satyros nudavit . . . .

Virgilio na Georgica 2. com mais clareza, do que Horacio, especifica este genero de sacrificio, e dá a causa desta offerta, dizendo:

Non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris
Cæditur, & veteres ineunt proscenia ludi:
Præmiaque ingentes pagos, & compita circum
Theseidæ posuere, atque inter pocula læti
Mollibus in pratis unctos saliere per utres.

Outros Authores ha, que imaginaraõ, que a Tragedia deduzira o nome das fezes do vinho, a que os Gregos chamavaõ *tryga*, mudando-se o *y* em *a*; porque no principio costumavaõ aquelles rusticos do campo untar a cara com estas fezes, a que chamamos borras, e punhaõ-se deste modo a cantar, e a bailar ao redor da victima. Assim o dá a entender o mesmo Diomedes no lugar apontado, confirmando-o com os versos de Horacio:

Ignotum tragicæ genus invenisse Camænæ
Dicitur, & plaustris vexisse poemata Thespis,
Quæ canerent, agerentque peruncti fæcibus ora.

Deixadas outras opinioens por menos provaveis, continuamos a dizer, que a Tragedia, e a Comedia concordaõ no seu principio, e origem; e que a differença, que ha entre huma, e outra he, que a Tragedia trata (segundo Donato nos Prologomenos a Terencio) de personagens grandes, e de acçoens horrorosas, e lastimosas, e a Comedia de acçoens, e pessoas particulares, sem que se introduzaõ cousas lamentaveis.

Este

Eſte meſmo Author dá outra razaõ de differença, dizendo: *Poſtremò quod omnis Comœdia de fictis eſt argumentis; Tragœdia ſæpe ab hiſtoricâ fide petitur.* Naõ podemos eſtar por eſta razaõ de Donato; porque ſe implica na ſua doutrina. Nos meſmos Prologomenos decide elle, que o argumento da antiga Comedia ſaõ *res geſtæ à civibus*; logo fica ſendo falſa a ſua aſſerçaõ de dizer *Omnis Comedia &c.* Demais, diz abſolutamente, que a antiga Tragedia contém algumas vezes ſujeito hiſtorico; o que he falſo, porque abſolutamente os argumentos das antigas Tragedias naõ dependem ſimplezmente de alguma hiſtoria, como moſtra Niſieli tom. 5. *Proginnaſm.* 14. Sobre a differença da Tragedia á Comedia ouçamos a deciſaõ de Ariſtoteles na ſua Poetica, que diz, ſegundo Voſſio: *Nempe cum antiquitùs in ſacris Bacchi dithyrambicè foret, & phallica: ex dithyrambicis quidem aucta eſt Tragœdia; ex phallicis autem Comœdia.* Eraõ os *Dithyrambos* (como já diſſemos) huns verſos, ou Hymnos ſérios, e os *Phallicos* huns verſos, que promoviaõ o riſo, ſegundo explica Minturno na ſua Poetica pag. 243. *Deinde ille idem chorus cùm per utres vini plenos, lubricosque ſaliens luderet, convitia, & ridicula quædam fundebat verſibus, quæ Phallica dicebantur.*

Tratando nós da origem da Tragedia parece ſer neceſſario, para mayor inſtrucçaõ do leitor, moſtrar ſe eſta foy anterior á Comedia. Diverſas opinioens tem havido ſobre eſta materia. Eſcaligero no liv. 1. da ſua Poetica cap. 5. ſegue, que a Tragedia fora poſterior. Porém Evanthio, allegado por Voſſio, diz: *Ut ab incultis, & feris moribus, paulatim perventum eſt ad manſuetudinem; urbesque ſunt conditæ, & vita mitior, atque otioſior proceſſit: ita res tragicæ longè ante*

ante comicas inventæ. Entre estas taõ contrarias opinioens a mais seguida he, que a Tragedia foy a primeira em se polir, e augmentar, e a Comedia a primeira na origem. Assim o seguiraõ Quintiliano, e Bulengero de Theat. liv. 1. cap. 3. e 4. dizendo: *Quamquam Comædia videtur antiquior tragico dramate, prius tamen hoc excultum est, quàm Comædia.* Da mesma opiniaõ foy Vossio escrevendo nas suas Instituiçoens Poeticas, liv. 2. cap. 12. *Origo Tragædiæ, an Comædiæ, antiquior sit, non convenit. Videtur autem Comædia quidem prius cæpisse; sed Tragædia prius exculta.*

Nascida pois a Tragedia no campo entre rusticos, quando celebravaõ a festa de Baccho, depois de fazerem as suas vindimas, passou esta celebridade ao povoado, e depois ás Cidades, principalmente de Athenas, onde se fazia com grande pompa. Nesta Poesia se empregaraõ engenhos felicissimos da Grecia, e a foraõ polindo, e augmentando, introduzindo còros de musica, bailes, e composiçoens de Hymnos, tudo dirigido com a arte, e ornado com o engenho. Assim durou muitos annos a Tragedia, até que floreceo Thespis Atheniense, que viveo no tempo de Solon, e foy Mestre de Phrinicho, famoso Tragico daquelle seculo. Introduzio este hum representante, para que o còro podesse descançar: assim o affirma Diogenes Laercio na vida de Plataõ, dizendo: *Ut olim Tragædiam prius quidem chorus solus agebat; postmodum verò Thespis unum invenit histrionem, ut chorus interdum requiesceret.* A esta interpolada representaçaõ, e intervallo, para descanço do coro, chamouse Episodio, por ser como huma digressaõ do caminho, ou huma cousa, que vinha antes de principiar a musica. Quasi cincoen-

ta annos esteve assim a Tragedia, até que floreceo Eschylo, o qual introduzio dous representantes no Episodio. Assim o affirma Aristoteles na sua Poetica cap.4. *Histrionum numerum, ex uno videlicet in duos, Æschylus primus auxit; & ea, quæ circa chorum sunt, imminuit, sermonemque primarum partium instituit.* Desta authoridade nos consta igualmente, que este Tragico, além de introduzir outra pessoa, minorou o coro, e fez com que entre os representantes houvesse hum primeiro papel. Pedro Victori, Paulo Beni, e alguns outros sim tomaraõ em outro sentido estas palavras do Filosofo, dizendo, que se devem entender pelo *Prologo*, o qual tambem inventou Eschylo: porém nós seguimos a Pacci, Robertello, e Dacier, que entendem as palavras *Sermonemque primarum partium* pelo primeiro papel, ou primeiro representante, principalmente Mons. Dacier, que o prova com evidentes fundamentos no seu Tratado *Poet. remarq. sur le chap.* 4. *n.* 37. Este mesmo Author entende tambem pelas palavras de Aristoteles *Et ea, quæ circa chorum sunt, imminuit*, que Eschylo minorasse sómente o canto, e naõ o numero das pessoas, como affirmaõ outros. A opiniaõ destes parece-me mais bem fundada; porque naõ ha duvida, que Eschylo diminuîo o numero das pessoas, se bem que contra sua vontade, pois foy por ordem do Magistrado; e o motivo, que houve para esta mudança, foy a sua Tragedia intitulada *Eumenides*. Compunha-se o coro della (como entaõ era costume) de cincoenta pessoas, e representaraõ estas as Furias tanto ao vivo, que se espantou o auditorio, morreraõ muitos meninos, e abortaraõ diversas mulheres; e por esta razaõ reduzio-se a quinze o numero de cincoenta pessoas, que compunhaõ o coro. A Eschylo seguio-se

Sopho-

Sophocles famoſo Tragico, o qual introduzio tambem outro repreſentante; e como já eraõ tres as figuras, entrou-ſe a repreſentar em fórma de Dialogo, fazendo-ſe principal o que era acceſſorio; iſto he, que o coro, que antes era a principal couſa da Tragedia, ſervia depois ſómente de intervallo para deſcanço dos que repreſentavaõ. Muito deve a Tragedia a Sophocles, porque além de lhe introduzir o terceiro repreſentante, inventou tambem a *Scenographia*, que he o ornato, e pintura das ſcenas, como nos diz Ariſtoteles: *Sophocles unà cum ſcenæ ornatu &c.* e por eſte fundamento he que Diogenes Laercio diz na vida de Plataõ, que a Tragedia tivera principio em Theſpis, augmento em Eſchylo, e perfeiçaõ em Sophocles. Aſſim he; porque Theſpis talvez naõ introduzio mais, que hum repreſentante, Eſchylo inventou, além da introducçaõ de outra figura, o uſo das maſcaras, de veſtidos, de cothurnos, e dos tablados pequenos, pois no tempo de Theſpis ſó ſe repreſentava em carros, como diz Horacio. Veyo depois Sophocles, e introduzio as machinas, tramoyas, e ſcenas, figurando humas vezes boſques, grutas, e cabanas, e outras vezes altares, palacios, ſepulturas &c. Mudavaõ-ſe as ſcenas, ſegundo convinha ao argumento da Tragedia, o que ſe naõ fazia no tempo de Eſchylo, porque ſervia huma ſcena para todas as repreſentaçoens. Aſſim como a Sophocles devemos o ornato do theatro do meſmo modo, que ainda hoje ſe conſerva, aſſim lhe devemos tambem a perfeiçaõ da locuçaõ Tragica, ſe bem que Eſchylo foy o que a inventou, porque no tempo de Theſpis (como diz Luzan) ou naõ tinha a Tragedia outros aſſumptos, ſenaõ os louvores de Baccho, galantarias ſatyricas, e apódos obſcenos, que

diziaõ huns a outros do coro, bailando deſcompoſtamente á maneira de Satyros, ou ſe acaſo ſe repreſentava nos Epiſodios outro aſſumpto, era miſturado com graciofidades groſſeiras, e plebeas. Tudo iſto evitou Eſchylo, introduzindo aſſumptos grandes, e ſérios, narrados no eſtylo elevado, e ſublime, que lhes pertencia, como nos enſina Horacio na Poetica:

Poſt hunc perſonæ, pallæque repertor honeſtæ
Æſchylus, & modicis inſtravit pulpita tignis;
Et docuit, magnumque loqui, nitique cothurno.

Quintiliano no liv. 10. cap. 1. fazendo hum juizo critico das Tragedias deſte Poeta, diz: *Tragædias primus in lucem Æſchylus protulit, ſublimis, & gravis, & grandiloquus, ſæpe uſque ad vitium: ſed rudis in plerisque, & incompoſitus: propter quod correctas ejus fabulas in certamen deferre poſterioribus Poetis Athenienſes permiſère: ſuntque eo modo multi coronati.* Eſtas imperfeiçoens de Eſchylo, emendou Sophocles, merecendo na antiguidade o primeiro applauſo, como tambem Euripedes, ainda que delle diz Ariſtoteles: *Euripides, licet alioqui non bene diſponat fabulam, maximè tamen tragicus eſt in ſui generis poetis.* A eſta cenſura ſe oppoem o allegado Quintiliano no meſmo lugar, dizendo, que Sophocles ſim fora mais grave, e ſublime; porém que Euripedes fora mais admiravel nos affectos, principalmente nos que movem á commiſeraçaõ; e que tivera mais abundancia de ſentenças, ſe bem que neſta parte he culpado, por ſeguir o eſtylo de Orador, e huma demaſiada erudiçaõ.

Temos diſcorrido da origem, e progreſſos da Tragedia com a extenſaõ preciſa, naõ querendo ſobre eſta materia referir mais algumas couſas, que eſ-

creveraõ diverſos Authores, porque as julgamos naõ ſó prolixas, mas inuteis. Entremos agora a tratar das partes deſta Poeſia, e aſſentar em primeiro lugar na ſua definiçaõ. Principiemos pela de Ariſtoteles, Author de grande authoridade, eſpecialmente neſte aſſumpto. Define elle a Tragedia, dizendo: *Tragædia eſt imitatio actionis illuſtris, perfectæ, magnitudinem habentis, ſermone ſuavi, ſeparatim ſingulis generibus per partes agentibus: non per enarrationem, per miſericordiam verò, atque terrorem, efficiens hujuſmodi perturbationum purgationem.* Diz: *Imitatio actionis illuſtris*; iſto he, de acçaõ ſevera, e grave, como enſina Robertello, feita por peſſoa illuſtre. Proſegue dizendo: *Perfectæ, magnitudinem habentis*; porque ſó he perfeita a acçaõ, que conſta de principio, e fim, e ſó he grande, ſe naõ for nem muy breve, nem muy extenſa. Continua: *Sermone ſuavi*; porque a Tragedia, além do metro, tem o baile, e a harmonia, que vinhaõ depois da recitaçaõ; e iſto he o que ſignificaõ as palavras *Separatim ſingulis generibus per partes agentibus*; iſto he, quando o pede o uſo, e o lugar. Ultimamente diz *Non per enarrationem &c.* porque naõ ha de ſer ſegundo o modo narrativo, de que ſe uſa na Poeſia Epica, e Lyrica, mas ſim na Dramatica, em que o Poeta ſempre eſtá callado, e ſó introduz peſſoas a fallar. Deſte modo excitando a Tragedia o temor, e a miſericodia, modera eſtes affectos, e paixoens. A' viſta deſta explicaçaõ fica ſendo clara a definiçaõ do Filoſofo, que antes eſtava eſcura, defeito, que lhe daõ muitos Authores; e podemos dizer, que a *Tragedia he a imitaçaõ de huma acçaõ Dramatica, feita por peſſoas illuſtres; que ſeja perfeita, e grande, ſeparando do metro a harmonia, e baile, e temperando*

rando as paixoens de temor, e misericordia por hum fim miseravel, e terrivel. Naõ se póde negar, que esta definiçaõ de Aristoteles fica sendo agora muito clara, e mais para se admittir, que a de muitos Escritores, dizendo confusamente, que a Tragedia he *fortunæ in adversis comprehensio.* E muito menos caso se deve fazer da definiçaõ de Escaligero, que diz ser *imitatatio per actiones illustris fortunæ, exitu infelici, oratione gravi metrica.* Perte..de este Author apartarse de Aristoteles, e commette hum erro; porque com a sua definiçaõ naõ separa a Tragedia dos outros Poemas; pois fica quadrando muito bem a hum Poema, em que por exposiçaõ se tratar em verso Epico da morte de algum Rey; quando este tal Poema feito por modo narrativo naõ póde ser Tragedia; no que com muitos Authores concorda o Padre Donato na sua Poetica liv. 2. pag. 105. Acceitaramos esta definiçaõ de Aristoteles, se em alguma parte naõ fora diminuta, e naõ fallasse este Filosofo da Tragedia antiga, da qual, ou seja por uso, ou por abuso, se aparta em alguma cousa a moderna. Abraçaremos pois a definiçaõ de Luzan, como mais adaptada para os Dramas, que presentemente se compoem. Diz elle na sua Poetica liv. 3. pag. 277. que a *Tragedia he huma representaçaõ Dramatica de huma grande mudança de fortuna, succedida a Reys, Principes, e Personagens de grande qualidade, e dignidade, cujas decadencias, mortes, desgraças, e perigos excitem terror, e compaixaõ nos animos do auditorio, e os curem, e purguem destas, e outras paixoens, servindo de exemplo a todos, mas especialmente aos Reys, e pessoas da mayor authoridade, e poder.* Poderá parecer muy dilatada esta definiçaõ, porém nesta parte naõ o he menos a de Aristoteles, se

bem

bem que ainda diminuta em algumas circunſtancias; pois diz, que a Tragedia ſerve para emendar ſómente as paixoens do medo, e da compaixaõ, quando ella na commua opiniaõ ſerve tambem para purgar outros muitos affectos. Judicioſamente diz Luzan, que a Tragedia he a repreſentaçaõ Dramatica *de huma grande mudança de fortuna*; porque toca (como elle meſmo aponta) o que he eſſencial no argumento Tragico, e evita todas as diſputas, e eſcuridades, que puder haver; pois todos convém, em que eſta fabula ha de conter huma grande mudança de fortuna. Com igual juizo diz tambem *decadencias*, *mortes*, *deſgraças*, *e perigos*; pois deſte modo vem a comprehender todo o genero de conſtituiçoens de Tragedias, aſſim aquellas, em que morre a principal peſſoa, como naquellas, em que ſómente periga, ou he abatida da felicidade á miſeria; e tambem neſta parte ſe pódem comprehender as que tem fim ditoſo, como algumas vezes ſuccede. Definida aſſim a Tragedia, ſegue-ſe dividilla em partes de qualidade, e de quantidade. As de qualidade ſaõ ſeis: *Fabula*, *coſtumes*, *ſentença*, *locuçaõ*, *muſica*, *e apparato*. As de quantidade ſaõ quatro *Prologo*, *epiſodio*, *exodo*, *e coro*. As primeiras quatro partes de qualidade ſaõ commuas á Comedia, e á Epopeia, e tambem á Lyrica, ainda que rara vez. O apparato, e muſica tambem ſe communica á Comedia, e eſta ultima parte convem muito á Lyrica; motivo porque os Poetas ſaõ na lingua Latina chamados *Melici*. Eisaqui como ſe divide a Tragedia; á maneira do homem, que ſe attendemos para a ſua natureza, conſta de alma, e corpo, e ſe olhamos para a ſua grandeza, compoem-ſe de membros, e de huma proporcionada altura. Muy proprio lugar era eſte para proſeguir os Capitulos, tratando

tando destas partes da Tragedia; porém, seguindo o methodo do Padre Donato, discorreremos primeiro sobre outros pontos precisos, e depois passaremos a tratar das ditas partes.

CAPITULO II.

Se a Tragedia deve constar de materia verdadeira, ou falsa.

ENtramos em hum ponto dos mais difficultosos da Poetica; porque saõ infinitos os Authores, que seguem huma, e outra opiniaõ. Donato tratando da Tragedia, e Comedia, diz: *Omnis Comœdia de fictis est argumentis. Tragædia sæpe ab historica fide petitur.* Escaligero no liv. 3. cap. 97. da Poetica segue a doutrina de dizer: *Differt autem Comœdia à Tragœdia in eo quoque. Illa enim accipit ex historiâ & rem, & nomina primaria, ut Agamenonis, Herculis, Hecubæ; aliqua affingit. At Comœdia fingit omnia atque personis, maxima ex parte, pro re imponit nomina.* O Padre Delrio de Tragæd. cap. 2. affirma mais, porque diz: *Comœdia fingit res, quas exhibet; Tragœdia rerum gestarum veris utitur argumentis. Hinc tantò humanæ vitæ utilior ita, quantò vera fictis præstant.* O mesmo seguem Antifanes Poeta no principio do liv. 6. *in Atheneo*; Casaubono liv. 6. cap. 1. pag. 248. Buonamici nos seus *Discursos Poeticos* cap. 7. e outros muitos. Entre taõ diversas opinioens, humas que dizem pertencer á Tragedia assumptos sempre historicos, outras algumas vezes fabulosos, expenderemos nós a que nos parece mais provavel, e o faremos com aquel-

aquella clareza, que nos for possivel, para que se entenda este ponto, que naõ deixa na mayor parte dos Authores de ser tratado com escuridade. Dizemos por tanto, que como a Tragedia he huma imitaçaõ, deve quem imita, se quer deleitar, e mover os affectos, assemelhar vivamente os objectos, e fazellos com a sua arte presentes á fantasia dos outros, como faria a mesma natureza. Quanto mais forte, e viva for esta imitaçaõ, e semelhança, tanto mais nos deleitará, ferindo vivamente a nossa fantasia, e fazendo com mais efficacia conhecer ao entendimento as cousas imitadas; o que faz acordar muitas vezes aquelles mesmos affectos, que sentiriamos em nós, se vissemos os mesmos originaes. Para isto se conseguir, ha de mostrar o imitador, que representa cousas realmente verdadeiras, ainda que a sua intençaõ naõ seja, que sejaõ cridas como taes. Qualquer representante naõ he taõ louco, que pertenda, fazendo v. g. a parte de Hercules, ou Belisario, que o auditorio o tenha por algum destes Heroes; com tudo elle, quanto puder, ha de fingir, que he tal; porque se na acçaõ fingida naõ fizer o mesmo, que fariaõ as verdadeiras personagens, naõ moverá os affectos dos que o ouvem, e por consequencia facilmente desagradará a sua representaçaõ. Do mesmo modo ha de mostrar o Poeta, quanto puder, que diz as cousas certas, e verdadeiramente succedidas; ainda que naõ seja da sua intençaõ fazer com que ellas sejaõ cridas por taes: e naõ seguindo esta regra, esteja certo, que naõ moverá as paixoens alheyas, nem causará algum deleite.

Assentada esta doutrina como certa, dizemos, que para deleitar naõ he absolutamente necessario na Tragedia, nem na Epopeia, que o Poeta se valha do fun-

damento de buſcar peſſoas, e acçoens tomadas em parte da hiſtoria. A razaõ he, porque tanto com fingir totalmente o aſſumpto, quanto com o fingir ſobre a verdade hiſtorica, ſe conſegue o intento do Poeta, que he o de deleitar a fantaſia, e de fazer ao meſmo tempo, com que o entendimento aprehenda couſas poſſiveis, criveis, e veroſimeis a elle. Igualmente ou ao menos com pouca diverſidade nos poderá cauſar deleite v. g. o *Torrismondo* de Taſſo, ſujeito fingido, que a *Rodoguna* de Corneille, argumento verdadeiro, porque tanto hum, como outro aſſumpto parecem novos, e ao meſmo tempo veroſimeis. O povo, que he ſempre a mayor parte, naõ conſidera, nem póde ſaber quando ouve ſemelhantes Tragedias, ſe os argumentos ſaõ certos, ou ſe ſe fizeraõ taes acçoens, e exiſtiraõ aquellas peſſoas; e baſta-lhe para ſe deleitar, conhecer, que ſaõ poſſiveis, e veroſimeis as ditas acçoens. Por eſta razaõ eſtavamos quaſi para dizer, que bem podiaõ alguns Poetas modernos deixar de trabalhar taõ obſtinadamente por ver ſe deſcobrem em alguma parte da Hiſtoria antiga hum ſujeito novo para as ſuas Tragedias. He certo, que o povo do noſſo tempo naõ faz differença alguma entre os argumentos, que ſaõ remotos, e deſconhecidos, e aquelles, que totalmente ſaõ fingidos; e talvez, que em todo o auditorio naõ haverá ſenaõ duas, ou tres peſſoas, e póde ſer que nenhuma, que ſaiba v. g. que verdadeiramente houve *Rodoguna*, e os caſos, que lhe ſuccederaõ. Bem deſconhecidos, e totalmente eſtranhos haviaõ ſer a primeira vez, que ſe ouviraõ no theatro os nomes de *Ariſtodemo*, *Corradino*, *Poliuto*, *Nicomedes*, *Marianne*, *Pertarito*, *Beliſario*, e outros muitos. Com tudo cauſaraõ eſtas Tragedias hum grande deleite, ſem que

para

para este influisse, e concorresse em alguma cousa a precedente noticia, de que a Historia fallava nestas pessoas.

Segundo pois esta doutrina, que estabelece Muratori, se segue naõ ser absolutamente necessario, que o argumento da Tragedia, e da Epopeia seja realmente verdadeiro para conter belleza, e poder deleitar ao auditorio. Com tudo sempre devemos confessar, que mais agradaveis, bellas, e estimaveis seraõ as Tragedias, e Epopeias fundadas na Historia, que as imaginadas inteiramente pela fantasia poetica. Por este motivo costumavaõ os antigos buscar assumptos conhecidos para urdir semelhantes Poemas. Que seja mais louvavel huma Tragedia, ou huma Epopeia fundada em argumento verdadeiro, se prova com razoens convincentes. Primeiramente, mais difficil he (segundo mostra Castelvetro no seu Commento á Poetica de Aristoteles) fingir sobre hum sujeito verdadeiro, que sobre hum feito de novo pela fantasia. Em segundo lugar assim o affirma Aristoteles, dizendo, que mais nos agradaõ os successos conhecidos: *Porque o possivel he verosimil, e crivel; e he claro, que as cousas succedidas saõ possiveis, pois, se fossem impossiveis, naõ teriaõ succedido.* Quer dizer o Filosofo, que se tomem nomes, e acçoens verdadeiras, conhecidas do povo, ou pela historia, ou pela fama, para que fiquem sendo mais provaveis, possiveis, e maravilhosos os successos, que se ajuntaõ pela Tragedia, e Epopeia ao facto historico. He cousa evidente, que o povo mais facilmente ha de crer por possivel tudo o que se lhe representa no Poema, depois que confusamente crê, e sabe, que succedera o caso, que nelle se expoem, do que se o ignorara. Sabe v. g. naõ pouca gente, que a Rainha Ma-

ria Stuarda morrera degollada por ordem da tyranna Isabel de Inglaterra. Se sobre este assumpto se ordenar huma Tragedia, he certo, que ficará sendo muito mais provavel, e possivel o enredo da acçaõ Tragica, que tecer o Poeta; porque já muitos sabiaõ confusamente, e em compendio esta historia, e assim crem, que ella succedera do mesmo modo, que a lem, ou vem representar. Mas nem por isso deve ser a intençaõ do Poeta o fazer crer, que a tal historia succedera, como elle conta; basta-lhe unicamente para conseguir o seu fim, que a tenhaõ por possivel, e verosimil. Em terceiro lugar, melhor he tomar nas Tragedias nomes, e successos verdadeiros, do que absolutamente fingidos, porque daqui nasce mayor commodidade ao povo, o qual mais facilmente comprehende as cousas, quando já antes dellas tem alguma noticia. Além desta utilidade ainda ha outra, que he pouparse-lhe o trabalho de estar aprendendo nomes novos, e distinguindo no Drama humas pessoas das outras. Do mesmo modo, que nós experimentamos hum grande gosto, vendo huma pintura, em cujas figuras, ainda que para nós desconhecidas, conhecemos, que a natureza está bem imitada; porém mayor o sentimos, quando estas figuras taõ bem pintadas nos saõ individualmente conhecidas, como v. g. a morte dos Innocentes, a de Cleopatra, e outras muitas cousas. Assim do mesmo modo, mayor deleite causa a Tragedia, quando nella se representaõ pessoas, e cousas conhecidas em parte, do que quando estas saõ totalmente desconhecidas. Disse *conhecidas em parte*; porque a informaçaõ precedente, que o povo ha de ter do sujeito, e das pessoas da Tragedia, ou Epopeia, naõ ha de ser tanta, que naõ lhe pareça novo em parte quanto propoem o Poeta; e

tam-

tambem naõ ha de ser taõ pouca, que custe á gente capacitarse de todos os nomes, e circunstancias estranhas, como succede nos assumptos, que inteiramente saõ fingidos. Desta maneira he que os Poemas ficaõ sendo novos, e ao mesmo tempo muy faceis em se comprehenderem; e esta perfeiçaõ falta naquelles argumentos, os quaes, ainda que extrahidos de historias antigas, com tudo saõ totalmente desconhecidos, e estranhos ao nosso povo; e por este motivo pouca injustiça lhes faria quem os puzesse na classe daquelles, que de todo saõ fingidos.

CAPITULO III.

Das condiçoens, que deve ter a primeira pessoa da Tragedia.

CHamamos principal pessoa da Tragedia áquella, que por nos representar em si huma desgraça, que padece, faz nella a primeira parte, e os Gregos a explicavaõ com a palavra *Protagonista.* Os melhores Mestres da Poetica nos dizem, que esta pessoa deve ter cinco condiçoens, as quaes saõ (conforme Castelvetro p. 13. p. 3. Riccoboni cap. 16. e Donato liv. 2. pag. 112 que foraõ os que as explicaraõ com mais clareza) primeiramente, *que se deve escolher pessoa illustre, e sublime por dominio, e riquezas*: em segundo lugar, *que não seja muy virtuosa, nem tambem dada a vicios; mas que tenha o seu lugar entre os que saõ bons, e os máos*: em terceiro, *que cahisse em huma tal culpa, que se faça digna de perdaõ*: em quarto, *que por causa do tal erro commettido passasse de feliz a des-*

desgraçada, e padecesse grandes infortunios: e ultimamente, *que esta tal pessoa ha de ser huma só, e naõ muitas.*

Em quanto á primeira condiçaõ de dever ser pessoa illustre, se procede com bom fundamento; porque hum caso succedido a hum homem ordinario naõ se faz taõ miseravel, e horroroso, como ao que he illustre. Mayor horror, e compaixaõ nos causa v. g. a desgraça de Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo Portuguez, padecendo aquelle taõ sabido naufragio, que o que padeceraõ outras pessoas ordinarias nos mesmos mares. Quanto mais, que aquelles homens, que medem a felicidade humana pelo poder, e riquezas, naõ julgaõ nunca por feliz ao homem, que nasceo da plebe. Por esta razaõ a mudança da felicidade desta pessoa causa naõ só huma grande compaixaõ, mas hum igual terror; porque qualquer, que for inferior, deve temer, considerando, que até saõ desgraçados os que nasceraõ taõ favorecidos da fortuna. Devemos aqui advertir, que pelo esplendor da pessoa naõ entendemos sómente o herdado, mas tambem comprehendemos o adquirido por acçoens illustres. Ninguem duvidará, que no Consul Mario naõ faltou esplendor tragico, ainda que nasceo de pays humildes; pois as suas acçoens de desbaratar os póvos Cimbros, e Teutonicos bastante materia lhe deraõ para ser hum illustre Heroe. Passemos a ponderar a segunda condiçaõ, que deve ter a figura fatal da Tragedia, a qual consiste, como dissemos, em ser esta nem muy virtuosa, nem dada a vicios. Diz Aristoteles: *Talis est autem, qui nec virtute, nec justitia excellens, neque per vitium, & pravitatem lapsus in infælicitatem.* Fundouse o Filosofo na razaõ, e fundamento de que para se excitarem com vee-

vehemencia os affectos de terror, e compaixaõ, se devem pôr de parte outras cousas, que pódem em nós mover diversos affectos, como v. g. de ira, de indignaçaõ, de odio &c. Certamente entaõ se distrahiria o animo, naõ se applicando todo ao temor, e commiseraçaõ, e perderia o sentido a estes affectos pela vehemente commoçaõ de outras paixoens. A tres classes podemos reduzir os que de felices passaõ a infelices: ou de bons, ou de máos, ou dos que verdadeiramente na commua opiniaõ nem saõ huma, nem outra cousa. Os bons quando cahem em desgraça, pela mayor parte mais nos movem a ira, e indignaçaõ contra quem lha motivou, do que a compaixaõ; e os infortunios dos máos naõ nos pódem causar commiseraçaõ, porque os mereceraõ pelas suas maldades; e por este motivo he que Aristoteles nos deixou escrito, que sómente se fazem dignos de serem assumpto de Tragedia os que nem saõ excellentes em virtudes, nem depravados em vicios; porque tendo este caracter, naõ daõ lugar a que no auditorio se movaõ outros affectos, senaõ o do medo, e o da compaixaõ. Esta doutrina faz lembrar huma duvida, e he, se a Tragedia exclue os sujeitos, a quem os vicios naõ manchaõ? Dizemos, que naõ; porque absolutamente naõ se póde dizer, que o homem bom, por ter esta qualidade, naõ faça mover as paixoens de temor, e compaixaõ, mas só as de ira, e de indignaçaõ contra quem foy a causa, de que elle padecesse hum tal infortunio. O mesmo Filosofo naõ se oppoem a esta doutrina, antes delle se vem a colligir, que os bons pódem ser sujeitos da Tragedia. Diz Aristoteles, que a principal pessoa Tragica sim deve ser de mediocre caracter; mas accrescenta, que a naõ ser desta qualidade, e a haver de propender para alguma das par-

tes, antes propenda para a virtude, que para o vicio: *Vel melioris potius, quàm deterioris.* Deste lugar tiramos a doutrina de que os bons pódem ser principal assumpto da Tragedia, visto que Aristoteles nestas palavras os naõ exclue absolutamente. Do mesmo parecer he Castelvetro pag. 277. e Lelio Bisciola *Hor. subseciv.* liv. 10. cap. 8. tom. 1. Confirma-se isto com exemplos; pois ha muitas Tragedias da antiguidade Grega, e algumas da Romana, nas quaes a principal pessoa se representa innocente, como saõ Polissena, Polidoro, e Astianates na Tragedia de Euripedes intitulada *Hecuba*; Antigono no *Ciclope*, Efigenia *in Aulide*, e outras muitas pessoas. Assentemos pois, segundo o Filosofo, que na falta das pessoas de mediocre qualidade pódem as que saõ boas elegerse para assumpto da Tragedia, se bem que Nisieli no tom. 3. *Progin.* 50. se enfurece grandemente contra Aristoteles por esta doutrina, dizendo, que se a Tragedia motora de horror, e piedade se póde inventar sobre aquelles, que tem huma bondade ordinaria, que razaõ racional poderá haver para se naõ formarem Tragedias primeiro sobre pessoas santissimas, quando a morte injusta de hum Santo nos deve mover mais ao horror, e piedade, que a de hum homem, que naõ tem o caracter de conhecida virtude? Naõ mostra aqui o Apatista aquella sua Critica taõ justa, que se conhece nos outros seus *Proginnasmas.* As paixoens principaes, que a Tragedia deve mover, saõ o terror, e a compaixaõ; e a morte v. g. de hum Martyr naõ nos move muito estes affectos, mas sim os de ira, e indignaçaõ contra os que saõ a causa daquelle tormento, que os Martyres naõ temiaõ; e por isso não chamavaõ desgraça, mas felicidade á sua morte. Sim póde o Martyr como varaõ virtuoso servir

de

de assumpto á Tragedia, o que absolutamente naõ exclue Aristoteles; mas naõ ha fundamento solido nas regras da Poesia Tragica, para que o bom prefira ao que he de mediocre bondade, como pertende Nisieli. Discutido este ponto, será justo tratar de outro, e he, se os máos pódem entrar a ser a principal pessoa Tragica. Rigorosamente fallando, dizemos que naõ; porque a fortuna adversa destes naõ movem a temor, nem a commiseracaõ: naõ a temor; porque o auditorio naõ teme o castigo, que se dá ao que he perverso, senaõ se elle conhece em si, que tem commettido a mesma culpa: naõ a commiseraçaõ; porque aquelles, que commetteraõ algum delicto, elles mesmos foraõ a causa do seu castigo; e ainda que estes naturalmente movaõ em nós algum affecto, naõ he, como affirma o Filosofo, de commiseraçaõ, mas sim de humanidade. Estribados neste fundamento he que Varchi nas suas Liçoens Poeticas pag. 682. reprovou totalmente a Tragedia de Martelli composta sobre Tullia, mulher impia, e cruelissima contra seu pay; e o Zoilo de Speroni censurou a este Author tomar por argumento tragico duas pessoas taõ perversas, como foraõ Canace, e Macareo. Os Escritores destas Tragedias talvez se fundaraõ em hum lugar de Aristoteles, no qual approva por sujeito tragico o caso de Thiestes; porém naõ repararaõ, que o Filosofo nesta parte se implicava com o que tantas vezes tinha dito pelo contrario; pois segundo a sua doutrina, naõ podia Thiestes excitar compaixaõ, nem terror, porque fora digno do castigo, que tivera, por haver commettido incesto, e furto contra seu irmaõ Atreo, conforme este seu lugar no 2. de Rhetor. *Nec quisquam vir probus dolorem concipiet, cùm parricidas, aut siccarios extremum pati supplicium intellexerit*

nerit. Decet namque in rebus ejuſmodi gaudère. Baſte iſto por inſtrucçaõ, e paſſemos a examinar a terceira condiçaõ da primeira peſſoa tragica, que he a qualidade da ſua culpa. Deve eſte principal ſujeito repreſentar a ſua deſgraça; porém eſta ha de ſer tal, que ſe ſaiba, que cahio nella a tal peſſoa por ſer infeliz, e naõ perverſa; iſto he, ha de eſta infelicidade naſcer, naõ de máos habitos antecedentes, mas de huma allucinaçaõ, e engano: *Per errorem aliquem.* A palavra *error* na lingua Latina naõ ſó ſignifica peccado, e maldade, mas tambem hum apartamento do recto caminho por cauſa de allucinaçaõ, e engano. Prova-ſe iſto com muitos exemplos, principalmente com hum lugar de Cicero, que diz: *Et ſi aliquâ culpâ tenemur erroris humani, à ſcelere certe liberati ſumus*: com os verſos de Ovidio, dizendo:

Nec ſcelus invenies; quod enim ſcelus error habebat?

E tambem:

Errorem juſſæ non ſcelus eſſe fugæ.

Deve ſer pois o erro tragico tal, que naõ conſtitua perverſo a quem o commette; iſto he, que ſe fique entendendo, que a culpa procedera de depravaçaõ, e naõ de algum impeto natural, que fez, com que o homem enganado commetteſſe o tal crime. Diſſemos *de algum impeto natural*; porque póde ſer argumento da Tragedia hum homem, que perturbado fortemente da ira, do odio, ou do amor, cahio em alguma culpa, ſem reflectir no que fazia, por ſer a perturbaçaõ repentina. Eſta ſubita deliberaçaõ o livra de ſer reputado por perverſo, e por ella ſe faz digno do perdaõ. Porém a culpa mais propria da Tragedia he aquella, que ſe commette ou contra vontade, ou por medo de mayor mal, ou por ignorancia das couſas. O que obra por medo al-

alguma maldade, sim se faz reo do castigo, porque commetteo culpa, sabendo que era tal, porém pela circunstancia merece o perdão. Supponhamos, que hum tyranno manda a hum filho, que mate a seu pay, com a pena de que se o não fizer, ha de ser morto. Repugna o filho a esta acção movido do amor, e considerando na barbara culpa de parricida: por outra parte insta o natural desejo de viver, e prevalecendo este, commette o delicto, que não fizera, se não perdera a vida. Esta acção he má; porém muito menos tyranno he este filho, do que aquelle, que espontaneamente desembainhou a espada, e matou a seu pay. Pelo contrario ha tambem outros casos, em que se commette huma culpa propria da Tragedia, e digna de perdão, e commiseração; v. g. a de transgredir huma Ley, que prohibe fazerse huma cousa justa, e louvavel; como foy o Decreto de Creon Rey de Thebas, que impoz pena de morte a quem sepultasse o cadaver de Polynices; porém sua irmã Antigone transgredio esta Ley; porque movida do amor lhe deu sepultura. Todas estas culpas, que temos referido, pódem constituir a quem as commette sujeito principal da Tragedia; mas nenhuma he tão propria della, como aquella, em que se cahe por causa de ignorancia. Póde esta ser de dous modos: ou não se saber o que he bom, e o que mandão as Leys; ou ignorarse o que se faz, entendendo, que a tal cousa he boa. Esta he ignorancia de facto, e aquella he de direito. Sabia v. g. Edipo, que matar o filho seu pay era parricidio; com tudo matou-o: porém não sabia, que Laio era seu pay, e esta ignorancia o livrou de ser parricida. Estas acçoens de ignorancia he que são a melhor materia da Tragedia, e estas culpas as que mais convém á principal pessoa della; prin-

cipalmente se esta repugna commetter o delicto, e v. g. foge para não cahir nelle, como fez Edipo; porque desta acção se lhe seguem calamidades, pelas quaes se faz digno de compaixão, vendo-se, que injustamente padece.

Devemos ultimamente advertir neste lugar por ser proprio, que para a Tragedia basta, que a principal pessoa fatal commettesse a culpa antes, e naõ he preciso, que ella seja o argumento da fabula, como cousa entaõ existente, basta, que tenha precedido. Temos o exemplo em *Thiestes*, que na Tragedia foy castigado por culpa, que antes commettera; e na *Electra* de Sophocles, em que mataõ a Clytemnestra pelo que antes havia feito; e a razaõ, que tiveraõ os Poetas para tomarem estes argumentos, foy para que o auditorio soubesse a culpa, porque aquella personagem era castigada. Veja-se o que sobre esta materia escreve o Padre Donato na sua Poetica pag. 127. que nós por naõ sermos prolixos omittimos, e passamos a dizer alguma cousa sobre a quarta condiçaõ, que deve ter a pessoa tragica. He esta a de passar o tal sujeito principal da felicidade para a miseria: *Ex felicitate in miseriam.* Consiste esta felicidade nos bens corporaes, na fortuna, e nos predicados do animo; como v. g. a saude, as riquezas, os dominios, os filhos, os parentes, a liberdade, a vida, e o mesmo uso da razaõ; e he grande desgraça, e tormento padecer estas cousas, principalmente se naõ se merecem. Naõ ha de succeder o catastrofe da felicidade por acaso, mas de causas, que entre si tenhaõ connexaõ, e se deduzaõ do erro, ou culpa tragica, como fonte, donde devem proceder. Por isso, como ensina Aristoteles, a estatua de Micio, que cahindo matou ao que tinha tirado a vida ao mesmo

Mi-

Micio, naõ póde ser argumento da Tragedia; porque foy intempestiva esta morte, naõ havendo agente, que de proposito concorresse para ella. Regeitados pois semelhantes assumptos, deve-se attender muito na mudança da fortuna para as causas, que atormentaõ a pessoa infeliz, e para os sujeitos, que motivaõ a mesma desgraça; porque assim se segue mayor, ou menor horror, e compaixaõ. Tres castas de pessoas pódem atormentar, e perseguir ao sujeito tragico; ou amigos, ou inimigos, ou nem huma, e outra. Se forem os inimigos os causadores da infelicidade, pouco aptos saõ estes para moverem o auditorio á compaixaõ; porque matar hum inimigo a outro tal, he cousa, que naõ faz especie. Já nos que naõ saõ nem amigos, nem inimigos, daõ mais algum lugar os affectos para haver perturbaçaõ; porém onde estes tem toda a sua força, e vigor, he quando os amigos, ou parentes saõ a causa da infelicidade da pessoa tragica; v. g. quando o pay mata a hum filho, e hum irmaõ a outro. Desta classe saõ algumas Tragedias de Sophocles, como a *Electra*, o *Edipo tyranno*, a *Antigone &c.* e as de Euripides, como a *Medea*, o *Hipolito*, o *Alcestides*, a *Efigenia*, as *Bacchantes*, o *Hercules furioso &c.* Entaõ he que concorrem todos os affectos a formar a Tragedia mais admiravel, segundo nos ensina Aristoteles, dizendo: *Quotiescumque autem in necessitudinibus extiterint hæc mala; seu vel frater fratrem, vel filius patrem, vel mater filium, vel filius matrem interfecerit, aut interfecturus fuerit, aut hujuscemodi aliquid aliud facit, hæc quærendum est.*

Já que estamos neste assumpto, parece-nos, que será util responder a huma pergunta, que se poderá fazer; e he, se a Tragedia póde algumas vezes admitir

sim

fim alegre, e feliz? Nesta materia variaõ bem os Authores da Poetica. Huns nimiamente escrupulosos, como o Padre Delrio *de Tragædia* cap. 2. naõ se affastaõ da doutrina do Filosofo, e assentaõ, que a terminaçaõ da Tragedia sempre ha de ser triste, e a da Comedia alegre. A mesma opiniaõ segue o Apatista em muitos lugares dos seus Proginnasmas, principalmente *Progynnasm.* 14. tom. 3. dizendo com Aristoteles: *Necesse est bene compositam fabulam non mutari in felicitatem ex infelicitate; sed contra ex felicitate in infelicitatem*: no Progin. 118. do mesmo tomo affirmando com os versos de Horacio, que o contrario he como se *Turpiter atrum desinat in piscem mulier formosa superne*; ou como se hum chorasse ao principio muitas lagrimas sobre o cadaver de hum seu amigo, e no fim começasse loucamente a rir, e a alegrarse. Porém ha outros Authores, que naõ saõ taõ sevéros, como Pontano Poet. l. 2. cap. 19. e Vossio liv. 2. pag. 69. em que diz, que póde a Tragedia acabar alegre, e affastarse deste modo da Arte, para se captar a benevolencia do povo, que mais quer retirarse alegre, do que triste. O mesmo segue Escaligero liv. 3. cap. 97. apontando muitas Tragedias antigas com terminaçaõ feliz. E na verdade, que lemos muitas destas como a *Electra* tanto de Sophocles, como de Euripides; a *Philoctetes in Lemno* de Sophocles; a *Efigenia in Aulide*, e tambem *in Tauris* de Euripides; e a *Eumenides* de Eschylo, além de outras mais, que omitimos. A nossa opiniaõ pois he, que póde a Tragedia acabar com fim alegre; porém naõ nos esqueceremos de dizer com Piccolomini na sua Poetica partic. 71. pag. 201. que mais tragica será aquella Tragedia, que der fim com terminaçaõ triste, que alegre; porque entaõ se con-

fórma

fórma mais com a sua definiçaõ, que nos recommenda o excitarse a compaixaõ, e temor; e he certo, que mais devemos dizer, que se excitaõ estes affectos quando o fim he miseravel, e triste, do que quando he agradavel, e alegre. Aclararemos mais esta doutrina com a authoridade de Buonamico nas suas Liçoens Poeticas da Tragedia pag. 129. Se na Tragedia considerarmos o deleite, he certo, que este he diverso na mudança, em terminaçaõ feliz, ou desgraçada. Quanto a mim parece-me mais perfeita a primeira terminaçaõ, porque segue mais à natureza, e o bom costume; que he alegrarmo-nos mais com o bem, que entristecermo-nos com o mal. Porém se considerarmos o fim proprio da Tragedia, que consiste em purificar o animo pelo meyo da compaixaõ, movendo mais a infelicidade existente, que aquella, que está proxima a succeder, fica entaõ sendo Tragedia mais perfeita aquella, que se encaminha a hum fim desgraçado, que outra, que quer acabar em terminaçaõ feliz. Este primeiro fim induz mais immediatamente o deleite conveniente á natureza, e o segundo com mayor movimento o reduz ao estado natural; de tal modo, que comparando o effeito de hum, e outro fim, parece-me, que tem mais perfeicaõ o effeito do primeiro, se bem com menor trabalho, e o segundo mayor movimento; porém com menor effeito. Se v. g. hum remedio leve fosse conducente para se adquirir huma saude perfeita, e outro mais grave fizesse quasi o mesmo, ficaria a saude com o primeiro remedio sendo perfeita, e com pouco trabalho da medicina; o que talvez naõ succederia com os remedios graves. A' vista do que dizemos se segue, que a primeira terminaçaõ da Tragedia he mais perfeita, e a da segunda mais efficaz: de modo, que con-

siderando

ſiderando a Tragedia em quanto á virtude, e efficacia, deve-ſe antepor a de fim deſgraçado, e em quanto a cauſar hum goſto mais perfeito, a de terminaçaõ feliz. Reſta-nos ultimamente dizer alguma couſa ſobre a ultima condiçaõ da principal peſſoa tragica, que he ſer huma ſó. Eſta unidade porém ſervirá de aſſumpto a hum Capitulo ſeparado, que poremos, quando o lugar o pedir; e baſta de diſcurſo ſobre a materia da Tragedia, para paſſar a diſcorrer de ſua fórma, e machina, que a compoem. Principiemos pelas partes da qualidade.

CAPITULO IV.

Da fabula, e ſuas propriedades.

PRincipiaremos eſte Capitulo tratando da fabula, como voz, que ſe applica a diverſas ſignificaçoens, v. g. quando ſe entende por hum ſucceſſo fingido, como as transformaçoens de Ovidio, e tudo o mais, que dos ſeus Deoſes, e Heroes eſcreveo a liberdade dos antigos Poetas. Cornificio no liv. I. tratando da fabula, diz: *Fabula eſt, quæ neque veras, neque veroſimiles continet res; ut hæ, quæ tragædiis traditæ ſunt.* Do meſmo modo Cicero no liv. I. de Invent. eſcreve: *Fabula eſt, in quâ nec veræ, nec veriſimiles res continentur; ejuſmodi eſt angues ingentes alites juncti jugo.* Porém a difiniçaõ de Ariſtoteles he, que a fabula nenhuma outra couſa he, ſenaõ *rerum compoſitio*; porque o Poeta, ou ſeja como heroico, ou tragico, ou comico, antes que entre a eſcrever, concebe, e finge aquellas couſas, que depois ha de expor em verſo; e a eſta imagem, ou imitaçaõ da verdadeira acçaõ, com

com que ſe compoem as couſas inventadas, he que ſe dá o nome de fabula. Neſta imitaçaõ differe muito o Poeta do Hiſtoriador, como tantas vezes temos inſinuado; porque eſte tudo quanto eſcreve he fundado ſobre o que outros diſſeraõ, ou obraraõ; o Poeta porém (fallo do que he optimo, para naõ haver implicaçoens nas doutrinas deſta Arte) ou finge tudo, ou ſe val de algumas couſas ſuccedidas, ou altéra outras como melhor lhe parece. Deſte modo ſendo toda a machina de qualqüer Poema argumento do engenho, e liçaõ do Poeta, em nenhuma couſa moſtra tanto eſtas qualidades, e a ſua ſciencia, como na fabula, por ſer a couſa mais propria do engenho, e o parto mais nobre da invençaõ. Quatro circunſtancias aponta o Filoſofo na ſua Poetica, que deve ter a fabula para ſer perfeita. A primeira he *Principium, ac velut anima Tragœdiæ*; porque a fabula he a primeira couſa, e a que ſerve de baſe, em que as outras ſe ſuſtentaõ. He verdadeiramente a alma; pois aſſim como eſta he a fórma do homem, aſſim a fabula he a fórma do Poema, definindo, e aperfeiçoando a ſua natureza; porque havida, que ſeja a fabula, logo ſe conhece ſe o Poema he Tragedia, ſe Comedia, ou Epopeia. A ſegunda circunſtancia he *Imitatio actionis*; porque na fabula narraõ-ſe as couſas, naõ como foraõ, mas como veroſimilmente podiaõ ſucceder. A terceira he *Finis Tragœdiæ*; porque aſſim como a acçaõ he o fim nas couſas humanas; pois os homes para obrarem bem, ſe encaminhaõ a alguma acçaõ; aſſim a fabula, como imagem, e imitaçaõ de alguma acçaõ humana, he o fim, a que ſe encaminha o reſto da Tragedia. A ultima circunſtancia, que aponta Ariſtoteles, he *Sine actione, & fabula Tragœdia eſſe non poteſt, ſine moribus poteſt*;

test: e a razaõ he clara; porque naõ póde haver Tragedia ſem haver alguma acção, que fabuloſamente ſe exponha nella; o que ſe conſidera como menos importante he, ſe eſta acção ha de ſer morata, ou abundante de ſentenças &c. e ainda que neſtas partes não ſeja completa, com tudo ſempre ſe deve louvar: *Habens fabulam, & coagmentationem rerum*, como enſina o meſmo Filoſofo. Baſta de diſcurſo neſta materia, que trataraõ largamente infinitos Authores, diſcorrendo (quaſi inutilmente para o aſſumpto) da fabula em geral, que comprehende todas as couſas, que pódem ſervir na Poeſia de alguma inſtrucçaõ, ou ſejaõ moraes, ou fyſicas, ou theologicas. Reſta agora diſcorrermos ſobre as propriedades da fabula, em que ſaõ poucos os Eſcritores da Poetica, que deraõ as luzes preciſas, e ſó nos parece, que o Padre Donato, a quem ſeguimos, foy o que ſe explicou com mais clareza, e extenſaõ, que naõ ſeja faſtidioſa: porém como iſto nos ha de occupar algumas paginas, para fugirmos á prolixidade, hiremos explicando-nos em Capitulos ſeparados; e neſte ſó diremos, que ſaõ oito as propriedades da fabula, como nos enſina Ariſtoteles, e expoem os ſeus interpretes, e vem a ſer *Implexio*, *Veriſimilitudo*, *Integritas*, *Magnitudo*, *Unitas*, *Epiſodium*, *Admirabilitas*, *Perpeſſio*.

CAPITU-

CAPITULO V.

Do enredo da fabula.

CHama-ſe enredo da fabula ao que ſe oppoem á ſimplicidade; iſto hé áquella fabula ſimples, que principia, e acaba do meſmo theor, ſem haver mudança alguma; como v. g. Mezencio, que peleijando com Eneas foy treſpaſſado com huma lança. Tambem ſe chama ſimples á que ſe oppoem á fabula duplicada, que contém duas peſſoas com diverſas fortunas, o que he pouco approvado. A fabula chamada *Implexa*, de que tratamos, he a que ſe explica enredando-ſe com varias mudanças ou proſperas, ou adverſas. Tem eſta tres partes, a que os Latinos chamaraõ *Peripetia*, *Agnitio*, *Paſſio.* Segundo Ariſtoteles, *Peripetia* he a mudança, que faz a couſa, de que ſe trata, para contrario, ou ſeja adverſo, ou feliz; como v. g. na Odyſſea de Homero a mudança de Penelope em felicidade, e em deſgraça a daquelles Principes atrevidos, e injuſtos, que deſtruîaõ os bens de Ulyſſes, entendendo, que elle naõ havia de voltar. Sempre ſaõ excellentes eſtas mudanças; mas, como teſtifica o Filoſofo, quando ſaõ mais agradaveis, e fazem mayor effeito, he quando a mudança he grande, e repentina, naſcendo de couſas antecedentes. *Agnitio* he o conhecimento de huma, ou muitas peſſoas, que antes por largo tempo eraõ deſconhecidas, e deſte conhecimento ſe originou amiſade, ou inimiſade entre aquelles, que ſaõ felices, ou infelices. Duas caſtas ha deſta agniçaõ: huma he ſimples, como ſe vê na Odyſſea, em que Ulyſſes he conhecido da ſua Ama, que o criara, a qual elle naõ conhece.

A outra he composta, como a Tragedia de Euripides *Iphigenia in Tauris*, em que Orestes, e Efigenia mutuamente se conhecem. Assim como a ignorancia humas vezes he de pessoa, outras de alguma cousa, o mesmo succede com a agniçaõ, ou conhecimento. Já acima apontámos exemplos da agniçaõ de alguma pessoa; os de cousas saõ v. g. como Edipo, que soube ter sido matador de seu pay, o que antes ignorava; Theseo, que veyo a saber, que seu filho naõ fizera o que elle imaginava &c. Cinco generos ha, que apontaõ os Authores, de que nasce a agniçaõ. O primeiro, e o mais trivial saõ sinaes, ou sejaõ no corpo, ou na lança, ou em outras muitas partes; v. g. Egeo veyo a conhecer a seu filho Theseo por hum punhal, que lhe conheceo, e Ulysses foy conhecido pela sua Ama Euryclea por hũa cicatriz, que lhe vio. O segundo modo he aquelle, que naõ se deduz do contexto das cousas, nem da fonte da fabula, mas de alguns indicios, e argumentos excogitados pelo arbitrio do Poeta: como Orestes, que conhecendo a sua irmã Efigenia, lhe pedio, que para a tornar a conhecer outra vez pozesse no seu vestido hum certo sinal. O terceiro modo he quando ha lembrança em alguem do seu antigo estado, por ouvir, e ver alguma cousa; e por este motivo entra repentinamente ou a chorar, ou a alegrarse, manifestando-se deste modo aos circunstantes. Assim foy Ulysses conhecido por ElRey Alcinoo, naõ podendo reprimir as lagrimas, por ouvir a hum musico, que ao som da cithara cantava as acçoens delle Ulysses, e dos Gregos seus companheiros. O quarto modo se faz por syllogismo, v. g. quando por alguns sinaes, que entre si correspondem, vimos no conhecimento de alguma cousa, como praticou Orestes para livrar a seu amigo Pylades. O ultimo modo he tambem

por

por meyo de ſyllogiſmo, porém falſo, e ſó na apparencia verdadeiro, a que ſe chama parallogiſmo; e ſervirá de exemplo o caſo ſuccedido a Penelope, que naõ crendo a falſa noticia, que hum menſageiro lhe deu da morte de Ulyſſes, eſte para a capacitar, lhe moſtra hum arco, dizendo-lhe, que bem havia conhecer ter ſido de ſeu marido, e ella capacitando-ſe, veyo a chorar a morte com muitas lagrimas. A terceira parte da fabula implexa he o que os antigos chamaraõ *Pathos*, que val o meſmo, que *Perturbaçaõ*. He eſta parte taõ propria da Tragedia, como alheya da Comedia, e della uſa tambem a Epopeia para diverſos uſos, e fins. Nenhuma outra couſa he eſta circunſtancia da fabula, ſe naõ aquella acçaõ horroroſa, que nos cauſa dor, e ſentimento, vendo claramente ſuccederem no theatro mortes, tormentos, feridas &c. Diz Horacio na ſua Poetica:

. . . . *Si vis me flere, dolendum eſt*
Primum ipſi tibi, tunc tua me infortunia lædent.

Ha huma grande queſtaõ entre os Criticos, ſe ſe devem repreſentar na ſcena eſtas mortes, ou ſe ſe devem narrar como já ſuccedidas. Ariſtoteles ſegue a primeira opiniaõ, dizendo: *In aperto fiunt mortes, & ejaculatus, & vulnerationes, & quæcumque hujuſcemodi*; ſe bem que Rubertello, e Caſtelvetro ſe empenhaõ inutilmente a interpretar eſte texto taõ claro do Filoſofo. Riccoboni, Jaſon de Noris na Expoſiçaõ a Horacio, Ricci no liv. I. e outros muitos ſaõ de diverſo parecer, inclinando-ſe ao uſo dos Romanos nas ſuas Tragedias. Nós o que ſeguimos, he a ſentença de Ariſtoteles, que propoem na Tragedia, como couſa neceſſaria para imitar, o que he horroroſo. Quanto a couſa he mais notavel, mais digna de memoria ſe faz: e quanto a couſa he

mais

mais tragica, e mais atrozmente reprefentada, tanto he mais notavel, e fe confegue o fim de caufar horror, e inftrucçaõ. Algumas coufas ha, que naõ fe pódem reprefentar ao vivo, ou por deshoneftas, como os actos carnaes, ou por naufeantes, como o parir, ou por impoffiveis, como as transformaçoens dos homens em animaes. Efta noffa opiniaõ preferimos a qualquer outra, affentando, que com mais vehemencia fe excita o horror, quando ocularmente fe vê no theatro a acçaõ tragica. Com tudo naõ podemos deixar de dizer, que tambem ha outros modos (fe bem que menos fortes) para mover a perturbaçaõ no auditorio. O primeiro he quando fe reprefenta em publico a coufa horrorofa como já effeituada: o fegundo quando efta fe narra; e o terceiro quando fe ouve no fim da fcena, que fe effeituou. De tudo nos deixou exemplos a antiguidade. No *Edipo tyranno* lemos, que Iocafta fora enforcada, e que a Edipo lhe tiraraõ os olhos fóra; caftigos, que naõ fe reprefentaraõ no theatro, mas fó fe deu delles noticia por meyo de narraçaõ. Na *Electra* depois da fcena he que fe fabe, que Clitmneftra eftá mortalmente ferida; e na mefma Tragedia fe naõ vê a morte de Egifto, mas fe fuppoem morto pelas antecedencias. Outros muitos exemplos poderamos dar; mas por naõ confundirmos ao leitor, os deixamos, e o remettemos ao 3. tomo *dos Proginnafmi Poetici*: Progin. 118.

CAPI-

CAPITULO VI.

Do verosimil, segunda propriedade da fabula.

BAstantemente temos já discorrido do verosimil; porém como este he huma das propriedades principaes da fabula, continuaremos tambem aqui a dar mais alguma instrucçaõ, e a fazer algumas observaçoens nesta materia. O verosimil da fabula consiste, em que seja crivel a contextura della. Naõ ha de repugnar á natureza, á fortuna, á idade, ao costume, e á fama, ou historia. Naõ se póde inverter a ordem das cousas, fingindo o que repugna á natureza, como diz Horacio na Poetica:

Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.

Do mesmo modo se deve attender muito ao que convem á condiçaõ, e idade, e assim representar nella o que he verosimil. Naõ poderemos fingir a hum moço mais prudente do que hum velho, e a hum Principe mais avarento do que hum vassallo particular; porque ainda que ambas estas cousas se possaõ dar, com tudo o Poeta só deve pintar o que geralmente convem ao estado das cousas; nem se lhe deve perdoar, como affirma Horacio:

Si dicentis erunt fortunis absona dicta.

Em quanto ao costume, deve haver a mesma reflexaõ, fazendo-se, com que a pessoa sustente sempre até o fim aquelle mesmo caracter, ou de virtuoso, ou de máo; o que tambem Horacio nos deixou encommendado, dizendo:

Qualis ab incœpto processerit, & sibi constet.

E ain-

E ainda que saõ mudaveis as vontades dos homens, e costumaõ muitas vezes passar dos vicios para as virtudes, com tudo em huma acçaõ tragica, ou comica, que dura muy pouco espaço de tempo, naõ he verosimil, que taõ promptamente se mudem os habitos voluntarios. Nem ainda na Epopeia os costuma mudar o Poeta; porque os sujeitos quasi todos saõ alli conhecidos pela historia, ou por fama, como na Tragedia. Ultimamente naõ devemos com probabilidade alterar a fama das cousas, e as historias succedidas: v. g. dizer, que Cesar matara a Bruto, e Heitor a Achilles, o que poderemos fazer he, accrescentar, ou diminuir alguma cousa á historia, sendo conveniente, e verosimil. Por ultima conclusaõ, a regra do verosimil pede, que as fabulas poeticas naõ se opponhaõ á opiniaõ, que com fundamento se concebeo das cousas. A fama, a historia, e muitas vezes os nossos olhos nos fazem ver a verdadeira situaçaõ dos montes, dos rios, dos Reinos, dos mares &c. Assim sabemos v. g. que Constantino floreceo mais de 350. annos depois de Julio Cesar, e que a Julio Cesar sobreviveo sua mulher Calfurnia. Ora quem fingisse o contrario destas taes cousas, que nós já sabemos, ou facilmente podemos saber, he certo, que naõ nolas poderia fazer verosimeis, e possiveis; porque sabemos, que a natureza determinou de outro modo a sua potencia. Naõ he possivel, direy eu, e diraõ quasi todos, v. g. que o Tejo passe por Pariz, e que Constantino reinasse antes de Augusto; porque da historia me consta o contrario. Reflectindo nestas razoens devem os Poetas de bom juizo fugir de certos anacronismos, que facilmente se pódem conhecer por inverosimeis, e atrevidos; de que temos naõ poucos exemplos nos melhores Epicos, e Tragicos antigos, e modernos.

dernos. Se ouvirmos porém reprefentadas as acçoens de Clorinda, e Torrifmondo, de Nifo, de Eurialo, e de outras femelhantes peffoas totalmente fingidas, devernos-haõ parecer poffiveis, e verofimeis; porque naõ temos coufa, que fe opponha a efta nova opiniaõ, e que nos convença do contrario. As hiftorias naõ dizem v. g. que Argante, e Clorinda naõ foffem a Jerufalem, e lá peleijaffem contra os Chriftãos, como diffe Taffo: naõ dizem, que Nifo, e Eurialo naõ obraffem aquella generofa acçaõ no tempo de Eneas, como efcreveo Virgilio; nem contradizem com expreffas palavras o modo, com que o Poeta reprefenta fuccedida a morte de Mitridates, a defgraça de Belifario, ou a fortuna de Vafco da Gama. Efte filencio bafta para fundamento da ficçaõ, a qual naõ tem obftaculo para parecer poffivel, e verofimil. Daqui vimos tambem a faber a razaõ (como efcreve Muratori no liv. I. pag. 85) porque o Poeta ufa na Comedia de argumentos, e nomes de peffoas inteiramente fingidos. Nem a hiftoria, nem a fama coftuma fazer mençaõ dos homens particulares, e de baixa esféra, como coufas de pouco momento; e por efta razaõ a fabula da Comedia, que fempre fe fórma de peffoas ordinarias, e de argumentos populares, póde, ainda que em tudo, e por tudo feja fingida, parecer verofimil, e poffivel em fucceder, porque nem a fama, nem a hiftoria fe oppoem á fua verofimilidade, e poffibilidade. Como a noffa opiniaõ (fegundo já diffemos) naõ prohibe, que a Tragedia fe poffa formar de argumento, e de nomes totalmente imaginados; affim tambem fomos de parecer, que poffa a Comedia alguma vez formarfe fobre objecto, e acçaõ fabida, e verdadeira, e com effeito algumas Comedias temos lido formadas fobre algumas Novellas

de Bocaccio, que naõ contém ſucceſſos fabuloſos; o que ſe naõ deve criticar com bom fundamento; ſegundo prova hum diſcurſo de Gravina, feito ſobre eſta materia. Porém como he empreza mais louvavel formar eſtes Dramas ſobre idéa propria, ſem plantar em terreno alheyo, por iſſo ſempre ſerá melhor conſelho inventar todo o argumento das Comedias, já que o veroſimil, que nellas ſe requer, naõ ſe expoem a algum perigo, como ſuccede nas Tragedias. Ora, como dizemos, tanto a Tragedia, como a Comedia, e a Epopeia naõ pertendem mais, ſenaõ que quanto nellas ſe finge, ſe crea poſſivel em ſucceder, ou em ter ſuccedido. Tem niſto tanto cuidado, que quando alguma couſa real, e verdadeiramente acontecida póde repreſentada, ou narrada parecer inveroſimil, e impoſſivel em ſucceder, eſtudaõ muito os Poetas em a temperar, e fazer veroſimil, quanto póde ſer, o ſeu maravilhoſo. Dizem, e formaõ os Poetas innumeraveis mentiras, e fabulas; mas nem por iſſo querem enganar o entendimento de quem lê, ou ouve, fazendo-lhe crer o falſo, como verdadeiro. He falſo, que nunca ſuccedeo o que elles fingem; mas tambem he verdade, que a tal couſa podia, ou devia aſſim ſucceder. Iſto he o que elles pertendem perſuadir, buſcando por meyo de huma mentira o modo para fazer aprehender huma verdade, a qual aprehendida que ſeja, naõ ſó nos cauſa deleite, mas tambem utilidade.

Com a ſua coſtumada, e ſublime agudeza obſervou Santo Agoſtinho no liv. 2. cap. 9. dos Soliloquios, que os Poemas, ainda que pareçaõ cheyos de mentiras, com tudo naõ nos pretendem enganar; e que os Poetas ſim poderáõ ter o nome de mentiroſos, mas naõ o de enganadores. Diz aſſim o Santo Doutor: *Mentientes*,

tientes, aut mendaces hoc differunt à fallacibus, quod omnis fallax appetit fallere; non autem omnis vult fallere qui mentitur. Nam & Mimi, & Comœdiæ, & multa poemata mendaciorum plena ſunt, delectandi potius, quàm fallendi voluntate: & omnes ferè, qui jocantur, mentiuntur. Sed fallax, vel fallens is recte dicitur, cujus negotium eſt, ut quiſque fallatur. E logo definindo a fabula, diz ſer huma mentira compoſta para utilidade, ou deleite de alguem: *Eſt fabula compoſitum ad utilitatem, dilectionemque mendacium.* Nem eſta utilidade, e deleite provém de outra cauſa, que do aprehender alguma verdade maravilhoſa, ou já ſuccedida, ou poſſivel em ſucceder. Finalmente remataremos eſte Capitulo com hum axioma de Voſſio do liv. 2. das ſuas Inſtituiçoens Poeticas p. 57. que diz: *Tragicum vel maximè attendere oportet, quod veroriſimile ſit; quia in Dramate res non ſolùm narratur, ut in Epopeia, ſed etiam agitur; ſi tamen aliquid adferendum rationi minus conſentaneum; id extra fabulam, hoc eſt, in Epiſodio, eſto.* Confirma-ſe eſta doutrina com hum texto de Ariſtoteles Poet. cap.4. em que diz: *Ne conſtet oratio ex iis, quæ ratione carent. Sed omnino non ponendum, quod ratione caret: vel ſi caveri id non poſſit, extra fabulam ponendum.*

CAPITULO VII.

Da integridade, terceira condiçaõ da fabula.

ASſim como ao corpo humano para ſer inteiro, naõ ha de faltar algum membro, do meſmo modo naõ deve faltar á fabula para ſer perfeita, a ſua inte-

gridade; isto he, ter principio, meyo, e fim. O *Principio*, como nos deixou definido o Filosofo no Cap. 5. da sua Poetica, *he aquillo, que necessariamente precede a tudo o mais, e que deixa as dependencias, que depois de si se seguem. Principium illud esse dicimus, quod non necessario post aliud est: cætera autem illo posteriora vel sunt, vel fiunt.* Como do principio depende tudo o mais, naõ se pódem estabelecer, e deduzir as cousas, sem primeiro o constituir; e bem sabido he, que sem se saber o antecedente, se naõ póde vir no conhecimento do subsequente: *O fim he aquillo, que necessaria, ou regularmente se segue depois de outra cousa, que lhe precede, e que depois de si naõ deixa cousa alguma, que se lhe siga. Finis post se nihil habet*, diz o Padre Donato na sua Poetica: porque finda, que seja a acçaõ, ou Tragica, ou Epica, e exposto o que se propoz ao principio, se acaba o Poema. O *Meyo*, como todos sabem, *he o que fica entre o principio, e o fim*; isto he, *aquillo, que se segue depois de outra cousa, que precede, e deixa depois de si outra cousa, que se lhe segue.* Devemos aqui advertir por conselho do Padre Donato, e de todos os Authores Poeticos, que como os Poetas, principalmente Epicos, costumaõ muitas vezes começar a sua obra, naõ pelo principio da fabula, mas antes pelo meyo, se naõ deve tomar por principio della o que primeiro se narra, senaõ a cousa, que he principal em toda a acçaõ, que se propoz por assumpto, ainda que se principie pelo meyo, que he posterior ao principio; porque o principio naõ he o que primeiro se propoem; mas *quod primo est, aut fit*, como ensina Aristoteles. O principio da fabula de Virgilio he a partida, que Eneas fez de Troya, a qual narra o Poeta no liv. 3. e começa

ça o primeiro, narrando a partida, que fez de Sicilia, que ſuccedeo depois de paſſarem ſete annos: pelo que ſe o principio da fabula foſſe o meſmo, que o principio da obra, deveria Virgilio começar a narraçaõ do ſeu Poema pelos verſos, com que principiou o liv. 3. dizendo:

Poſtquam res Aſiæ, Priamique evertere gentem
Immeritam viſum ſuperis . . . . . .

Deſta doutrina naſce huma grande queſtaõ entre os Criticos, que trataraõ da Poetica, e he, ſe ſe ha de começar pelo principio, ſeguindo-ſe depois delle o meyo, e fim, ſegundo a ordem *natural*, ou ſe ſe ha de principiar pelo meyo, pondo depois deſte o principio, ſegundo a ordem chamada *artificial*. Porém como eſta diverſidade mais pertence ao Poema Epico, que ao Tragico, e Comico, diremos o que ſentimos neſte ponto, quando tratarmos da Epopeia, e das ſuas regras.

CAPITULO VIII.

Da grandeza, quarta condiçaõ da fabula.

DIz Ariſtoteles, que a formoſura conſiſte na grandeza, e ordem: *Pulchritudo enim in magnitudine, & ordine eſt.* Todas as couſas devem ter a grandeza, que convem á ſua natureza; e aſſim deve ſer a grandeza da fabula. Naõ tratamos da ſua grandeza material, nem da ſua material duraçaõ, que pende de mayor, ou menor numero de verſos, e de mayor, ou menor eſpaço de tempo, que gaſtaõ os repreſentantes; mas ſim daquella juſta grandeza, que pertence ao Poeta, a qual conſiſte no juſto numero, e proporcionada

nada extensaõ das acçoens, que saõ como partes da fabula, e constituem o seu todo. Qualquer animal para ser perfeito deve ter a justa grandeza, que se requere, para logo perfeitamente o vermos de huma vista de olhos, aliàs, como diz o Filosofo: *Confunditur contemplatio, quæ momento temporis fit.* Assim deve ser a grandeza congruente da fabula; de modo, que a memoria facilmente a comprehenda. Aristoteles determina esta grandeza da acçaõ tragica ao espaço de hum dia: *Intra unam periodum Solis, sive unam intra diem compellitur.* O mesmo tempo dá á fabula Comica, e só diz da Epopeia, que *indefinita est tempore*, como em seu lugar mais largamente expenderemos: e he esta determinaçaõ muy confórme á razaõ; porque assim como a grandeza de hum palacio he diversa da de huma casa particular, assim igualmente a grandeza de hum Poema Epico deve differir muito da de huma Tragedia, ou Comedia. Naõ se segue com tudo desta doutrina, que seja muy dilatada a duraçaõ da Epopeia; porque como esta deve ter unidade, que lhe dá a acçaõ, naõ póde durar muito tempo huma acçaõ de algum homem, ainda que se fórme de outras muitas. Huma guerra v.g. compoem-se de muitas acçoens, e nem por isso costuma ter larga duraçaõ. Por isso Homero se fez recommendavel, quando tomou para argumento da sua Iliada huma pequena parte da guerra Troyana, desprezando a nimia prolixidade dos dez annos, que ella durou. Porém a Tragedia além do termo, que lhe prescreveo a natureza do Poema, ainda entre os Gregos tinha outra ley mais estreita; porque punhaõ estes hum relogio de agua, e acabada que fosse, se dava fim á Tragedia, ou Comedia; o que depois os Romanos faziaõ aos Oradores; hoje porém naõ se excede o tempo de quatro horas,

que

que he o que basta, para se observar a regra de Aristoteles, segundo a intelligencia, que lhe dá Gonzales de Salas, que diz, ser a propria grandeza da fabula aquella, que for, ou forçosa, ou verosilmente necessaria, para que procedendo a sua acçaõ com huma bem ordenada constituiçaõ de suas partes, chegue esta mesma acçaõ a mudarse de infelicidade em felicidade, ou pelo contrario de desgraça em fortuna. Por isso Virgilio deu fim ao seu Poema com a morte de Turno, pela qual se muda a fortuna de Eneas, ficando sem amante oppositor, que lhe dispute Lavinia para esposa, e o Reino de Italia: e diga o que quizer Donato com a sua ridicula opiniaõ na vida deste Poeta, na qual diz, que se Virgilio vivesse mais tempo, havia formar o seu Poema de vinte e quatro livros, até chegar ao tempo de Augusto. Finalmente por ultimo preceito sobre a grandeza da fabula transcreveremos hum axioma de Vossio Poetic. liv. 1. cap. 10. *Ne verò pars aliqua justo brevior, aut longior sit, tum in fabula, tum in episodiis, videndum quæ illustria, graviaque sint; quæ levia, ac minuta; quæ medii generis. Illustribus inhærendum; media percurremus, levicula nutu potius, quàm oratione, significabimus.*

CAPITULO IX.

Da unidade, quinta condiçaõ da fabula.

A Unidade da fabula he aquella, em que a acçaõ principal naõ fica deteriorada com outros accidentes diversos de sujeito, ou ordidos de partes, que naõ saõ integraes. Deve a fabula ter esta unidade, isto

he,

he, deve ser huma só acçaõ de huma só pessoa; porque a arte deve imitar a natureza, que nas suas formaçoens se encaminha toda á unidade, ou seja simples, como a luz, ou composta, como o corpo humano. Contra este preceito se póde peccar de tres modos: o primeiro, tomando por assumpto huma só acçaõ, em que para ella concorraõ muitas pessoas principaes: o segundo, fabulando sobre muitas acçoens de hum só, e indiviso operante: e o terceiro, escrevendo diversas cousas de diversas pessoas. Naõ discorreremos deste ultimo erro; porque todos o conhecem, e sabem, que fica sendo monstruoso o tal corpo, como nos ensina o Filosofo Poetic. câp. 7. O mesmo Author tratando do segundo erro, nos faz mençaõ dos Authores da *Theseida*, ou *Herculeida*, dizendo, que erraraõ; porque tomaraõ por argumento dos seus Poemas as acçoens de Theseo, ou de Hercules. O mesmo fez entre os Gregos Paniases, que em quatorze livros descreveo a vida de Alcides, que depois tambem foy assumpto de Caro, antigo Poeta Romano. Os que cahiraõ no primeiro erro, saõ entre outros, Valerio Flacco na *Argonauta*, Estacio na *Thebaida*, Cornelio Severo escrevendo as batalhas de Sicilia, Archia a guerra dos Cimbros, e outros muitos, em que o nosso Camoens naõ deixa de ter lugar, como diremos, quando o pedir melhor occasiaõ. Quiz Castelvetro na sua Exposiçaõ á Poetica de Aristoteles defender aquelles, que cantaraõ de hum sujeito diversas acçoens, e diz, que estes foraõ os que melhor se conformaraõ com a Poesia, que he huma semelhança da historia, da qual segue todos os vestigios; e que por esta razaõ póde usar de todos os privilegios permittidos á historia, que saõ de narrar em huma obra todas as acçoens de huma pessoa. E logo abaixo affirma, que

que ſe a Tragedia, e Comedia uſa de huma ſó acçaõ, provém iſto do pouco tempo de duraçaõ, que lhes he concedida, como fabulas Dramaticas. Do meſmo modo affirma, que a multiplicidade, e variedade das acçoens cauſaõ mais deleite, e grandeza; e que a ſingularidade de huma ſó moſtra admiravelmente o engenho, e arte do Poeta: *Operando egli* (ſaõ palavras ſuas) *quello con una azione, d' una perſona, che altri apena poſſono operare con molte azioni, e di molte perſone.* A variedade cauſa deleite, eſta compoem-ſe de multiplicidade de couſas: logo o Poeta formando a fabula de muitas, e varias acçoens, encherá os animos de muito mayor deleite. Eſte he o argumento de Caſtelvetro, o qual he falſo, como moſtraremos, argumentando aſſim: A variedade, que participa de couſas, que correſpondem entre ſi, fica ſendo mais bella, e deleitavel, que aquillo, que em ſi meſmo he unico, e ſó. O homem v. g. pela variedade dos ſeus muitos membros he hum individuo mais admiravel, do que ſe foſſe huma maſſa de carne animada, e quaſi indiſtincta. Porém os ſeus membros naõ o fazem conſideravel ſimplesmente, por ſerem muitos, e varios, mas porque além de ſerem varios, e muitos, ſaõ confórmes ao homem: que ſe elles foſſem ferinos, ou monſtruoſos (ainda que foſſem varios, e muitos) fariaõ ao homem disforme, e ridiculo. O meſmo ſuccede á fabula: ficará eſta mais perfeita, e cauſará mais maravilha, e deleite, ſe o Poeta a unir de varios epiſodios todos dependentes da acçaõ primaria, encaminhados a hum ſó alvo da meſma acçaõ, e unidos com ella de modo, que ſe forem tranſpoſtos, e alterados pervertaõ a devida diſpoſiçaõ da fabula. Na Eneada certamente ſe pódem deſmembrar muitos dos ſeus epiſodios, como v. g. o

amor de Dido, a descida ao inferno, as festas funeraes, e outras semelhantes incidencias; mas porque todas estas cousas seguem, ajudaõ, e aperfeiçoaõ o objecto primario, por isso saõ necessarias: do mesmo modo, que hum homem viveria, mas seria imperfeito, se lhe faltasse algum membro integrante. Parece que temos impugnado a opiniaõ de Castelvetro em quanto a dizer, que a multiplicidade, e variedade das acçoens causaõ mais deleite, e grandeza, que a singularidade de huma só acçaõ; resta agora dizermos brevemente tambem alguma cousa sobre a clausula de affirmar, que a Poesia he semelhante á historia, para provar a multiplicidade das acçoens. Ouçamos a Aristoteles o que diz na partic. 51. *Decet igitur, quemadmodum una unius imitatio est in aliis imitatricibus artibus, ita & fabulam, videlicet, quæ actionis, imitatio sit, unius &c.* Aclaremos a doutrina de Aristoteles com este argumento: As artes, que saõ imitadoras, seguem no obrar o costume da natureza: o costume da natureza he de obrar a algum fim: logo as artes, que imitaõ devem obrar a algum fim. A Poetica he arte, que imita: logo a Poetica deve obrar a algum fim. Obrar a Poetica a hum fim, quer dizer imitar poeticamente huma só acçaõ: logo a Poetica deve imitar poeticamente huma só acçaõ. Eisaqui como a alma da fabula Poetica he a unidade, por se conformar com a natureza, e naõ com a historia; e se com esta tem semelhança, he em outros casos, como em muitas partes dos seus *Proginnasmi Poetici* prova o eruditissimo Apatista. Porém a esta nossa doutrina, que tanto recommenda na fabula a unidade, poderá haver quem se opponha, dizendo, que algumas Tragedias, e Comedias antigas ha, nas quaes naõ ha esta unidade. No *Herćules furioso* v. g. he mor-

to Lyco, e os filhos de Hercules por varias causas, e sem haver hũa unica cousa, que as ate, e enrede. Na *Andria* de Terencio Pamphilo pede por mulher a Pasibula, e Charino a Philomena, e he certo, que aqui, como diz o Padre Donato pag. 158. naõ ha unidade de acçaõ. Porém, segundo o mesmo Author, facilmente se dissolvem estas duvidas, reflectindo quantas variedades ha de unidade. Póde esta nascer de tres principios, como ensina o Filosofo, ou de huma só pessoa, ou de cousas succedidas a hum mesmo tempo, ou de huma unica acçaõ. Se a fabula nascer do primeiro principio, naõ póde ser huma só; porque naõ podemos fazer, que seja unica huma cousa, procedendo de outras, que succederaõ a huma pessoa só em todo o espaço da sua vida, as quaes entre si sempre saõ muy repugnantes pela variedade de causas, de tempos, de lugares, e de acçoens. Se nascer a fabula do segundo principio, tambem naõ póde ter perfeita unidade; porque naõ saõ poeticas as cousas, que assentaõ na unidade do tempo, e só he proprio do Historiador referir na historia do mesmo tempo as acçoens de diversos Principes, e naçoens. Se v. g. a hum mesmo tempo Solimaõ peleijasse contra os Persas, e Carlos V. em Africa expugnasse a Tunes, que unidade poderiamos tirar destas acçoens? Só o terceiro modo, que he a unidade da acçaõ, póde fazer a perfeita unidade da fabula, como em muitos lugares deixou escrito Aristoteles; e consiste esta na unidade do fim: v. g. a guerra Troyana foy huma só; porque foy huma só Troya, a quem os Gregos sitiaraõ; e como o fim a que todos se encaminhavaõ, era tomar esta Cidade, por isso esta acçaõ tem a sua devida unidade. Fallamos do fim primario, que o secundario seria a cubiça da gloria, a occasiaõ da vingança, o interesse das riquezas &c.

CAPITULO X.

Do episodio, sexta condiçaõ da fabula.

NEnhuma outra cousa saõ os episodios senaõ as partes necessarias da acçaõ extendidas com circunstancias verosimeis: assim o diz o Padre Le-Bossu no seu tratado de Poem. Epic. liv. 2 cap. 6. Porém como esta definiçaõ poderá a alguns parecer escura, usaremos de outra, dizendo, que o episodio he aquillo, que sobrevem á acçaõ fabulosa, mas de tal modo, que tirado elle, fique inteira a fabula; da mesma sorte, que hum Templo sempre ficará perfeito, ainda que se lhe tire hum altar. A fabula da Odyssea saõ as viagens de Ulysses ausente por muitos annos da sua patria, á qual torna, vencidos todos os embaraços, e castiga logo a insolencia dos amantes de Penelope sua esposa: porém os casos de Scyla, e Carybdis, os successos de Polifemo, dos Pheacos, de Circe, das Sereas &c. saõ tudo episodios, e partes necessarias da fabula, as quaes tiradas, ficará esta sempre inteira. O mesmo he o liv. 2. da Eneada, como cousa, que o Poeta descreve succedida antes da partida de Eneas: a mayor parte do liv. 4. a descida ao inferno, as festas funeraes a Anchises, os louvores dos Romanos no 6. e no 8. livro &c. O episodio pois deve considerarse em dous modos, ou como necessario, ou como inutil. O primeiro modo comprehende as partes integrantes do sujeito, as quaes com esta introduçaõ constituem ao Poema a sua justa grandeza, e causaõ pela variedade das cousas hum notavel, e continuo deleite ao leitor. O segundo modo se entende por aquellas digressoens, que viciosamente se introduzem

duzem pelo Poema, ſem as quaes póde eſtar o todo ſem imperfeiçaõ alguma do ſeu compoſto: e ſaõ eſtes taes epiſodios ſemelhantes aos filhos naturaes, e baſtardos, ou verdadeiramente aos membros, que naõ convem ao corpo. Sobre os epiſodios do primeiro modo devemos fazer huma obſervaçaõ, e he, que pòdem ſer vicioſos, ſe naõ por natureza, ao menos pela materia, e modo; iſto he, ou por demaſiada extenſaõ, ou por pouca importancia. Da primeira eſpecie (ſegundo o Apatiſta tom. 4. *Proginn.* 15.) parece em Virgilio o amor da Rainha Dido, o qual por ſi meſmo, e por accidente leva parte do 1. liv. da Eneada, e todo o ſegundo, terceiro, e quarto. Da ſegunda eſpecie parece tambem ſer no meſmo Poema a caça dos veados, a preparaçaõ das viandas, e outros miniſterios da coſinha, de que trata com individuaçaõ o liv. 1. Eſcaligero Poetic. liv. 3. cap. 97. naõ he taõ eſcrupuloſo, approvando em Catullo a deſcripçaõ do veſtido de Ariadna; em Virgilio o naſcimento de Camilla, e a eſcultura do eſcudo; em Horacio a fabula de Europa, e Hypermeſtra &c. Porém Ariſtoteles no liv. 5. da Politica nos dá huma ſemelhança muy propria para eſte diſcurſo. Diz elle: *Sicut corpus ex partibus ſuis conſtat, & oportet eas ſimul pro modo quamque ſuo creſcere, ut commenſurationis maneat harmonia; ac niſi hoc fiat, corrumpitur; ſeu quando pes quatuor cubitorum ſit, cæterum verò corpus duorum palmorum longitudinem habeat; interdum etiam in alterius animalis figuram tranſire queat, ſi non ſolùm quantitate, verùm etiam qualitate immoderatum fieret incrementum.* Appliquemos ao Poema eſta ſemelhança do corpo. A proporçaõ he a formoſura, e perfeiçaõ do corpo; e em tanto a terá, em quanto todos os membros correſpondem em

quantidade, e qualidade á natureza do corpo. O mesmo que convem ao corpo com os seus membros, convem á Poesia, e ainda á Prosa com os seus episodios, e digressoens, ficando estes viciosos, quando, ou em quanto á quantidade saõ muy extensos, ou em quanto á qualidade saõ desproporcionados. Pelo que respeita á quantidade, já apontámos exemplos neste Capitulo, e pelo que toca á qualidade, naõ nos esqueceremos das Novellas do Orlando Furioso, as quaes, álem de naõ terem cousa alguma com o argumento, saõ pela sua má qualidade muito improprias de hum Poema, principalmente heroico, manchando-as de muitas impudicicias; e assim bem se pode dizer deste Poeta nesta parte o que já disse Horacio: *Non erat hic locus.* Ouçamos o que doutamente sobre estas palavras escreve Joaõ Bautista Pigna allegado por Udeno Nisieli: *Oportet itaque digressiones esse ex re, & ad rem. Erunt autem cohærentia quoties aut necessaria, aut verisimilia. * Erit vitiosa digressio, si in materia gravi, & magnifica Poesi in rerum humilium descriptione moratus fuerim: ut si milites ad Rhenum deducam, & in ipsius fluvii explicatione me nimis occupem.* Naõ observou Homero muito esta doutrina taõ conforme á razaõ; porque no liv. 24. da Odyssea gasta duzentos versos em narrar os progressos das almas dos Procos no inferno. Tem o Apatista a este excesso por grande, e grave; porque primeiramente se desvia muito do seu assumpto, e em segundo lugar aquella tal particularidade naõ tem connexaõ, nem diz relaçaõ alguma com a acçaõ primaria; pois aquelles Principes depois de morrerem, naõ intervem em cousa alguma nas emprezas de Ulysses; e por esta causa cessaõ de ter lugar em hum Poema, de que Ulysses he a unica idéa, e forma.

Devia

Devia o Poeta usar deste episodio no liv. 11. quando Ulysses vê, e reconhece os espiritos condemnados de tantas pessoas; porque entaõ naõ padeceria algum embaraço o curso do Poema, sendo Ulysses a cabeça de todas as acçoens. Na Iliada gasta igualmente Homero duzentos versos acerca de Juno, e Jupiter; cuja acçaõ nada tem de memoravel, nem merece livros inteiros, naõ comprehendendo mais que enganos, somno, e sensualidades. Advirta o leitor, que nòs naõ negamos, que esta tal incidencia naõ esteja enredada com a fabula, nascendo daqui accidentes notaveis entre Gregos, e Troyanos; mas a determinamos viciosamente episodica; porque se gastaõ tantos, e tantos versos em huma cousa cheya de vaidade, inutil em quanto aos affectos, e damnosa em quanto ao exemplo. Para darmos fim a este Capitulo, copiaremos humas doutrinas de Aristoteles sobre os episodios; reservando-nos para dizermos mais alguma cousa delles, quando tratarmos da Epopeia. Recommenda pois o Filosofo, que o episodio, como inventado para exornar, e augmentar a fabula, e para naõ enfastiar o leitor, ou ouvinte com os successos da acçaõ primaria, seja breve na Tragedia, e Comedia, e na Epopeia mais dilatado, por ser edificio de mayor machina: que as fabulas de nenhum modo sejaõ episodicas; isto he, muy abundantes de episodios: que estes tenhaõ huma clara connexaõ com as cousas, de que trata a fabula; e que primeiro se deve formar esta, e depois o episodio como cousa accessoria. Destas doutrinas se colhe o que na sua Poetica pag. 160. diz o Padre Donato: *Ad locupletandam poesim episodia domestica, & cognata quidem, sed extrinsecus advenientia, & inter se valde conjuncta constitutæ jam fabulæ non plus nimio adjungito; pauciora in dramatis, plura in Epopæia.*

Da

CAPITULO XI.

Da admirabilidade, e perturbaçaõ da fabula, setima, e oitava propriedade.

DEfine o Padre Donato a admiraçaõ deste modo: *Admiratio est quædam pars timoris ex aliquâ re, sensu, animove percepta, quæ nostram facultatem excedat*; e a razaõ desta definiçaõ he, como diz o mesmo Author, porque tememos de fazer juizo sobre o que excede a nossa faculdade. Pòde nascer a *admiraçaõ*, ou de cousas inanimadas, como v. g. a imagem de Mytio, que cahio sobre o seu inimigo; ou dos brutos, considerando muitas suas acçoens admiraveis, v. g. o que dos caens, cavallos &c. nos conta Plinio, Eliano, e outros Authores; ou de homens, quando estes se naõ pòdem de modo algum livrar de perigo, que esteja imminente; e quanto o mal, que se receya, for mais horrivel, tanto mayor será a admiraçaõ, v. g. o caso de Edipo. Em conclusaõ tudo o que for grande, e deduzido do mesmo contexto da fabula, imaginando-se, que naõ poderá succeder o contrario por causa da estreitissima uniaõ, e apertado enredo das cousas, causará admiraçaõ, vendo-se, que inopinadamente succede a tal cousa contraria, que naõ se podia esperar, como muitas vezes admiramos nas Tragedias, e Comedias por força de lances excellentes, e repentinos; e se nellas naõ houver estes, e outras cousas, que movaõ a admiraçaõ, perde a fabula huma das suas importantes condiçoens. Outra propriedade naõ menos precisa he a *perturbaçaõ*, ou *paixaõ*, que efficazmente serve para mover no auditorio os affectos de terror, e de commiseraçaõ;

ao

ao que Ariſtoteles chama *Pathos*, como já diſſemos em ſeu lugar, e a elle nos remettemos; pois alli ſatisfizemos as duvidas, que podiaõ naſcer deſta ultima condiçaõ da fabula.

CAPITULO XII.

Da ſoluçaõ da fabula.

A Soluçaõ da fabula já todos ſabem, que conſiſte, em que acabada ella, ſe ſaiba, que fim teve aquelle enredo de couſas, e aquella mudança de fortuna, que antes eſtava, ou duvidoſa, ou inclinada para alguma parte, ou a riſco de acabar. Naõ ſe póde chamar á ſoluçaõ cataſtrophe da Tragedia; porque o cataſtrophe começa com a declinaçaõ da fortuna, e a ſoluçaõ ſerve para ſe ſaber, que fim teve a tal infelicidade. O modo mais admiravel da ſoluçaõ da fabula he o que procede das meſmas couſas, e peſſoas, que a enredaraõ, como frequentemente ſuccede nas Comedias; ou de algum ſucceſſo, que ſobrevem, principalmente ſe houver agniçaõ. As *machinas* na ſoluçaõ ſaõ reprovadas, ſendo Ariſtoteles hum dos que naõ approva muito, que ſe faça *à machina, vel aliquo artificio*; iſto he, ſendo algum dos Deoſes o que por ſeu poder dê fim á acçaõ, e aclare todo o enredo della, ou ſobrenaturalmente vença as difficuldades, que havia para dar fim á fabula; e o meſmo reprova Plataõ no ſeu *Cratylo*, e Cicero no ſeu tratado de *Natur. Deor.* Alguns exemplos temos da antiguidade, pelos quaes ſe moſtra ter havido nas Tragedias algumas ſoluçoens por meyo de machinas, como no *Jon* de Euripides, em que Minerva fallando

he a que dissolve a fabula. Mas quem duvîda, que muito mais louvavel he a agniçaõ de *Merope*, nascendo do mesmo contexto da fabula, do que se viesse algum Deos em huma nuvem, que lhe mostrasse seu filho, a quem ella naõ conhecia. Esta reprovaçaõ das machinas naõ só se entende na soluçaõ, mas tambem ainda no contexto da fabula, fazendo-se apparecer divindades a desatar algum lance, sem haver necessidade alguma; por isso diz Horacio:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus
Inciderit.

O que Servio entendeo muito mal, commentando o vers.8. do liv.1 da Eneada, applicando-o á invocaçaõ das Musas, como prova Lelio Bisciola: *Hor. subsec.* liv.14. cap. 16. tom. 2. Deve por tanto o Poeta, ou seja Epico, ou Tragico, ou Comico fugir de semelhante defeito; porque senaõ darse-ha a conhecer aos intelligentes por engenho de pouca invençaõ, restringindo-se voluntariamente entre Scyla, e Carybdis. Digo *voluntariamente*, porque tendo muito espaçoso o campo da fabula, naõ deve imprudentemente prender por si mesmo o seu engenho, valendo-se de forças divinas, ou magicas para se desembaraçar de alguma difficuldade, a que naõ sabe dar sahida; como fez Ariosto, enchendo o seu Poema de tantas machinas, que justamente merece a douta critica de Paulo Beni na sua *Comparazione* pag. 250. e 269. Bastem por ora estas doutrinas, que mais largamente expenderemos tratando da Epopeia; e já he tempo de passarmos a tratar dos costumes, e mais partes da Tragedia chamadas de qualidade, das quaes a fabula, como já temos dito, he a primeira.

CAPITULO XIII.

Dos coſtumes, e oraçaõ chamada morata.

ENtre todas as conſideraçoens mais principaes, e neceſſarias na Poeſia, nenhuma he taõ preciſa como a perfeita imitaçaõ das acçoens, e palavras; e conſiſte eſta perfeiçaõ em huma fórma taõ natural, e artificioſa, que a peſſoa naõ pareça ſer imitada, antes ſim feita pela natureza, e naõ fingida pela arte. Antonio Lullo de Orat. liv. 3. cap. 37. diz aſſim: *Mores habitus ſunt animi, tam naturales, quàm ex conſuetudine contracti. Talis eſt in juvene audacia; in ſene morocitas, & parſimonia; in nobili arrogantia; in avaro triſtitia; in amante zelus.* * *Quibus cognitis, & inſpectis, ad cauſam, & perſonam ſimul eſt accommodanda omnis noſtra actio.* * *Atque eà de cauſa Plato ſcientiam de anima deſiderat in Oratore, ut ſciat quot ſpecies animus habeat.* * *Nam tales animi talibus ſermonibus certis perſuadentur, alii contrà &c.* Ariſtoteles tratando do coſtume, diz aſſim no liv. 3 cap. 604. de Rhet. *Oratio morata comitatur quæ congruit unicuique generi, atque habitui*: e ſobre eſtas palavras do Filoſofo diz o ſeu Interprete Maioragio, que os homens ſe diſtinguem por tres couſas: pela idade, pelo ſexo, e pela naçaõ: outros accreſcentaõ, que tambem pela fortuna, condiçaõ, e ordem; porque o fallar do rico ha de ſer differente do do pobre, e o ſoldado do negociante, e do lavrador &c. por iſſo Horacio na ſua Poetica nos deixou dito:

Intererit multum Davus ne loquatur, Eros ne,
Maturus ne Senex, an adhuc florente juventâ

Fervidus, an matrona potens, an ſedula nutrix,
Mercator ne vagus, cultor ne virentis agelli,
Colchus, an Aſſirius, Thebis nutritus, an Argis.

Para que os coſtumes ſejaõ bem formados, quatro couſas ſe requerem, conforme o Filoſofo cap. 12. *Que ſejaõ bons, que convenhaõ, e que ſejaõ ſemelhantes, e iguaes.* Chamamos *bons* coſtumes áquelle caracter dos agentes em huma acçaõ honeſta, e que procede de virtude, ou tambem áquelle caracter de alguma peſſoa, ſeja bom, ou máo; porque no ſeu genero todo o coſtume poetico pòde ſer perfeito. Eſta primeira propriedade quadra muito bem nas primeiras peſſoas tragicas, que devem ſer ao menos mediocremente virtuoſas, para ſe fazerem dignas de compaixaõ na ſua miſeria. He verdade, que a Tragedia naõ exclue os máos coſtumes de alguns, como v. g. a crueldade dos tyrannos, a infelicidade das mulheres, a aſtucia dos criados &c. A Comedia naõ attende para que ſejaõ virtuoſos os coſtumes dos ſeus repreſentantes; antes ſe emprega em imitar os coſtumes máos, e ridiculos; e ſó a Epopeia he a que cuida muito em caracteriſar bem os ſeus Heroes, e perſonagens. A' viſta diſto, ſe o Poeta formar bons os coſtumes, v. g. de hum criado, ou de huma mulher, deve-ſe lembrar, que ſim ha em qualquer genero de peſſoas hum certo gráo de bondade; porém, que o menino, e a mulher he mais fraca, que o homem, o Capitaõ mais generoſo, que o ſoldado, o ſervo menos brioſo, que o livre, e que em hum Rey ſerá vicio o que em algum do povo ſeria virtude. A ſegunda condiçaõ he *que convenhaõ*; porque o que he proprio de hum ſujeito, em outro he improprio; como v. g. ſe formarmos a hum homem de Corte com os coſtumes de hum ruſtico do campo. O valor he hum coſtume muito proprio

prio para se fingir em hum homem; e este mesmo naõ convem á mulher; por isso Virgilio disse por enfase no liv. 7. da Eneada:

Bellatrix, audetque viris concurrere virgo.

Como se o valor naõ conviesse ás mulheres. A terceira propriedade he *a semelhança*; porque he necessario, que os costumes sejaõ semelhantes; isto he, que correspondaõ á opinaõ, e fama das pessoas. Horacio na Poetica.

Scriptor honoratum si forte reponis Achillem,
Impiger, iracundus, inexorabilis, acer;
Jura neget sibi nata, nihil non arroget armis.
Sit Medea ferox, invictaque flebilis Ino &c.

Por esta doutrina entenderáõ muitos, que o mesmo saõ os costumes convenientes, e os semelhantes, e que entre huma, e outra cousa naõ haja differença; porém enganaraõ-se, porque os costumes convenientes attendem, como universaes, geralmente a huma mulher, a hum homem, a hum escravo, a hum livre &c. e os semelhantes dizem respeito a hum homem só, v. g. a Pedro, Joaõ &c. de quem fallaõ as historias, divulgando as suas acçoens. A quarta condiçaõ dos costumes, he que sejaõ *iguaes*; isto he, que aquelle, que for iracundo, e atrevido conserve sempre a mesma ira, e audacia; porque como as operaçoens pela mayor parte provém do habito, este naõ costuma facilmente arrancarse do animo, sem haver huma grande mudança de vida; por isso Horacio diz:

. . . . Servetur ad imum
Qualis ab incœpto processerit, & sibi constet.

Tem esta regra huma excepçaõ, v.g. nos meninos, mulheres, e algumas outras pessoas, que tem por caracter a mudança, como antigamente Catilina, Alcibiades, e ou-

e outros. Quando assim succeder, conserve o Poeta sempre esta desigualdade, porque nella consiste, e se verifica a regra da igualdade nos costumes; amem, aborreçaõ, enfureçaõ-se, perdoem &c. Bastem estas regras a respeito do costume poetico, e reservamos para melhor occasiaõ algumas observaçoens, que temos feito sobre costumes naõ observados nos Poemas de mayor authoridade.

CAPITULO XIV.

Da sentença, e da dicçaõ.

SAõ muy importantes na Poesia estas partes de qualidade da Tragedia, de que agora tratamos; e como já dellas tratámos tanto no liv. I. desta Obra, pouco nos resta, que advertir, e só por satisfazermos á ordem das cousas, diremos algumas doutrinas geraes. Assim como o caracter, e oraçaõ *morata* descobre as virtudes, ou vicios de alguma pessoa, assim a sentença diz respeito á faculdade intelligente, declarando os desejos, e commoçoens do animo, que saõ os affectos, de que tanto escreveraõ os Rhetoricos. Aristoteles define-a deste modo: *Sententia in his versatur, quæ demonstrant quomodo aliquid est, vel quomodo non est, vel cùm universè enunciant.* Deste lugar se colhe, que ha dous generos de sentença; hum, que diz respeito ás cousas geralmente, outro, em que em lugar da cousa se declara o animo de alguem, augmentando, ou diminuindo, mostrando, ou dissolvendo alguma cousa; e igualmente persuadindo, commovendo, ou aquietando; por isso recommenda Aristoteles, que na senten-

ça convem muito *præparare affectus*. Assim como os pensamentos haõ de corresponder aos costumes, assim o mesmo deve ser com o modo de os exprimir. Os pensamentos, e expressoens v. g. de hum General he certo, que devem ser mais sentenciosas, e elegantes, do que as de hum soldado: hum homem ordinario naõ deve fallar do mesmo modo, que o Principe, nem hum rustico como hum Filosofo. Por isso a Tragedia como só admitte pessoas illustres, e grandes deve usar de estylo alto, grave, e sentencioso; e esta he a intelligencia dos versos de Horacio, dizendo, que a sublimidade da Tragedia naõ soffria a baixeza dos versos Comicos:

Indignatur item privatis, ac prope socco,
Dignis carminibus narrari cœna Thiestis.

Devemos porém advertir, que esta elevaçaõ do estylo tragico naõ deve ser de modo, que degenére no extremo de ficar inchado. Tudo se evita, havendo proporçaõ com a materia: se esta for grande, seja o estylo sublime, se mediana, mediano, e se humilde, facil, e natural. Naõ podemos duvidar, que os textos poeticos nos recommendaõ, que a Tragedia deve sempre ser alta, e elegante; mas a esta doutrina responderemos com o Padre Donato, Luzan, e outros, que se ella naõ admitte baixezas, admitte algumas vezes estylo natural, e sincero em alguns sujeitos; do mesmo modo, que a Comedia ás vezes póde ter sua elevaçaõ, como diz Horacio:

Interdum tamen & vocem Comædia tollit,
Iratusque chremes tumido delitigat ore,
Et tragicus plerumque dolet sermone pedestri.

Dissemos, que *ás vezes* admitte em algumas pessoas o estylo natural, e sincero; porque a regra geral, e o axio-

axioma incontrastavel he, segundo o mesmo Poeta, que a locuçaõ se deve conformar com as pessoas:

Ne quicumque Deus, quicumque adhibebitur heros,
Regali conspectus in auro nuper, & ostro,
Migret in obscuras humili sermone tabernas:
Aut dum vitat humum, nubes, & inania captet,
Effutire leves indigna Tragædia versus.

Naõ o entenderaõ assim muitos Authores antigos, e especialmente modernos, os quaes porque leraõ em Ovidio os versos:

Venit & ingenti violenta Tragædia passu:
Fronte comæ torvâ palla jacebat humi,

e reparando, que o *ingenti passu* denota o estylo sublime, e o *palla* pessoas de alto caracter, formaraõ as suas Tragedias de modo, que as personagens grandes, e medianas todas fallaõ da mesma sórte; cahindo deste modo na affectaçaõ, que quer dizer muito, naõ concluindo nada, como exquisitamente diz Quintiliano liv. 2. cap. 3. *Tumidos, & corruptos, & tinnulos, & quocumque alio cacozeliæ genere peccantes, certum habeo non virium, sed infirmitatis vitio laborare; ut corpora non robore, sed valetudine inflantur, & recto itinere lapsi plerumque divertunt.* Como tratamos da dicçaõ; devemos dizer, que he doutrina recebida, que a Tragedia se deve fazer em verso, e reservamos para melhor occasiaõ discutir este ponto, que naõ deixa de ter seus impugnadores. A' cerca da Comedia he que póde ser mais bem fundada a opiniaõ; porque como esta pede hum estylo proprio, e natural, e o verso assim pela sua harmonia, como pelas frases, e licenças poeticas sempre traz comsigo alguma elevaçaõ, e elegancia mais que natural, lá parece para isto ser mais propria a prosa, tratando-se na Comedia de ac-

çoens

çoens populares, e humildes, ás quaes só convem o estylo mediano, e sincéro. Assim o praticaraõ excellentes Authores Comicos, como Nicoláo Amenta, Joaõ Bautista Porta, Octavio Disa, Moliere em algumas Comedias, Lope de Vega, e outros muitos Escritores Italianos, Francezes, e Hespanhoes. Porém como por huma, e outra parte se encontraõ exemplos, naõ nos atrevemos absolutamente a reprovar os versos; mas só diremos, que havendo-se de usar destes, sejaõ ornados de tal clareza, e naturalidade, que pouco desdigaõ da prosa mais propria, e pura. Admittidos os versos na Comedia, e recommendados na Tragedia, nasce outra duvida sobre a rhythma, de que nelles se deve usar. Alguns ha, como Alexandre Piccolomini, Giraldi, Annibal Caro, e quasi todos os Dramaticos modernos de Italia, que tem por inverosimeis aos consoantes; outros, como Hespanhoes, e Francezes, naõ fazem tanto escrupulo nesta materia, na qual o nosso parecer he, que se poderáõ usar de consoantes algumas vezes, e que os mais versos sejaõ soltos; porque deste modo naõ fica havendo inverosimilidade, pois estamos ouvindo, que nas mesmas conversaçoens familiares inadvertidamente se formaõ versos com consoantes. Esta he a pratica dos bons modernos, entre os quaes he sem duvida o melhor o Abbade Pedro Metastacio, que nos seus Dramas usa de consoantes, mas com tal moderaçaõ, e juizo, que só se val delles, quando naturalmente lhe cahem, e cahiriaõ em huma pratica familiar. Deste modo ficaõ naõ sendo inverosimeis, como o saõ os de que usou Trissino na sua Tragedia intitulada *Sifonisba*, e Meza na sua chamada *Pompeio*, valendo-se o primeiro de consoantes artificiosamente enlaçados, como se servissem para huma composiçaõ lyrica, e o

ſegundo com mayor liberdade, de tercetos, oitavas, coplas, decimas, e outros generos de rhythmas, que tanto ſe oppoem á veroſimilidade. O metro mais uſado nas Tragedias he o de onze, e de ſete ſyllabas; que corresponde (principalmente ſendo eſdruxulo) aos jambos dos antigos. Os Heſpanhoes uſaõ de verſos muy curtos, como romances, quintilhas, decimas &c. e o meſmo praticaraõ Italianos, e Francezes, como ſe póde ver nas Tragedias de Gravina, e Corneille, ainda que o fizeraõ com grande economia.

CAPITULO XV.

Do apparato, e melodía.

Estas ſaõ as ultimas duas partes de qualidade da Tragedia, em que temos de dar alguma noticia com aquella brevidade, que coſtumamos, por naõ ſermos prolixos. Ariſtoteles lhe chamou *ornatus*, *viſus*, *ſive ſpectaculum*, *&* *apparatus*; iſto he, tudo o que no theatro ſe offerece aos olhos do auditorio, como antigamente era o *proſcenio*, a *orcheſta*, a *cavea*, o *chorago*, *meſochoro*, *flautas iguaes*, *ou deſiguaes*, *direitas*, *ou eſquerdas*, *maſcaras*, *cothurnos*, *ſoccos*, *&c.* de que trataõ largamente, e das ſuas ſignificaçoens muitos Authores, como Diomedes, Roſſino, Donato, Tarquinio Gallucci, e Gonzales de Salas na ſua Illuſtraçaõ á Poetica de Ariſtoteles ſec. 5. Preſentemente pode-ſe reduzir o apparato da Poeſia dramatica a tres couſas, ſe bem que em rigor naõ pertencem ao Poeta, nem ſaõ proprias da Tragedia; ainda que de algum modo contribuem para a ſua perfeiçaõ. A primeira he a diſ-

a diſpoſiçaõ, e adorno das ſcenas; a ſegunda as peſſoas, que repreſentaõ, e a terceira os veſtidos, de que devem uſar. Em quanto á diſpoſiçaõ, quaſi tudo depende da Architectura, e Pintura: eſta, e principalmente a Perſpectiva, figurando as ſcenas com a viva, e natural imitaçaõ do ſitio, ou lugar, em que ſe devem repreſentar; e a Architectura, formando o theatro com huma tal idéa, que tanto os olhos, como os ouvidos gozem igualmente da repreſentaçaõ, em qualquer parte delle, em que eſtejamos. Conſta-nos da antiguidade, que os Gregos ſe eſmeraraõ muito neſte apparato, e ſabemos, que Agathareo pintara em Athenas as ſcenas para as Tragedias de Eſchylo com huma grande perfeiçaõ. Igual, ou mayor era a dos Romanos, ſendo Claudio Pulchro o primeiro, que introduzio eſte adorno no theatro, em cuja arte foy inſigne, como referem as memorias daquella idade. Porém para virmos no conhecimento da extraordinaria pompa, e magnificencia, com que os Romanos formavaõ, e ornavaõ os ſeus theatros, baſtará ler a deſcripçaõ dos dous celebres, que fizeraõ Marco Scauro Edil, e Cayo Curiaõ. Em quanto aos repreſentantes, deſejaramos, que foſſem peſſoas inſtruídas na Rhetorica, e em algumas boas artes, para repreſentarem mais vivamente os ſeus papeis, e entenderem-nos com a energia preciſa; porém como iſto he quaſi impoſſivel conſeguir-ſe, principalmente em Heſpanha, quizeramos ao menos, que cada hum repreſentaſſe a parte mais propria ao ſeu genio, á ſua idade, ao ſeu engenho, e á ſua eſtatura, como praticaõ os Francezes; e deſte modo ſe evitavaõ no theatro papeis indignos, porque naõ ſaõ proprios ao genio de quem os repreſenta; o que a cada paſſo ſe encontra entre os Heſpanhoes. Em quanto aos veſtidos, ha de

ſe imitar a natureza, e devem ſer conformes á naçaõ, á dignidade, e ao eſtado de cada ſujeito, ſegundo o que repreſenta. Naõ he taõ rigoroſa eſta regra, que naõ admitta alguma moderaçaõ; porque devemos melhorar, e ennobrecer a natureza, quando a imitamos; e aſſim ſe em huma Comedia ſe introduzir a hum Paſtor, naõ he decoroſo, que appareça no theatro com o veſtido, de que uſa nos montes; mas ſim com aquelle, que veſte nos dias mais feſtivos da ſua Aldea. He doutrina do Author da Prefacçaõ ao Theatro Italiano, de Corneille, de Gravina, de Boileau, e de outros muitos modernos. Igualmente pertence ao apparato moderar, e regular o numero das peſſoas, que repreſentaõ. He preceito de Horacio na ſua Poetica fallando das fabulas Dramaticas:

. . . . *Nec quarta loqui perſona laboret.*

Iſto he, que naõ repreſentem juntas no tablado quatro peſſoas ao meſmo tempo; e a razaõ he, porque em ſendo mais de tres, naõ ſe faz muy perceptivel a repreſentaçaõ, como ſuccede tambem no Dialogo. O Padre Pontano na ſua Poetica liv. 2. cap. 16. diz, que ſe ſe introduzir quarta peſſoa, ou eſteja callada ouvindo, ou ſe fallar, ſejaõ poucas palavras, e eſſas, que naõ ſejaõ ditas a quem repreſenta, mas a ſi, como ſe fallaſſe comſigo meſma, para naõ haver confuſaõ. Aſſim o vemos obſervado na *Andria* Act. 3. em que ſim ſahem ao tablado cinco peſſoas; porém Myſis he ſó o que falla com Lesbia. Plauto naõ foy muito obſervador deſte preceito; porque muitas vezes introduz a fallar a hum meſmo tempo quatro, e cinco peſſoas. Do meſmo verſo de Horacio ſe colhe, que a quarta peſſoa, ſe fallar, deve ſer muy pouco; por iſſo uſou do verbo *laboro*; como ſe diſſeſſe, naõ ſe cance muito em fallar. Aſſim

o en-

o entende Francisco Pedimonti, Domizio Calderino, e o famoso Maggi, insignes interpretes da Poetica deste Poeta. Ainda sobre os representantes ha outro preceito, e he, que naõ deve algum delles em cada hum dos actos sahir ao tablado mais de cinco vezes; isto deve-se entender, naõ da Comedia, mas da Tragedia, em que as pessoas saõ mais graves, e em menos numero. He doutrina de Lambino sobre o verso mencionado: *Non licere in eodem actu uni personæ plus quinquies exire; in Comædia minimè verum est; potest id fieri in Tragædiâ: in quâ personæ & pauciores, & graviores.* Da mesma opiniaõ he o Padre Pontano Poetic. liv. 2. cap. 16. e o Padre Martin Delrio nos Prologom. de Tragædia cap. 2. e o que mais largamente tratou deste ponto, foy Lelio Bisciola no tom. 1. Hor. subseciv. Deve pois o Poeta, sobre attender a estes preceitos, regular judiciosamente o numero dos representantes, e reduzillo ao menos, que lhe for possivel, para facilitar a representaçaõ; v. g. ao numero de seis, até oito pessoas, e quando muito dez, entrando nelle aquellas, que concorrem para a representaçaõ com huma parte de pouco momento. Estas doutrinas saõ pelo que toca ao apparato; e pelo que respeita á musica seguimos a opiniaõ de gravissimos Authores, que a tem por inutil nos Dramas; muito mais naõ se usando já do coro dos antigos, e inventando-se em lugar delle o Entremez, ou Baile no fim de cada Acto. A verdade he, que fazendo-se reflexaõ sobre a musica theatral, principalmente se nella se representa toda huma Tragedia, ou Comedia, acha-se, que fica sendo inverosimil a representaçaõ, e he causa de que se perca toda a força de affectos, e sentenças, com que o Poeta a ornou, e teceo, naõ attendendo o povo pela distracçaõ da musica para

este

este verdadeiro deleite: mas como este ponto necessita de ser tratado com mais individuaçaõ, porque ha de ter muitos impugnadores, formarey sobre elle hum discurso separado, seguindo as razoens do insigne Muratori, que dá na sua admiravel Obra *Della perfetta Poesia Italiana*, tantas vezes allegada.

CAPITULO XVI.

Dos defeitos, que se pódem observar nos Dramas modernos. A sua musica perniciosa aos costumes, e reprovada ainda pelos antigos.

HA huma grande questaõ taõ curiosa, como difficil de resolver, e he, se as Tragedias, e Comedias antigas se representavaõ cantadas inteiramente em musica. As razoens por huma, e outra parte saõ muy diffusas, e remetemos o leitor para huma larga Dissertaçaõ, que fez Muratori sobre este ponto, na qual segue, que antigamente só no coro he que servia a musica. Mas dado, que nella se representassem os Dramas inteiramente cantados, nem por isso servirá esta razaõ para defender aos modernos; porque a musica antiga dos Gregos era notavelmente diversa da que nós praticamos: a antiga era toda grave, e scientifica, como mostra Justo Fontanini em huma carta escrita a Muratori, Galilei, Doni, e outros muitos Escritores modernos de grande nome. Da antiguidade nos consta, que na Grecia todos estudavaõ, e sabiaõ perfeitamente musica; tanto que envergonharaõ a Temistocles insigne Cidadaõ de Athenas, por naõ saber tocar instrumento algũ, argumento naquella idade de má educaçaõ. Testifica Plutarco no seu

ſeu tratado de *Muſica*, que ſó o genero *Enarmonico* baſtava para ſe ſaber qual era a profundidade de ſciencia, que neſta arte tinhaõ os Gregos, eſmiuçando o tom, ou voz em quatro partes. Porém ainda que iſto naõ foſſe certo, naõ ſe póde negar, que a muſica theatral dos noſſos tempos, como diz Salvini, he taõ affeminada, que mais facilmente ſerve de corromper, e eſtragar os animos do auditorio, que de os melhorar, e purgar, como fazia a muſica antiga. Cada hum ſabe, e ſente em ſi, que movimentos lhe cauſa no animo o ouvir os muſicos no theatro; e ſe tiver hum bom goſto, e quizer fallar verdade, dirá, que o canto delles ſempre inſpira huma doçura, e molleza tal, que occultamente vay fazendo, com que o povo ſe entregue ás vîs paixoens do amor, e ſe faça affeminado, goſtando dos affectados requebros das vozes, e dos affectos improprios, que move eſta tal muſica; pois raras vezes, ou nunca ſahe o auditorio do theatro cheyo de gravidade, e paixoens nobres, mas ſómente de huma ternura feminil, indigna de animos varonîs, e de peſſoas, que vaõ a buſcar nas couſas o ſeu fim, a que ſe encaminhaõ. Já Cicero no livr. 2. das Leys, e Quintiliano no livr. 1. cap. 10. ſe queixavaõ de que entre os Romanos ſe prevaricaſſe a muſica. Ouçamos o que diz eſte ultimo Author, paraque alguns me naõ tenhaõ por temerario no que digo, que he huma traducçaõ das doutrinas de Muratori, Salvini, e outros: *Profitendum putò, non hanc à me præcipi muſicam, quæ nunc in ſcenis effeminata, & impudicis modis fracta, non ex parte minimâ, ſi quid in nobis virilis roboris manebat, excidit; ſed quâ laudes fortium canebantur, quâque & ipſi fortes canebant: nec pſalteria, & ſpadicas, etiam virginibus probis recuſanda; ſed cognitionem rationis,*

quæ

quæ ad movendos, leniendosque affectus plurimùm valet. Igual queixa fórma Plutarco no ſeu tratado da muſica, fallando deſte modo da theatral: *He a muſica certamente veneravel, e baſta-lhe ſer invençaõ dos Deoſes. Uſaraõ della os antigos com aquelle decoro, e perfeiçaõ, com que praticaraõ as demais artes: porém os homens do noſſo tempo, deſprezando nella tudo quanto tem de veneravel, por aquella varonil, e divina harmonia, com que ſe faz agradavel aos Deoſes, para introduzirem no theatro a que he affeminada, e falladora, a qual he juſtamente a que reprova tanto Plataõ no livr. 3. da ſua Republica.* O meſmo diz Atheneo, e dá as meſmas razoens no cap. 13. liv. 14. Ora ſendo eſta muſica antiga, por ſe ter prevaricado, affeminada, e diſſoluta, quanto mayor cenſura (na opiniaõ de Salvini) naõ merecerá a moderna, que move no auditorio affectos indignos do homem, ou proceda do uſo das Arias, ou da introduçaõ das Cantarinas, ou da voz dos repreſentantes, que por arte, ou por natureza affecta ſer feminil, ou de outro algum principio? A' experiencia nos eſtá moſtrando, que hoje já ſe naõ eſtuda aquella arte, que recommendaõ os graves Authores, a qual enſinava com o canto a mover, mitigar, e temperar as paixoens do homem. Neſte ſeculo todo o cuidado he deleitar aos ouvidos, e fica ſendo a Poeſia eſcrava da Muſica; o que antigamente era pelo contrario: e tanto he iſto aſſim, que em Italia coſtuma o dono do theatro dizer ao Compoſitor do Drama, que ſe ha de repreſentar, o numero dos interlocutores, de que o ha de formar. He verdade, que os verſos ſe recitaõ, como temos viſto nas Operas Italianas, que ſe repreſentáraõ neſta Corte de Lisboa, mas recitaraõ-ſe de hum tal modo, que o canto, ou a ignorancia,

rancia, e affectação dos Musicos não deixava perceber o sentido, e muitas vezes as palavras, e se o auditorio não estivesse ao mesmo tempo lendo a tal Opera impressa em hum livrinho, ou não a tivesse já lido em sua casa, he certo, que não comprehenderia qual era a acção, e o sujeito daquelle Drama, qual a sua contextura, sentença, dicção, solução da fabula, e outras muitas cousas: pois cada hum (depois de entender algumas poucas palavras) o mais que percebe he a musica, e ver aos Musicos humas vezes entrar, outras sahir fóra; e se acaso vem no conhecimento de alguns lances, he por acçoens, que vem fazer; v.g. de puchar por hum punhal, para hum matar a outro &c. Desta experiencia se colhe, que a Poesia hoje serve á Musica, e não como antigamente a Musica á Poesia, que he o que a arte prescreve; e que praticada do modo, que hoje vemos, não conseguem os Dramas o seu fim, que tantas vezes temos insinuado; e por consequencia ficão sendo inuteis em huma Republica, e a musica nesta parte prejudicial ao publico; porque faz no auditorio, com que em huma Tragedia se não desperte nelle o terror, e a compaixão, nem outro nenhum nobre affecto, como ensinão todos os Mestres da Poetica. Tudo isto se evitava em muita parte, se fosse fallado, o que he recitado; porque a musica, ainda que tambem mova os seus affectos, nunca póde chegar a igualar a força, que tem huma boa representação; isto he, representada por sujeitos peritos nesta materia. Muito mais poderamos dizer neste ponto, e na inverosimilidade de se representarem em canto mortes, desgraças, desesperaçoens, fugidas &c. da prolixa repetição das Arias, do dilatado tempo, que por causa destas dura mais do que he devido, a fabula, e de outras muitas impropriedades,

de que faz mençaõ o allegado Muratori livr. 2. cap. 5. Porém abstemo-nos, porque receamos, que naõ seja bem recebida esta doutrina entre nós, que somos os mayores admiradores dos vicios estrangeiros. Em outro lugar, que temos reservado, discorreremos alguma cousa sobre outros defeitos, que padecem os Dramas modernos; e entre tanto passemos a tratar das partes de quantidade, que tem a Tragedia, as quaes se seguem ás de qualidade de que acabamos de fallar.

CAPITULO XVII.

Das partes de quantidade da Tragedia.

COmecemos pelo *Prologo*, que he a primeira parte de quantidade. Era este toda aquella parte da Tragedia, que precedia ao principio, até que o Coro sahia pela primeira vez. Aristoteles o define assim: *Est autem Prologus pars tota Tragædiæ, quæ est ante parodum chori.* O Padre Pontano Poetic. liv. 2. cap. 15. aponta quatro especies de Prologos. Chamavaõ ao primeiro *Commendaticio*, que servia para louvar a fabula, ou o seu Author: ao segundo *Relativo*, para responder ás opposiçoens, e criticas: ao terceiro *Argumentativo*, para explicar o argumento de toda a fabula: e ao quarto *Mixto*, que continha todos estes fins, que se apontaõ nos demais Prologos: *Prologus est oratio, quæ ante fabulam legitimam habetur ad spectatores. * Ejus quatuor sunt species. Nam vel Poeta commendatur; vel obtrectatorum criminibus respondetur, aut etiam crimina regeruntur; vel argumentum fabulæ enarratur; vel hæc omnia simul*

mul præſtantur. Deſta diſtincçaõ de Prologos paſſaremos a outra; e he, que huns, como affirma Voſſio, e Eſcaligero, ſaõ *manifeſtos*, e *ſeparados*, e outros *occultos*, e *unidos*. Da primeira eſpecie (diz Luzan) ſaõ todos aquelles, que antes de começar a fabula, ſe fazem por meyo de alguma peſſoa, que ſahindo ao tablado informa ao auditorio em nome do Poeta de toda a acçaõ da Tragedia, e de tudo o mais, que for conveniente prevenir; como v. g. ſaõ as *Loas* entre os Heſpanhoes. Os Prologos da ſegunda eſpecie conſiſtem em fazer com deſtreza, que as peſſoas do Drama logo nas primeiras ſahidas, v. g. como por converſaçaõ, refiraõ a origem, e principios de toda a fabula; mas com huma tal deſtreza, que ſe naõ deſcubra ſer o fim do Poeta informar ao auditorio, antes pareça, que naturalmente devia aſſim ſucceder. Naõ ſe póde negar a Terencio o louvor de ſer excellente neſta parte; pois em todas as ſuas ſeis Comedias naõ uſa de Prologos manifeſtos, e ſeparados: antes nos *Adelphos* expreſſamente prevenio, que naõ ſe introduziſſe nos Prologos o argumento da Comedia; mas que os primeiros repreſentantes, que ſahiſſem, deſſem a noticia baſtante para a ſua intelligencia. Diz elle:

Dehinc nè expectetis argumentum fabulæ:
Senes, qui primi venient, hi partem aperient,
In agendo partem oſtendent.

A ſegunda parte de quantidade da Tragedia he o *Epiſodio*, que conſiſtia em toda aquella parte comprehendida entre a primeira, e a ultima ſahida do Coro. Mais claramente o explica o Padre Donato, dizendo, que por Epiſodio ſe entende tudo aquillo, que ſe contém entre o Prologo, e o Exodo, que ſaõ tres Actos: *Jam quidquid inter Prologum, & Exodum continetur, Epiſo-*

dium dicitur; *id eſt*, *tres Actus intermedii.* A terceira parte de quantidade he o *Exodo*, que era o reſtante da Tragedia deſde a ultima ſahida do Coro até o fim de toda a fabula. O meſmo Padre Donato: *Exodus eſt juſta pars Tragædiæ*, *poſtquam nullus eſt chori cantus*: e vem deſte modo a ſer o Exodo todo o quinto Acto, no qual ſe deſata o nó da fabula. A ultima parte de quantidade he o *Coro*, que conſiſtia em huma tropa de Bailarins, e Muſicos, que cantavaõ o que neſtes verſos diz Horacio:

Actoris partes chorus officiumque virile
Defendat: neu quid medios intercinat actus,
Quod non propoſito conducat, *&* *hæreat aptè.*
Ille bonis faveatque, *&* *conſilietur amicè*,
Et regat iratos, *&* *amet pacare tumentes*:
Ille dapes laudet menſæ brevis, *ille ſalubrem*
Juſtitiam, *legesque*, *&* *apertis otia portis.*
Ille tegat commiſſa, *Deosque precetur*, *&* *oret*,
Ut redeat miſeris, *abeat fortuna ſuperbis.*

E na Epiſtola a Auguſto diz o meſmo Lyrico:

Poſcit opem chorus, *&* *præſentia numina ſentit.*

Demetrio Falareo moſtra, que o Coro humas vezes cantava, e outras fallava familiarmente ſem haver canto algum. As palavras do Coro cantando haviaõ de ſer elegantes, e em tudo poeticas; as do Coro fallando haviaõ accommodarſe ao uſo familiar. Diz eſte Author, que *verba humilia*, *&* *potius pedeſtria nullo pacto licet accommodare ad chorum*, *vel ad lyram*; *niſi ſit aliquis chorus*, *qui loquatur*: razaõ porque Rubertelli eſcreveo: *Chori ſermo grandior eſt*, *quia concini ſolebat.* No tempo de Eſchylo, diz Eſcaligero Poetic. liv. I. e Bartholomeu Ricci de Imit. liv. I. chegava o numero do Coro a cincoenta peſſoas; depois em Athenas

nas moderou-ſe eſta multidaõ: até que Sophocles reduzio eſte numero a quinze peſſoas; e àlem diſto obſervou a regra, de que as palavras, em que o Coro diſcorria, eraõ concernentes á acçaõ principal de qualquer das ſuas Tragedias; o que impropriamente naõ ſeguio Euripides, Agaton, nem outros Poetas daquelle tempo. O tratar de couſas extrinſecas, e alheyas da fabula ficava reſervado para o Baile, o qual nas mudanças, que fazia, ſignificava alguma couſa, como v. g. o movimento dos Ceos, a variedade dos elementos &c. como affirma Gonzales na ſua Illuſtraçaõ á Poetica de Ariſtoteles ſecc. 6. Eſte Filoſofo ſubdividio o Coro em tres partes chamadas *Parodo*, *Staſimo*, e *Commo*. Antonio Minturno Poetic. liv. 4. Mazoni liv. 2. e Eſcaligero liv. 1. cap, 7. interpretando eſtas palavras dizem, que *Parodo* he tudo aquillo, que o Coro dizia, movendo-ſe; iſto he, cantando, e bailando a hum meſmo tempo. *Staſimo*, que era tudo aquillo, que o Coro dizia, eſtando parado em hum poſto; e *Commo*, que era huma triſte lamentaçaõ, que cantava o Coro no fim de algumas Tragedias, ao qual ajudavaõ os meſmos repreſentantes: e aſſim advertimos, que o *Parodo*, e *Staſimo* podiaõ entrar em todos os Coros; mas o *Commo* ſó tinha proprio lugar nas Tragedias.

CAPITULO XVIII.

Dos actos da Tragedia.

HE couſa trabalhoſa inquirir a razaõ, e difficil o deſcobrilla, porque Horacio na ſua Poetica deu o preceito:

Ne

Ne vè minor quinto, neu ſit productior actu
Fabula, quæ poſci vult, & ſpectata reponi.

Parece, que o uſo foy o que fez eſta ley; pois naõ ſe deſcobre fundamento ſolido, para os Actos ſerem nem mais, nem menos, que cinco, como diz Elio Donato, ou quem quer que he, no Commento a Terencio. Naõ faltaõ Authores, que dizem, que póde a fabula Tragica comprehenderſe em quatro Actos; ſe couber nelles a juſta grandeza da acçaõ. Lambino obſervou em Cicero, e em outros Authores de boa nota, que o terceiro Acto era o perfeito, e que naõ faziaõ caſo do quarto, e quinto. Mazoni, Gonzales de Salas, e o Padre Donato inclinando-ſe á opiniaõ dos Actos ſerem tres, copiaõ todos huma authoridade do meſmo Cicero tirada da ultima Epiſtola do livr. I. *Ad Quint. fratrem*: *ut hic tertius annus, tamquam tertius actus perfectiſſimus, atque ornatiſſimus videatur*: Porém do meſmo Author temos outro lugar, em que fallando de Verres, faz mençaõ do quarto Acto, dizendo: *Qualis iſte in quarto actu improbitatis futurus eſſet*; de que vimos a colher, que Cicero naõ tem por perfeito o terceiro, ou quarro Acto, ſe naõ aquelle, que mais ſe chega ao fim da fabula. Ora combinemos eſtes numeros, para dizermos o que ſentimos neſte ponto. Pódem os Actos ſerem tres, e pódem ſer quatro, e cinco; porque ſe tomarmos a fabula recitada unicamente pelos repreſentantes, divide-ſe em tres partes. Em *Prologo*, *Epiſodio*, e *Exodo*: ſe ajuntarmos á fabula o *Coro*, já eſtas partes ficaõ ſendo quatro; e podia Cicero, quando fallou dos Actos, conſiderallos com a introducçaõ do Coro, ou ſem ella. Porém ſe tomarmos a fabula, apartando-a por algum intervallo de tempo, e naõ por cauſa dos repreſentantes, ou por mudança de fortuna, for-

formaremos o quinto Acto: de modo, que os Córos eraõ os que nas Tragedias faziaõ mais, ou menos Actos, o que depois passou a uso. Esta he a doutrina do Padre Donato; a que modernamente se segue entre Hespanhoes, e Italianos he formarem os seus Dramas de tres Actos, que em Hespanha chamaõ *Jornadas*. Os Francezes ainda hoje usaõ do quarto, e quinto Acto, e o mesmo praticaõ outras naçoens: com que cada hum poderá seguir o gosto, e uso do seu paiz; porque naõ ha regra fundada em razaõ, que obrigue ao Poeta de usar de hum numero certo de Actos, e de scenas, como frivolamente querem alguns Authores, pertendendo, que em cada hum dos Actos as scenas naõ excedaõ de dez. Esta regra he muito pouco importante; porque bastará, que o Poeta regule a grandeza dos Actos de modo, que o material da fabula naõ fique monstruoso, sendo huns notavelmente mayores, do que os outros: o que importa he, que raras vezes esteja o theatro com huma só pessoa, e que nunca sem alguma; antes haõ de humas seguirse successivamente a outras, até o fim de cada Acto; e entaõ he, que o tablado deve ficar sem alguma figura. Observada esta regra, consegue-se o fim de hir sempre continuando igual, e sem alguma interrupçaõ o fio da fabula, e de ter ao auditorio sempre attento, e suspenso; pois naõ se lhe dá lugar para se distrahir em outros pensamentos, e perder de vista o assumpto da representaçaõ; o que succederia sendo as scenas soltas; porque entaõ sempre por algum breve tempo fica só o tablado. Terencio observou tanto este preceito, que naõ só fez as scenas sempre dependentes humas das outras, mas até os cinco Actos da sua Comedia intitulada o *Eunucho*; como diz o seu Expositor Donato: *Actus à parum doctis facile distingui non pos-*

possunt; ideo quia tenendi spectatoris caussâ, unit Poeta noster omnes quinque actus velut unum fieri, nè respiret quodammodò, atque distinctâ alicubi continuatione succedentium rerum ante aulæa sublatâ fastidiosus spectator exurgat.

CAPITULO XIX.

Methodo breve para se formar huma Tragedia.

TEmos dado por partes os preceitos para a formação da Tragedia, e parece-nos, que o teremos feito de modo, que ficará satisfeita a curiosidade do leitor; porque temos tocado todas as duvidas importantes sobre esta especie de Poesia, e igualmente respondemos succintamente a ellas com as authoridades dos Authores mais classicos. Porém ainda o nosso desejo naõ está satisfeito, sem que demos hum methodo para quem houver de compor huma Tragedia; e servirá este como de epilogo a este tratado da Poesia Tragica.

A Tragedia póde ser *Palliata*; isto he ao uso dos Gregos; ou *Pretextata*, isto he, ao costume dos Romanos: tambem póde ser *Pura*, ou *Mixta*. A pura he aquella, em que tudo he tragico, e a mixta, aquella, que acaba com fim alegre, e a que contém Poesia satyrica. Aristoteles a devide em *Implexa*, e em *Morata*. A Implexa, como já dissemos, he aquella, que se enreda com diversos successos, e peripecias, como o *Edipo* de Seneca, e o seu *Hyppolito*, em que saõ muitas as perturbaçoens, que nella se encontraõ. A Morata he a que se encaminha a formar os costumes, como a *Philoctetes* de Sophocles, e outras muitas Tragedias.

gedias. Assentado nisto, a primeira cousa, em que o Poeta deve cuidar, he em formar a fabula; isto he, em reduzir toda a summa della em huma acçaõ unica, e propor esta aos olhos do auditorio. Sirva-nos de exemplo a *Ephigenia in Tauris* de Euripides. Efigenia era Sacerdotisa no Templo de Tauro na Scythia: costumavaõ aquelles barbaros povos sacrificar os estrangeiros, que aportavaõ áquella praya, e succedeo, que casualmente chegaraõ a ella Pilades, e Orestes irmaõ de Efigenia, a qual antes de executar o sacrificio, que lhe tocava fazer como Sacerdotisa do Templo, conhece a seu irmaõ, e usou de arte naõ só de o livrar a elle, mas a seu grande amigo Pilades. Nesta Tragedia se lem outros muitos successos; mas todos elles se reduzem a esta acçaõ unica, que constitue a fabula, e ficaõ sendo Episodios os demais lances, como já em seu lugar dissemos. O segundo cuidado do Poeta ha de ser, em que esta fabula seja simples, de modo, que se naõ tratem de outras circunstancias, que lhe pódem parecer annexas; v. g. na Tragedia sobredita naõ he preciso dizerse o motivo, que obrigou a Orestes a aportar á regiaõ de Tauro; porque he cousa alheya da acçaõ, e constituiçaõ geral; e só como Episodio se poderáõ narrar estas circunstancias, e com individuaçaõ; v. g. que Orestes aportára áquella regiaõ para se expurgar do crime de ter morto a sua mãy Clitemnestra, e que matára a esta por ella ter tirado a vida a seu marido Agamemnon &c. Formada assim a fabula, deve o Poeta reflectir, se a acçaõ tragica, que elle emprende, foy já antes tratada por alguem, ou naõ: se naõ foy, póde a seu arbitrio ordenar tudo aquillo, que pertence á boa connexaõ, e soluçaõ da fabula. Se foy já tratada, deve observar, se póde formar melhor esta

connexaõ, e soluçaõ; e se o seu engenho o poder conseguir, ficará a fabula sendo diversa, ainda que o nome seja o mesmo. De qualquer modo, que seja, deve passar a considerar, em que a acçaõ deve ter *Peripesia*, como cousa necessaria na Tragedia, (excepto se ella toda for Pathetica) a qual traz comsigo a perturbaçaõ; ou *Pathos*. Algumas vezes póde tambem ter a *Agniçaõ*, mas naõ se considera esta como necessaria, mas como cousa, que causará grande adorno, e moverá grandemente a admiraçaõ na Tragedia. A verosimilidade he cousa de grande importancia, como tambem as tres unidades de acçaõ, de tempo, e de lugar. He verosimil aquella fabula, que he crivel; he inteira a que tem principio, meyo, e fim; he de justa grandeza a que se comprehende no espaço de hum dia quando muito: e he maravilhosa a que contém successos admiraveis, e lances, que naõ se podiaõ esperar. A respeito dos Episodios deve o Poeta ter hum grande cuidado, em que sejaõ proprios, e se convierem com a acçaõ, ficaráõ sendo mais louvaveis; àlem disto, que sejaõ breves, como pede a duraçaõ da Tragedia, e tratados com a economia, que pedir a grandeza da fabula: se esta for breve, sejaõ mais os Episodios, se for mayor, sejaõ menos. Deste modo he que se consegue a boa ordem, que tanto recommenda Horacio, dizendo ser preciso atar, e unir judiciosamente os Episodios com a acçaõ:

Ordinis hæc virtus erit, & Venus, aut ego fallor,
Ut jam nunc dicat; jam nunc debentia dici
Pleraque differat, & præsens in tempus omittat;
Hoc amat, hoc spernat promissi carminis Author.

Temos mais de advertir ao Poeta tragico, que deve ser hum grande observador dos costumes, e caracter das pes-

peſſoas, que introduzir a repreſentar, ſeja na acçaõ principal, ou nos Epiſodios: deve pintar vivamente os affectos, v.g. de amor, de odio, de deſejo, de fuga, de goſto, de triſteza, de eſperança, de medo, de ira, de manſidaõ, de compaixaõ, de impiedade; de inveja, de emulaçaõ, de honeſtidade, de impudicicia, e outras muitas paixoens do animo, de que largamente tratou Donato liv. 2. pag. 178. Le Brun de *Eloquentia Poetica* tom. 1. liv. 6. e infinitos Authores, aſſim Poeticos, como Rhetoricos. He recommendaçaõ de Horacio, quando diſſe:

Format enim natura prius nos intus ad omnem
Fortunarum habitum; juvat, aut impellit ad iram;
Aut ad humum mærore gravi deducit, & angit.
Poſt effert animi motus interprete linguâ.
Si dicentis erunt fortunis abſona dicta,
Romani tollent equites, peditesque cachinnum.

Naõ he menos importante na Tragedia a circunſtancia da ſentença, e da dicçaõ; aquella conſiſte em moſtrar os penſamentos, e conceitos do entendimento proprios de quem os diz, e do que ſe trata; eſta attende á locuçaõ, e fraſe, com que ſe devem exprimir os meſmos penſamentos; e de tudo tratàmos largamente no principio deſta Arte, tratando da Poeſia Fantaſtica. A's partes de qualidade, que tem a Tragedia, ſe ſeguem as de quantidade, cujos breves preceitos já eſcrevemos, tratando do Prologo, do Epiſodio, do Exodo, e do Coro, a que os Gregos chamaraõ *Protaſis*, *Epitaſis*, *Cataſtaſis*, e *Cataſtrophe*. Outros Authores fazem a repartiçaõ da Tragedia pelos cinco Actos, aos quaes dividia, e ſeparava o Coro. Eſtes devem ſer ordenados de modo, que a fabula vá ſempre melhorando-ſe do primeiro para o ſegundo, do ſegundo para o terceiro,

e do terceiro para o quarto, e quinto, a fim de mostrarmos o maravilhoso della, tanto no enredo, como na sentença, dicçaõ &c. Finalmente deve o Poeta ter grande cuidado sobre o titulo da sua Tragedia, advertindo, que humas tomaõ o nome do lugar, como v. g. *Troas*; outras da primeira pessoa, como *Hyppolitus*; outras da segunda, como *Electra*; outras dos Coros, como *Phœnissæ*, e outras o deduzem de outro principio, como diremos mais largamente, quando escrevermos sobre o titulo do Poema Epico.

CAPITULO XX.

Reflexoens sobre a necessidade de reformar a Poesia theatral. Apontaõ-se algumas correçoens sobre o costume pouco louvavel de alguns Poetas Tragicos.

O Abbade Crescimbeni na sua admiravel Historia da Poesia vulgar liv. 1. pag. 71. e no Commento á mesma Historia liv. 1. cap. 12. me dá hum grande soccorro para estas reflexoens. Para este combate, em que terey muitos inimigos, me daõ igualmente armas Apostolo Zeno, famoso Poeta Dramatico deste seculo, no seu erudito Tratado da Poesia Theatral, e Luiz Antonio Muratori no tom. 2. da sua Perfeita Poesia Italiana. He cousa indubitavel entre os bons intelligentes, que a Poesia representativa, e o modo de representar as fabulas scenicas necessita de huma grande reforma. Deveria esta principiar pela Musica, fazendo com que nella se naõ representasse hum Drama inteiro, como costumaõ os Italianos. Naõ se póde negar, que a Musica seja hum dos

dos mayores deleites, que tem o mundo; mas no theatro deve ser com parsimonia, segundo o uso dos antigos, para se observar o que he verosimil, e partir o auditorio mais faminto, do que farto desta recreaçaõ, que só tem hum proprio lugar naquelles divertimentos, que chamamos Serenatas. Já nós fundados em boas authoridades dissemos, que a Musica deve servir á Poesia, e naõ a Poesia á Musica, como hoje pratîca o gosto estragado do mundo, que despreza a perfeiçaõ de hum Drama pelo deleite de huma Aria, que muitas vezes nem vem propria para a pessoa, nem para a letra, nem para o lugar, e acçaõ, que se representa. Quanto melhor seria representar sem ser em canto, e usar delle só para os Coros, como faziaõ os antigos Gregos, e Romanos, observando com a arte as regras da natureza? Estes Coros (como nos recommenda Horacio na sua Poetica) deveriaõ contér cousas, que fossem proprias áquella Tragedia, em que elles servem; v. g. louvores ás virtudes, e aos homens grandes; vituperar os vicios, consolar os miseraveis, compadecerse das suas desgraças, alegrarse com os felices, e outros muitos assumptos, em que se conservasse o caracter da gravidade necessario á Tragedia. Quanto melhor seria isto, do que huma representaçaõ toda cantada, que he causa de mil inverosimilidades, como v. g. cantar hum Rey a cada passo, hum que está prezo, e arrastando cadeyas, hum que está para fugir a toda a pressa, hum que subitamente concebeo por algum incidente huma grande colera &c. A segunda reforma devia entrar pelos Poetas, que naõ consideraõ a Tragedia como representaçaõ, que se deve regular pela politica, e encaminharse á utilidade dos povos. Se bem repararmos, veremos, que as Tragedias modernas pela mayor parte só inspiraõ

raõ o amor do vicio, quando o fim dellas he propor a virtude para imitaçaõ, e introduzilla ſuavemente no coraçaõ do auditorio. Naõ queremos dizer com iſto, que ſe naõ poſſa repreſentar a virtude algumas vezes infelice, e o vicio pelo contrario apparecer impunido; porque eſta repreſentaçaõ he inſtructiva; pois nella ſe poderá ao meſmo tempo dar a conhecer, que naõ ha felicidade temporal, que ſe poſſa antepor á virtude, ainda que perſeguida, e que aos vicioſos, ainda que felices, baſta-lhes por caſtigo o meſmo remorſo da ſua conſciencia, que os faz ſubſtancialmente deſgraçados. Contra eſte preceito ſaõ hoje muy vulgares os peccados; porque a cada paſſo ſe repreſentaõ em Tragedias acçoens vîs, e indignas de homens grandes, que como taes mais devem parecer bons, que máos, e mais imitadores de acçoensglorioſas, que vituperaveis. Deſte mal ſaõ os Heſpanhoes os que mais gravemente adoecem; porque entre elles rara ſerá a Tragedia, que naõ contenha amores reprehenſiveis; e pela mayor parte os Heroes principaes da fabula ſe introduzem como delirantes, e dominados vilmente deſta paixaõ; e o que he mais, que naõ ſe pintaõ eſtes amores, para que o auditorio os aborreça, e conheça a ſua vileza; porque entaõ ſeria menos grave eſte peccado. Muitas vezes eſtes coſtumes amoroſos das peſſoas illuſtres das Tragedias ſaõ muito inveroſimeis; porque ſe oppoem á idéa, e opiniaõ, que deſtas perſonagens nos fez conceber ou a fama, ou a hiſtoria.

Naõ me póde parecer provavel, v. g. que Pyrro, e Ulyſſes no meyo das ruinas de Troya, entre cadaveres, e lagrimas de tantos priſioneiros, e miſeraveis Troyanos, ſe lembraſſem taõ vivamente do fino amor, que hum tinha a Andromaca, e outro a Poliſſena, como ſe

ſe repreſenta no theatro, fazendo eſtes Heroes diſcurſos terniſſimos, formando ciumes, e outras muitas couſas taõ improprias do lugar, e da occaſiaõ; e taõ prejudiciaes ao bom fim da Tragedia. Para naõ culparmos ſó aos Heſpanhoes neſte vicio, he preciſo confeſſarmos o meſmo entre os Italianos, e Francezes, que tem a fama de terem reformado a Poeſia theatral; e porque ſe naõ diga, que eſte juizo he mal fundado por ſer meu, remeto os primeiros para Muratori, * e os ſegundos para o Padre Rapin nas ſuas Reflexoens ſobre a Poetica deſte tempo. Diz eſte Author fielmente traduzido: *A Tragedia começou a degenerar, e pouco a pouco nos fomos coſtumando a ver os Heroes abrazados de outro amor alheyo do da gloria; e de tal modo, que nas noſſas pennas perderaõ o caracter da gravidade todos os grandes homens antigos.* Continùa eſte famoſo Critico a dizer: *Os noſſos Poetas entenderaõ, que ſó podiaõ deleitar no theatro, uſando de penſamentos, e expreſſoens doces, e ternas; e talvez, que niſto tiveſſem alguma razaõ; porque com effeito as paixoens, que ſe repreſentaõ, ficaõ como ſecas, e ſem algum ſabor, ſe naõ vaõ fundadas ſobre penſamentos conformes aos que tem o auditorio. Eſte he o motivo, que obriga aos noſſos Poetas a buſcarem com diligencia, e a fundarem todos os ſeus argumentos tragicos ſobre couſas, que movaõ a ternura immoderada, para cauſarem mayor deleite ás mulheres, que ſe fizeraõ arbitras deſtas recreaçoens, e tiraraõ a quem podia a juriſdiçaõ de julgar.* Supponho, que França naõ eſtará muito obrigada a eſte prudente juizo do Padre Rapin, que para deſculpar nos ſeus Poetas hum defeito, os accuſa claramente de outro, confeſſando, que a demaſiada authoridade, que as mulheres tem ſobre o theatro, he a

que

que faz, com que este se vista á moda, e appareça, naõ como matrona séria, mas como donzella leviana. Eu com esta doutrina naõ pertendo desterrar absolutamente na Tragedia os costumes amorosos; porque he preciso seguir o genio dos tempos em alguma parte, que quer com sua razaõ temperar a severidade da Tragedia, introduzindo-se a amenidade dos amores: o que eu condemno he, que o uso naõ seja moderado, e que hoje sejaõ as paixoens amorosas taõ geraes na Tragedia, como se fossem precisas; *Fazendo*, como diz Boileau, *o vicio amavel aos olhos dos seus leitores*:

Aux yeux de leurs lecteurs rendent le vice aimable.

E introduzindo os Heroes amantes de modo, que perdem a gravidade propria do seu caracter; razaõ porque fazem (segundo o mesmo Critico) com que o amor *muitas vezes combatido dos remorsos pareça fraqueza, e naõ virtude*:

Et que l'amour souvent de remors combattu
Paroisse une foiblesse, & non une vertu.

Seja a terceira, e ultima reforma nos representantes, os quaes devem ser excellentes, para que o povo ache deleite no theatro. Da viva voz, e pronunciaçaõ destes he que depende a mayor parte do gosto theatral, dando elles força; e alma naõ só ás paixoens vehementes, e pensamentos engenhosos, mas ainda ás cousas, que de si naõ saõ capazes de causar admiraçaõ. Modernamente he cousa rara achar daquelles representantes, que representavaõ antigamente nos theatros Gregos, e Romanos. Consta-nos, que estes tinhaõ tal vehemencia no dizer, que facilmente, sendo preciso, faziaõ chorar, enfurecer, alegrar, e mover outros muitos affectos no povo, que os ouvia. Hoje quando muito apenas em huma Companhia vem huma boa parte, que

possa animar o theatro. O mais que reina he a affectaçaõ, entendendo, que por ella se faráõ plausiveis, e naõ menos a ignorancia, por serem pessoas sem estudo algum da sua lingua; e por isso erraõ tanto, assim no sentido poetico, como no grammatical, sem fazerem a pausa necessaria á voz, sem pronunciarem com a harmonia natural, e sem cortarem, e separarem os versos, onde he necessario para o sentido; e esta he a causa porque muitos Authores deraõ no vicio de escrever Tragedias em prosa, receosos de que os representantes lhas desfigurassem pela ignorancia, com que pronunciavaõ os versos. Outras muitas reflexoens podera fazer, mas como já vaõ insertas pelos Capitulos desta Arte, naõ he justo repetir muito as cousas, que já estaõ ditas, e ponderadas; e passarey, antes que entre a fallar da Comedia, a expender hum juizo sobre os Poetas Tragicos antigos, segundo a Critica de Rollin; no que me parece, que farey grande utilidade á mocidade Portugueza, para saber qual he o merecimento dos Authores, e em que huns excedem aos outros. O mesmo farey quando acabar de tratar da Comedia, da Epopeia, e da Lyrica &c.

CAPITULO XXI.

Juizo sobre os Authores Tragicos, Gregos, e Romanos.

NAõ escreveremos as vidas dos Poetas, de que havemos de tratar, como fizeraõ o Padre Le Jay, e Monf. Rollin, por naõ sermos prolixos: discorreremos sómente sobre as suas Obras, como cousa mais importante

portante ao assumpto. O primeiro Author Tragico, de que ha noticia, foy *Thespis*; de quem já tratámos fallando da origem, e progressos da Tragedia. Como foy o inventor, facil cousa será julgar da bondade das suas Tragedias; porque quasi todas as cousas ao principio costumaõ ser imperfeitas.

Seguio-se *Eschylo*, que começou a fazer a Tragedia perfeita, e grave. O seu estylo he nobre, e tanto que passa a sublime: a sua locuçaõ he pomposa, e elevada de modo, que algumas vezes he affectada, como diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. Compoz noventa Tragedias, das quaes só vinte e oito, segundo huns, ou treze, conforme outros, foraõ as que mereceraõ ser premiadas.

Sophocles, e *Euripides* floreceraõ na mesma idade. Illustraraõ muito o Theatro Atheniense com as suas representaçoens, e ambos foraõ admiraveis no estylo, se bem que differente. O de Sophocles era grande, elevado, e sublime; o de Euripides era terno, pathetico, e cheyo de excellentes maximas para os costumes, e direcçaõ da vida civil. O povo estava dividido na opiniaõ de qual dos estylos era melhor, como testifica o mesmo Quintiliano no lugar mencionado. Ainda hoje dura entre Francezes, e Italianos a mesma questaõ, que nós nos naõ atrevemos a decidir entre tamanhos contendores; só diremos com a authoridade do Apatista tom. 3. que Sophocles justamente mereceo pela sua suavidade ser chamado a Abelha Attica, que foy admiravel na disposiçaõ das Tragedias, magnifico na locuçaõ, e verdadeiramente Tragico nas invençoens das fabulas. O mesmo diz Minturno na sua Poetica liv. 3. pag. 173. Euripides, segundo Plutarco, naõ foy taõ desigual, como Sophocles; mas deu em loquaz pela

dema-

demasiada abundancia de palavras, de que usava. Pintou com summa delicadeza, e vivacidade os costumes máos, e desprezíveis; mas nos bons das pessoas illustres naõ foy taõ feliz, como Sophocles. Veja-se o Apatista, que largamente satisfará.

Passando da Grecia a Italia he preciso dizer, que os Romanos naõ foraõ insignes neste genero de Poesia, em que o primeiro foy Livio Andronico. Das dez Tragedias de Seneca, que lemos, quasi todos convem, que as melhores saõ de Seneca o famoso Filosofo Mestre de Nero. Entende-se, que a *Medea* seja verdadeiramente sua, segundo hum lugar de Quintiliano liv. 9. cap. 2. em que cita hum passo desta Tragedia, como cousa deste Filosofo. Tambem ha alguns fundamentos para o ter por Author do *Edippo*, da *Troade*, e do *Hyppolito*. Muitos se persuadem, que o *Agamenon*, o *Hercules Furioso*, *Thiestes*, e *Hercules Eteo* naõ saõ Tragedias deste Filosofo, mas de algum Author desconhecido. Pelo que respeita á *Thebaide*, e á *Octavia*, julga-se, que saõ escritos indignos totalmente do juizo, e da eloquencia de taõ grande homem: e com effeito a Octavia naõ póde ser de Seneca; porque della se colhe, que fora feita depois da sua morte, e tambem de Nero. O seu estylo naõ he puro, e culto: muitas vezes parece declamatorio, como diz Monf. *Le Fevre.* He taõ abundante de sentenças, que se faz com ellas vicioso, e dà em estylo secco, fazendo-o pobre a nimia abundancia. O Apatista prova, que elle fora hum copiador de fabulas, e que cahira em muitas cousas inverosimeis; porém he defendido pelo Censor do *Speroni* pag. 27. por Budeo, Angelo Policiano, e outros, que ainda que grandes Escritores, naõ tinhaõ hum bom paladar para perceber o gosto da verdadeira Tra-

gedia. Dos Latinos poucas mais obras Tragicas ha, que estas de Seneca; consta-nos porém, que Augusto fizera huma chamada *Edippo*, que Asinio Polliaõ escrevera algumas, e que Ovidio compozera huma com o nome de *Medea*, da qual diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. *Ovidii Medea videtur mihi ostendere quantùm vir ille præstare potuerit; si ingenio suo temperare, quàm indulgère maluisset.*

CAPITULO XXII.

DA COMEDIA

Sua origem, definiçaõ, e materia.

NAsceo a Comedia na Grecia inventada pelos vendimadores, segundo a opiniaõ de Atheneo; ou teve a sua origem de certas festas, que faziaõ os Agricultores de Athenas, os quaes discorrendo pelas Villas, e Lugares, celebravaõ as festas de algumas divindades suas. Pareceo bem aos habitadores da Cidade reduzir esta rustica pompa ao termo de hum espectaculo civil, e polido. Assim o affirma Cassiodoro na Epistola 51. do liv. 4. afastando-se pouco do que diz Eustacio no 14. da Ulyssea de Homero encostado á authoridade de Pausanias. Escaligero fundado na authoridade de Theocrito diz no cap. 5. do liv. 1. que a Comedia se originou de humas certas Cançoens, que inventaraõ os rusticos do campo, as quaes ordenadas em verso Jambo cortavaõ pelos vicios alheyos, de modo, que naõ só estes eraõ infamados, mas ainda as pessoas mesmas, que nelles cahiaõ, nomeando-lhes os seus nomes com

picante, e mordaz irrisaõ. Com hum semelhante principio servia a Comedia de pretexto de se vingar cada hum de quem queria; e muitas vezes nem escapava a innocencia; de que temos hum claro exemplo em Socrates innocentemente infamado pela vil maledicencia do Comico Aristophanes. Era permittida esta liberdade, porque se entendeo naquelle tempo, que esta mordacidade dos versos Fallicos, e Jambos, ultrajando a pessoas determinadas, e discorrendo ao mesmo tempo em cousas lascivas, poderia receberse como cousa ridicula, e causar deste modo alguma utilidade. Com effeito o povo Atheniense, gostando que se reprimisse a insolencia dos grandes, agradava-se muito de ouvir as satyras, que faziaõ as Comedias aos Juizes, e Governadores, persuadindo-se, que o temor da infamia os poderia refrear; porém naõ se conseguio este fim, ou porque a ridicularia das facecias misturada com a seriedade das reprehensoens naõ podia ser util, ou porque a maledicencia dos Comicos excedia todo o soffrimento humano. Assentaraõ pois os Magistrados em prohibir com severas leys, e rigorosas penas taõ desenfreada liberdade, mandando, que nenhum Comico se atrevesse a dizer mal nomeadamente de alguem; e para isto foy tirado da Comedia o Coro; porque ainda que em toda a fabula houvesse ditos picantes; com tudo o Coro he o que tinha por officio proprio reprehender, e escandalizar. Ouçamos a Horacio:

Successit vetus hic Comœdia non sine multâ
Laude, sed in vitium libertas excidit, & vim
Dignam lege regi lex est accepta, Chorusque*
Turpiter obticuit sublato jure nocendi.

Exterminada a Comedia *Antiga*, succedeo a chamada *Media*, a qual se naõ satyrisava os vivos, usava de toda

da a maledicencia contra os mortos, principalmente ſe tinhaõ ſido Authores de algumas obras. Como naõ foy prohibida eſta liberdade, compoz Cratino huma Comedia contra a Ulyſſea de Homero; e por eſte, ou por outros motivos houve tambem ley, para naõ ſe praticar eſte uſo; e entrou a praticarſe a Comedia *Nova*, que entre os Gregos deveo toda a ſua perfeiçaõ a Menandro, e entre os Latinos a Terencio. Eſtes foraõ os principios, e progreſſos da Comedia: vejamos agora a que ſe reduzem a ſua eſſencia, e regras principaes. A definiçaõ de Elio Donato he eſta: *Comœdia eſt privatorum, & civilium negotiorum citra infelicitatem complexio.* Cicero diz, que a Comedia he huma imitaçaõ da vida, hum eſpectaculo dos coſtumes, e huma imagem da verdade: *Imitattio vitæ, ſpectaculum conſuetudinis: imago veritatis.* Muitos Authores entendem, que Ariſtoteles definira a Comedia, quando diſſe: *Eſſe peiorum imitationem, non ſecundùm omne vitium, ſed ſecundùm ridiculum, quod eſt turpitudinis particula*: porém outros ſentem o contrario, por faltar neſtas palavras o fim da Comedia. Tambem he defeituoſa a definiçaõ de Riccobono, que diz: *Eſt imitatio, quæ fit metro, ſaltatione, harmoniâ, modo dramatico in materia ejus vitii, quod riſum movet*: e a razaõ he; porque nella naõ explica, que as peſſoas Comicas naõ devem ſer illuſtres, mas particulares; e que o fim naõ ha de ſer deſgraçado, mas ſim feliz, ao contrario da Tragedia. Entre tantas definiçoens daremos a noſſa, ſeguindo em parte a do Padre Donato, e em parte a de Luzan, que nos pareceraõ as mais convenientes. Definimos pois a Comedia dizendo, que he: *Huma imitaçaõ de hum facto particular, e de pouca importancia, formado de modo, que mova o riſo, a*

quâl

qual acabe com fim alegre, e se encaminhe a ser util, divertindo ao auditorio, e inspirando o amor á virtude, e aversaõ ao vicio. Disse, *Imitaçaõ de hum facto particular, e de pouca importancia*, para a distinguir da acçaõ Tragica, que só admitte a representaçaõ das fortunas, e decadencias de personagens illustres, como Reys, Heroes, e Capitaens famosos. Contra esta regra peccaraõ quasi sempre os Hespanhoes; porque introduziraõ nas suas Comedias Reys, Principes, Emperadores, e outras pessoas desta esféra; motivo porque o seu Cascales diz, que semelhantes Comedias nem saõ taes, nem dellas tem alguma sombra; mas que unicamente saõ huns hermafroditas, e huns monstros da Poesia. Eu bem sey, que Pedro Corneille quer absolver este peccado, dizendo, que se póde usar de pessoas illustres na Comedia, e chamar-lhe entaõ *Heroica*; mas eu naõ sey em que doutrina solida estabeleceo elle esta sua opiniaõ, que fortemente lhe reprova Mons. Dacier Poetic. cap. 5. Se se fundou no exemplo de Plauto, o qual introduzio a Jupiter, e Mercurio no seu *Amphitryaõ*, fundou-se muito mal; porque bem se vê, que este Poeta naõ introduzio as taes divindades com a seriedade, e grandeza, que lhes convinha, se naõ com hum caracter ridiculo, e jocoso, que he o modo como podiaõ entrar em huma Comedia. Disse, *formado de modo, que mova o riso*, para se distinguir tambem da Tragedia, que move ao terror, e compaixaõ. A Comedia pinta, e representa os vicios de huma Republica, e o excitar o riso saõ as cores desta pintura, e a alma desta representaçaõ, por isso lhe serve de inscripçaõ: *Castigat ridendo mores.* Disse, *a qual acabe com fim alegre &c.* para se differençar tambem da Tragedia, cujo fim para ser optimo, como ensina Aristoteles, ha

ha de ser infeliz. Muitos entendem erradamente, que o fim da Comedia he causar riso; quando o seu fim he unicamente causar utilidade por meyo do deleite, como succede a outras especies de Poesia. Consegue-se esta utilidade, e deleite representando os vicios sem terror, os defeitos pessoaes, e o caracter das pessoas humildes, ou particulares, para que o auditorio ou se faça mais advertido nos seus defeitos, ou mais constante nos seus trabalhos. Este caracter gracioso he muy deleitavel, e pertence á especie da graciosidade *nobre*, e a que he *vulgar* consiste em equivocos indecentes, e em frialdades proprias da plebe; e de ambas temos exemplos em Terencio, e Plauto, cujo merecimento mostrarey em outro lugar; mas como estou tratando da materia da Comedia, justo será, que explique esta com mais clareza, e extensaõ. Já temos dito, que a materia da Comedia he de muy pouca consideraçaõ, e que consiste em cousas ridiculas. Ainda que algumas vezes involva cousa consideravel, como celebridade de matrimonios, descubrimento, v. g. de algum filho, ou pay, que era desconhecido, com tudo sempre he ridiculo o modo, com que estas cousas se pintaõ, e representaõ. Resta agora advertir alguma cousa sobre o ridiculo. Consiste este em se saber vivamente pintar o caracter de alguns sujeitos, que nos costuma causar riso, v. g. hum velho avarento, huma velha caduca, hum homem camponez vindo á Corte, hum criado astuto, hum sujeito cheyo de presumpçaõ, ou de valente, ou de fidalgo, ou de sabio em todas as sciencias &c. Consiste tambem nas acçoens taõ proprias para o que se representa, e ás vezes taõ repentinas, que naõ se possa soffrer o riso com estes accidentes naõ esperados. Ultimamente consiste nos ditos engenhosos, galantes, e facetos; ou

ou nos veſtidos extravagantes, ou na imitaçaõ de alguns defeitos corporaes, como olhos tortos, narizes muy compridos, pernas aleijadas, corpos corcovados, e anoẽs &c. como explica o Padre Donato pag. 243. cap. 55.

CAPITULO XXIII.

Em que differe, e em que concorda a Comedia com a Tragedia.

EM primeiro lugar differe a Comedia da Tragedia na fabula; porque eſta na Tragedia deduz-ſe commummente da hiſtoria; iſto he, de algum facto, que conſta ter ſuccedido a peſſoa conhecida por fama, ou pela hiſtoria; e na Comedia moderna he eſta fabula inteiramente fingida ao arbitrio de quem a compoem; e por iſſo uſa de nomes, que naõ ſaõ verdadeiros. Sobre a meſma fabula ha outra circunſtancia, em que differem entre ſi eſtas duas eſpecies de Poeſia ſcenica; porque a fabula na Tragedia, para ſer optima, ha de ſer ſimplez; iſto he, de huma ſó mudança; e na Comedia deve ſer duplicada; iſto he, deve ter duas mudanças, como he a da *Fuerza del natural* de Moreto. Igualmente ſobre o fim ha huma notavel differença; porque o da Tragedia he mover as paixoens violentas de terror, e compaixaõ, repreſentando as mortes, ou decadencias de peſſoas illuſtres para exemplo do auditorio; e o da Comedia he moſtrar como em hum eſpelho os vicios, e defeitos vulgares, expoſtos ao riſo do povo, para lhe ſervir igualmente de exemplo, que de deleite. Diſtinguem-ſe tambem eſtas duas eſpecies de Poeſia na ſentença, e na dicçaõ; porque o eſtylo da

Tragedia, como contém grandes perſonagens, e affectos violentos, deve ſer ſublime, e ornado de figuras rhetoricas, que ſaõ as que melhor explicaõ as paixoens; e ao da Comedia ſó pertence huma locuçaõ commua, natural, facil, e pura; porque as peſſoas, que devem repreſentar nella, haõ de ſer ordinarias, ou de mediana condiçaõ, ás quaes ſó convém ſemelhante eſtylo, pois ſeria inveroſimil, que em acçoens, e ſujeitos humildes houveſſe conceitos, e vozes improprias da ſua esféra: *Neque enim Comædia in cothurnos aſſurgit, nec contra Tragædia ſocco ingreditur*, diſſe Quintil. liv. 10. cap. 1. Concorda porém a Comedia com a Tragedia, em que huma, e outra ſaõ repreſentaçaõ dramatica, e que em ambas ſe occulta inteiramente o Poeta, introduzindo ſempre outras peſſoas. Convem igualmente em que huma, e outra deve ter as ſeis partes de qualidade; iſto he, fabula, coſtumes, ſentença, dicçaõ, apparato, e melodîa: ambas devem ter juſta grandeza, veroſimilidade, accidentes maravilhoſos, enredo, unidade, tanto na acçaõ, como no tempo e lugar, e a ſoluçaõ, que for neceſſaria, ou veroſimil. Tambem na Comedia he propria a Agniçaõ, e Peripeſia, e todas as mais condiçoens, que devem ter os coſtumes, como diſſemos em ſeu lugar, excepto a *ſemelhança*; porque a Comedia moderna uſa de peſſoas inteiramente fingidas, e eſta ſó convem á Tragedia, que commummente comprehende ſujeitos conhecidos ou por fama, ou pela hiſtoria. Convem tambem com a Tragedia em dever ſer em verſo, ſegundo varios Authores, affirmando, que lhe he hum inſtrumento taõ natural, como os membros ſaõ preciſos ao corpo; e que naõ havendo verſo, naõ fica a Comedia, como Poeſia, ſendo repreſentaçaõ Comica, mas ſim huma introducçaõ dia-

dialogiſtica, como os Dialogos de Luciano. Deve igualmente ter o ſeu Prologo, Muſica, Baile, e diviſaõ de Actos: o Prologo ſerve para inſtrucçaõ do povo, e para lhe captar a docilidade, e attençaõ; a Muſica, e Baile para deleite do auditorio; e a diviſaõ dos Actos para deſcanço dos repreſentantes; ſe bem que eſtas couſas ſaõ mais accidentaes, que eſſenciaes na Comedia. Como deſtas, e outras couſas tratámos largamente na Tragedia, naõ queremos ſer prolixos, repetindo o que eſtá dito; e ſó diremos, por naõ faltar a alguma circunſtancia, que ſe os Gregos dividiraõ a Comedia em *Antiga*, *Media*, e *Nova*, como já temos dito, os Romanos a dividiraõ em *Palliata*, *Prætextata*, *Togata*, *Tunicata*, *Tabernaria*, *Atellana*, *Motoria*, *Stataria*, e *Mixta*. A Palliata, Pretextata, Togata, e Tunicata derivavaõ-ſe dos veſtidos, de que uſavaõ os repreſentantes, v. g. Pallio, Pretexta, Toga, e Tunica, que era o veſtido mais vil do povo, aſſim como os outros eraõ para as peſſoas nobres. A Tabernaria derivava-ſe das caſas humildes; a Atellana da Cidade de Atella, cujos habitadores eraõ muy gracioſos; a Motoria era a que ſe compunha de grandes movimentos, e machinas; a Stataria a que naõ tinha eſtas tramoyas; e a Mixta a que participava de huma, e outra.

CAPITULO XXIV.

Obſervaçoens ſobre os defeitos mais communs das Comedias modernas.

NAõ ceſſaõ os melhores Authores modernos, que eſcreveraõ da Poetica, em accuſar os muitos defeitos, que ſe commettem nas Comedias dos noſſos tempos. Verdadeiramente naõ ſe póde dar boa repoſta aos vicios, que elles apontaõ; porque o theatro cahio nas mãos de gente ignorante, e os Authores naõ cuidaõ mais que em agradar á plebe; e por iſſo a mayor parte das Comedias conſiſte em actos vilmente ridiculos, e em huns enredos taes, que nelles naõ ha ſombra do veroſimil taõ neceſſario á fabula. Hoje todo o ponto he fazer rir por meyo de equivocos, e metaphoras taõ pouco honeſtas, que inſenſivelmente depravaõ os coſtumes do povo bem morigerado; vicio, que reina baſtantemente entre os Italianos; motivo porque aquelles, que ſaõ prudentes, naõ levaõ ſeus filhos ao theatro, quando eſtaõ na ſua florente idade. Tambem os Francezes adoecem gravemente deſte mal de perverter os bons coſtumes; porque naõ eſcolhem muitas vezes para as ſuas Comedias hum argumento proprio para caſtigar os vicios por meyo do riſo. O ſeu Moliere, que verdadeiramente foy hum inſigne Comico, naõ deixou em baſtantes partes de cahir neſte grave defeito. Eu naõ me animara a eſta critica, ſe primeiro do que eu lha naõ tiveſſem feito os ſeus meſmos naturaes. O grande Boileau teſtifica, que Moliere deſprezava a cada paſſo os preceitos de Ariſtoteles, e de todos os demais Meſtres da Poetica, ſó pelo fim de agradar de

todos

todos os modos ao auditorio. Pelo que respeita aos costumes, póde-se dizer livremente, que naõ houve nenhum Comico, que os pervertesse tanto, como este Author. Nunca o seu fim foy perseguir os vicios dos particulares, como deve fazer a Comedia, expondo-os ao riso; antes parece, que todo o seu intento foy ensinallos; porque inspirou em muitas das suas Obras hum certo amor á liberdade mundana; isto he, áquella maneira de viver contraria ás maximas do Evangelho. A mayor parte das suas Comedias saõ huma escóla, em que se aprende a namorar com a mais refinada malicia amorosa: nella se ensina, que saõ inuteis as diligencias, que usaõ os pays para livrarem seus filhos dos vicios; e com o motivo de desacreditar a falsa devoçaõ, faz tambem ridicula a verdadeira. Tambem este juizo naõ he só meu; porque mo defende entre muitos doutos Francezes o famoso Baillet no tom. 4. da sua Obra intitulada *Jugemens des Sçavans*, dizendo, que Moliere *He hum dos mais perigosos inimigos, que deitou o seculo, ou o mundo contra a Igreja de Deos*: e accrescenta, que a sua Comedia chamada *Tartuffo he huma das mais escandalosas, e atrevidas, que se pódem ver: que os defeitos, que reprehende, naõ saõ mais que huma certa maneira exterior de conversar no mundo, como v. g. as affectaçoens ridiculas dos homens, o affectar nobreza, o amar em demasia as modas, o presumir sciencia, e outras semelhantes cousas de pouca importancia; deixando porém sempre de reprehender os vicios verdadeiros do animo; e antes ás vezes os persuade.* Outro juizo semelhante a este, e ainda mais diffuso contra Moliere, se poderá ler no livrinho intitulado *Maximes, & reflexions sur la Comedie* composto pelo incomparavel Bossuet Bispo de Meaux, de

quem

quem se val muito Muratori, a quem seguimos nesta Critica. Ha outros doutos, que saõ de parecer, que a mayor parte das Comedias deste Author contem occultamente hum refinado veneno, que conduz as gentes a viver sem temor de Deos, e só guiadas da sua propria vontade; cuja peste confessaõ os Italianos, que igualmente tem no *Decameron* de Boccaccio naõ sendo expurgado. Naõ obstante esta Critica, he preciso confessar, que Moliere foy hum engenho muy vivo, e dotado de huma exquisita naturalidade para fazer rir ao auditorio; e se os costumes, que introduzio nas suas Comedias, naõ fossem taõ prejudiciaes, certamente seria digno de huma fama perpetua. Largo assumpto daõ para discorrer nesta materia o Padre Ottonelli, o Padre Draghi, o Principe de Conty, Voysin, Nicole, Bossuet, Muratori, e outros, que trataraõ plenamente deste assumpto. Todos estes eruditos, e pios Authores se lamentaõ dos prejuizos, que causa a Comedia moderna, por naõ introduzir as doutrinas moraes por meyo do riso. A verdade he, que hoje toda a força desta especie de Poesia consiste, se bem se reflectir, em desacreditar a piedade, a continencia, e modestia, assim de homens, como de mulheres; em persuadir a liberdade, em satisfazer a desordem dos máos appetites, em desobedecer aos pays, que querem cuidar no procedimento de seus filhos, em zombar delles, porque tem esta honra, em ensinar estratagemas para se enganar aos maridos, em formar colloquios amorosos; e em huma palavra, em causar por todos os modos hum grave damno a huma Republica bem regulada. Quem tiver lido Comedias, tanto Castelhanas, como Francezas, e Italianas, facilmente concordará com esta solida doutrina, se tiver, sobre huma boa consciencia, hum

juizo

juizo desapaixonado, e maduro. Nem ainda os Portuguezes estamos livres, porque nessas poucas Comedias, que temos, bastantemente enfermamos deste mal, prevalecendo o uso, ou abuso de seculo taõ estragado. Se Plauto, Aristofanes, e Terencio fizessem as suas Comedias mais modestas, e instructivas, deixariaõ na prudente posteridade muito mayor recommendaçaõ. Para despertar no theatro o riso, o caminho mais louvavel, e seguro he o representar no gráo mais eminente os costumes populares; v. g. hum homem muito fallador, hum avarento, hum cioso, hum temerario, hum presumido, huma mulher vã, hum criado simples, hum Juiz interessado, hum ignorante metido a cortezaõ, e outros muitos costumes, que todos os dias observamos nos sujeitos de baixa esféra. A representaçaõ de qualquer caracter destes, e este pintar vivamente os defeitos, affectaçoens, e vicios das pessoas particulares he que maravilhosamente recreya, e faz rir ao auditorio intelligente; sendo ao mesmo tempo util; porque os que cahirem nestes defeitos, vendo, que a Comedia com huma satyra honesta, e pouco picante lhos poem em publico, cuidaráõ em se abster, e emendar. Este he o verdadeiro sal das Composiçoens comicas, e naõ mil equivocos, que quando naõ saõ deshonestos, pela mayor parte saõ frios, insipidos, e improprios para a cousa de que se trata; por isso vem taõ arrastados, como pueris. Neste vicio naõ temos muito em que culpar as Comedias Portuguezas modernas, principalmente as que correm impressas no *Theatro Comico Portuguez*, 1. e 2. parte; porque contém graciosos taõ excellentes, que pódem fazer comparaçaõ com graciosidades do famoso Maggi Comico Italiano: assim elles tivessem outro officio, do que commummente tem,

de

de ferem menfageiros de amores, que naõ fe encaminhaõ a fim louvavel, mas ao de fatisfazer a máos appetites. Outros muitos vicios pudera apontar, em que cahem as Comedias modernas a refpeito do coftume; porém baftaráõ eftes como taõ effenciaes; porque de outro modo efcreveriamos hum largo Tratado. Paffaremos a dizer alguma coufa fobre os defeitos, em que fe cahe a refpeito da fabula Comica. Os Hefpanhoes, a quem naõ podemos duvidar, que faõ ornados de engenho vivo, penetrante, e delicado, a cada paffo eftaõ commettendo eftes peccados. Saõ entre elles innumeraveis as Comedias, em que faltaõ as tres unidades de acçaõ, de tempo, e de lugar. Veja-fe a de Lope de Vega intitulada *La locura por la honra*, que comprehende tres acçoens, que cada huma podia fer argumento de huma perfeita Comedia. Veja-fe o *Bernardo del Carpio*, e o *Conde de Saldaña*, dando eftas, e outras femelhantes occafiaõ a Boileau lhes fazer huma jufta critica na fua Poetica Canto 3. Verdadeiramente he coufa para rir, que v. g. no principio da Comedia appareça Bernardo del Carpio menino, e antes de acabarfe efta reprefentaçaõ, fe veja já homem, e executar contra os Mouros excellentes acçoens. Naõ he menos intoleravel efte abfurdo no *Janizaro de Hungria*, em que dura a acçaõ mais de vinte annos: nos *Siete Infantes de Lara*; na *Venganza en el defpeño*, que dura outro tanto tempo; nos *Siete Dormientes*, que dura duzentos annos, e outras infinitas Comedias, que fe as repetiffemos, fariamos hum Catalogo prolixo, para os que faõ intelligentes. Com muita razaõ fe ri de femelhantes Compofiçoens o douto Cafcales nas fuas Tabl. Poetic. tratando da Tragedia, pag. 346. quando diz: *Siendo efto affi, nò os rieis de nueftras Comedias, que entre*

tre otras me acuerdo aver oido una de San Amaro, que hizo un viaje al Paraizo, donde estuvo docientos años, y despues quando bolviò a cabo de dos siglos, hallaba otros lugares, otras gentes, otros trages, y costumbres: Que mayor disparate, que esto? Otros hai, que hacen una Comedia de una Chronica entera; yo la he visto de la perdida de Hespaña, y restauracion de ella. Naõ saõ sómente estes os vicios, em que cahem os Comicos Hespanhoes, como diz Luzan, a quem sigo, quando os criticou doutamente na sua Poetica; porque tambem saõ muy frequentes em naõ observarem a precisa regra da unidade do lugar. Na Comedia *Amigo hasta la muerte* de Lope de Vega, a representaçaõ humas vezes he em Tetuaõ, outras em Sevilha, outras em Cadiz, outras em Gibraltar. Na Comedia de Calderon *Para vencer Amor querer vencerle* parte da representaçaõ he nos Esguizaros, e parte em Ferrara: na *Dicha, y desdicha del nombre*, parte em Parma, e parte em Milaõ; e o mesmo he nas Comedias *Servir à Señor discreto, El Principe perfecto, Fortunas de Andromeda, y Perseo*, e outras muitas: donde as pessoas (como galantemente diz Luzan) como se tivessem azas, no breve espaço de tres, ou quatro horas, que dura a representaçaõ, voaõ pelo mundo milhares de legoas sem calma, e sem cansaço algum. No que respeita ás inverosimilidades, seria preciso hum distincto volume só para tratar dos costumes mal conservados, ou pessimamente introduzidos; pois a cada passo as Damas saõ taõ eruditamente discretas, elegantes, e conceituosas, que poderiaõ orar no Senado Romano, deixando pelo artificioso o que he natural. Os Lacayos, e Lacayas pódem tambem dictar em huma Cadeira de Rhetorica, naõ sendo verosimil, que seme-

ſemelhantes peſſoas fallem com clauſulas taõ limadas, e conceitos taõ eſtudados, muito mais ſendo de repente, e familiarmente: fallo das Damas, e Galans; porque nos criados, de qualquer modo, que ſeja, ſempre he contra todo o veroſimil. Tratando deſtas impropriedades, naõ me eſquecerey de outras, que muitas vezes ſe obſervaõ em infinitas Comedias Heſpanholas; como ſaõ os Oraculos de alguma voz, que dentro do theatro interrompe a repreſentaçaõ, adevinhando o que ſe hia a dizer; os eccos, e ſonhos, em que ſe falla tanto a ponto, como poderia fallar huma peſſoa, e acordada; e os erros de Hiſtoria, Chronologia, e Geografia, que ſe lem no *Conde Lucanor*; na *Gran Zenobia*; *En eſta vida todo es verdad, y todo mentira*; *Las armas de la hermoſura, y duelos de amor, y lealtad* &c. como ſe póde ver em Luzan pag. 422. Porém naõ ha inveroſimil mais celebre, como o que agora apontarey, o qual tem muitos por couſa elegante, e ſeus Authores foraõ os primeiros, que aſſim o julgaraõ. Sahem duas peſſoas para o theatro cada huma por ſua parte, e levaõ taõ bem eſtudado o que haõ de dizer, que huma naõ ha de dizer huma ſyllaba mais que a outra, e fallando cada qual comſigo ſó, vaõ alternando os conceitos, e verſos com taõ juſta medida, que parece, que já de antemaõ ſe tinhaõ prevenido para o caſo. Copiarey de Luzan hum exemplo, que tirou da Comedia de Calderon *Muger llora, y venceràs*. Sahem nella Fiderico, e Henrique, medindo hum ao outro as palavras taõ compaſſadamente, como ſe vê:

Fiderico. Deſta muſica guiado.
Henrique. Llamado de eſtos accentos.
Fiderico. Vengo à pezar del enojo.
Henrique. A pezar de la ira buelbo.

Fi-

Fiderico. De Madama, porque juzgo.
Henrique. De Madama, porque pienſo.
Fiderico. Que quando el rieſgo es tan noble,
Ha de apetecerſe el rieſgo.
Henrique. Que quando es tal el peligro,
Es el peligro el remedio.
Fiderico. Pero aqui eſtá: que bien dudo.
Henrique. Pero aqui eſtá: que bien temo.
Fiderico. Volver à ver ſu ſemblante.
Henrique. Volver à mirar ſu ceño.
Fiderico. Yà me viò: vengan deſdenes.
Henrique. Yà me viò: vengan deſprecios.

Quem naõ ha de dizer, que iſto mais parece rezar em córos, que ſahir a repreſentar huma Comedia? Só o povo ignorante poderá goſtar de ſemelhantes couſas; e para elle he que entendo, que as eſcreveo Calderon, que na verdade teve muitas circunſtancias, que lhe deraõ hum lugar bem diſtincto entre Solis, Candamo, Cañizares, Moreto, e mais algum outro, que ſaõ os Meſtres da Comica Heſpanhola, e dignos por juſtas cauſas da fama, que gozaõ. A ſua locuçaõ he nobre, e clara, e o modo engenhoſo para urdir huma fabula, e ter até o fim della ſuſpenſo o auditorio por meyo de excellentes lances, he taõ admiravel, que naõ duvîda neſta parte o que he intelligente em o receber por texto. Sobre outras infinitas inveroſimilidades poderamos dizer muito; porém baſtem eſtas, porque entre nós he grande o numero dos defenſores da Poeſia Comica de Heſpanha.

CAPITULO XXV.

Juizo sobre os Authores antigos assim Gregos, como Latinos, que escreveraõ Comedias.

EUpoli, Cratino, e Aristophanes foraõ os que fizeraõ famosa a Comedia *antiga*, que entre os Gregos fazia tambem as vezes de Satyra. Nella se admirava altamente observada aquella perfeiçaõ, que se chamava *Atticismo*, que comprehendia tudo o que no estylo era tido por mais elegante, fino, e delicado, a que naõ podiaõ chegar as Poesias de outros.

Menandro foy cabeça, e Author da Comedia *nova*. Plutarco *in Moral.* pag. 853. o prefere infinitamente a Aristophanes, e admira nelle huma casta de galantaria agradavel, delicada, e viva, naõ se afastando das regras da Filosofia moral. A verdade he, que Aristophanes he mordaz no seu ridiculo; porque fere, e trespassa sem respeito algum a reputaçaõ das pessoas mais honestas, e desenfreadamente se atreve contra todas as leys do pejo, e da modestia. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. disse claramente, que Menandro vencera a quantos escreveraõ antes delle em assumptos Comicos, e que com a sua merecida fama escurecera inteiramente os nomes delles. Porém o melhor elogio, que se póde fazer a este Poeta he dizerse, que Terencio fora hum copiador das suas Comedias, e huma copia muito inferior ao seu original. A. Gellio no liv. 1. cap. 13. observou alguns lugares de Menandro imitados por Cicilio antigo Poeta Comico Latino, e diz, que apenas lera da primeira vez os versos deste Author, os achára muito bons; mas que comparando-os depois com os do Poe-

ta

ta Grego, lhe pareceraõ muito máos. Em quanto viveo, naõ fizeraõ a Menandro a justiça, que merecia; porque pondo no theatro mais de cem Comedias, unicamente oito he que foraõ distinctamente applaudidas. O artificio, ou conspiraçaõ contra elle, ou tambem o máo gosto dos Juizes, fez com que Filemon, que só aspirava ao segundo lugar depois de Menandro, o preferisse nas occasioens de representaçaõ Comica. Quintil. cap. 1. liv. 10. diz assim: *Philemon, ut pravis sui temporis judiciis Menandro sæpe prælatus est, ita consensu omnium meruit credi secundus.*

Entre os Latinos o primeiro Poeta Comico, que floreceo, foy *Livio Andronico*: naõ sabemos, que compozesse determinadamente para o theatro alguma Comedia, e só de Tragedia he que temos noticia. O que se sabe he, que floreceo antes de Ennio hum anno, e que foy o primeiro, que intentou fazer Comedias, e Tragedias á imitaçaõ dos Gregos.

Seguio-se *Cneo Nevio*, o qual animado do exemplo, que tinha dado Andronico, seguio os seus vestigios, e cinco annos depois da sua morte começou a pôr no theatro materias representaveis, que podiaõ ter o nome de Comedias; as quaes como seguiaõ o estylo antigo dos Gregos, lhe fizeraõ conciliar o odio da nobreza, principalmente de hum certo Metello, que o obrigou a sahir de Roma. Como estes dous Authores foraõ os primeiros, e em seculo taõ ignorante, facil he conjecturar quaes seriaõ as suas Comedias, que naõ passaraõ á posteridade, senaõ dellas huns poucos fragmentos,

Cecilio, e *Pacuvio* augmentaraõ muito a Poesia Comica, e o segundo particularmente a Tragica, em que se distinguio naquella idade, compondo, alem de

outras,

outras, a Tragedia intitulada *Oreſtes*, de que faz menção Cicero *de Amicit.* n. 14.

Plauto foy o primeiro, que entre os Romanos ſe fez celebre pela Poeſia Comica, e taõ feliz, que de dezanove Comedias, que compoz, todas inteiramente reſiſtiraõ ao tempo, e paſſaraõ a nós. A razaõ diſto ſeria, porque ſempre foraõ deſejadas por cauſa do deleite, que cauſavaõ as ſuas gracioſidades, naõ ſó no ſeu tempo, mas no de Auguſto, em que ſe repreſentavaõ as ſuas Comedias com grande applauſo, e ainda no Imperio de Diocleciano, trezentos annos depois do Naſcimento de Chriſto. Varios foraõ os juizos, que a reſpeito deſte Poeta ſe tem proferido. A muitos bons Criticos parece, que a ſua locuçaõ ſe deve eſtimar, naõ ſó pela pureza, e exacçaõ, mas pela abundancia, força, e elegancia, com que fallou. Varro coſtumava dizer, que ſe as Muſas fallaſſem na lingua Latina, ſervirſe-hiaõ das palavras de Plauto, como diz Quintil. liv. 10. cap. 1. Hum ſemelhante elogio parece que tira toda a duvida. Horacio porém naõ obſtante ſer hum bom Juiz neſtas materias, moſtra, que naõ he muy favoravel a Plauto; e para prova copiaremos o que deſte Poeta diſſe na ſua Poetica:

At noſtri proavi Plautinos & numeros, &
Laudavere ſales: nimiùm patienter utrumque,
Nè dicam ſtultè, mirati; ſi modò ego, & vos
Scimus inurbanum lepido ſeponere dicto,
Legitimumque ſonum digito callemus, & aure.

Naõ ſó foy Horacio o que fez eſta critica a Plauto; porque a Corte de Auguſto, e ainda o meſmo Emperador, naõ goſtavaõ dos verſos, e gracioſidades deſte Poeta. A cenſura de Horacio cahe em dous pontos: o primeiro he ſobre a cadencia dos verſos, e o ſegundo ſobre

o ridiculo. Em quanto aos verſos naõ ſe deve deſprezar o juizo de Horacio; pois o meſmo Plauto no Epitafio, que fez para ſi meſmo, chama com razaõ aos ſeus verſos *Numeros innumeros*; porque nas ſuas Comedias he tal a mixtura, e variedade de verſos, que ainda os mais doutos tem huma grande difficuldade em os conhecer. Em quanto ao ridiculo tambem naõ he de todo mal fundada a cenſura do Lyrico; porque igualmente he certo, que Plauto introduzio algumas graciofidades inſipidas, baixas, e algumas vezes exceſſivas: verdade he, que tem outras, que ſaõ taõ finas, e delicadas, que pódem ſervir de exemplar. Por eſta razaõ Cicero, que foy hum grande Meſtre daquella, que os antigos chamavaõ *Urbanidade*, propoem a Plauto como hum modello dos que quizerem uſar do eſtylo faceto. Veja-ſe o que diz no livr. *de Offic.* 1.num. 104. *Duplex omnium eſt jocandi genus: unum illiberale, petulans, flagitioſum, obſcænum; alterum elegans, urbanum, ingenioſum, facetum; quo genere non modo Plautus noſter, & Atticorum antiqua Comædia, ſed etiam Philoſophorum Socraticorum libri ſunt referti.* Porém eſtes defeitos, que acima apontamos, naõ ſaõ os que obſtaõ para dizer, que Plauto foy hum excellente Comico; porque os ſeus vicios ſe disfarçaõ com outras muitas excellentes qualidades, que naõ ſó o igualaraõ a Terencio, mas talvez na opiniaõ de alguns o collocaraõ em lugar ſuperior. Tal he o juizo, que deſtes dous Poetas fez a grande Madama Dacier na Prefacçaõ da Traducçaõ das tres Comedias de Plauto, dizendo: *Terencio tem ſem duvida mais arte; porém Plauto parece-me, que tem mais engenho. Terencio empenha-ſe, em que os ſeus repreſentantes ſe appliquem mais a fallar, do que a obrar, e Plauto mais faz*

com

com que elles obrem, do que fallem; e este he o verdadeiro caracter da Comedia, em que a acçaõ deve prevalecer ao discurso. Alèm disto parece-me, que Plauto excede a Terencio naquellas controversias, que forma sempre correspondentes á qualidade dos representantes; que os seus accidentes sempre saõ varios, e incluem cousa, que arrebata com gosto a quem os lê. Pelo contrario Terencio parece, que faz o Theatro languido; porque manifestamente se vê, que falta á vivacidade da acçaõ, e á contextura do enredo, e accidentes. Encontraõ-se de quando em quando nas Comedias de Plauto maximas muito importantes para a direcçaõ, e pureza dos costumes. Referirey hum exemplo da sua famosa Comedia intitulada *Amphitryaõ*, tirado daquelle lugar, em que Alcmena falla a seu marido Amphitryaõ, e este em poucos versos lhe inclue todas as virtudes, que deve ter huma mulher prudente, e de bons costumes: diz elle no Acto 2. scen. 1.

Non ego illam mihi dotem duco esse, quæ dos dicitur;
Sed pudicitiam, & pudorem, & sedatum cupidinem:
Deùm metũ, parentùm amorem, & cognatũ concordiã,
Tibi morigera, atq̃ ut munifica sim bonis, prosim probis.

Porém se alguns lugares ha destes, que sejaõ uteis, outros muitos se encontraõ neste Poeta, que saõ contrarios á pureza dos costumes. He cousa lastimosa, que caya este vicio geralmente sobre os melhores Poetas do Gentilismo. Por este respeito deveriamos lembrarnos sempre do conselho de Quintiliano liv. 1. cap. 8. que diz, fallando das Poesias nocivas: *Amoveantur, si fieri potest; si minus, certè ad firmius ætatis robur reserventur .... cùm mores in tuto fuerint.*

Terencio foy igualmente hum Comico, a quem deve muito o theatro. Delle naõ ha mais, que seis Comedias,

medias, que se representaraõ em Roma com grande applauso, principalmente a intitulada *Eunucho*, porque se representou duas vezes em hum dia, huma de manhã, outra de tarde; cousa, que talvez naõ havia succedido até aquelle tempo. Corria a voz, que Lelio, e Scipiaõ o ajudavaõ a compor as suas Comedias, e augmentou-se mais esta suspeita, vendo-se, que Terencio, querendo-se defender della no Prologo dos *Adelphos*, o fizera muito mal, e com razoens muy frivolas; talvez por agradar a seus dous amigos, que gostariaõ desta suspeita. Suetonio na vida de Terencio, de que se entende he Author, diz, que ainda no seu tempo havia esta opiniaõ. Valgio Poeta contemporaneo de Horacio, fallando destas Comedias, diz positivamente:

Hæ, quæ vocantur fabulæ, cujus sunt?
Non has, qui jura populis recensens dabat,
Honore summo affectus fecit fabulas?

Ainda cresceo mais esta opiniaõ, vendo-se, que Terencio, naõ tendo mais que trinta e cinco annos, naõ passára a compor mais Comedias, que as seis, e que sahira de Roma, naõ havendo delle mais noticia certa. Alguns dizem, que morrera vindo da Grecia, onde tinha traduzido cento e oito Comedias de Menandro; outros, que fallecèra em Arcadia de paixaõ, por ter perdido estas Comedias, que traduzira. Cicero em huma Obra Poetica, que fez intitulada *Leimon*, fallou de Terencio deste modo:

Tu quoque, qui solus lecto sermone, Terenti,
Conversum, expressumque Latinâ voce Menandrum
In medio populi, sedatis vocibus effers,
Quidque comè loquens, atque omnia dulcia linquens.

Estes versos saõ hum grande testimunho, que honra

muito a Terencio; assim elles honrassem tanto a seu Author, sendo mais elegantes. Igualmente de Augusto nos ficou outro testimunho sobre o merecimento de Terencio, e entendo, que he mais bem fundado o juizo:

Tu quoque, tu in summis, ò dimidiate Menander,
Poneris, & meritò, juri sermonis amator.
Lenibus atque utinam scriptis adjuncta foret vis
Comica, ut æquato virtus polleret honore
Cum Græcis, neque in hac despectus parte jaceres!
Unum hoc maceror, & doleo tibi deesse, Terenti.

O summo merecimento de Terencio consiste na arte, em que naõ he facil ser imitado; em pintar os costumes, e imitar a natureza com tanta simplicidade natural, e desaffectada, que cada hum entenderá, que póde escrever da mesma maneira; mas no mesmo tempo he taõ elegante, e engenhoso, que naõ se póde imitar. Por esta arte maravilhosa, com que formou as suas Comedias, em que tanto recreya, e arrebata os animos, sem que a faça mostrar, he que Horacio o definio, dizendo na Epist. 1. liv. 2.

Vincere Cæcilium gravitate Terentius arte
Dicitur.

A estas qualidades unio Terencio a pureza, com que fallou a sua lingua, e huma tal graça, e delicadeza em estylo natural, e simples, que entre todos os Authores Latinos foy o que mais se encostou ao Atticismo; isto he, a tudo o que os Gregos tinhaõ por mais fino, e perfeito; razaõ, porque Quintiliano disse: *Terentii scripta sunt in hoc genere elegantissima.*

Affranio floreceo já na segunda idade da Poesia Latina: deo-se á composiçaõ Comica, e sahio excellente, principalmente nas Comedias *Togatas*, e *Atellanas*.

lanas. Parece, que Horacio o compára a Menandro, quando disse na sua Poetica:

Dicitur Affrani toga convenisse Menandro.

Foy contemporaneo de Terencio; mas depois da sua morte he que principiou a ser estimado; e o mesmo Affranio o tinha em tanta veneraçaõ, que naõ consentia, que houvesse quem o pertendesse igualar; como se lê nos seus fragmentos:

Terencio non similem dices quempiam.

CAPITULO XXVI.

Da Poesia Mimica: seu fim, e materia &c.

POr satisfazermos ao costume de muitos Authores, que escreveraõ da Poetica, diremos aqui alguma cousa da Arte Mimica; se bem que outros naõ menos graves a passaraõ em silencio, attendendo talvez a que foy prejudicial aos costumes, como lemos em infinitos lugares de muitos Santos Padres, e Doutores da Igreja Catholica. Por este motivo seremos muy breves nesste Capitulo, restringindo-nos unicamente ao que bastar, para dar noticia de huma Arte antiga, que nasceo da Comedia, e naõ nos esqueceremos de fallar nos seus prejuizos. Antigamente tudo o que era representaçaõ, se fazia na Comedia, cantando nella assim os chamados *Pantomimos*, como os *Pythaules*, e *Choraules*; porém como nem todos eraõ insignes, e os excediaõ os representantes de Comedias, assim pela arte, como pelo officio, entraraõ a disputar a sua primazia, e excellencia no theatro para enganar a alguns. Daqui nasceo, que naõ querendo os Comicos ceder aos Mimi-

 cos

ços na ſua arte, ſe ſepararaõ huns dos outros, como diz o Fragmento de Suetonio allegado por Diomedes, liv. 3. cap. *De variis Poematum generibus.* O fim deſta Poeſia (que tal ſe deve chamar, porque tambem conſiſtia na imitaçaõ) era inſtruir, e deleitar, como outra qualquer eſpecie da Poetica. Inſtruîa, porque com ditos muy picantes, a que chamavaõ *Dicteria*, fazia mófa dos homens perverſos, ainda que foſſem dos principaes; e deleitava, porque com o riſo venal dos ſeus repreſentantes, e dicterios ridiculos, e ſatyricos alegrava o povo, que ſempre goſta de ouvir cenſurar aos ſuperiores. Eſte deleite, que naõ era em ſi bom, ainda ſe eſtragou mais; porque uſavaõ aquelles repreſentantes de palavras, e gèſtos obſcenos; o que deu occaſiaõ a que os Santos Padres condemnaſſem taõ fortemente eſte divertimento, e os Authores Poeticos definiſſem eſta Arte como couſa indecente, e nociva aos coſtumes. Diomedes liv. 3. apud Bulengerum de Theat. liv. 1. cap. 41. define-a deſte modo: *Mimus effictor, qui vel intrâ, vel extrâ ſcenam geſticulationes exercet, imitaturque dicta, factaque, moreſque hominum, & naturas cum laſciviâ*: e em outra parte eſcreve aſſim: *Mimus eſt ſermonis cujuslibet, motùſque ſine reverentiâ, vel factorum turpium cum laſciviâ imitatio.* Mazoni na ſua Poetica, liv. 2. cap. 26. provando, que a Poeſia Mimica tivera origem na Fallica, diz com Minuzio *in Octavio*, que *Mimus vel exponit adulteria, vel monſtrat.* Tertulliano *in Apologet.* lhes chama: *Ingenia ad laſciviam nata*; e mais a baixo, diz: *Argumenta maiori ex parte ſtuprorum continent actus.* Do que temos dito ſe ſegue, que a materia da Poeſia Mimica eraõ couſas, e peſſoas vîs, dicterios ridiculos, mordazes, obſcenos, e ás vezes

ſen-

ſentenças uteis á vida humana, quando ſatyriſavaõ os vicios; porém eraõ rariſſimos os que uſavaõ dellas; porque o commum era ou com palavras, ou com gèſtos, e acçoens tratarem de couſas laſcivas, como temos dito: por iſſo os póvos bem regulados, como os Maſſilienſes, os naõ quizeraõ admittir, como diz Cicero na Oraçaõ *pro L. Flacco*, e Valerio Maximo, liv. 11. cap. 6. chamando á Cidade deſtes póvos: *Civitas ſeveritatis cuſtos acerrima, nullum aditum in ſcenam Mimis dando.* A differença, que havia entre os Mimos, e Pantomimos era, que os Mimos naõ ſó repreſentavaõ a fabula com os gèſtos, mas tambem com a voz, tendo ſeu repreſentante, que vinha ao principio fazer como hum prologo, para inſtruir ao auditorio na fabula, a qual ſempre era compoſta de modo, que foſſe apta para os movimentos do corpo. Iſidor. *in Orig.* liv. 18. confirma eſta doutrina, dizendo: *Mimi ſunt dicti Græcâ appellatione, quòd rerum humanarum ſint imitatores: nam habebant ſuum actorem, qui, antequam Mimum agerent, fabulam pronunciaret. Nam fabulæ ità componebantur à Poetis, ut aptiſſimæ eſſent motui corporis.* Os Pantomimis (naõ fallo dos primeiros) eraõ os que fóra da Tragedia, ou Comedia vinhaõ á Orcheſta, e ſem uſarem de palavra alguma, mas ſó dos gèſtos do corpo, e principalmente das acçoens das mãos, repreſentavaõ huma fabula, que naõ ſó comprehendia couſas, e peſſoas vîs, como faziaõ os Mimos, mas muitas vezes conſtava de acçoens de Deoſes, Heroes, e Capitaens illuſtres; por iſſo a voz Grega *Pantomimos* val o meſmo, que *Omnium imitator.* Veja-ſe o que diz Caſſiodòro no liv. 1. *Var. Epiſtol. XX.* eſcrevendo a Albino, e a Albieno ſobre a Arte dos Pantomimos: *Hanc partem muſicæ diſciplinæ mutam nominavère*

Ma-

Maiores: ſcilicet quæ, ore clauſo, manibus loquitur, & quibusdam geſticulationibus facit intelligi, quòd vix narrante linguâ, aut ſcripturæ textu poſſit agnoſci.

CAPITULO XXVII.

Juizo ſobre os antigos Poetas Mimicos.

OS primeiros, de que temos noticia, que uſaſſem deſta Arte entre os Romanos foy hum tal chamado *Eſopo*, e *Q. Roſcio*, dos quaes faz mençaõ Cicero em muitos lugares, louvando-lhes a habilidade. Depois delles ſeguio-ſe

Laberio Cavalhero Romano, que ſe fez admiravel neſta eſpecie de repreſentaçaõ. As peſſoas bem naſcidas naõ perdiaõ a ſua nobreza compondo Obras theatraes; porém ſe as repreſentavaõ, naõ o podiaõ fazer ſem ſua deshonra. Para deſprezar eſta opiniaõ, que o tempo tinha approvado, mandou Julio Ceſar a Laberio, que elle meſmo repreſentaſſe no theatro huma das ſuas Obras. Recuſou o Poeta; mas em fim cedendo ao poder, veyo a obedecer, e ſubindo ao theatro, deſafogou a ſua dor por hum modo taõ pathetico, e ao meſmo tempo reſpeitoſo, que diz Rolin, a quem copiamos, que naõ nos deixou a antiguidade couſa mais bella no ſeu genero; e o curioſo a poderá ler traduzida no tomo 1. do Tratado dos Eſtudos do meſmo Author, ſendo da 2. ediçaõ. Pelo diſcurſo da Comedia quiz vingarſe Laberio de Ceſar do modo, que podia, e uſou contra elle de algumas expreſſoens, ſentenças, e idéas taõ engenhoſas, como ſatyricas. Introduzio a hum ſervo maltratado de ſeu Senhor, o qual exclamando ſahia dizen-

dizendo : *Porrò , Quirites , libertatem perdimus* , e logo accrefcenta : *Neceſſe eſt multos timeat , quem multi timent.* O que tudo engenhofamente alludia á violencia de Cefar, como logo conheceo o povo, olhando para elle.

Seguio-fe *Publio Siro* a Laberio , e foy igualmente excellente na Poefia Mimica , e no modo mais comedido de a ordenar. Se crermos a Julio Cefar , diremos , que excedeo a Laberio. Da mefma opiniaõ he A. Gellio liv. 17. cap. 14. dizendo : *Publius Mimos ſcriptitavit ; dignusque habitus eſt , qui ſuprâ Laberio judicaretur.* Porém pode-fe entender , que a preferencia , que Cefar deu a Siro , naõ procedeo fenaõ do defejo de mortificar a Laberio ; porque tinha dito contra elle algumas palavras injuriofas na Comedia , que violentamente lhe mandou reprefentar , como acima diffemos. De Siro temos huma Obra , que comprehende admiraveis fentenças feitas em verfos Jambos ordenados por modo alfabetico. De Seneca o velho temos tambem a noticia fobre a opiniaõ de Caffio Severo , que preferia as fentenças de Siro ás de todos os mais Poetas affim Tragicos , como Comicos. Seneca o moço igualmente confidera a efte Poeta como hum elegante exemplar digno de fer imitado. O certo he , que naõ fe póde duvidar , que as fentenças de Siro faõ obra , que inclue muita fórma em pouca materia. Lea-fe a Traducçaõ dellas feita em Francez , que andaõ juntas com o Poema de Cornelio Severo intitulado *Ethna.*

Depois de Siro floreceraõ *Philiſtio Niceno* , Poeta tambem de grande merecimento,por naõ fer obfceno, como diz Caffiodoro liv. 4. Epift. ultima ; *Lentulo* , que viveo no tempo de Domiciano , homem de máos coftumes , e de igual doutrina , de quem fazem mençaõ

Mar-

Marcial, e Juvenal; *Cneo Matio*, de quem diz A. Gellio: *Hominem impensè doctum*, e em outro lugar: *Virum eruditum*; *M. Marullo*, que viveo no tempo de M. Antonino Filosofo, e delle faz memoria Julio Capitolino; e *L. Acilio*, chamado o *Archimimo* pela sua excellencia, segundo consta de huma inscripçaõ, que traz Gruttèro na sua Collecçaõ pag. 330. num. 2. Houve outros muitos Poetas Mimicos, porém de nome escuro, por serem dissolutos, e prejudiciaes aos costumes nas suas representaçoens; do que fugiraõ em muita parte quasi todos os que entraõ neste juizo; razaõ porque naõ se esqueceo a antiguidade de honrar com muitos elogios a sua memoria.

CAPITULO XXVIII.

Da Tragicomedia: mostra-se como he Poesia monstruosa.

TEmos lido diversos Authores, que porfiadamente pertendem mostrar, que naõ repugna á Poetica a Poesia Tragicomica. Os mais fortes nesta opiniaõ he Bonciario no seu Dialogo *de Ludric. Poesi* liv. 2. cap. 14. e 15. e Joaõ Savio na Apologia ao *Pastor Fido* liv. 1. pag. 67. em que diz: *Per i casi nel governo Monarchico s'è trovata la Tragedia; e nel Democratico la Comedia; per l'Aristocrasia non si potrà inventar la Tragicomedia?* Este Author naõ distingue a proposito; por quanto as pessoas de alta esféra saõ só para a Tragedia; as que naõ saõ deste predicamento, saõ para a Comedia, e naõ para a Tragicomedia, e os que saõ da condiçaõ mais inferior da Republica; isto he, Paisa-

nos,

nos, Paſtores &c. conſtituem a Satyra. Eſta he a doutrina corrente, que tambem ignorou o Calepino, quando diſſe V. *Comœdia*: *In Comœdia ſi Deorum, aut Principum perſonas contingat admiſceri, eæ non propriè Comœdiæ, ſed Tragicomœdiæ appellantur.* Perſuado-me, que quem o moveo a dizer eſte abſurdo foy Plauto, porque intitulou Tragicomedia ao ſeu *Amphitryaõ*, como ſe lê no Prologo: mas naõ ſoube, que eſte Poeta uſou de tal titulo para fazer rir o povo com o jocoſo, e eſtranho deſta voz nova inventada por elle, como outras muitas, e tanto foy eſte o ſeu animo, que depois fallando ſério chama áquella repreſentaçaõ Comedia, como verdadeiramente he:

Ipſe hanc acturus eſt Jupiter Comœdiam....
..... Nunc animum advortite,
Dum hujus argumentum eloquar Comœdiæ &c.

O certo he, que a Tragicomedia he hum monſtro na Poeſia taõ enorme, e contrafeito, que pódem os Centauros, e as Chimeras parecerem huns partos perfeitos da natureza. He hum compoſto poetico, que formaraõ alguns Authores para deſprezo da Poeſia, ordenado todo de couſas entre ſi diſcordes, inimigas, e incompativeis. Já examinámos as qualidades da Tragedia, e da Comedia, e differindo eſtas entre ſi em cinco couſas, como he a materia, as peſſoas, a dicçaõ, os affectos, e o fim, como diz Pontano Poetic. liv. 2. cap. 20. Veja-ſe como eſtas differenças entre ſi contrarias, e incompativeis ſe poderáõ unir para formar hum ſujeito poetico? Na Tragedia quaſi tudo ſaõ choros, e lamentos, na Comedia tudo alegrias, e graciofidades, e eu naõ ſey como ſe poſſaõ unir eſtas contrariedades. Naõ poſſo penetrar como de dous contrarios, e de dous extremos venha a comporſe hum mixto perfeito, nem

darse hum meyo perfeito, sendo participante de contrariedade, e extremidade de cousas, v. g. da audacia, e do temor naõ póde resultar a fortaleza; porque naõ he possivel, que de dous vicios nasça a virtude, e ainda que se aponte algum exemplo, v. g. que de dous animaes diversos nasce hum terceiro de outra especie; responde-se, que este exemplo naõ serve para o caso; porque entre a Tragedia, e a Comedia naõ ha simpatia, nem analogia alguma, para que a arte possa unir comsigo hum terceiro parto poetico; e quando se conceda este absurdo ficará a Tragicomedia sendo hum monstro da arte; porque se fórma contra as regras, que nella se prescreveraõ; do mesmo modo, que os monstros da natureza saõ aquelles, que se afastaõ da geraçaõ natural, e da ordem, que ella mesma lhe deu. Doutissimamente escreveo contra a Tragicomedia Faustino Summo respondendo a Orlando Pescetti; e entre muitos argumentos, que faz, diz, que assim como hum Principe em huma mesma pessoa naõ póde ser realmente Principe, e Cidadaõ particular, assim igualmente he impossivel, que a Tragedia, sendo imitadora de Principes, possa fazer hum só individuo junta com a Comedia, representando esta a gente particular. Naõ póde ser, segundo a natureza, que na Tragicomedia se faça, com que as pessoas Reaes, e plebeas tenhaõ hum mesmo caracter, e lugar; que nella caiba o estylo grave, e o humilde; e que a graciosidade de ditos, e factos se una com a veneraçaõ das pessoas, e com a severidade dos costumes: por isso diz o Filosofo no Problema 7. que *Res contrarias inter se idem efficere posse absurdum est.* Adiantemos mais o discurso: Se a Tragicomedia val o mesmo, que Tragedia, e Comedia ao mesmo tempo, a que pessoa se ha de referir a acçaõ prin-

cipal

cipal da fabula? Ha de hum mesmo individuo representar em si ao mesmo tempo duas acçoens contrarias? Quero, que no celebre *Pastor Fido* possaõ Mirtillo, e Amarillis ser pessoas Tragicas; porém quaes saõ as outras, que devem dar fórma á Comedia? Dizerme-haõ, que saõ todas as outras pessoas de mediocre fortuna, que fallaõ nesta Tragicomedia; e eu respondo, que isto naõ basta; porque em qualquer Tragedia se imitaõ semelhantes sujeitos de condiçaõ plebea, e nem por isso fica sendo Tragicomedia. Quanto mais, se este nome *Tragicomedia* significa huma Tragedia Comica, digo, que he hum erro crassissimo semelhante composto, porque devia dizerse *Tragedicomica*, como prova fortemente Nisiely, a quem seguimos em todo este discurso, e nos valemos das suas razoens, como as mais convincentes. Cada vez nascem mayores duvidas na consideraçaõ deste nome composto. Naõ posso perceber, porque a huma Tragedia se lhe póde chamar *Comica.* Será talvez porque usa do jocoso, e ridiculo? Se assim he, naõ póde ser; pois as graciosidades saõ hum accidente taõ pouco consideravel, que naõ póde mudar, e alterar os titulos, e inscripçoens. Será talvez por ser alegre o fim da fabula? Tambem esta defeza naõ he nervosa; porque entre os antigos Tragicos, como já em seu lugar dissemos, se achaõ muitas fabulas com semelhante fim, e nem por isso lhes chamaraõ seus Authores Tragicomicas. Taes saõ o *Filottetes* de Sophocles, o *Orestes*, o *Alcestides*, as duas *Ephigenias*, a *Elena*, a *Danae*, a *Electra*, e outras mais de Euripides. Como os defensores desta Poesia monstruosa se achaõ nesta parte convencidos, recorrem a outro principio, como faz Pescetti, dizendo, que fora inventada a Tragicomedia para moderar assim o demasiado,

que ha no ridiculo Comico, e no horrivel Tragico, como na locuçaõ, ſendo eſta na Comedia muito humilde, e na Tragedia muito elevada. Como eſtas razoens ſaõ frivolas, tornamos a entrar em outro labyrintho, ou para melhor dizer, ficamos no meſmo, em que eſtavamos; porque a Comedia, e Tragedia ſaõ duas eſpecies de Poeſia tanto na theorica, como na pratica completamente perfeitas: e dado caſo, que em alguma dellas ache ſeu Author exceſſiva disformidade, ou no ſério, ou no ridiculo, emende-a quando compoem a fabula Tragica, ou Comica, e naõ ſe atreva a perverter o todo, que he bom, e imitavel, querendo emendar alguma parte menos perfeita. Que bella harmonia poetica, e que ſuaviſſimo compoſto ſeria, ſegundo eſtes bons Authores, formar hum Poema da Bucolica, e da Eneida, e intitulallo *Buccoleroico*! Seria o meſmo, que veſtir hum Rey com os veſtidos de algum homem da plebe, para elle deſte modo ſe aliviar do pezo da ſeveridade Real. Do que temos dito, claramente ſe vê, que na Poeſia he a Tragicomedia, como na natureza o Hermafrodita, o qual no ſeu nome moſtra logo a perfeiçaõ, com que naſceo. Se eſtas razoens naõ forem forçoſas, tenho entaõ para mim, que do mel, e do fel ſe póde fazer hum mixto potavel, goſtoſo ao paladar, e que em huma Republica politica ſe pódem congregar os homens, e os animaes, e viver entre ſi com boa harmonia. Poderamos ſer mais extenſos neſte aſſumpto; porém ſobraõ os fundamentos, que apontamos, e talvez baſtaria ſómente dizer, que os antigos, ſendo os Meſtres da Poetica, e os unicos exemplares, que ſe devem ſeguir, e venerar, naõ praticaraõ ſemelhante eſpecie de Poeſia, conſiderando, que era monſtruoſa.

CA-

CAPITULO XXIX.

Juizo sobre a Tragicomedia de Guarini intitulada Il Pastor Fido.

COmo o estylo, que seguimos no fim de cada especie de Poesia, he fazermos hum juizo dos Authores antigos, que lhe pertencem; e da Tragicomedia naõ ha Escritor algum Grego, ou Latino, e só em Italia se fez taõ celebre com semelhante composiçaõ Joaõ Bautista Guarini, diremos o que sentimos ingenuamente desta Obra, pelo que lemos em Faustino Summo, Pedro Malacreta, Jason de Noris, o Apatista, e outros Criticos, que a censuraraõ. Esta Tragicomedia tem ouvido no mundo literario os mayores elogios, e entendo, que a mayor parte das naçoens cultas a tem traduzida nos seus idiomas. Naõ duvido, que por muitas circunstancias se fizesse merecedora deste applauso; porém igualmente tem outras, que devem ser censuradas no tribunal de huma critica sevéra. O que geralmente tem arrebatado os animos, he o estylo desta Obra; e a mim me parece, que he a primeira cousa, que naõ deve ser louvada; porque a frase deste Poeta nem he tragica, nem comica, nem tragicomica, mas toda lyrica; porque he toda cheya de brincos, e perfumes amorosos; tudo he mel, e assucar, tudo cores, e luzes, e tudo, naõ artificios, mas huns esforços artificiaes, buscados de proposito, e collocados em lugares, que naõ saõ devîdos, e por isso contrarios ou ao decoro da Obra, ou ao costume das pessoas, ou ao verosimil da imitaçaõ. Parecerá em nós talvez demasiado este juizo; porém lea esta fabula o leitor sabio, e desapaixonado;

apaixonado, que certamente encontrará nella ser quasi tudo huma enfiada de Madrigaes amorosos, unidos successivamente huns aos outros. Veja-se o Acto 4. scena 5. em que falla Nicandro todo cheyo de dor: o Acto 5. scena 2. em que discorre Tirenio igualmente penetrado de hum vivo sentimento: o Acto 4. scena 9. em que falla Dorinda ferida: e o Acto 3. scena 3. em que discorre Mirtillo amorosamente apaixonado da ira, e desesperaçaõ: o mesmo se lê no Acto 1. scena 2. e em outros muitos lugares; motivo porque entendo, que Guarini ou naõ soube, ou desprezou na sua Tragicomedia este dogma poetico, que escreve Falereo a pag. 149 e que tanto se deve observar: *Risûs artes, & lepòrum in Satyra, & Comædiis: in Tragædiâ autem veneres quidem recipit in multis: risus autem inimicus Tragædiæ: neque enim cogitaret aliquis Tragædiam ludentem; quia Satyram scriberet pro Tragædia.* Em quanto aos costumes naõ falta, que censurar nesta Obra, e assenta logo o primeiro reparo na pessoa de Linco, Ayo de Silvio. Muito mal satisfez este aõ seu officio; porque obriga a Silvio a que se retire de praticar o nobre, e honesto costume da caça, para se entregar aos appetites do amor: e he para advertir, que este velho persuadia tanto semelhante conselho, que obrigou a Silvio a dizerlhe com mais juizo no Acto 1. scena 1.

A te dunque comessa
Fù la mia verde età, perchè d' amori,
E di pensieri effeminati, e molli
Tu l' avessi a nudrir? . . . . . .

Eu bem sey, como diz Joaõ Savio na sua Apologia part. 3. pag. 208. que Linco persuadia tanto a Silvio a paixaõ amorosa, a fim de que amasse a Amarillis sua mulher, de cujo matrimonio havia nascer a felicidade de Arca-

Arcadia; porém igualmente ſey, que Linco ſempre diſcorre demaſiadamente impudico com hum mancebo, de quem era Ayo, e com muito eſcandalo para o auditorio, podendo aliàs com razoens mais honeſtas perſuadir o ſeu intento. Bem podia o pay de Silvio irarſe contra Linco, do meſmo modo, que fez outro pay com o Meſtre de hum ſeu filho na fabula de Plataõ intitulada *O enganador de hum moço*, como ſe lê em Ateneo liv. 3.

Adoleſcentulum tibi traditum meum perdidiſti
Scelleſte, eique perſuaſiſti, vitam ut ageret
Ab ingenio ſuo alienam; matutinis compotationibus
Tuo nunc conſilio indulget, non aſſuetus antea.

Daqui ſe ſegue tambem, que em quanto ao coſtume fora muito imprudente o pay de Silvio, em entregar ſeu filho á educaçaõ de hum velho taõ louco, e deshoneſto, que diz no Acto 1. ſcena 1.

Non è pena maggiore,
Che in vecchie membra il pizicor d' amore.

E no Acto 5. ſcena 7. fallando de Dorinda ferida, diſcorre ſobre os effeitos do amor taõ loucamente, que eſcandaliſa ouvir hum velho proferir ſemelhantes conceitos. Deſtes peccados he reo o Poeta; porque naõ quiz imitar a Homero, que decoroſamente pinta a Neſtor Conſelheiro de Agamenon, e a Fenix Ayo de Achilles; a Arioſto, que repreſenta como deve ſer a Sobrino Conſelheiro de Agramante; a Taſſo, que naturalmente deſcreve os coſtumes de hum prudente na peſſoa de Pedro Eremita condutor de Gofredo; e a Virgilio, que com todo o decoro pinta em Achates hum fiel companheiro de Eneas. Porém eſtas culpas de Guarini na pintura dos coſtumes de Linco ſaõ veniaes, comparadas com as que commetteo, repreſentando o caracter

de

de Ergasto, o qual como Ministro de Diana estava obrigado a cuidar só em cousas proprias do lugar sagrado, que lhe fora entregue. Tanto o faz este pelo contrario, que semelhante a hum Servo de huma Thais, entra a ser mediator de fins deshonestos com evidente perigo da ruina de Arcadia, procurando com o precipicio de dous amantes, que se commettesse estupro, e adulterio entre Mirtillo, e Amarillis. Se se disser, que o fizera com boa intençaõ, he huma reposta bem convincente, e bem provada. O que della se tira he, que o Poeta naõ soube, que o decoro he aquella decencia ou nas palavras, ou nas obras accommodada ás cousas, ás pessoas, e aos lugares. Esta regra, que nem em Linco, nem em Ergasto se observa, ainda em Dorinda se vê mais desprezada. Representa-nos Guarini a esta nobre Donzella taõ pouco honesta, que naõ se envergonha publicamente na presença de Linco, e de hum servo de fallar de paixoens amorosas, de se vestir com vestidos desconhecidos, e misturarse com infinito povo em hum espectaculo publico, e finalmente de pedir osculos a Silvio, e de offerecerlhe os seus peitos; acçoens proprias de huma mulher prostituta. Infinitos exemplos tinha o Poeta para ser decoroso; e se lesse a Euripides na sua *Elena* acharia V. 108. que diz:

Non est honestum virginibus progredi in conventum hominum.

E no seu *Hercules Alceo* .v 1052. diz:

Puella quomodò versans inter juvenes illibata erit?

O mesmo Poeta Tragicomico no Acto 2. scena 4. confirma o que dizemos, affirmando, que

. . . . Una fanciulla
Lungamente seguita, vagheggiata
Da si leggiadro amante, e quel ch' è peggio,

Biaca-

Baciata, e ribaciata, e ſtarà ſalda?
Pazo è ben chi ſel crede, io gia nol credo.

Pois ſe ſabia, que naõ he honeſta huma mulher, como elle pinta a Dorinda, para que fim faz eſta pintura na ſua Tragicomedia, pervertendo com ella o coſtume poetico, que he o meſmo, que o moral? O certo he, que eſta eſpecie de Poeſia, aſſim como he monſtruoſa na ſua origem, ſegundo já diſſemos, aſſim he defeituoſa no caracter dos ſeus principaes ſujeitos. Muito puderamos dizer a reſpeito de algumas ſcenas, que introduz demaſiadamente affectadas, como v. g. de eccos, reſpondendo eſtes á voz, como ſe foſſem animados, ou de verſos feitos com tal artificio, que huns naõ tem mais palavras do que outros, e parece, que para ſe dizerem, era preciſo, que os repreſentantes tiveſſem antes fallado entre ſi, e concordado no que haviaõ dizer: porém já deſtes defeitos tratámos largamente no principio deſta Arte, tratando do veroſimil, e das imagens fantaſticas, e intellectuaes &c. Naõ obſtante eſta critica, devemos confeſſar, que eſte Poeta tem huma locuçaõ perfeitamente culta, e pura, que tem admiraveis ſentenças, ás quaes naõ repugna a natureza, e excellentes imagens poeticas, ſobre huma metrificaçaõ, que facilmente naõ terá igual, pela ſua natural doçura, e igualdade: aſſim todos eſtes excellentes requiſitos ſe empregaſſem em outra fabula, que naõ foſſe paſtoril, á qual naõ he muito veroſimil a dicçaõ taõ culta, e as ſentenças profundas; porque os que fallaõ, ſempre ſaõ peſſoas do campo, ainda que naquella Corte ruſtica ſejaõ principaes algumas dellas. Menos defeituoſa he neſta parte a *Aminta* de Taſſo, e a *Filli di Sciro* do Conde Bonarelli, ſe-

 gundo

gundo a opiniaõ dos melhores criticos Italianos.

Efte he o juizo, que com penna fuccinta fe deve fazer do *Paftor Fido*, que tantos applaufos ouvio no mundo literario, logo que fahio a publico, pois o traduziraõ tantas naçoens: hoje na melhor parte dellas já fe extinguiraõ eftes louvores. Sey, que os Francezes, e Italianos quafi que abominaõ efta Tragicomedia pelos feus infinitos erros, e defeitos, os quaes pediaõ hum largo volume, fe quizeffemos cenfurar todos. Entre os Hefpanhoes ainda Guarini eftá confervando a mefma antiga reputaçaõ; porque nefta naçaõ ainda naõ eftá eftabelecido o bom gofto da verdadeira Poefia, e as fuas verdadeiras regras: fempre com tudo nefte juizo queremos exceptuar alguns felices engenhos Hefpanhoes, que já tem aberto os olhos, e deixado de adorar como outros por teima a Poefia do fim do feculo de quinhentos, e de todo o feculo paffado, no qual parece, que fe empenharaõ em defacreditar efta Arte divina os melhores Poetas de todas as nafcoens mais cultas.

ARTE

ARTE POETICA.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Da natureza, e definiçaõ do Poema Epico.

DEPOIS de termos discorrido da Tragedia, e Comedia com aquella clareza, e bom methodo, que nos foy possivel, e termos com estas especies da Poesia feito os fundamentos para a Epopeia, resta agora levantar o magestoso edificio do Poema Epico, explicando com a mesma ordem, que até aqui temos seguido, a sua natureza, e regras; no que naõ seremos muy extensos, porque em muitos preceitos nos referiremos á Tragedia, de quem grandemente depende a Epopeia.

Rigorosamente fallando esta palavra *Poema* he hum termo geral, que inclue em si qualquer genero de Poesia, principalmente sendo feita em verso heroico; isto he, Hexametro, entre Gregos, e Latinos, e entre os Poetas vulgares sendo ordenada em oitavas, sem que necessite de outra alguma circunstancia, como affirma Paulo Beni pag. 142. e 483. e o Padre Le Bossu

no ſeu Tratado do Poema Epico liv. 1. cap. 5. Porém na Epopeia conſidera-ſe o Poema diverſamente; porque a Poeſia Epica deriva-ſe da palavra Grega *Epos*, que val o meſmo, que narraçaõ, diſcurſo, ou palavra; e naõ baſta ſó o verſo para ficar Poema Epico, ſegundo a doutrina de todos os antigos, e modernos. Vamos á definiçaõ delle, porque aſſim he que melhor perceberemos a ſua natureza. Voſſio liv. 3. pag. 1. definio a Epopeia, dizendo: *Eſt igitur Poeſis carmine hexametro perſonarum illuſtrium illuſtres actiones illuſtri narrans oratione.* Eſta definiçaõ naõ he taõ clara, como devera ſer; porque tratando da acçaõ, devia dizer, que ſobre illuſtre, deve ſer perfeita, e de juſta grandeza. No meſmo eſquecimento cahio Antonio Lullo; porque ſó diſſe, que *Epopeia eſt narratio continua rerum mirabilium, & novitate illuſtrium, verſu heroico deſcripta.* Ainda eſta definiçaõ exprime menos a materia, e fórma do Poema Epico; e o meſmo he tambem a de Ignacio Garcez Ferreira no ſeu Commento a Camoens liv. 2. §. 4. Como Ariſtoteles expreſſamente o naõ definio, eſta he a cauſa porque variaõ tanto os Authores. Entre tanta diverſidade temos nós tambem a occaſiaõ de definir a Epopeia, ſegundo o noſſo juizo, recebendo dos Authores o que nos parece mais acertado. Dizemos pois, que *a Epopeia he a imitaçaõ de huma acçaõ heroica, perfeita, e de juſta grandeza, feita em verſo heroico por modo mixto, de maneira, que cauſe huma ſingular admiraçaõ, e prazer, e ao meſmo tempo excite os animos a amar as virtudes, e as grandes emprezas.* Imitaçaõ Epica he genero commum a todos os Poemas feitos em verſo hexametro, como já diſſemos; porém ſendo *de huma acçaõ heroica*, fica diſtinguindo-ſe dos outros, que imitaõ diverſas

ſas acçoens; e eſta ſó he propria daquelles homens, que pelas ſuas ſingulares virtudes alcançaraõ o nome de heroes. Eſta acçaõ como heroica diſtingue-ſe da Tragica, porque a Tragedia ſó imita huma acçaõ, que ſeja illuſtre, a Comedia huma ordinaria, e a Lyrica ainda que algumas vezes imite acçoens heroicas, com tudo he com outro fim, e em outra caſta de verſo, como diz o Padre Donato pag. 252. e por eſta differença, que ha, naõ approvamos as definiçoens daquelles, que diſſeraõ ſer a Epopeia a imitaçaõ de huma acçaõ *illuſtre*. Diſſemos, *perfeita, e de juſta grandeza*; porque ſe for imperfeita, naõ ſerá maravilhoſa, como deve ſer, e ſe naõ tiver juſta grandeza, ſerá difficil a reduzirſe para haver de ſer percebida, e tambem poderá ficar monſtruoſa. Diſſemos por *modo mixto, e em verſo heroico*; porque humas vezes falla o Poeta, e outras introduz peſſoas a fallar, fazendo-ſe deſte modo huma narraçaõ dramatica; e niſto ſe diſtingue da Tragedia, e Comedia, como já temos dito; porque eſtas imitaõ por meyo de repreſentaçaõ, e naõ de narraçaõ, devendo o Poeta Tragico, ou Comico occultar ſempre a ſua peſſoa, e introduzir outras a diſcorrer. O verſo heroico he o mais proprio para os aſſumptos Epicos, porque tem excellente harmonia, e gravidade, e a elle correſponde nas linguas vulgares o hendecaſyllabo, e mais propriamente as outavas, ſegundo o juizo do doutiſſimo Marquez *Orſi* nas ſuas Conſideraçoens *Sopra la maniera di ben penſare*. Diſſemos finalmente, *que cauſe huma ſingular adiniraçaõ, e prazer, e ao meſmo tempo excite os animos a amar as virtudes, e as grandes emprezas*; porque a acçaõ, e mais accidentes, que lhe pertencerem, devem eſtar fóra da regra ordinaria dos ſucceſſos, e tudo no ſeu genero deve ſer maravilhoſo.

lhoſo. Igualmente ſe haõ de excitar os animos a praticar ſemelhantes virtudes; e emprender taes facçoens; porque eſte he o fim da Epopeia, aſſim como o da Tragedia he mover o terror, e compaixaõ, e o da Comedia, a eſperança, e goſto. Aſſim parece, que Virgilio o quiz dar a entender, quando no liv. 12. introduzio a Eneas fallando com ſeu filho Aſcanio, e dizendolhe:

Diſce, puer, virtutem ex me, verumque laborem,
Fortunam ex aliis: te nunc mea dextera bello
Defenſum dabit, & magna inter præmia ducet.

Porém ou para ſatisfazer a curioſidade de huns, ou para nos fazermos mais intelligivel á curta capacidade de outros, he preciſo dizermos, que couſa ſe entende por acçaõ heroica. Entendemos por ella aquella acçaõ, que ſendo feita por hum homem mortal, parece, que eſtá fóra da poſſibilidade do homem. Ariſtoteles oppoem eſta virtude ao vicio da fereza; porque aſſim como o homem, que naõ tem humanidade, ſe parece com as féras, aſſim o que he dotado da virtude heroica quaſi ſe exime da mortalidade; por iſſo o Filoſofo diſſe, fallando do deshumano: *Non hominem, ſed feram eſſe dicamus*, e tratando do de virtude ſublime: *Eſt autem talis* (virtus) *ſupra hominem, velut heroica quædam, & divina.* O homem per ſi ſó naõ he capaz de ſubir a hum gráo taõ eminente de virtudes; por iſſo os Poetas gentilicos fingiraõ, que tudo quanto obrou Achilles, Eneas, Diomedes, e outros Heroes fora por patrocinio de Pallas, de Venus, de Marte, e de outras divindades. Nós outros os Catholicos naõ fingimos, mas firmemente cremos, que todas as acçoens heroicas dependem da ajuda de Deos, de quem procede tudo o que he perfeito; porque a noſſa natureza como corrupta ſim póde

de obrar alguma cousa boa, porém naõ tudo segundo os bons costumes. Assentado pois, em que deve ser heroica a acçaõ da Epopeia, claramente se vê, que esta naõ ha de ser a expugnaçaõ de hum Castello arruinado, em que viviaõ gralhas, como fez Zipoli no seu *Malmantile racquistato*; nem a conquista de hum balde de páo, como o Poema de Tassoni, intitulado *Secchia rapita*; nem a questaõ entre certos Conegos divididos em parcialidades sobre huma estante do seu coro, como fez Boileau no seu *Lutrin*; nem como a *Troya rapita*, formando-se de huma porca, que se furtou, e outros muitos Poemas deste genero, que se compozeraõ por capricho, e bisarria do engenho; mas sim, como diz Horacio, apontando o verso, que convem á Epopeia:

Res gestæ, regumque, ducumque, & tristia bella,
Quo scribi possent numero, monstravit Homerus.

CAPITULO II.

Das propriedades, que deve ter a acçaõ heroica, para ser materia conveniente ao Poema Epico.

A Fabula heroica deve ter sete propriedades: deve ser *grande*, *unica*, *de duraçaõ determinada*, *de exito feliz*, *fundada na verdade da historia*, *acompanhada da verdadeira Religiaõ*, *e naõ muito moderna*, *nem demasiadamente antiga*. Nestas se incluem outras, que pelo discurso deste Capitulo hiremos apontando. Sobre a sua *grandeza*, isto he, sobre ser heroica, já temos dito o que basta, e agora o confirmamos com o exemplo da fabula da Lusiada, que he taõ

relevante, que resultou della hum *novo Reino*, *e a introducçaõ da verdadeira Fé*, conseguindo-se tudo, por se exporem os Portuguezes a *mares nunca d'antes navegados*. A segunda propriedade he ser *unica*, de que tambem já bastantemente tratámos no liv. 2. fallando da Tragedia: agora tornaremos a advertir, que para a acçaõ ser unica, naõ basta, que o Heroe da fabula seja hum só; porque de hum mesmo homem se pódem referir muitas, e diversas acçoens, como erradamente fez Estacio na sua *Achilleida*, em que trata da mayor parte das acçoens de Achilles. Tambem naõ basta, que o tempo seja hum só; porque em hum mesmo tempo succedem diversas acçoens; o que só he proprio para referir a historia; e por esta causa estaõ fóra da classe de Poemas, e de merecerem rigorosamente o titulo de Epopeias, a *Mexicana* de Gabriel Lasso, a *Austriada* de Joaõ Rufo, a *Farsalia* de Lucano, a *Hespaña Libertada* de Dona Bernarda Ferreira, a *Araucana* de Ercilla, a *Vida de S. Joseph* de Valdivieso, o Poema *de Bello Punico* de Silio Italico, e outros muitos semelhantes a estes, em que seus Authores propriamente fallando escreveraõ huma historia. O que he preciso para a perfeiçaõ da unidade da fabula he, que a acçaõ seja huma só, e tambem hum só o Heroe principal della; porque seria contra o essencial da belleza, que reduz todas as suas qualidades á unidade, se tivesse duas cabeças a Epopeia, que, como já temos dito, he semelhante a hum corpo composto de varios membros de justa proporçaõ, e boa symetria. Esta unidade do Heroe principal naõ exclue, que no Poema haja outras pessoas illustres, que tambem operem para a acçaõ; porque o Heroe Epico naõ ha de ser *solitario*, como pertendem sem fundamento alguns diversos Authores,

que

que entenderaõ os Textos ao pé da letra, ſem repararem, que he contra todo o veroſimil ſer huma Cidade bem defendida, e hum exercito poderoſo ſer derrotado por hum ſó homem, ſem haver outros, que diſtinctamente o ajudem na ſua acçaõ, ſobre o que veja-ſe o que diz Taſſo no liv. 2. do ſeu Tratado do *Poema heroico.* A terceira propriedade he ter *determinada duraçaõ*; para que facilmente ſe poſſa comprehender o ſeu principio, meyo, e fim. Verdade he, que eſta duraçaõ naõ deve ſer taõ breve, como a da Tragedia, que ſe limita ao eſpaço de hum ſó dia, ou quando muito de dous, ſegundo Pontano na ſua Poetica liv. 2. cap. 19. Eſta doutrina he muy confórme ás regras naturaes; porque a repreſentaçaõ Dramatica como he continuada, e naõ dá lugar a que ſe poſſa meditar, e recorrer ao que já ſe repreſentou, deve ſer breve para ſe perceber; porém a Epopeia, como ſómente ſe faz para ſer lida, deve ſer mayor, para o leitor poder parar, revolver o que tem lido, e fazer as reflexoens, que quizer. Eſta mayoria naõ ha de ſer tanta, que ſe confunda a memoria, e ſe caya no vicio, que commetteo Arioſto no ſeu *Orlando Furioſo*, e Lope de Vega na ſua *Jeruſalem.* Sobre a determinaçaõ deſte eſpaço de tempo ha muita controverſia nos Authores. Paulo Beni comentando a Poetica de Ariſtoteles partic. 31. e 48. diz, que a Epopeia naõ tem tempo certo, e definido, como hum dia, hum anno, hum luſtro &c. mas que tem ſeu tempo determinado, em que ſe ha de concluir. O meſmo ſegue Vicente Maggio comentando a meſma Poetica do Filoſofo, partic. 126. dizendo: *Actio, quam Epici imitantur, temporis ſpatio non urgetur; itaque multorum annorum eſſe poteſt.* Porém eſta opiniaõ naõ he a recebida; porque naõ tem fundamento

solido, em que se estabelecer; ainda que haja a authoridade de Aristoteles, como prova Alexandre Piccolomini, comentando-lhe a sua Poetica. A doutrina mais seguida he, que a fabula Epica naõ exceda o tempo de hum anno, ou dous, assim como o da Tragedia, e Comedia, o de hum dia, ou dous; o que se confirma com o exemplo de Homero, e Virgilio, segundo Viperani Poetic. liv. 2. cap. 6. e Minturno Poetic. liv. 2. pag. 133. Em Homero naõ corre taõ direita esta doutrina; porque para a acçaõ da *Iliada* elegeo o tempo de cincoenta dias, e para a da *Odissea* o de quasi dous mezes: em Virgilio sim; pois a acçaõ do seu Poema dura hum anno; porque tanto vay, depois que Eneas navegava á vista de Sicilia (que he onde tem principio aquella acçaõ no liv. 1. v. 34. *Vix è conspectu &c.*) até ao ultimo livro, em que com a morte de Turno dá fim a fabula. O nosso Camoens até nesta parte imitou a Virgilio; porque pouco mais de anno se passa, depois que descreve a Vasco da Gama navegando com os Portuguezes, até que tornaraõ para a Patria com as novas da acçaõ, que se obrara na India, que descobriraõ. Naõ pertendemos com estes exemplos dar huma regra fixa, e certa da duraçaõ da fabula Epica; mas sómente formar huma conjectura racional; porque compondo-se o Poema heroico de sujeito indeterminado de quantidade, naõ se lhe póde assinar huma effectiva grandeza. O que se póde dizer he, que todas as acçoens da Epopeia, alem da unidade, devem ser completas, e grandes; porquanto póde haver alguma acçaõ grande, que naõ seja completa, e póde haver alguma completa, que naõ seja grande. O bom Epico poderá aconselhar-se com a natureza, reflectindo, em que a grandeza acompanhada da proporçaõ causa formosura, e per-

feiçaõ

feiçaõ á cousa; e segundo for o sujeito poetico, assim deve ser a sua grandeza. Por esta razaõ judiciosamente Claudiano restringio em tres livros o seu Poema *De raptu Proserpinæ*; porque naõ comprehendia mais que hum simples roubo de huma mulher. Pelo contrario Virgilio, Homero, Tasso, e outros Epicos abraçando ampla materia, e argumento gravissimo, como de guerras, expugnaçoens, e outras semelhantes emprezas, justamente extenderaõ as suas fabulas em muitos livros; porque sem muito tempo, e sem diversissimos accidentes naõ era verosimil, que pudessem terminar o seu assumpto. A quarta propriedade da Epopeia he, que seja *de exito feliz*, a fim de poder dispor os animos para a imitaçaõ; e o contrario seria hum improporcionado exemplar, como o que nos deixou Estacio, fazendo sahir os seus Heroes com tanta deshonra da guerra Thebana. Naõ o seguio Camoens, porque o exito do seu Poema he a entrada de Vasco da Gama, e seus companheiros pela barra de Lisboa, trazendo a alegre noticia de deixar descoberto hum novo Imperio ao Reino de Portugal. A quinta propriedade he, que a acçaõ seja *fundada na verdade da Historia*; isto he, que o Heroe seja verdadeiro, e que vivesse em algum tempo; porque servindo a Epopeia de excitar os animos ao amor da virtude, claro está, que naõ se póde conseguir bem este fim, propondo como exemplar de virtudes a hum Heroe, que nunca houve, e descrevendo acçoens, que já mais succederaõ. Neste erro cahiraõ o Boccaccio na sua *Theseide*, o Alamanni na sua *Avarchide*, o Pulci no seu *Morgante*, Bernardo Tasso no seu *Amadige*, e no *Floridante*, e os dous Orlandistas Boiardo, e Ariosto; vicio, de que protestou fugir o nosso Camoens, como lemos claramente na Estanc. 11. do

liv. I. invocando ao ſeu Mecenas. A ſexta propriedade he, que a acçaõ *ſeja acompanhada com a verdadeira religiaõ*; porque, como o Heroe neceſſita de huma particular ajuda de Deos, para conſeguir o fim da ſua grande acçaõ, deve perfeitamente obſervar a piedade, religiaõ, juſtiça, e todas as demais virtudes; e por eſte fundamento naõ deve a acçaõ Epica ter principio em alguma couſa indigna, como v. g. roubo, ou guerra injuſta contra os pays &c. Naõ obſervou eſta propriedade Gabriel Pereira de Caſtro na ſua *Ulyſſea*, como fez Camoens; porque ſendo Poeta Catholico tomou por ſeu Heroe a Ulyſſes, que foy hum Gentio; e por eſta razaõ naõ he injuſta a critica, que ſe faz neſta parte ao ſeu Poema. A ultima propriedade da Epopeia he, *que naõ ſeja muito moderna*, *nem demaſiadamente antiga*, e o fundamento he muy natural; porque para ſe formar, como deve ſer, o maravilhoſo da fabula devem-ſe attribuir ao Heroe principal muitos fingimentos ſobrenaturaes; e ſe a acçaõ he muito moderna, naõ ha lugar para ficçoens; pois a freſca memoria dos ſucceſſos as eſtá contradizendo; e ſe he demaſiadamente antiga, facilmente ſe commetteráõ nella graves abſurdos, introduzindo-ſe a pezar do veroſimil muitos coſtumes differentes, e repugnantes aos noſſos; iſto he, aos que ſe praticaõ no tempo do Poeta. No primeiro defeito, ſegundo Garcez Ferreira, incorreo Camoens; porque tomou por aſſumpto huma acçaõ, que ſuccedera cincoenta annos antes, que elle a principiaſſe a deſcrever: e no ſegundo vicio cahio Gabriel Pereira, e Miguel da Silveira, eſte eſcolhendo para a acçaõ do ſeu Poema a reſtauraçaõ do Templo de Jeruſalem por Judas Macabeo, e aquelle a edificaçaõ de Lisboa por Ulyſſes; o que tudo he de tanta antiguidade, como

ſabe

ſabe qualquer. E por eſta razaõ deve o Poeta buſcar para a ſua acçaõ huma tal antiguidade, qual enſina, entre outros muitos Authores, o Padre Donato, dizendo na ſua Poetica pag. 259. *Sit ergo media quædam ratio antiquitatis, cui liceat multa affingere, neque à noſtris aliena.*

CAPITULO III.

Da fabula Epica, e ſuas propriedades; trata-ſe tambem das do Heroe.

POr ſatisfazer ao noſſo eſcrupulo, he que formamos eſte Capitulo, porque tratando da Tragedia, já largamente eſcrevemos das propriedades da ſua fabula, que ſaõ as meſmas, que pertencem á da Epopeia; como *implexaõ*, *veroſimilidade integridade*, *grandeza*, *unidade*, *epiſodio*, *e admirabilidade.* Já tratámos tambem dos *coſtumes*, da *ſentença*, e da *dicçaõ*, que igualmente he a fórma do Poema heroico. Agora diremos alguma couſa, que nos for occorrendo, ſobre o em que convem, e deſconvem a Epopeia com a Tragedia, e a reſpeito do uſo, que ſe deve praticar neſtas duas eſpecies da Poeſia. He certo, que a fabula Epica convem com a Tragica nas partes da qualidade, como diſſemos; mas com tudo differe em naõ ter como a Tragedia *Apparato*, *e melodîa*; de modo, que diz Ariſtoteles no Cap.5. da ſua Poetica: *Quæ enim ſunt in Epico, etiam ſunt in Tragedia. Quæ verò hæc habet, ea non omnia in Epico inſunt.* Differe mais, em que a acçaõ tragica ſim póde ſer *admiravel*, porém naõ *quaſi incrivel* ao juizo dos ſabios, como na Epopeia;

peia; e a razaõ he, porque neſta narra-ſe, e naquella repreſenta-ſe; e por iſſo como he couſa, que ſe vê, naõ ſe póde repreſentar o que parece incrivel. Eſta admirabilidade deve ſer de modo, que naõ ha de conſiſtir em ſe aggregarem muitas acçoens, que excedaõ as forças humanas; mas ſim em formar a acçaõ principal com hum tal contexto de couſas engenhoſas, e inſperadas, que venhaõ a fazer o maravilhoſo; como fizeraõ os antigos Poetas gentios, introduzindo na fabula as ſuas falſas divindades, e os Catholicos, a Deos, aos Anjos, Santos, virtudes ſobrenaturaes &c. Em quanto á *ſentença*, tambem a Epopeia naõ pede tanto uſo della, como a Tragedia; porque naõ he taõ propria do que ſe narra, como do que ſe repreſenta. Convem porém huma, e outra eſpecie de Poeſia na *dicçaõ*, *na oraçaõ morata*, *no verſo ſublime*, *nos affectos*, (ainda que os patheticos pertençaõ mais á Tragedia) *na Agniçaõ*, *na Peripeſia*, e em outras muitas couſas, que já temos diverſas vezes apontado pelo diſcurſo deſte livro. Convem igualmente nos *Epiſodios*, ainda que os Epicos devem ſer mayores, que os Tragicos, ou Comicos; porque eſtes como repreſentados tem huma determinada, e breve duraçaõ, para que a fabula naõ exceda o ſeu tempo prefixo, e ſe faça inveroſimil; o que naõ ſuccede na Epopeia, por naõ eſtar ſujeita a regras taõ eſtreitas, ſendo narraçaõ, e naõ repreſentaçaõ. Dadas eſtas doutrinas, paſſaremos a tratar das propriedades do Heroe. Deve o Poeta Epico formar os coſtumes do ſeu Heroe todos raros, ſublimes, e admiraveis quanto veroſimilmente puder ſer. Ha de ſer ornado de huma bondade naõ ſó poetica, mas tambem moral; porque de outro modo ficará ſendo hum exemplar indigno de ſe imitar. Seraõ virtudes muy proprias delle a humanidade,

nidade, a prudencia, a generoſidade, a força, e ſobre tudo o valor na guerra; motivo porque todos os aſſumptos das Epopeias perfeitas ſaõ de guerras, e todos os ſeus Heroes militares, e guerreiros. Naõ ſó ao Heroe principal, mas ainda aos outros ſecundarios, deve formar o Poeta, ſegundo o decoro militar. Ariſtoteles na Ethica liv. 4. cap. 8. tratando de hum Heroe, diz aſſim: *Magnanimus neque ſeſe offert ad caſus parvulorum periculorum, neque periculi adeundi cupidus eſt: quoniam pauca ſunt quæ magnifacit. Magnis autem periculis ſeſe objicit, & cùm in diſcrimine verſatur, vitæ non parcit; perinde quaſi planè indignum ſit, eum in vitâ manere.* Taſſo foy hum bom obſervador deſta regra, como ſe lê no Canto 20. Eſtanc. 59. tratando de Rinaldo, e no Canto 18. Eſtanc. 72. fallando do meſmo Capitaõ, alèm de outros muitos lugares, em que pinta vivamente no ſeu Gofredo a imagem de hum perfeito Heroe. Camoens algumas vezes ſe deſcuidou, como diremos em outro lugar; e o meſmo defeito padece a Eneada em diverſas partes, humas vezes fazendo a Eneas medroſo, outras a Pirro cruel, e outras a Turno puſillanime, como largamente prova o Apatiſta nos ſeus Proginaſmas. Mas quem ſobre todos obſervou bem pouco o carecter dos Heroes, foy Arioſto, como he ſabido, e baſtarà a barbara, e iniqua acçaõ, que no Canto 5. e 6. finge em Ariodante de querer matar a ſeu irmaõ, para ſatisfazer á ſua paixaõ amoroſa; o que juſtamente condemnou a Cruſca no ſegundo *Infarinato* pag. 286. Eſtes coſtumes do Heroe, ou eſte caracter, que val o meſmo, que huma couſa propria eſpecialmente de huma peſſoa, e naõ de outra, tambem tem a ſua unidade como a fabula, ſegundo a doutrina do Padre Le Boſſù no ſeu Tratado do Poema Epico, liv. 4. cap. 12.

e 14.

e 14. Certamente he coufa verofimil, e muy conforme á razaõ, que o Heroe moftre em todas as occafioens, que he o mefmo, e que he elle fempre o que obra as acçoens de mayor importancia. Deve moftrar em todos os accidentes fuftentado em gráo fublime aquelle compofto de virtudes, e qualidades, que nelle pinta o Poeta; fem que obfte conftar talvez o contrario pela hiftoria; porque a Epica, que ferve para a imitaçaõ, e para moftrar o maravilhofo, naõ attende para o que foy realmente, mas para o que verofimilmente devia fer; e por efte motivo he, que entendo preferio Ariftoteles a Poefia á Hiftoria: e com effeito nos Annaes Gregos, e Romanos naõ defcobriremos algum Heroe taõ perfeito, como qualquer dos que finge a Poefia. v. g. Alexandre Magno foy hum admiravel guerreiro, mas tambem hum igual temerario. Annibal teve hum fingular esforço, mas tambem teve hum animo infiel, e enganador. Julio Cefar a ninguem cedeo nas armas, mas pegou nellas contra a Patria, ambiciofo de fer nella o primeiro. Ultimamente dizemos, que entre o tal compofto de muitas virtudes, que devem ornar ao Heroe, fempre ha de fobrefahir huma de tal modo, que reine em todo o Poema, e feja como a alma de todas as acçoens, que fizer o mefmo Heroe. A primeira qualidade, v. g. em Eneas he a bondade, em Vafco da Gama o animo intrepido, em Achilles a colera, em Ulyffes a diffimulaçaõ, e em Gofredo a piedade; e cada huma deftas qualidades, e virtudes he propriamente o caracter, porque he a que diftingue aquella peffoa de todas as mais, que tambem devem ter diverfos coftumes, ou fejaõ viciofos, ou virtuofos, ainda que nelles fim fe deve cançar muito o Poeta, mas naõ tanto como nos do Heroe principal, á maneira do pintor, que em hum quadro

dro de muitas figuras a todas pinta diverſamente, mas ſempre a principal he a que lhe leva todo o cuidado, e eſtudo. Algumas peſſoas ha no Poema, que naõ importa repreſentarlhes vivamente o ſeu caracter; ha outras, que ſó ſervem de numero, e naõ he preciſo pintarlhes algum coſtume; á imitaçaõ do meſmo pintor, que ſó forma de corpo inteiro a figura principal do ſeu quadro, e deixa a outras ou de meyo corpo, ou pintadas tanto ao longe, que naõ ſe lhe diſtingue a figuraçaõ dos ſeus membros.

CAPITULO IV.

Das Machinas, ou Deidades.

JA' igualmente diſſemos, tratando da Tragedia, que as machinas foraõ nella introduzidas, para por meyo de alguma divindade dar o Poeta ſoluçaõ ás couſas, que natural, e humanamente ſe naõ poderiaõ reſolver. Tambem diſſemos, que eſta liberdade, que tem a Tragedia, he ſó em caſo de huma grande neceſſidade, como diſſe Horacio na ſua Poetica:

Nec Deus interſit, niſi dignus vindice nodus &c.

Agora diremos, que na Epopeia naõ he taõ eſtreita eſta regra, e limitaçaõ; mas antes, que muitas vezes o ſeu mayor adorno he ſervirſe deſtas machinas, ou deidades; porque póde com toda a liberdade buſcar nos dilatados eſpaços da fantaſia as allegorias, que lhe forem convenientes. Confirma-ſe eſta doutrina com huma authoridade de Petronio, quando diſſe: *Per ambages, Deorumque miniſteria, & fabuloſum ſententiarum tormentum præcipitandus eſt liber ſpiritus,*

ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quàm religiosæ orationis sub testibus fides. Entraõ estas divindades na Epica, ou obrando nella visivelmente, como na Eneada Juno, Venus &c. ou invisivelmente com inspiraçoens, como no mesmo Poema se vê em Juno dando animo a Turno: *Juno vires, animumque ministrat*; em Venus inspirando a seu filho Eneas, que escalasse os muros da Cidade dos Latinos: *Hic mentem Æneæ Genitrix pulcherrima misit, iret ut ad muros &c.* e em Jupiter inflamando a Mesencio a entrar na batalha contra Eneas: *At Jovis interea monitis Mesentius ardens, succedit pugnæ &c.* Naõ será justo passarmos aqui em silencio huma grande questaõ, que ha entre os mayores Criticos da poetica sobre hum ponto, que toca a esta materia, de que tratamos; e he se deve o Poeta Catholico usar no seu Poema de divindades gentilicas O insigne Boileau no Canto 3. da sua Poetica, Menzini Poetica liv. 2. e outros de igual authoridade seguem, que sim; porém como a razaõ vence a authoridade, naõ seguimos nesta parte as doutrinas destes grandes Mestres. Entre os Catholicos he cousa evidente, e de fé, que todas as divindades do Paganismo foraõ fabulosas; e deste modo naõ se póde descobrir meyo, com que estas possaõ entrar em huma Epopeia feita por penna catholica; porque naõ vem a significar cousa alguma, principalmente attribuindo-lhes como os Gentios poder, e attributos divinos, e pintando-as com aquellas mesmas cores, com que as pintava a Poesia gentilica, segundo fez Camoens; e por este motivo naõ póde subsistir a opiniaõ de Garcez Ferreira commentando a este Poeta, em que diz, que por estas falsas divindades se pódem entender os Planetas, e causas segundas; pois a cada passo nos pinta Camoens,

v. g.

v. g. Venus, Baccho, e outros Deoſes, como os formariaõ os Poetas pagãos. Eu bem ſey, que he proprio da Epopeia o que he admiravel, e extraordinario; mas tambem ſey, que por conta diſto naõ deve padecer o veroſimil, como fica padecendo com a introducçaõ de divindades fabuloſas, figurando nellas os attributos do verdadeiro Deos. Daqui vem, que alèm do inveroſimil, ſe naõ inſtruem os coſtumes como deve ſer; porque os Poetas, que uſaõ de ſemelhante liberdade, naõ fazem mais, que fazer perder o tempo, ainda que agradavelmente, como diz o Padre Lamy nas ſuas novas Reflexoens ſobre a Arte Poetica p. 2. cap. 13. O ſeu modo de eſcrever he todo pagaõ, e cheyo de fabulas; e por iſſo os verſos, que fazem, ainda que ſejaõ bons no verſificatorio, pouca eſtimaçaõ merecem a reſpeito do poetico, porque naõ ſignificaõ couſa alguma. Querem eſtes Authores, que commettem ſemelhante defeito, buſcar a ſua defeza na authoridade dos antigos, ſem reflectirem, que as fabulas eraõ parte da crença dos pagãos, e que os Poetas gentilicos naõ as inventavaõ, mas fallavaõ ſegundo a commua opiniaõ; e deſte modo he, que inſtruîaõ os póvos. Conſiderando neſta verdade he, que Taſſo no ſeu Poema naõ introduzio ſemelhantes divindades, ſenaõ Anjos bons, e máos, Magos &c. o meſmo fez Arioſto, e os melhores Epicos, perſuadidos, que naõ era couſa toleravel entre Poetas Catholicos, e aſſumptos chriſtãos a introducçaõ de falſos deoſes, por mais pretextos, que foſſem buſcar ás allegorias para ſe deſculparem. Temos neſte ponto dito o que baſta para hum juizo, que for pio, prudente, e claro; e quem neſte particular quizer mais razoens, que o convençaõ, lea a Caſcales, Rolin, Lamy, Luzan, Donato, e o Padre Le Boſſu, que prova

largamente ser só proprio da Epopeia catholica a introducçaõ de Anjos, e demonios, principalmente sendo por simplices inspiraçoens, que he o modo menos milagroso, e extraordinario; porque he commum dizermos, que em huma acçaõ nos ajudou o nosso Anjo da guarda, e que em outra nos tentou o demonio. Tudo quanto temos dito até aqui, he pelo que respeita ao theologico; porque em quanto ao fysico, e moral póde o Poeta Epico sem o minimo escrupulo de commetter erros contra as regras, usar de expressoens gentilicas, que universalmente estaõ recebidas na Poetica para ornato da Poesia. Pode-se dizer, fallando v. g. de huma guerra, que Marte accendera o animo dos combatentes; tratando de huma tempestade, que Neptuno agitara os mares, e Eolo soltara os ventos furiosos &c. A mesma liberdade se póde tomar explicando, como faziaõ os antigos, os dotes da natureza por meyo de alguma divindade, v. g. a formosura por Venus, a sciencia por Minerva, o valor por Marte &c. Advertimos ultimamente, que esta licença dada ao Poeta de introduzir machinas na sua Epopeia, tem huma limitaçaõ, e he, que a tal presença da divindade, que se introduz, naõ deslustre o Heroe, obrando elle só, e naõ lhe deixando lugar para elle luzir; porque ficaria entaõ indecoroso o caracter da figura fatal, representando-a ociosa, e esperando por milagres visiveis do Ceo para conseguir a sua empreza. Contra esta regra, que tanto abraça o entendimento, peccou Botelho no seu *Alfonso*; porque querendo descrever o assalto de huma Cidade, diminuío a gloria do seu Heroe, introduzindo os Anjos a executar esta acçaõ, que só era propria delle, e dos seus soldados. Eu quizera, que este soccorro divino naõ fosse visivel, mas sim por meyo de inspiraçaõ, e as-

e aſſiſtencia; porque entaõ ficava eſta machina muy veroſimil, e propria para a acçaõ de hum Heroe Catholico, moſtrando-ſe, que pelas ſuas virtudes ſe faz merecedor, de que o Ceo o favoreça.

CAPITULO V.

Das partes de quantidade da Epopeia; trata-ſe do titulo do Poema.

TEm o Poema Epico as ſuas partes de quantidade, e nellas ſe diſtingue da Tragedia, concordando ſó com ella nas de qualidade. Humas deſtas partes ſaõ neceſſarias, outras naõ ſaõ preciſas. As neceſſarias ſaõ quatro: o *Titulo*, a *Propoſiçaõ*, a *Invocaçaõ*, e a *Narraçaõ*; as que naõ ſaõ preciſas, ſaõ duas: *Dedicaçaõ*, e *Epilogo*. Quanto ao Titulo ha ſua variedade nos melhores Poetas. Huns o derivaraõ do Heroe, outros do lugar; como fez Virgilio, pondo *Eneada*, deduzindo eſte Titulo da peſſoa, e Homero pondo *Iliada*, alludindo ao lugar, que foy *Ilio*, ou Troya; porém em quanto a mim tenho por mais nobre aquelle Titulo, que ſe deduz do Heroe, que do lugar; porque eſte he o ſujeito da acçaõ, e aquelle a cauſa efficiente; por iſſo mais bem conſiderado foy dizer *Odiſſea*, que *Iliada*, *Achilleida*, que *Thebaida* &c. Para a bondade do Titulo poetico devem concorrer duas qualidades eſpeciaes, que ſaõ, como dizem muitos Authores, *Amabilidade*, e *Gravidade*. A amabilidade conſiſte em que naõ ſeja de ſom aſpero, de compoſiçaõ extravagante, e de grandeza tedioſa; e a gravidade, em que ſe afaſte do uſo da proſa. Neſtes vicios

cahio

cahio Claudiano *De Raptu Proſerpinæ*, Quinto Smirneo no *Paralipomenon Homeri*; e entre os modernos Fracaſtorio no ſeu *Syphilis*, e Bargeo no ſeu *Cynegeticon*, e *Ixeuticon*; porque foy uſo eſtragado dos ſeculos paſſados intitular as Obras com titulos de linguas mortas, ou eſtranhas, perſuadindo-ſe ſeus Authores, que aſſim ſe faziaõ mais admiraveis, e dignos de reſpeito. Quanto mais ſimples for o Titulo, mais grave, e magiſtral ſerá; pois qualquer ha de convir, em que mais louvavel he Homero, pondo no ſeu Poema o titulo de *Ilias*, que Trifiodoro, dizendo *Ilii excidium.* Igualmente deſcubro mayor mageſtade nos Titulos, que ſe formaõ de hum ſubſtantivo, que de hum adjectivo, e por iſſo mais imitavel me parece em Virgilio *Æneis*, que em Nonio Panopolitano, *Dionyſiaca.* Temos de advertir mais ao Poeta, que naõ ha couſa mais contra o decoro, e o bom juizo, do que aquelles Titulos, que ſe duplicaõ com a particula *ou*, e *ſive* &c. porque ficaõ ſendo mais grammaticaes, que poeticos, e perdendo por iſto a ſua mageſtade, e belleza. Por eſte fundamento naõ me ſatisfaz o juizo, com que Taſſo accreſcentou ao ſeu Gofredo as palavras *overo Geruſalemme liberata*, e menos Bargeo pondo ao ſeu Poema o titulo de *Syrias*, *hoc eſt Expeditio illa &c.* aos quaes imitou o noſſo André Bayaõ; porque traduzindo a Luſiada na lingua Latina lhe poz por titulo *Luſiadæ Indiæ Orientalis Argonautæ*; vindo deſte modo a cahir no vicio de pôr hum titulo compoſto de muitas dicçoens, ſe bem que acertou em o particularizar. Igualmente ſaõ defeituoſos aquelles Titulos, que naõ ſe reſtringem ao individuo eſſencial ou de peſſoa, ou de acçaõ, ou de lugar, como v.g. a *Siriada* de Bargeo, a *Africa* de Petrarca, e outros muitos, ſe bem que eſte

te Poeta pertendeo defenderſe da cenſura, que lhe fizera ſobre eſte ponto, como ſe póde ver no ſeu liv. 1. *Rerum memorabilium.* Tambem nos naõ ſatisfazem a *Argonautica* de Orfeo, de Apollonio, e Valerio Flacco, e a *Luſiada* de Camoens; porque neſtes Titulos ſe naõ particulariza couſa alguma ſobre a figura fatal, nem ſobre a acçaõ eſpecial. Taſſo no ſeu celebre Poema he reo de hum grande defeito, pelo que reſpeita ao Titulo, pondo-lhe *Gofredo*; porque eſte Heroe naõ he em tal empreza Capitaõ por natural dominio, ſenaõ por eleiçaõ accidental; aquella guerra naõ era cauſa particular, mas ſim commua a todo o Chriſtianiſmo; a conquiſta daquella Cidade naõ podia ficar na ſua abſoluta juriſdiçaõ, ſenaõ com beneplacito commum, ou authoridade ſuperior; e finalmente a ſua peſſoa naõ he a principal, porque Rinaldo he o que no Poema ſerve a Taſſo de prototypo para a exaltaçaõ, e elogio heroico. Em igual vicio cahio Lucano, e Arioſto; eſte, porque no ſeu Titulo de *Orlando Furioſo* naõ obſerva conveniencia, nem analogia com eſſencia da fabula, que he o ſitio poſto a Pariz; nelle ſe oppoem á hiſtoria, e á fama; he duplicado, e extenſo; e ultimamente he Titulo mais proprio para huma Tragedia, que para huma Epopeia: e Lucano porque pondo *Pharſalia*, buſcou hum lugar, que foy caſual para a guerra, que cantou; o que judicioſamente lhe cenſurou Eſcaligero na ſua Poetica liv. 3. cap, 97. dizendo: *Neque rectè fecit Lucanus, cui Pharſaliæ titulus adeò placuit; nam neque ibi omnia geſta, neque maior pars, neque propter illam, quippe rerum geſtarum Pharſalia neutro modo finis fuit.*

CAPI-

CAPITULO VI.

Da Propoſiçaõ, ſegunda parte de quantidade.

A *Propoſiçaõ* he a primeira couſa, que lemos em huma Epopeia; e por iſſo muitos diſſeraõ, que della era a primeira parte de quantidade. Contém eſta a nua acçaõ do Poema, v. g. huma *guerra*, ou huma *navegaçaõ &c.* e recomendaõ os melhores Meſtres, que para ſer a Propoſiçaõ perfeita deve ter tres condiçoens. A primeira he, que nella ſe naõ uſe de palavras pomposas, e de eſtylo inchado, como fez Eſtacio, Lucano, e outros, como aquelle, que ſegundo Horacio na ſua Poetica, fez a ſua Propoſiçaõ, dizendo:

Fortunam Priami cantabo, & nobile bellum.

A ſegunda condiçaõ he, que á tal Propoſiçaõ ſe accreſcente alguma couſa, da qual reſulte gloria, e elogio a alguma naçaõ, e ſe capte a graça, de algum Principe. Aſſim o praticou Camoens imitando a Virgilio, quando diſſe:

. . . . *Genus unde Latinum*
Albanique Patres, atque altæ mænia Romæ.

A terceira condiçaõ he, que na Propoſiçaõ ſe naõ dê noticia de Epiſodio algum, como bem inadvertidamente fez Camoens, propondo as memorias glorioſas dos noſſos Reys, e de outros, as quaes ſó entraõ no Poema como Epiſodios. Porém para mayor inſtrucçaõ ao Poeta principiante, ſerá bom, que examinemos algumas Propoſiçoens dos melhores Epicos; porque deſte modo ſe poderáõ melhor expender as doutrinas, que ſe devem dar neſte ponto. Principiemos pela da Eneada. Nada temos, que cenſurar a reſpeito do ſeu eſtylo; porque

he

he huma Proposiçaõ feita com facilidade, singeleza, e moderaçaõ. Naõ louva Virgilio demasiadamente ao seu Heroe, e só diz, que fora insigne no valor, e na piedade: naõ lhe especifica acçoens, e só aponta, que padecera muito por mar, e terra. Porém a respeito de outras cousas, naõ deixa este Poeta de padecer seus reparos. Primeiramente deve entrar com liberdade a critica nos primeiros quatro versos *Ille ego qui quondam* &c. os quaes tirou Varo como improprios, segundo diz Donato Grammatico na vida de Virgilio, referindo-se a huma authoridade de Niso antigo Grammatico. A razaõ, que teve Virgilio, como diz o mesmo Donato, para principiar por estes versos, foy porque temeo, que por sua morte se fizesse alguem Plagiario com o seu Poema; porém este motivo foy muy frivolo; porque podia evitar o seu receyo por outro modo, ou naõ se lhe dar de tal, como fez Xenofonte, que nunca se nomeou na sua Historia, senaõ em terceira pessoa, Ammiano Marcellino, que só poz, *Hæc ut miles quondam, & Græcus explicavi*, e sobre tudo Homero, a quem Virgilio pretendeo imitar tanto, o qual em nenhum dos seus Poemas fez mençaõ de si; e por isso mereceo justamente, que delle se dissesse: *Homerus autem ita ingenuus erat, & magnanimus, ut nusquam appareat in poesi sui meminisse.* Supponho, que os bem instruidos na Poesia já sabem em que devem ser censurados estes quatro primeiros versos da Eneada, que he, em serem muito humildes, e de materia plebea. He certo, que este principio naõ corresponde á gravidade do seu argumento; e se alguem disser, que usou desta baixeza, porque fallava de cousas do campo, responde-se, que tem isto tanta propriedade em huma Epopeia, como em hum sumptuoso banquete usar ao principio de

algumas viandas, com que se sustentaõ os rusticos do campo. Assim como hum bom Architecto risca para hum palacio magnifico huma porta elevada, e rica, assim o engenhoso Poeta deve pôr no seu Poema hum grave, e artificioso principio, para logo á primeira vista poder encher os animos de maravilha, e deleite: e com esta reflexaõ bem se vê, que Virgilio poz huma portinha para entrada de hum palacio Real, e deu principio á guerra com pifanos, e gaitas pastorîs, devendo principialla com trombetas, e tambores. Porém sigamos a opiniaõ de muitos Authores, que affirmaõ, que Virgilio principiara o seu Poema por *Arma, virumque cano* &c. Sendo assim, tambem aos melhores criticos naõ faltaráõ motivos para reparar nesta Proposiçaõ, como contraria á ordem, e ao sujeito; pois naõ devia pôr as armas primeiro que o homem, começando a descrever as guerras no livro setimo. Segundo esta Proposiçaõ segue-se, que o sujeito da Eneada he huma guerra notavel, propondo logo ao principio *Arma*; o que quanto a mim he falso; porque entendo, segundo todos os bons Authores, que o argumento Real daquelle Poema he a viagem de Eneas de Troya para Italia, e que as guerras, que nelle se descrevem, saõ accidentes, e concomitancias; aliàs haveria duas acçoens. O segundo livro ainda que todo contenha acçoens guerreiras, naõ póde pretender alguma cousa sobre aquella palavra *Arma*; porque esta tem obrigaçaõ de especificar a materia principal; e a ruina de Troya he huma historia, que alli se narra por incidencia, assim como na Odissea tudo o que naõ he a perigrinaçaõ de Ulisses de Ilio para Italia, o mais, ou saõ Episodios, ou cousas, que dizem relaçaõ ao tal argumento. Diz Mazzoni na sua Poetica liv. 3. cap. 62. que a navegaçaõ,

vegaçaõ, e a guerra saõ partes dos trabalhos de Eneas, e em consequencia huma só acçaõ. Naõ duvidamos disto; o que sómente affirmamos he, que as guerras de Eneas naõ saõ o unico argumento daquelle Poema, como diz a Proposiçaõ, a qual principiando *Arma*, dá indicio manifesto de que guerras he, que saõ o argumento principal; o que se realmente fosse verdade, ficaria Virgilio cahindo no grave absurdo, que commetteo Estacio, gastando inutilmente seis livros antes de entrar no assumpto formal. A guerra de Eneas com Turno só poderia ser a acçaõ da Eneada, se este Heroe partisse de Troya com animo de pelejar em Italia, como fizeraõ os Gregos contra Ilion, os Sarracenos contra Paris, e ElRey Adrasto contra Thebas; porém Eneas casualmente teve occasiaõ de pelejar em Italia; e numa acçaõ accidental naõ póde servir de forma substancial ao tal Poema. Que a viagem de Eneas de Sicilia para Italia fosse a idéa, que Virglio tomou por assumpto para cantar, se prova com muitos lugares da sua Epopeia, os quaes naõ transcrevo por naõ ser prolixo, e só o provarey com hum discurso feito sobre a sua mesma Proposiçaõ. Quando Virgilio disse *Arma*, naõ quiz comprehender as guerras especialissimas de Eneas, mas sim as acçoens guerreiras em geral. Porquanto principiando elle o primeiro verso *Ille ego &c.* quiz inferir, que se antes empregára a sua penna em Pastores, e Agricultores, agora se quer empregar em assumpto de armas. Que o conceito seja universal, note-se:

At nunc horrentia Martis
Arma. . . . .

Depois accrescenta particularizando o argumento:

. . . *Virumque cano, Troyæ qui primus ab oris &c.*

Em que moſtra, que o ſeu intento principaliſſimo he cantar a viagem de Eneas, na qual ſuccederaõ acçoens bellicoſas, e caſos importantes: *Multa quoque & bello paſſus*; iſto he, as guerras de Eneas com os ſeus contrarios, naõ como acçaõ principal, mas ſecundaria; por iſſo diſſe *quoque*, como ſe diſſera deſte modo: Eu cantarey a viagem de Eneas feita de Troya para Italia, na qual padeceo elle muitos trabalhos por mar, e terra; e tambem deſcreverey as guerras, que lhe ſobrevieraõ, *Dum conderet urbem, inferretque Deos Latio &c.* Porém já he tempo de paſſarmos a examinar as Propoſiçoens de alguns outros Poetas; e ſe nos detivemos na de Virgilio, foy por ſer hum Epico de nome taõ ſublime. Eſtacio parece, que quer na ſua Propoſiçaõ ſoltar toda a corrente do ſeu eſtylo; e entra logo a engrandecer o ſeu Heroe de tal modo, que diz pozera medo ao meſmo Jupiter:

Magnanimum Æacidem, formidatamque Tonanti
Progeniem.

Claudiano no ſeu Poema *De Raptu Proſerpinæ* ſeguio os meſmos veſtigios de Eſtacio, porque principia chamando atrevido ao ſeu Canto, e finge-ſe como endeoſado por ter em ſi ao meſmo Apollo; e aſſim manda a todos, que ſe apartem delle, porque naõ ſaõ dignos de chegar a peſſoa taõ ſagrada:

. . . . . *Audaci promere cantu*
Mens congeſta jubet: greſſus removete profani:
Jam furor humanos noſtro de pectore ſenſus
Expulit, & totum ſpirant præcordia Phæbum.

Igualmente he defeituoſa a Propoſiçaõ da *Argonautica* de Valerio Flacco; porque nella ſe vê, que ha muy pouca eſpeculaçaõ poetica:

Prima

Prima Deûm magnis canimus freta pervia nautis,
Fatidicamque ratem, Scythici quæ Phasidis oras
Ausa sequi &c.

Quiz cantar os mares, que navegaraõ os Argonautas primeiro, que os outros homens, como se isto fosse o argumento do Poema, e devesse ser o fim do Poeta; e como se a navegaçaõ se podesse fazer por terra, ou pelo ar, e naõ pelo mar. Naõ se navega pelas aguas? Certamente; logo para que he preciso dizer *Freta pervia nautis*? Ainda Escaligero no liv. 6. cap. 6. se extende a mais; porque fallando dos Argonautas, diz: *Neque illi fuerunt nautæ Deorum*, e reflectindo no *prima freta pervia*, diz: *Quonam verò modo hic dicantur * prima freta pervia, cùm ipsemet in primo canat = Pharias, Tyriasque carinas*? Passando dos Epicos Latinos aos vulgares, muitos dos principaes saõ igualmente reos de alguns defeitos nas suas Proposiçoes. Na de Tasso naõ póde entrar a justa critica; mas naõ succede assim á de Ariosto; porque propoem para cantar muitas cousas, como *mulheres*, *cavalleiros*, *armas*, *e amores*, confundindo episodios com a acçaõ principal, e desprezando no Poema a unidade do Heroe; o que tambem fez o nosso Camoens com muito deslustre da sua merecida fama, por mais, que sue Manoel de Faria e Sousa em o defender com este exemplo, e com o de Valerio Flacco; pois he defender hum erro com outro, e buscar muito máos patronos para o vencimento da causa. Segundo a doutrina deste Comentador, e a de Simaõ Fornari illustrando o *Orlando Furioso*, que ambos admittem na Proposiçaõ as acçoens secundarias, ou sejaõ episodios, poderia Virgilio tambem dizer: Canto a ira de Juno, o amor de Dido, a impaciencia de Amata, a guerra de Turno, a des-

defcida de Eneas ao Inferno &c. Se tal fizera commetteria na Poesia hum crime de leza Mageftade; pois he doutrina generaliffima tanto na theorica, como na pratica, que nem o genero, nem a efpecie, mas unicamente o individuo he o que tem lugar na Propofiçaõ poetica; pois affim como a fabula he huma fó, affim convem por força, que a Propofiçaõ manifefte huma coufa unica, e individual, como fez o divino Homero na fua *Odiffea*, dizendo:

Virum mihi dic, Mufa, verfutũ, qui valde multũ &c. Gabriel Pereira de Caftro na fua Epopeia tambem propoem o feu argumento com vozes inchadas, e muito elegantes, fechando a outava com baftante affectaçaõ; pois diz, que canta á patria, ao mundo, e á eternidade. Como amava muito o eftylo de Lucano, por iffo até o imitou na affectaçaõ, com que propoz o affumpto da fua *Pharfalia.* Seria hum numero infinito, fe fizeffe mençaõ de todas as Propofiçoens defeituofas, que fe defcobrem em Poemas Epicos antigos, e modernos, como v. g. a da *Vida de S. Jofeph* do Meftre Valdivieffo, a da *Araucana*, e outras muitas, como fabem os intelligentes defapaixonados. Por fim defte Capitulo tenho, que advertir ao Poeta duas coufas, huma neceffaria, e a outra louvavel. Efta he dar principio ao Poema por hum cafo obliquo, v. g. por hum accufativo; porque os cafos obliquos, como fe apartaõ da rectidaõ natural, e da pureza do dizer, caufaõ mais gravidade, e efcuridade, e entre os obliquos parece-me, que o accufativo he o mais afpero, e por confequencia o mais grandiofo. Affim o praticaraõ entre muitos grandes Poetas Virgilio, Homero, e Camoens, fe bem que efte fez dilatar muito o verbo, de que faõ accufativo *As armas*, *e os Varoens affinalados*; defeito, que imi-

imitou Gabriel Pereira, ainda que com mais moderaçaõ, e naõ quizeraõ ambos ſeguir a Virgilio, que dizendo *Arma, virumque*, logo poz *cano*, e do meſmodo Homero, pondo *Virum dic mihi, Muſa, &c.* A ſegunda couſa, que devo advertir como neceſſaria he, que ſe occulte na Propoſiçaõ o nome do Heroe, e que em lugar delle ſe uſe de circunſcripçaõ de couſas, que lhe ſejaõ proprias, e ſe ſe nomear, ſeja ſó com o titulo da ſua dignidade, como deixou eſcrito Vida no liv. 2. da ſua Poetica:

Jam verò cùm rem propones, nomine numquam
Prodere conveniet manifeſto: ſemper opertis
Judiciis, longè & verborum ambage petita,
Significant, umbrâque obducunt; inde tamen ceu
Subluſtri è nebulâ rerum tralucet imago
Clarius, & certis datur omnia cernere ſignis.
Hinc ſi dura mihi paſſus dicendus Uliſſes,
Non illum vero memorabo nomine, ſed qui
Et mores hominûm multorum vidit, & urbes,
Naufragus everſæ poſt ſæva incendia Troiæ:
Addam alia anguſtis complectens omnia dictis.

CAPITULO VII.

Da Invocaçaõ; terceira parte de quantidade.

DEpois da Propoſiçaõ ſegue-ſe immediatamente a *Invocaçaõ*, que he huma ſupplica, que o Poeta faz ás Muſas, ou a alguma Divindade, para que o inſpirem, e ſoccorraõ na obra, que pertende cantar; e como eſta ha de conter couſas extraordinarias, e maravilhoſas, fica ſendo a Invocaçaõ couſa indiſpenſavel

na

na Epopeia ; dando a entender , que lhas inſpirou , e revelou algum Numen. A reſpeito deſta tal divindade tenho de advertir ao Poeta , que como Catholico cuide muito em honrar a Poeſia , naõ invocando deoſes gentilicos , porque ſaõ huma chimera ; mas ſim a Deos Noſſo Senhor , ou algum Santo , ou Intelligencia celeſte , que ſaõ os que verdadeiramente pódem inſpirar, muito mais ſendo a acçaõ , que pertendem cantar, pia , e religioſa , como deve ſer. Aſſim o praticou o grande Taſſo , invocando a Muſa celeſtial em huma elegantiſſima outava, que arrebata a quem ſabe qual he o goſto da boa Poeſia. O meſmo fez Zarate no ſeu Poema da *Invencion de la Cruz* , invocando a meſma Cruz com expreſſoens taõ vivas , delicadas , e religioſas , que pódem ſervir de exemplar. O meſmo quizera eu em Camoens , deſejando , que naõ dirigiſſe a ſua invocaçaõ ás Nynfas do Tejo, ſymbolizadas (como diz o ſeu Commentador Faria) nas Damas da Corte ; pois entrava a cantar hum aſſumpto taõ Catholico , e de gloria taõ particular para Deos , como o deſcobrimento da India ; porém eſte inſigne Epico elevou-ſe tanto na antiguidade gentilica , que em tudo ſe valeo da ſua Mythologia , que verdadeiramente ſoube com perfeiçaõ. A reſpeito deſta materia , que agora tratamos , ha huma queſtaõ muy debatida entre os bons Criticos ; e he , ſe ſe deve unir a Invocaçaõ com a Propoſiçaõ , ou pôr diſtinctamente no Poema cada huma deſtas partes. Fallo da primeira Invocaçaõ , de que uſa o Poeta , e naõ das outras muitas , de que ſe val no diſcurſo da ſua Epopeia , quando ſe vê obrigado a tratar de alguma couſa grande. Os Gregos formavaõ-na indiviſivel com a Propoſiçaõ ; porém os Latinos determinaraõ para ambas eſtas partes lugares diſtinctos. Naõ pretendemos niſto dar pre-

preceito; porque deve prevalecer o uſo eſtabelecido nos exemplos de bons Poetas: mas ſe entrarmos a diſcutir qual deſtes uſos he o mais acertado, vernos-hemos obrigados a ſeguir mais os Gregos, que os Latinos. Primeiramente; porque a Muſa deve preceder ao Heroe; e propondo-ſe primeiro eſte, e depois invocando-ſe a Muſa, he claro, que vem a ſeguirſe o contrario. Em ſegundo lugar; porque he acto mais religioſo confiar as couſas importantiſſimas de protecçaõ ſuperior, principiando v. g. *Canta Muſa*, do que preſumir primeiro muito de ſi meſmo, dizendo v. g. *Eu canto*, e depois encomendarſe a Deos. Em terceiro lugar; parece couſa mais mageſtoſa pôr no principio de huma Epopeia a huma divindade, que a huma peſſoa humana; e aſſim o recomenda Virgilio com o exemplo de Arato, Theocrito, e Calfurnio, dizendo: *Ab Jove principium Muſæ &c.* Em quarto lugar; porque unindo-ſe á maneira dos Gregos a Invocaçaõ com a Propoſiçaõ ſe fica obſervando a brevidade, de que naſce mayor gravidade no eſtylo, e muito mayor decoro em quanto á Arte, que manda ſerem os proemios muito compendioſos. Em quinto lugar; porque ſe exalta mais nobremente o Poema, moſtrando ſer elle de huma condiçaõ taõ inexplicavel, que para o cantar he preciſo hum Numen, e naõ hum homem. Em ultimo lugar; porque exalta o Poeta mais a ſua Arte; pois commettendo totalmente á Muſa o cuidado de toda a narraçaõ, confirma deſte modo a fama univerſal, de que o Poeta poſſue hum furor divino, e que he dotado de hum entendimento ſuperior. Homero foy o que inventou eſta ordem, invocando, e propondo ao meſmo tempo tanto na Iliada, como na Odiſſea. Chama á Muſa *Deoſa*, para que ella lhe ſeja propicia, vendo-ſe taõ elevada

com este titulo: e agora se verá o defeito, em que cahio Lucrecio na sua Invocaçaõ a Venus, chamando-lhe *Sociam*; o que he huma notavel impropriedade; pois segundo a Arte, e a razaõ naõ deve o invocante fazerse igual á cousa invocada, antes mais depressa deverá engrandecella sobre a sua esféra, do que fazella de condiçaõ inferior: porém como Lucrecio era hum famoso Atheista, talvez o desculpará a sua mesma impiedade. Alguns Poetas houve, que naõ invocaraõ, como entre outros fez sem fundamento Nicandro na sua *Theriaca*. Outros houve, que propriamente naõ invocaraõ, como foy Ariosto, usando naõ de hum modo invocativo, ou deprecativo, mas como limitativo, segundo o verso *Se da colei, che tal quasi m' hà fatto &c.* pois diversa cousa he dizer limitativamente: Eu farey isto, se Deos quizer; ou invocativamente: Invoco, Senhor, o vosso favor para fazer isto. Semelhantes Invocaçoens saõ na Poetica muy viciosas, como tambem aquellas, em que se invoca huma divindade, que he impropria para o assumpto; o que tambem fez o mesmo Ariosto, pois havendo de tratar em hum Poema de emprezas militares, devia (segundo a Critica de Mazoni) invocar as Musas, e naõ ao Amor, por ser divindade impropria para hum assumpto heroico. Estas saõ as reflexoens mais principaes, que se pódem fazer sobre esta materia, e como he grande o nosso escrupulo, a respeito de usar o Poeta Catholico nas suas Invocaçoens de deoses gentilicos, tornamos outra vez a dizer, que nesta parte se naõ siga aos que deixaraõ taes exemplos levados cegamente do ardor de imitarem aos antigos; como entre outros fez o celebre Sannazaro, que em hum Poema Sacro devendo buscar por fonte a do Salvador do mundo, de quem cantava o nascimento, bus-

cou

cou a Castalia, e Aganippe. Melhores exemplares saõ Tasso na sua *Jerusalem*, Vida no seu *Christiados*, Bargeo na *Siriada*, Baptista Mantuano na *Vida de Santa Catharina*, e outros muitos Poetas de merecida fama. A esta recommendaçaõ temos que accrescentar outra, e he, que a Invocaçaõ seja breve, virtude muy propria nas deprecaçoens, e ao mesmo tempo clara, fervorosa, e sublime; o que tudo admiramos em Homero, Virgilio, e Tasso. Ultimamente, antes que demos fim a este Capitulo, será conveniente, que digamos alguma cousa sobre a *Dedicaçaõ*, e o *Epilogo*, de que alguns Poetas usaraõ. A respeito da Dedicaçaõ, que os modernos poem logo immediata á Invocaçaõ, naõ ha bons exemplos na antiguidade, com que se possa approvar este uso; porque nem Virgilio na sua Eneada, nem Homero nos seus dous Poemas o praticaraõ; e o mesmo fizeraõ alguns modernos, como Dom Francisco Lope de Zarate. Porém naõ pretendemos reprovar este uso; porque muitos Epicos insignes nos deixaraõ exemplos para a imitaçaõ; como foy o nosso Camoens dedicando o seu Poema a ElRey Dom Sebastiaõ, Gabriel Lasso a sua *Mexicana* ao Marquez del Valle, Tasso, e Ariosto a hum Principe da casa de Este, e outros muitos, que naõ he preciso referir. O que pretendemos he, que esta Dedicaçaõ naõ seja tal, que escandalize os ouvidos pios, parecendo Invocaçaõ, como fizeraõ alguns Epicos, usando nestas suas Dedicatorias de expressoens taes, que naõ dedicaraõ, mas invocaraõ o seu Mescenas, como se fosse huma divindade, que os pudesse inspirar, e soccorrer. Guiou-os a lisonja do mesmo modo, que aos antigos, como foy Virgilio, invocando a Cesar á maneira de divindade no seu *Culex*, e no liv. 1. das Georgicas; se bem que nesta parte obrou

com hum prudente juizo, porque em primeiro lugar reverencea os deoſes, e em ſegundo ao ſeu Principe. Do meſmo incenſo uſou Lucano invocando a Nero, Manilio a Auguſto, Valerio Flacco a Veſpaſiano, e outros muitos Poetas, como ſabem os que tem liçaõ de Poeſia. Depois deſta inſtrucçaõ ſegue-ſe outra, que he ſerem breves eſtas Dedicatorias. Alguns Authores lhes preſcrevem ſó tres outavas ſendo em vulgar, e em Latim outo até doze verſos. Nós naõ determinamos a quantidade; o que dizemos he, que naõ deve ſer tal, que fique a narraçaõ da Epopeia muy afaſtada da Propoſiçaõ, como lemos em Camoens, que neſta parte enfaſtia baſtantemente aos Criticos, que ſaõ eſcrupuloſos. Pelo que pertence ao *Epilogo*, dizemos tambem, que naõ he neceſſario, e que rara he a Epopeia, em que ſe naõ omitta.

CAPITULO VIII.

Da Narraçaõ, quarta parte de quantidade.

Esta ultima parte de quantidade, que tem a Epopeia, he a mais principal della; porque a *Narraçaõ* he que verdadeiramente he o corpo do Poema Epico, e as outras partes ſaõ como os membros, que o conſtituem. Nella vemos a acçaõ organizada com o ſeu principio, meyo, e fim, ficando deſte modo inteira. Seguem-ſe os Epiſodios, ou acçoens ſecundarias, e todas as mais circunſtancias, como ſaõ os coſtumes, e paixoens da figura fatal, e das outras peſſoas principaes aſſim humanas, como divinas; o enredo, e ſoluçaõ da fabula, a ſentença, a dicçaõ, e tudo o mais, que temos inſinuado pelo diſcurſo deſta Arte. Na Narraçaõ

raçaõ ha dous modos de ſe urdir, hum chamado *natural*, outro *artificial*, e ſobre ambos ha huma das mayores queſtoens, que tem toda a Poetica. A ordem *natural* he aquella, que naturalmente tem a meſma acçaõ, em que primeiro he o principio, depois ſegue ſe o meyo, e depois o fim. A *artificial* procede de outro modo; porque poem o meyo em primeiro lugar, e depois o principio, e fim. Sobre qual deſtas duas ordens deve ſeguir o Poeta Epico, he que ha toda a grande queſtaõ. Huns Authores inſiſtem em que a ordem natural he a melhor; porque obſerva a natureza das couſas, que coſtumaõ principiar, depois ter no meyo o ſeu augmento, e depois o fim, em que acabaõ. Allegaõ em exemplo a Homero na *Iliada*, a Lucano na *Pharſalia*, a Valerio Flacco na *Argonautica*, e a Silio Italico *de Bello Punico*. Outros Authores fazem prevalecer a ordem artificial como mais propria do Poeta, e daõ por exemplo a *Eneada*, a *Odiſſea*, e outros infinitos Epicos, que depois a ſeguiraõ, dizendo, que o mais he ſeguir o eſtylo dos Hiſtoricos. Ouçamos a Rubertello ſobre a Poetica de Ariſtoteles pag. 270. *Hoc vitio (ni fallor) laboravit Lucanus in deſcribendo Cæſaris, & Pompeii civili bello. Silius quoque Italicus in Punico: & fortaſſe etiam Valerius Flaccus in Argonauticis, & Apollonius in iiſdem explicandis: nam etſi unam actionem complexi ſunt, ordine tamen uſi fuerunt, qui magis hiſtorico, quàm Poetæ conveniat.* Nós ſeguimos o partido deſtes ultimos, conformando-nos com as ſolidas razoens, que daõ, as quaes expendeo Taſſo largamente no ſeu Tratado do *Poema heroico* liv. 3 A ordem, que obſervou Lucano, e o noſſo Manoel Thomaz na ſua *Inſulana*, naõ ha duvida, que ſó propriamente convem ao Hiſtoriador; porque

ſegue

ſegue o eſtylo da Narraçaõ direita, e natural. A ordem artificial he, que he propria dos Poetas; porque devem narrar em primeiro lugar algumas couſas, que ſaõ primeiras, outras devem poſpollas, outras devem-ſe omittir em huma occaſiaõ, e reſervarſe para outra melhor, como claramente enſina Horacio na ſua Poetica. Primeiramente haõ de ſe dizer aquellas couſas ſem as quaes naõ haveria algum conhecimento das preſentes, e depois devem ſe callar muitas, que naõ cauſaõ expectaçaõ, e maravilha; porque o Poeta deve ſempre ter ſuſpenſo o leitor, e deſejoſo de ler mais. A Narraçaõ feita pela ordem natural cauſa faſtio, como diz Eſcaligero no liv. 3. cap. 96. *de Poet. Altera lex: non recto tramite ducendam narrationem, ne tædium pariatur: res namque eadem ſemper iteranda, ſæpe etiam inculcanda eſt neceſſariò. Hoc ipſum igitur, quod pro principio ſumes; ne ſtatuas in principio; ita namque auditoris animus eſt ſuſpenſus; quærit namque quod nondum extat. Et ſanè vel unica, vel præcipua virtus auditorem quaſi captivum detinere.* Confirma-ſe eſta doutrina com a authoridade de Virgilio, que fez com que foſſe principio da ſua Epopeia o fim da narraçaõ de Eneas, dizendo:

Hinc me digreſſum veſtris Deus appulit oris.

Ainda a Narraçaõ ficarà ſendo mais faſtidioſa, ſe o Poeta começar por principio muy remoto, e como diz Horacio *ab ovo.* Neſta parte naõ merece tanta reprehenſaõ Lucano, como Eſtacio; porque hum querendo cantar as guerras civîs, poem Ceſar no rio Rubicon, onde ſe vio obrigado a fazer a guerra, ſendo tido por inimigo do Senado; e o outro principia pela furia, e maldiçoens de Edipo, que foraõ a fatal cauſa da diſcordia entre Eteocles, e Polinices. Com tudo melhor proce-

deria

deria Lucano, se começasse a sua Narraçaõ pondo logo a Cesar na Thessalia á frente de Pompeo, e narrasse depois em lugar proprio as cousas, que antes haviaõ succedido. Esta he a opiniaõ, que seguimos; porém naõ podemos deixar de confessar, que a contraria tambem faz grande pezo, pelas forçosas razoens, que allegaõ os que a defendem; e assim naõ pretendemos, que a nossa doutrina seja hum infallivel dogma Poetico. O Poeta poderá abraçar a opiniaõ, que lhe parecer mais racional, e em seguir qualquer dellas terá bons Patronos, com que se defenda. Lea a Pontano no seu Prologo intitulado *Actius*, a Francisco Baldovini *de Histor.* liv. 1. a Bargeo na Prefacçaõ á sua *Cyriada*, a Mazoni na sua *Poetica* liv. 3. cap. 81. a Macrobio liv. 5. cap. 2. a Plutarco *de Homer.* e a Viperani na *Poetic.* liv. 1. cap. 9. e 10. e liv. 2. cap. 6. e depois de ter lido, e ponderado maduramente os fundamentos, em que se estabeleceraõ estes Authores para seguirem diversas opinioens, escolherá entaõ a que tiver por mais conveniente; pois he ponto este na Poetica, que naõ se póde resolver demonstrativamente, porque até o texto de Aristoteles he nesta parte taõ confuso, como em outras, contradizendo-se em diversos lugares, como sabem os eruditos nesta faculdade. Passando a outro assumpto, será preciso dizer alguma cousa sobre as partes de quantidade material, que tem a mesma Narraçaõ, ainda que tambem nellas naõ haja huma regra certa. Estas taes partes consistem nos *Livros*, ou *Cantos*, em que o Poeta divide o Poema, e no numero de Estancias, que a estes convem. Em quanto á primeira parte, naõ ha doutrina estabelecida; porque huns, como o nosso Francisco Botelho no seu *Alfonso*, o Boiardo no seu *Orlando Innamorato*, o Alamanni na sua *Avarchide*, Silvei-

ra no ſeu *Macabeo*, e outros muitos imitando a Virgilio, e aos mais Poetas Latinos dividiraõ os ſeus Poemas em *Livros*. Outros uſaraõ de *Cantos*, de que foy inventor Dante, ſegundo a authoridade de Creſcimbeni no tom. 1. liv. 3. cap. 21. no ſeu Commento á Hiſtoria da Poeſia vulgar. Eſte uſo foy mais ſeguido; porque entre infinitos Authores o praticou Taſſo pay no ſeu *Amadige*, e o filho no ſeu *Gofredo*, Arioſto no ſeu *Orlando*, Pulci no ſeu *Morgante*, e o noſſo Camoens na ſua *Luſiada*. Sobre a quantidade a que ſe pódem extender eſtes Livros, ou Cantos, tambem ha ſua variedade entre os Epicos Latinos, e vulgares. Homero repartio cada hum dos ſeus dous Poemas em vinte e quatro Livros; Virgilio em doze; Taſſo, e Miguel da Silveira em vinte Cantos; Camoens em dez; e Bernardo Taſſo chegou até cem. A regra, que neſta parte ſe deve ſeguir he, que ſegundo a grandeza da fabula, aſſim deve ſer a ſua material diviſaõ, aliàs ficará ſendo hum corpo monſtruoſo, como he o do *Amadige*, ainda que muitos o pretendem defender, dizendo, que os Romanciſtas pódem ter mais alguma liberdade. Veja-ſe o Padre Lamy *Nov. Refl. ſur l' Art Poetique*, e o ſobredito Creſcimbeni liv. 5. cap. 7. Em quanto ao numero das Eſtancias tambem naõ ha conformidade nos ſeus Authores; porque huns naõ querem, que cada Canto paſſe de cento e cincoenta Eſtancias, com o fundamento de que tantas poderáõ fazer huma quantidade quaſi igual a cada hum dos Livros da *Eneada*: outros naõ ſe reſtringem a numero certo; o que he conforme á natureza; e baſta, que o Poeta proceda com huma tal reflexaõ, que as Eſtancias de cada hum dos ſeus Cantos, ou Livros façaõ hum todo harmonioſo, e perfeito com as dos outros, ſegundo a grandeza da fabula.

bula. Esta proporçaõ depende mais do bom gosto, e juizo do Poeta, que de regras da Arte, ainda que alguns inutilmente as pretenderaõ dar. Sobre a terminaçaõ de cada hum destes Cantos devemos advertir huma cousa, em que muitos naõ cuidaraõ, e he em que o fim de hum Canto naõ acabe de modo, que pareça, que o Poeta quer descançar do trabalho, e que despede o leitor, convidando-o para o Canto, que se segue; como fez Ariosto, a quem seguio o nosso Camoens; porque exceptuando os Cantos 2. 3. e 4. os mais acabaõ com alguma exclamaçaõ, ou invectiva, ou digressaõ, como já censurou Ignacio Garcez Ferreira na illustraçaõ, que fez a este Poeta, dizendo, que nesta parte naõ observara os preceitos da Arte, que recomenda a grande connexaõ, e laço de huns Cantos com outros, de modo, que a pausa, que nelles faz o Poema, seja ordenada com hum artificio occulto, e naõ diga o Poeta quando a quer fazer, como galantemente disse Merlin Cocaio, acabando o liv. 1. da sua *Maccherronea*:

Denique jam primi claudatur janua libri.

E o liv. 24. dizendo:

Iste liber finit vobis, mihi cæna comenzat;
Sed quia candela est usque ad culamen adusta,
Multa per adessum scripsi; da matina venite.

CAPITULO IX.

Da Allegoria do Poema.

ALlegoria, fallando em commum, naõ he outra couſa mais, que huma oraçaõ formada de vozes metaforicas, em que aquillo, que ſe eſcreve, he muy diverſo do que ſe entende. Muitos Authores graves pretenderaõ, que ſe deva dar na Epopeia eſta Allegoria, e affirmaõ, que os Poetas naõ uſaraõ das fabulas para outro fim, ſenaõ para debaixo dellas enſinarem doutrinas importantes á vida moral, e tambem á obſervaçaõ das obras da natureza. Homero, v. g. quando fingio aos Deoſes peleijando entre ſi, quiz moſtrar allegoricamente a natureza dos elementos, que ſaõ entre ſi contrarios; e quando diſſe, que Pallas tivera controverſias com Marte, pretendeo dar a moſtrar neſta Allegoria a contrariedade da potencia racional com aquella parte da alma, em que naõ ha razaõ. Aſſim diſcorrem aquelles, que pretendem, que a Epopeia ſeja hum animal de duas naturezas; iſto he, que ſe componha de imitaçaõ, e allegoria; eſta para attrahir a ſi os animos, e aquella para os inſtruir nas virtudes: porém outros Authores naõ menos graves diſcorrem diverſamente, e dizem, que a allegoria naõ he circunſtancia no Poema Epico, nem he neceſſario, que ſeja allegorica a fabula Epica; aſſim porque Ariſtoteles na ſua Poetica naõ deu neſta parte o minimo preceito, como porque os primeiros Epicos Gregos, e Latinos o naõ praticaraõ; o que provaõ com evidencia, como ſabem os eruditos; pois nem em Homero, e menos em Virgilio ſe poderá ſem grande violencia deſcobrir allegoria univerſal,

versal, que he a de que tratamos; porque na particular naõ ha duvida alguma. Entre estas duas opinioens taõ diversas ha outra (quanto a mim mais acertada) que segue hum meyo entre os dous extremos; pois nem prohibe esta allegoria, nem a poem como circunstancia necessaria na Epopeia. Diz que cada hum poderá obrar segundo o seu genio, visto naõ haver preceito, que approve, ou condemne semelhante cousa. Tasso seguio a primeira opiniaõ, porque fez allegoria no seu Poema, que elle mesmo explicou com alguma violencia: o mesmo fez Errico no seu Poema da *Guerra Trayana*, e outros muitos, de que agora naõ fazemos catalogo. Quanto ao que entendo, Camoens seguio a segunda opiniaõ; porque na sua *Lusiada* naõ ha por onde judiciosamente se entenda, que quiz nella fazer huma allegoria universal, por mais que se cançasse o capricho do insigne Manoel de Faria e Sousa nos seus Commentos em estabelecer o contrario, como prova largamente, e com juizo critico Garcez Ferreira no seu *Apparato Preliminar* ás illustraçoens, e notas á Lusiada cap. 5. e 21. Havendo na Epopeia esta allegoria recomenda Mazoni na sua *Poetica*, Tasso no *Tratado do Poema Heroico*, e outros muitos, que deve ter tres circunstancias, isto he, ser *clara*, *conforme*, e *honesta*. A clareza serve para que a allegoria naõ degenere em enigma, e se veja o leitor obrigado a adevinhar, dizendo o que lhe parecer. Neste vicio cahio Tasso, e ainda que elle mesmo explicou a allegoria universal do seu Poema, foy com explicaçaõ taõ violenta, que a boa critica tem julgado, que elle naõ fora bom Edipo para desfazer tantos, e taõ escuros enigmas. A conformidade serve, para que huma cousa representada com dicçaõ metaforica seja sempre a mesma, sem variar representan-

 do

do outra cousa differente em huma mesma composiçaõ, como v. g. seria erro, se introduzindo-se em hum Poema huma figura chamada *Lysia*, se entendesse por ella Lisboa, e algumas vezes França. A honestidade he huma das circunstancias mais precisas; porque pede a razaõ, que naõ tenha alguma macula o vèo da allegoria; pois a Poesia, e muy particularmente a Epopeia, serve para instruir, e naõ para incitar paixoens viciosas, de cujo peccado he reo Homero, occultando em muitas partes da sua Iliada por meyo de allegorias enormes absurdos. Veja-se sobre este ponto o que diz o Apatista no tom. 3. Progin. 63. Naõ foy assim Virgilio; porque observou no seu Poema huma grande modestia sobre as suas allegorias particulares, como prova em muitos lugares o seu grande Commentador Lacerda, e taõ doutamente como costuma. Desejara eu, que Camoens sendo Catholico, seguisse nesta parte, como inimitavelmente observou em outras muitas, os vestigios de hum Poeta gentio; porque entaõ seria a sua Venus fallando com Jupiter, e o grande namorado Leonardo tratando com a Nynfa, taõ modestos, como he a Venus da Eneada, e Eneas discorrendo com Dido na cova. Porém como já temos em diversas partes desta Arte tratado, e recommendado este ponto, por ora só daremos por instrucçaõ ao Poeta, que lea estes versos de Vida na sua Poetica:

Postremò tibi siqua instant dicenda, ruborem
Quæ tenerum incuterent Musis adaperta, Chorisque
Virgineis, molli vel præterlabere tactu
Dissimulans; vel verte aliò, & rem suffice fictam.
Si Pater Omnipotens tonitru Cœlum omne ciebit,
Speluncam Dido, Dux & Troianus eandem
Deveniant, * *pudor ulterius nihil addere curet.*

Nam

Nam ſat erit tellus, quòd prima, & conſcius æther
Connubii dent ſignum, ululentque in vertice Nymphæ.

Neſtes verſos ſe verá qual foy a honeſtidade de Virgilio, e a differença que ha entre elle, e outros Poetas, a reſpeito deſta virtude, ſem ainda excluirmos Taſſo; porque ainda que geralmente fallando foy modeſto, com tudo no Epiſodio da *Ilha Gracioſa*, que ſe lê no Canto 16. em que Rinaldo ſe prende dos amores de Arminda, naõ obſervou muito a honeſtidade; vindo a depravar os coſtumes, quando o ſeu animo era inſtruir as gentes com a allegoria de moſtrar, que os grandes Varoens, ainda que muito fortes, e conſtantes, tambem eſtaõ ſujeitos ás fraquezas das paixoens da natureza. Se eſta immodeſtia he taõ abominavel em algumas partes allegoricas de hum Poema, que naõ ſerá naquellas chamadas Epopeias, que ſaõ todas obſcenas, como o *Adonis* de Marino, e alguns outros deſte genero? Diremos, que o Author de ſemelhantes obras nem he perfeito Catholico, nem verdadeiro Poeta; porque naõ pratîca o fim da Poeſia, que he inſtruir por meyo do honeſto deleite; do meſmo modo, que peccaria contra a ſua arte hum Architecto, que havendo de edificar huma caſa, uſaſſe de canas em lugar de traves, e de arêa em lugar de cal.

CAPITULO X.

Da Parodia.

NAõ he juſto, que acabemos de tratar da Epopeia, paſſando em ſilencio a *Parodia*. He eſta huma eſpecie de Poeſia, que ſahe do Poema Epico, aſſim como de huma mãy formoſa naſce muitas vezes hum

hum feto ridiculo. Teve sua origem nos antigos Poetas, os quaes costumavaõ na recitaçaõ dos seus versos ou introduzir o jocoso no sério, ou mudar inteiramente a seriedade dos seus versos para assumptos graciosos. Por esta razaõ Escaligero no liv. 1. cap. 42. define a Parodia, dizendo: *Est Rapsodia, sive Epopæia inversa mutatis vocibus ad ridicula sensum trahens.* Assim o fez hum certo Poeta Grego chamado Matron, mudando, e appropriando em assumpto ridiculo infinitos versos de Homero. O mesmo vi feito á nossa *Lusiada*, valendo-se o Author dos consoantes, e dicçaõ do Poeta, para argumento jocoso. Entre os Latinos tambem se lem destas composiçoens; e sirvaõ de exemplo aquelles versos de Crispo Steforiano sobre o louro dos triunfadores; os quaes lhe appropriou naõ sey quem ao ramo, que se poem ás portas das tavernas. Dizia o Poeta no Acto 1. scen. 1.

Ut æquus illam lauream, & frontis decus,
Illos honores stirpis inimicæ probem?
Crispi triumphos, Cæsar, ut plausu sequar?
Perfundet ante sydus arctoum mare.

Dizia o que fez a Parodia:

Ut æquus illam lauream, lauri probum,
Illos liquores improbæ vitis probem?
Cætus bibaces potus ut plausu sequar?
Bibet ante sitiens arctos arctoum mare.

As Comedias Italianas costumaõ praticar muito a Parodia; porque a parte do *Doutor*, do *Capitan Spavento*, e do *Pantalone*, inventouse para mostrar em ridiculo o caracter de hum Jurisconsulto, de hum homem valeroso, e de hum velho sabio, e prudente. E naõ só estas figuras, mas tambem as do Pulcinella, *Arrelechino*, e *Coviello* costumaõ a cada passo alterar algumas sen-

ſentenças ſérias dos Latinos, adulterando as palavras para as appropriarem a couſa ridicula.

CAPITULO XI.

Juizo ſobre os antigos Poetas Epicos Gregos, e Latinos.

NEſtas reflexoens, que vamos a fazer, tem *Homero* o primeiro lugar, naõ menos pela antiguidade, que pelo merecimento. Naõ faremos deſte Principe da Epopeia hum perfeito juizo; porque ſaõ muitos os Authores, que já o fizeraõ, e como eſtes ſaõ muy triviaes, naõ queremos ſer prolixos, e o leitor os poderá ler, e ſaciar a ſua curioſidade, principalmente em Monſ. *Rolin* no tom. 2. da ſua *Hiſtoria Antiga*, e no 1. do *Tratado dos Eſtudos*, além de Madama *Dacier*, que na admiravel traducçaõ, que fez deſte Poeta deu a conhecer em que conſiſtem as verdadeiras bellezas da Poezia. Com tudo ſempre diremos (a pezar de tanta critica rigoroſa, como he a de Udeno Niſiely) que Homero foy o original, de que Virgilio extrahio a grande copia da ſua Eneada; e eſta razaõ he huma diſtincta vantagem para a ſuperioridade do Poeta Grego, baſtando-lhe ſer o primeiro, ainda que naõ foſſe taõ inſigne. A *Iliada*, e a *Odiſſea* ſaõ dous grandes quadros, que para fazerem todo o ſeu bom effeito, naõ ſe haõ de ver de perto, como os pequenos. Neſtes dous Poemas ha innumeraveis bellezas poeticas, aſſim no eſtylo ſublime, em que naõ teve igual, como nas vivas deſcripçoens das couſas, e excellentes pinturas de engenhoſas imagens. Quintiliano, que foy hum bom contraſte deſtas pre-

preciosidades, disse de Homero no liv. 10. cap. 1. *Humani ingenii excedit modum, ut magni sit viri virtutes ejus non æmulatione, quod fieri non potest, sed intellectu sequi.* Este louvor pareceo a Muratori excessivo, e eu naõ deixo tambem de seguir o mesmo conceito; porque este Poeta em muitas occasioens naõ só dormitou, mas adormeceo com sono profundo. Como nós nos empenhàmos em toda esta Arte de naõ dizer cousa alguma consideravel sem nos fundarmos em authoridade, veja-se o que largamente dizem sobre esta nossa proposiçaõ o Padre *Rapin* no livro intitulado *Comparaçaõ dos Poemas de Homero, e Virgilio*, Paulo Beni, o Apatista, Tasso no *Tratado do Poema Heroico*, Muratori, e outros muitos, que facilmente se naõ pódem reduzir a numero. Ninguem, que dê passos seguros pela Poetica, poderá negar, que Homero em muitas partes naõ fez caso da verosimilidade; que alguns costumes dos seus Heroes naõ saõ louvaveis; que as suas fabulas tem muito de defeituosas, e que em algumas partes he irreligioso, e outras vezes impio, tratando dos seus Deoses. Porém como neste Poeta sempre as virtudes saõ mais que os vicios, devemos dizer com Horacio:

. . . Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis.

Hesiodo, segundo *Rolin*, tambem tem seu lugar nestas reflexoens. Foy contemporaneo de Homero, e escreveo das *Obras, e dos dias*, a *Theogonia*, ou Genealogia dos Deoses, e o *Escudo de Hercules*. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. descreveo o caracter deste Poeta, dizendo, que raras vezes chega á altura do estylo sublime; e que huma grande parte das suas Obras naõ contém mais, que nomes proprios; mas que com tudo isto

isso tem sentenças muito uteis para os bons costumes, e muita doçura no estylo, e expressoens; por cuja causa se lhe naõ póde negar a gloria de ser insigne no genero de escrever mediocremente. Outros Poetas produzio a Grecia, como *Terpandro*, *Tirteo*, de quem falla Horacio na Poetica, *Dracon*, *Cherillo* muy estimado de Alexandre, *Arato*, *Apollonio*, *Nicandro*, *Antipatro*, *Parthenio*, e outros muitos; porém como estes Poetas saõ desconhecidos, e a mayor parte das suas Obras pereceraõ, deixaremos de tratar delles, como cousas menos importantes, e passaremos a discorrer dos Epicos Latinos.

Principiemos por *Lucrecio*, se bem que propriamente naõ escreveo Poema heroico, mas seis livros de *de Rerum naturâ*, nos quaes explica largamente a Fysica de Epicuro, que dedicou a Cayo Memmio seu condiscipulo. Este Poeta he muy impio neste seu Poema; porque ninguem como elle se atreveo a negar a providencia, e a fallar com tanto atrevimento da causa primeira, attribuindo ao unico movimento dos atomos todos os effeitos da natureza, formaçaõ, e conservaçaõ do mundo. A respeito do merecimento deste seu Poema, pelo que toca á Poesia, naõ se póde negar, que tem muita nobreza, muita força, e igual engenho; assim os seus versos tivessem aquella doçura, e harmonia, que se acha nos de outros Poetas.

Virgilio he sem controversia o Principe dos Epicos Latinos, como Homero dos Gregos. O merecimento do seu Poema he muy distincto; porque ainda que elle seja huma machina levantada sobre os fundamentos da Iliada, e Odissea, com tudo naõ se tem decidido até agora quem ha de levar a preferencia. Em quanto se naõ julga esta causa, que talvez nunca se sentenciará,

tenciará, podemos seguir o juizo, que destes dous sublimes Poetas fez Quintiliano, dizendo no liv. 10. cap. 1. que Homero tem mais viveza, e mayor naturalidade, e Virgilio mais arte, e mayor trabalho. Homero excede no grande, e no sublime, e Virgilio se naõ chegou a este gráo, ficaõ em parallelo estes riquisitos com a igualdade, e exacçaõ, que observou em todo o lugar da sua Epopeia, à qual, se tivesse a ultima lima, seria muito mais perfeita, do que naõ he, naõ só a respeito da pintura do caracter do Heroe, como das acçoens de Eneas praticadas em Cartago; porém ainda no estado, em que a lemos, deve ser muy distinctamente estimavel, pelo inimitavel estylo, nobilissimas sentenças, e excellente evidencia em pintar, e rara economia em discorrer.

Lucano tambem he Poeta, que tem entre as Musas hum honroso lugar; porque a sua *Farsalia*, em que descreve a guerra de Cesar, e Pompeo, tem bellos pensamentos, ainda que alguns muito affectados, e hũa grande viveza de estylo florido; porém como naõ observou as partes precisas na Epopeia, diz Quintiliano no liv. 10. cap. 1. que mais deve entrar no numero dos Oradores, que dos Poetas: *Lucanus ardens, & concitatus, & sententiis clarissimus, &, ut dicam quod sentio, magis Oratoribus, quàm Poetis annumerandus.* Preferir, ou igualar Lucano a Virgilio, como alguns quizeraõ, sendo hum delles o Padre Feijó, he mostrar naõ saber, que cousa he Epopeia, e ainda Poesia. O que se póde dizer em louvor deste Poeta he, que se chegasse a idade madura naõ morrendo de vinte e seis annos, seria perfeito; porque perderia aquelle demasiado fogo, em que se accendia, e abateria aquelles altos voos, em que deixava ir a fantasia sem mo-

moderaçaõ; cujos vicios o fazem ser affectado, e prolixo, e quando os quer evitar, naõ tem aquella delicada escolha de Virgilio, e vem á cahir em outros defeitos, quaes saõ as expressoens humildes, e algumas vezes insipidas.

Silio Italico escreveo hum Poema *de Bello Punico* no reinado de Domiciano, cuja obra se achou sepultada na Bibliotheca de S.Gallo no tempo do Concilio de Constancia com outros muitos manuscritos. Naõ nasceo Poeta, nem o estudo supprio inteiramente tudo o que a natureza lhe negara para o ser. Escreveo na sua velhice depois de ter sido Consul, e a frialdade do seu espirito poetico correspondeo á do seu sangue. Marcial no Epigramma 63. do liv. 7. empenha-se em louvar muito a este Poeta; o que nada tem feito, para que a posteridade tivesse a sua Musa por excellente; com tudo sempre se deve dizer com verdade, que ninguem escreveo no seu tempo com linguagem mais pura: assim a respeito da poetica se lhe podesse fazer igual elogio; pois mais util foy á Historia, que á Poesia, observando com grande exacçaõ a verdade historica.

Estacio floreceo no tempo de Domiciano, a quem foy muy aceito, pela grande facilidade, que tinha em versificar de repente; e este valimento he, que talvez foy a causa de que Marcial, como invejoso, naõ fizesse mençaõ delle nos seus Epigrammas, fallando nelles de todos os Poetas do seu tempo. Compoz dous Poemas heroicos, hum intitulado *Thebaida*, outro *Achilleida*; o primeiro comprehende doze livros, e o segundo só dous, porque lho impedio a morte. Foraõ muito estimados em Roma, como diz Juvenal no liv. 3. satyra 6. dizendo, que se ajuntava o povo para os ouvir com extraordinario concurso. Póde ser, que este elogio

nafceffe dos coftumados hyperboles, de que ufava efte Satyrico, e tambem poderá fer, que foffe fincèro; porque naquelle tempo já eftava eftragado o bom gofto da Poefia. Porém naõ deve fazer admiraçaõ o louvor de Juvenal, quando Efcaligero pretende, que nenhum Epico antigo, e moderno igualara a Eftacio em imitar a Virgilio. Defte juizo fe vê, que nefte infigne Author houve mais erudiçaõ, que juizo critico; porque naõ attendeo, em que a fabula da *Thebaida* he defeituofa, pela deduzir naõ *ab ovo*, mas *à gallina*, como diz o Apatifta; que nefte Poema gafta feis livros inutilmente, que na Achilleida queria contar todas as acçoens do feu Heroe, como claramente fe vê dos dous livros, que deixou; que o feu eftylo he o mais inchado, e ás vezes o mais frio; e ultimamente, que he taõ prolixo, que caufa faftio. Melhor juizo he o daquelles, que dizem, que Eftacio, Lucano, e Silio Italico trataraõ os feus argumentos mais como Hiftoriadores, que Poetas; por naõ obfervarem aquelles requifitos, que formaõ a effencia, e conftituiçaõ do verdadeiro Poema Epico.

Valerio Flacco efcreveo hum Poema heroico fobre a viagem dos Argonautas, que dividio em oito livros, e dedicou a Vefpafiano, em cujo reinado o principiou. Quintiliano louvou muito efte Poeta, dizendo no liv. 10. cap. 1. *Multùm in Valerio Flacco nuper amifimus*; porém os criticos mais judiciofos tratando *ex profeffò* do merecimento defta Epopeia, o que naõ fez Quintiliano, faõ de opiniaõ, que nella fe encontraõ varios defeitos contrarios ás regras da Arte, como já temos apontado em diverfas partes. O certo he, que nefte Poema fe naõ acha belleza alguma poetica, e que o eftylo delle he languido, e frio por caufa de huma affectaçaõ, com que bufca o fublime, que naõ foube con-

ſervar;

ſervar; e por eſta razaõ me parece muito merecido o conſelho, que lhe deu Marcial, exhortando-o como amigo, que ſe deixaſſe das Muſas, das quaes naõ podia eſperar utilidade, e ſeguiſſe como mais proveitoſo para elle o tratar das cauſas no Foro.

Claudiano teve ſeu merecimento para que os Emperadores Arcadio, e Honorio lhe fizeſſem levantar huma eſtatua á ſua memoria. He preciſo confeſſar, que entre aquelles, que tentaraõ de ſeguir, e imitar a mageſtade de Virgilio, he eſte Poeta o de goſto menos corrupto, e bem podia ter hum diſtincto lugar pelo ſeu pequeno Poema *de Raptu Proſerpinæ*, e mais Obras entre os Epicos, que floreceraõ no feliz ſeculo de Auguſto. Claramente ſe vê, que tinha muito engenho, e que naſcera para a Poeſia, porque havia nelle aquelle fogo, de que procede o Enthuſiaſmo. O ſeu eſtylo he correcto, ſuave, elevante, e ao meſmo tempo nobre, e elevado. Verdade he, que nelle tem muita viveza puerîl, que o faz ſer inchado, e que ſim teve huma idéa engenhoſa, mas muy diſtante daquella harmonioſa delicadeza, que ſe acha em Virgilio. Tambem naõ imitou a eſte Poeta naquelle gyro natural dos verſos; porque fez os ſeus com huma tal cadencia, e taõ continuada, ou ſeja principiando-os por tres Dactilos, ou mettendo hum Eſpondeo entre dous Dactilos, que faz aſſentar o leitor muitas vezes no meyo do caminho pelo canaſço, que lhe cauſa taõ continuado gyro.

CAPI-

CAPITULO XII.

Juizo sobre a Lusiada *do grande Luiz de Camoens.*

TRatando nós dos Epicos Gregos, e Latinos, que tanto illustraraõ a Epopeia; seria hum reprehensivel descuido, se naõ fallassemos alguma cousa sobre o Poema do nosso Camoens, o qual sendo Poeta vulgar, merece huma fama distincta entre os Epicos, de que tanto se desvaneceo Grecia, e Roma. Naõ discorreremos sobre outras Epopeias, de que a nossa lingua he abundante, como a *Ulissea*, o *Ulyssippo*, o *Macabeo*, o *Condestavel*, a *Malaca Conquistada*, o *Affonso Africano*, o *Virginidos*, a *Insulana*, e outros mais Poemas; porque entre todos estes tem superior lugar a *Lusiada*, e he a que as naçoens estranhas tem applaudido, traduzindo-a nos seus idiomas àquellas, que saõ mais cultas nas boas Artes. Por esta razaõ, e por naõ fazermos hum volume separado discorrendo sobre tantas Epopeias, trataremos unicamente da do nosso insigne Camoens. Muitas saõ as virtudes poeticas, que nelle se descobrem, e pretender negallas, he cometter hum absurdo. Foy Camoens admiravel na evidencia das suas pinturas. A do Espirito Santo no Canto 2. Est. 11. a das Nynfas abrindo caminho ás náos no mesmo Canto Est. 20. a do estrondo, que faziaõ as trombetas, e bombardas das nossas náos, tapando os Mouros com as mãos os ouvidos, que se lê no dito Canto Est. 100. saõ todas pinceladas de grande Mestre. Que excellentissima he igualmente aquella imagem do Canto 3. Est. 102. em que mostra a Rainha Dona Maria pedindo soccorro a

ElRey

ElRey ſeu pay; a das náos, que hiaõ para o deſcobrimento, que ſe lê no Canto 4. Eſt. 85. e aquella pintura pathetica da partida das meſmas náos para a India, que admiramos no meſmo Canto Eſt. 89. e 90. A imagem, com que eſte Poeta no Canto 5. Eſt. 47. repreſenta o laſtimoſo fim da mulher de Manoel de Souſa de Sepulveda, arrebata a todo o que tem paladar delicado no goſto da Poeſia. O meſmo ſuccede com a do Tritaõ do Canto 6. Eſt. 16. com a celebre do Adamaſtor do Canto 5. Eſt.39. e ſe a de Dona Ignez de Caſtro no Canto 3. Eſt. 118. naõ foſſe taõ demaſiadamente engenhoſa, e por iſſo impropria na boca de huma Senhora em extremo afflicta, tambem por ella ſe conheceria o dedo de tamanho gigante. Naõ he aſſim a do velho fallando na praya, que ſe lê no Canto 4. Eſt. 94. pois ſe vê neſta imagem bem obſervado o coſtume poetico naquelle homem, que repreſentando a figura do vulgo, ignora os ſegredos dos gabinetes dos Principes, e diſcorre como lhe parece nas reſoluçoens delles. Que direy daquella excellente deſcripçaõ de peleija no Canto 3. Eſt. 52. e a da marcha de hum exercito no Canto 3. Eſt. 107.? Quem ſabe quaes ſaõ as verdadeiras cores, com que a Poeſia anima as ſuas pinturas, naõ póde deixar de louvar exceſſivamente a Eſt. 71. do meſmo Canto 3. em que compara o Poeta com Pompeo a ElRey D. Affonſo II. valendo-ſe para iſto de bellezas internas, e externas, que ſe devem avaliar por hum dos melhores lugares de todo eſte Poema. No que reſpeita ás comparaçoens, naõ he facil poder fallar dignamente da ſua propriedade, e evidencia; ſó dizendo, que igualou a Virgilio, a quem imitou muitas vezes, ſe bem que em alguma occaſiaõ foy com modo ſervil, como v. g. a comparaçaõ das formigas no Canto 2. Eſt. 23. e alguma ou-

tra..

tra. Veja-se quanto he propriissima a comparaçaõ do Canto 2. Est. 27. comparando a fugida dos Mouros com as rans; a do Canto 3. Est. 47. comparando os Mouros accommettidos pelo exercito de ElRey D. Affonso I. com o Touro cercado de caens; a da Est. 49. do mesmo Canto, comparando o terror dos Mouros, com o que costumaõ ter os homens do campo, quando repentinamente vem ateado o fogo no mato seco, e recolhendo o fato, fogem para a aldea; e a do Canto 5. Est. 21. comparando huma nuvem sorvendo agua no mar com a sanguexuga, cuja comparaçaõ reputo pela melhor de todas as que tem este Poema; porque naõ sey que fosse tirada de algum Poeta. Muito nos poderamos alargar, discorrendo em outras infinitas virtudes, que se descobrem nesta Epopeia, como v. g. a elegantissima descripçaõ de dous rios na figura de dous velhos, que se lê no Canto 4. Est. 71. aquella fantasia poetica da Est. 55. do mesmo Canto, a qual he taõ sublime, como nova, e finalmente todas aquellas imagens, em que concorre o tragico com o amoroso, nas quaes foy inimitavel o nosso Poeta; e senaõ veja-se a descripçaõ da morte de Dona Ignez de Castro no Canto 3. Est. 118. e a da mulher do infeliz Sepulveda no Canto 5. Est. 48. em que para mover a compaixaõ se afasta hum pouco da verdade historica, dizendo, que Dona Leonor morrera abraçada com seu marido. Passando das virtudes deste Poema a alguns seus defeitos, devemos naõ negar, que este Homero dormira algumas vezes; no que deve ser desculpado naõ só por ser propriamente o primeiro Epico Portuguez, mas tambem por falta de socego, e talvez de Livros, que lhe dessem os preceitos, o que bem devemos suppor da sua grande pobreza, e continuos trabalhos, que naõ lhe deixaraõ pôr a ultima lima á sua

grande Obra. Já pelo discurso de toda esta Arte dissemos o que sentiamos sobre a Proposiçaõ, Invocaçaõ, Dedicaçaõ, Narraçaõ, e Episodios gentilicos deste Poema; já apontámos os defeitos sobre o decoro naõ observado em algumas partes: agora discorreremos brevemente em outros defeitos, por servirmos á instrucçaõ do Poeta principiante, e naõ por diminuir a justa gloria de taõ illustre nacional. Principiemos pelas partes de qualidade, que tem a Epopeia. A fabula da *Lusiada* sim tem *soluçaõ*; mas a alguns Criticos parece, que naõ he natural, como a da *Eneada*; porque deviaõ desatar o nó aquelles mesmos, que o urdiraõ. Antes, que Vasco da Gama, e seus companheiros chegassem felizmente á Patria, dando fim a acçaõ, deviaõ Venus, e Baccho, que foraõ os que fizeraõ a Implexaõ da fabula, desatarlhe o nó, cedendo (como diz Garcez Ferreira) o odio de Baccho ao affecto de Venus, e mediando algum accidente infausto, ou duvidoso entre os dous ultimos; isto he, da assistencia naquella Ilha deliciosa, e da chegada a Lisboa. Assim o praticou Virgilio; porque introduz a Juno, que foy a que urdio o enredo da fabula, sendo opposta a Venus, cedendo do seu proposito a tempo, em que estava duvidosa a victoria entre Turno, e Eneas, que entre si contendiaõ. Igualmente a respeito dos costumes alguma cousa ha, em que reparar a Camoens; pois por querer demasiadamente conformarse com a verdade historica faltou a esta taõ precisa circunstancia em alguns lugares, como fez no Canto 8. Est. 57. dizendo do seu Heroe:

Que elle naõ era mais que hum diligente
Descubridor das terras do Oriente.

No mesmo Canto Est. 90. cahe no descuido de fazer o mesmo Vasco da Gama inquirido, e processado por

mandado de ElRey de Calicut, e publicar, que

Insiste o Malabar em tello prezo.

E para poder ser solto, diz no mesmo Canto Est. 93. que

Escreve a seu irmaõ, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Aqui se vê o quanto contra os preceitos poeticos abate Camoens o caracter sublime do seu Heroe, fazendo-o negociante, para comprar a propria liberdade; em cujo erro cahio tambem, fazendo a Vasco da Gama taõ pouco experto, que cahia nos duplicados enganos, e traiçoens do Xeque de Moçambique, dizendo algumas vezes:

O Capitaõ, que naõ cahia em nada.

Porém ainda que o nosso insigne Poeta cahio nestes defeitos taõ essenciaes, em outros muitos lugares mostrou quaes deviaõ ser os costumes de hum Capitaõ generoso. Sirva de exemplo a Estanc. 15. do Canto 4 em que falla o Poeta do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira nesta excellente hypoteposi:

Como da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refute o patrio Marte!
Como desta Provincia, que Princeza
Foy das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez; e por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sugeito?

Naõ he menos admiravel a Estanc. 41. do Canto 6. em que descreve os costumes de hum soldado na pessoa de Fernaõ Velloso, dizendo ao namorado Leonardo Ribeiro:

Naõ

Naõ he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Naõ sofre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

Veja-se ultimamente na Est. 69. do Canto 7. que já em outro lugar apontámos, quanto foy Camoens inimitavel, pintando os costumes de hum Mouro, que falla por boca de hum Poeta Catholico a respeito da Religiaõ dos Portuguezes:

Tem a Ley de hum Profeta, que gerado
Foy sem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles he, que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.

A respeito da inverosimilidade tambem ha alguma cousa, que notar nesta Epopeia; principalmente no Episodio do Canto 7. em que Paulo da Gama explica ao Catual os feitos heroicos dos Portuguezes, debuxados nas bandeiras da Capitanea. Naõ he muy verosimil, que a historia de tantas batalhas, acçoens, e retratos de homens illustres coubessem nas bandeiras, e dado que coubessem, naõ saõ as bandeiras lugar proprio para estarem pintadas facçoens insignes; pois nellas o que unicamente se poem para serem conhecidas, saõ as armas do Principe a que pertencem. Mais seguro hiria Camoens, se nesta parte imitasse a Virgilio, o qual queren-

do fazer mençaõ de acçoens memoraveis, fingio-as postas em huns quadros, e naõ em bandeiras. Melhor lugar tinhaõ estes feitos Portuguezes pintados em paineis na camera do Capitaõ. A parte da sentença, taõ necessaria na Epopeia, tambem na Lusiada se naõ vê muito observada; porque na Estanc. 64. do Canto 1. diz Vasco da Gama, fallando com hum Turco:

Naõ sou da terra, nem da geraçaõ
*Das gentes * enojosas de Turquia.*

E discorrendo o mesmo Heroe com ElRey de Melinde todas as vezes (e naõ saõ poucas) que falla em Mouros, lhes chama *Perros*, *barbaros*, *nefandos*, e *perfidos*; sem attender, que este Rey o recebera taõ benignamente, e que os conceitos naõ só devem ser conformes ás pessoas, que os dizem, mas tambem áquellas, de quem se dizem. Esta regra pertence tanto ás leys da Poetica, como da Politica. Igualmente he accusado o nosso Poeta por animar muito de sentenças a sua dicçaõ; o que só he concedido á Tragedia, como já dissemos, fundando-nos em hum preceito do Padre Donato, que diz no liv. 3. cap. 7. da sua Poetica: *Sententia in Epopæiâ rarior, quàm in Tragædiâ; minus enim narrantem decet, quàm actores inducentem.* Naõ só nesta parte naõ foy Camoens bem regulado, mas tambem observou pouco aquella ley poetica, que manda, que raras vezes na Epopeia se introduza o Poeta mesmo a fallar; e o nosso Epico o pratîca de modo, que em todo o discurso de seu Poema faz em pessoa sua propria huma demasiada parte da narraçaõ. Alguns outros reparos fazem os Criticos a respeito da dicçaõ, sobre humas vezes ser antiquada já no tempo do Poeta, outras ser cheya de vozes peregrinas, naõ menos Latinas, que Italianas, as quaes se fazem imperceptiveis

aos

aos que naõ saõ muy intelligentes; porém este defeito naõ he taõ grande, que naõ se possa defender, mostrando com bons Authores, que o Epico deve usar de vozes novas, sendo com economia, e propriedade, como largamente mostrou Annibal Caro na Apologia contra Castelvetro pag. 156. e se convence da authoridade de Cicero no liv. 3. Orat. dizendo: *Inusitata sunt prisca ferè, ac vetusta, & ab usu quotidiani sermonis jam diù intermissa; quæ sunt poetarum licentiæ liberiora, quàm nostra.* Veja-se tambem o que diz Quintiliano no liv. 1. cap. 6. *in fine*, e Vida no liv. 3. da sua Poetica nestes versos:

Quin & victa situ, si me penuria adaxit,
Verba licet renovare; licet tua, sancta vetustas,
Vatibus indugredi sacraria sæpius olli
Ætatis gaudent insignibus antiquai,
Et veterum ornatus induti incedere avorum.
Non tamen ille veter squalor fuat undique; & ater
Verborum situs, hic modus adsit denique, quando
Copia non desit, quorum nunc pervius usus.

Temos acabado de tratar daquellas principaes especies de Poesia, que formaõ huma Arte Poetica; e cremos, que o fizemos com algum trabalho, clareza, e mayor extensaõ, que outros muitos Authores, que escreveraõ sobre este assumpto, como entre outros foy o douto Luzan, que tanto que acabou de tratar da Epopeia, deu fim á sua Arte. Nós ao principio estavamos para seguir este exemplo, por estar a penna já cançada com empreza taõ vasta, como difficultosa; porém para naõ ter justamente, que nos arguir o Poeta principiante, continuaremos o nosso assumpto, passando a discorrer de outras especies de Poesia, como da *Ecloga*, da *Satyra*, da *Lyrica*, da *Elegia*, do *Epigramma*, do *Em-*

blema

blema &c. Se bem que de tudo já temos dado os precisos preceitos no principio deste livro, tratando da Poesia fantastica.

CAPITULO XIII.

Da Ecloga, sua origem, definiçaõ, estylo, virtudes, e vicios.

A Poesia Bucolica tambem se comprehende na classe de Poesias dramaticas; pois nella se pódem imitar os tres modos, porque se faz a imitaçaõ, como já temos dito, e de tudo temos exemplo nas Eclogas de Virgilio. Na Ecloga 4. temos o modo *Exegetico*, porque he só o Poeta o que falla; na Ecloga 3. temos o *Dramatico*, em que o Poeta introduz pessoas a fallar; e na Ecloga 8. temos o modo *Mixto*; porque nella humas vezes falla o Poeta, e outras, diversa pessoa, que introduz. Esta especie de Poesia he certo, que he a mais antiga, segundo provámos no principio desta Arte, e que foraõ os inventores della, confórme Eliano, e Diodoro, os Pastores de Lacedemonia, e na opiniaõ de outros, como Atheneo, foraõ ou *Diomo*, ou *Nomio*, ou *Daphnis*. Neste ponto naõ ha certeza; o que sabemos he, que as Eclogas mais antigas, de que temos noticia, saõ as de Theocrito, e Moscho, Poetas Sicilianos, como prova Joaõ Ventimiglia no liv. 1. *dos Poetas Sicilianos.* Nenhuma outra cousa he a Poesia Bucolica, senaõ *a imitaçaõ de acçoens rusticas exprimida em verso*; e ainda que ella tome o nome da voz *Bubulcus*, que significa o Vaqueiro, com tudo tambem nella se pódem comprehender os Lavradores,

os

os Hortelãos, os Caçadores, os Pescadores, e outros semelhantes sujeitos; de modo, que quando ella representar os costumes de Pastores, chama-se *Pastoril*, de Caçadores *Venatoria*, e de Pescadores *Piscatoria*. Destes ultimos nunca se valeõ a antiguidade para sujeitos das suas Eclogas, e foy o primeiro, que os introduzio o famoso *Sannazaro*, a quem seguio o Padre *Jannetasio*, Jesuita de grande nome na Poesia. *Fontanelle* em hum discurso, que fez sobre a Ecloga, naõ approva muito as Piscatorias; e a razaõ, que dá, he, que o Canto, e o ocio, de que nascem os versos da gente do campo, naõ convem muito aos Pescadores; porque passaõ huma vida cheya de trabalhos, e perigos, os quaes naõ soffrem o discorrer em objectos agradaveis á vista; pois sempre o animo anda afflicto; porém esta critica, se bem que naõ he mal fundada, he demasiadamente rigorosa; porque a Poesia he como a Pintura, e em qualquer genero de objectos póde brilhar com boas luzes. Quando dissemos na definiçaõ, que a Ecloga era imitaçaõ de cousas rusticas, naõ quizemos nisto dizer, que só as cousas humildes lhe podiaõ servir de materia; pois tambem admitte argumentos sublimes, como de cometas, terremotos, movimentos dos astros &c. porém sempre o modo, e estylo ha de ser rustico. Assim o praticou Virgilio, quando introduzio a Sileno tratando da natureza das cousas celestes, e terrestes, que naõ saõ improprias da gente do campo, porque he muito observadora. Tem o artificio da Ecloga tres circunstancias principaes, a que o Poeta deve muito attender: a primeira he o *Titulo*, a segunda he o *Exordio*, e a terceira a *Narraçaõ*. Alguns querem tambem nestas partes comprehender o *Epilogo*, porém este muitas vezes se omitte. O *Titulo* ou se póde deduzir da pessoa principal

cipal da Ecloga, como a 1. de Virgilio intitulada *Tityrus*, ou da materia, de que se trata, como a 4. do mesmo Poeta com o titulo de *Pollio*, e a 8. intitulada *Pharmaceutria* em razaõ dos encantamentos, e magias, que contém. O *Exordio* póde-se formar de diversos modos, segundo a variedade das Eclogas; porque convém hum naquella, em que o Poeta começa a fallar, e outro naquella, que principia por Pastores, fallando huns com os outros. Em primeiro lugar póde-se deduzir da invocaçaõ das Musas, das Nynfas, ou de alguma pessoa de grande esféra, como Virgilio, quando principiou dizendo: *Sicelides Musæ &c.* e tambem: *Postremum hunc, Aretusa &c.* Em segundo lugar póde-se começar pela mera proposiçaõ da cousa, que se ha de tratar, como fez Virgilio, principiando:

Damonis Musam dicemus, & Alphesibæi.

Ou pelas circunstancias, e adjuntos de lugar, tempo, &c. segundo o mesmo Poeta:

Fortè sub arguta consederat Ilice Daphnis.

Em ultimo lugar póde-se principiar *ex abrupto*, v. g. ou por interrogaçaõ, como lemos em Virgilio: *Cur non Mopse &c.* e *Quò te, Mæri, pedes? &c.* ou tambem convidando-se o Poeta a si mesmo para cantar, de que temos o exemplo em Sannazaro, começando huma Ecloga:

Sed jam vulgatos & nos referamus amores,
Quos pariter &c.

Sobre a *Narraçaõ* naõ nos occorre outra cousa, que dizer, senaõ que seja proporcionada, propria da materia da Ecloga, e urdida com estylo humilde. Este deve ser corrente, brando, puro, e sem ornato de sentenças, e agudezas, que excedaõ a esféra de hum homem rustico. Com tudo admitte algumas metaforas, com-

comparaçoens, argumentos chamados *ab impossibili*, e allegorias; e saõ estas taõ proprias das Eclogas, que muitas vezes esta he huma continuada allegoria, entendendo-se debaixo de nomes de Pastores, e acçoens humildes, pessoas grandes, como Principes, e assumptos elevados, v. g. Genethliacos, Epitalamios, Epicedios, Epinicios &c. Em semelhante Poesia he igualmente muy proprio o verso *Intercalar*, de que usou muito Virgilio, Sannazaro, Bargeo, Pontano, e outros. Naõ lhe he menos conveniente o *Amabêo*, principalmente se hum Pastor responder a outro em versos, e numeros iguaes, e ás vezes com vozes, e sentenças semelhantes, ou tambem contrarias; porém nisto deve haver grande cuidado em ordem a que a Ecloga naõ saya taõ artificiosa, que se perca a pintura do verosimil, representando-se o que naõ se póde naturalmente esperar de homens camponezes, naõ menos a respeito de conceitos refinados, que de palavras graves, e imagens sublimes, por alheyas da materia, de que se trata, e da fantasia, e entendimento de quem a trata.

CAPITULO XIV.

Juizo sobre os antigos Poetas Bucolicos Gregos, e Latinos.

O Primeiro Author, de que ha noticia, que escrevesse de Poesia Bucolica foy *Daphnis*, antiquissimo Poeta Siciliano, que muitos Escritores fazem inventor desta especie de Poesia. A antiguidade naõ nos informou especificamente das Obras deste Poeta; o que sabemos he, que fora excellente na Poesia Bucolica,

e que em verſos Hexametros cantara taõ docemente os ſeus amores, que delles diz Silio Italico no liv. 14. verſ. 267.

. . . . . Daphnin amarunt
Sicelides Muſæ, dexter donavit avenâ
Phæbus Caſtalia, & juſſit projectus in herbâ
Si quandò caneret, lætos per prata, per arva
Ad Daphnin properare greges, rivosque ſilere &c.

Mayor louvor deſte Poeta achamos no Idylio 5. de Theocrito, dizendo:

Muſæ me multò magis amant, quàm cantorẽ Daphnidẽ.

E em hum Epigramma do meſmo Poeta lemos eſte grande elogio.

Daphnis ille nitidus, ille qui pulchrâ fiſtulâ modulabatur
Bucolicos hymnos.

Theocrito foy o mais celebre entre todos os Poetas Bucolicos; e por iſſo he por antonomaſia chamado o Poeta Siciliano, e o Principe da Poeſia Paſtoril. Edilo antigo Poeta Epigrammatico louvando a Paſizocles, diz:

. . . . . Sed inter pocula,
** Siculo Vate ludit multò ſuaviùs.*

Do meſmo modo o nomea Atheneo no liv. 1. pag. 4. e o Emperador Juliano em huma Carta eſcrita a Libanio Sofiſta, ſegundo allega Ventimiglia no ſeu Tratado dos Poetas Sicilianos pag. 140. Teve eſte Poeta huma grande doçura, e ſuavidade no dizer; o que deu occaſiaõ a eſcrever Gaurico *de Lege Poeticâ* = *Theocritus Philines, & Simmichi Syracuſani filius magno Doridis linguæ ſucceſſu Bucolica compoſuit, quæ fruſtrâ plerique conati ſunt imitari.* Igual foy a ſua energia, e evidencia em repreſentar vivamente os penſamentos, e

por

por esta razaõ Sinesio na Epistola 114. naõ podendo descrever a seu irmaõ a belleza de huma quinta, usou deste conceito: *Nynpharum porrò speluncam hic ego minimè prædicabo.* * *Theocrito enim opus est.* Escreveo muitos Idyllios, dos quaes o mais estimado he o seu *Tirso*, a *Pharmaceutria*, e o *Epitalamio de Helena*, segundo a opiniaõ de Viperani na sua Poetica, e Patrizi na Poetica Historial liv. 1.

Seguio-se *Bion* a Theocrito, e igualmente illustrou a Sicilia com os seus Idillios, dos quaes se lem alguns fragmentos na Collecçaõ dos Poetas heroicos Gregos tom. 1. pag. 613. Em tudo quanto se lê deste Poeta se acha hum estylo suavissimo, e cheyo daquelles affectos, que a cada passo se encontraõ nas Musas Sicilianas. A Obra mais inteira, que temos de Bion, he a intitulada *Epitaphion Adonidos*; na qual chora a morte de Adon do mesmo modo, que Theocrito a morte de Daphnis. Este Idillio feito em versos Anacreonticos, e que traduziraõ em Latim diversos Authores, como Gambara, Dousa, e Volcanio, tem huma admiravel doçura, e saõ nelle tantos os affectos para mover os animos ao sentimento, que Bartio, e Escaligero lhe chamaõ *Divinum Idillium.* Alguns Authores pretendem, que esta Poesia seja Obra de Theocrito, e que Bion só compozesse os Idillios chamados *Cleodamo*, *Hyacintho*, e mais quatro sem titulo; porém equivocaraõ-se com outro, que tambem fez Theocrito em versos Anacreonticos ao mesmo assumpto, segundo nota Crispino nas Annotaçoens a este Idillio, dizendo: *Quamquam hoc Eidyllion inter Theocriti Bucolica vulgò referatur, camararius tamen tribuit Bioni. Scripsit autem Theocritus aliud Eidyllion in mortuum Adonin versu Anacreontico.*

Moscho succedeo a Bion, e foy discipulo do celebre Aristarcho Grammatico. Escreveo diversas Obras em prosa, em que foy taõ excellente como no verso, segundo Atheneo liv. 5. pag. 147. Alguns Idillios se perderaõ deste Poeta; salvaraõ-se outros, como o *de Venere, & Amore*, o *de Amore fugitivo*, *de Amore Aratore*, e o *de Epitaphio Bionis*, além de alguns mais, que se lem na Collecçaõ de Crispino. Estes saõ os Poetas Bucolicos Gregos de fama mais distincta; houve outros, que a antiguidade nos louva; porém naõ passaraõ as suas Obras aos nossos tempos, e de alguns só temos fragmentos bem diminutos.

Passou a Italia no tempo de *Virgilio* a belleza da Poesia Bucolica, em que tanto se distinguiraõ os Gregos; porque foy este Poeta o unico, que de algum modo os imitou, como vemos das suas Eclogas, que no seu genero em nada saõ inferiores á Eneada. Alguns Authores as censuraõ, como Nisieli no tom. 3 dos seus Proginnasmas, Pontano na Poetica liv. 2. cap. 23. e Mons. Viperani no liv. 3. cap. 8. dizendo, que Virgilio naõ imitara aquella bella simplicidade de dizer, que tem Theocrito, de quem elle se valera tanto em todas as suas Eclogas, como evidentemente prova Ventimiglia no Parallelo da Bucolica de Virgilio com a de Theocrito, que anda no seu livro dos *Poetas Sicilianos* liv. 1. pag. 141. Leamos o juizo de Viperani: *Virgilius laudatam illam Theocriti simplicitatem aut noluit assequi, aut certè non potuit; seu quòd ingenio natus fuit ad graviora, seu quòd Romanus sermo tantam humilitatem ferre non poterat. Nam quandoque sese attollit, atque inflat vehementius tum in rebus, tum in verbis.* O certo he, que a lingua Dorica (segundo nos dizem todos os Authores) foy a mais propria

pria para a Poesia Pastoril; porque tinha huma tal simplicidade de dicçaõ, que nenhuma outra lingua a igualava, sendo para os assumptos humildes do mesmo modo, que o idioma Attico para os graves.

Nemesiano além do seu Poema sobre a Caça, escreveo tambem algumas Eclogas. Passou no seu tempo por homem insigne na Poesia: a mesma opiniaõ teve *Calpurnio*, que igualmente foy Poeta Bucolico, deixando sete Eclogas enviadas a Nemesiano. Naõ he preciso fazer juizo das Obras destes dous Poetas; porque basta dizer, que ambos floreceraõ nos tempos de Caro, Carino, e Numeriano, em que o bom gosto da Poesia estava inteiramente estragado. Alguns Poetas modernos tem havido, que resuscitaraõ o verdadeiro estylo das antigas Eclogas, como *Sannazaro* na sua *Arcadia*, se bem que algumas saõ affectadas por serem todas em versos Esdruxulos; o Padre *Nicoláo Parthenio*, o incomparavel padre *Ceva* gloria da Poesia, o Padre *Vaniere*, o Padre *Rapin*, e outros muitos, entre os quaes tem hum bom lugar os nossos Portuguezes *Luiz de Camoens*, *Francisco de Sá de Miranda*, *Balthazar Estaço*, *Diogo Bernardes*, *Bernardino Ribeiro*, *Francisco Rodrigues Lobo*, e outros, de que naõ he preciso fazer hum prolixo catalogo.

CAPITULO XV.

Da Satyra, sua definiçaõ, materia, e divisaõ.

A Satyra, segundo Casaubono, nasceo entre os Gregos, e conforme Quintiliano, teve sua origem entre os Latinos; razaõ porque muitos lhe daõ o epitheto

teto de *Romana.* Saõ muy diverſas as opinioens ſobre a ſua etymologia, e a que nos parece mais natural, e fundada na authoridade de melhores Authores, he que *Satyra* ſe derivou dos *Satyros*, deoſes ſilveſtres, aos quaes fingiraõ os antigos ſerem petulantes, porcos, e obſcenos, como era a antiga Satyra, de que ſe uſava nos córos das Comedias, para divertir o povo, ſatyrizando-ſe os coſtumes, e nomeadamente declarando-ſe os nomes das peſſoas mais diſtinctas da Republica, de que goſtava muito a gente plebea. Naõ trataremos deſta Satyra, como eſcandaloſa, e prejudicial, mas ſim da chamada *Urbana*, que ſe inventou em ſeculos mais cultos, e he utiliſſima para reprehender os coſtumes. Define-ſe eſta, ſegundo o Padre Antonio Forti no ſeu *Miles Poeticus* deſte modo: *Satyra eſt Poema urbanum, jocoſum, falſum ad reprehendendos mores corruptos compactum.* Deſta definiçaõ ſe collige, que a materia da Satyra ſaõ as acçoens humanas, imitadas por meyo do riſo, e gracioſidade, naõ para alegrar, e divertir os animos, como a Comedia, mas para reprehender, e arrancar os vicios por modo ſuave, á fim de naõ eſcandalizar ao leitor. Entendemos por eſtes vicios, v. g. os de hum liſonjeiro, de hum fallador, de hum ingrato, de hum avarento, de hum uſurario, de hum luxurioſo &c. E daqui vimos a concluir, que o officio da Satyra he com o ſal dos verſos preſervar da corrupçaõ dos vicios as doenças dos animos, e deleitar por meyo da irriſaõ, que ſe faz dos defeitos alheyos; e que igualmente o ſeu fim he reduzir os homens á pratica das virtudes, apartando-os de ſeus vicios. Por iſſo Policiano fallando dos Poetas ſatyricos, diſſe elegantemente: *Reprehendunt acriter, inſultant impotenter, vafrè cavillantur, aſtutè obrepunt, effluunt lubricè,*

tergi-

tergiversantur, illudunt, dissimulant, ardent, versant, suspendunt, feriunt, pungunt, provocant, titillant, stomachantur, attonant seu fulmine omnia, & concutiunt. Divide-se a Satyra, segundo a doutrina de Escaligero em *Simples*, *Dialogica*, e *Mixta.* A Simples he aquella, que unicamente comprehende a narraçaõ do Poeta: a Dialogica he a que contém pessoas, que entre si fallaõ: e a Mixta he aquella, que comprehende ambos estes modos; isto he, humas vezes fallando só o Poeta, e outras introduzindo alguem a fallar.

CAPITULO XVI.

Do artificio, estylo, virtudes, e vicios da Satyra.

O Ordenar huma Satyra he cousa muito facil; antes como diz Juvenal:

Difficile est Satyram non scribere: nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se?

E praza a Deos, que fosse cousa difficultosa; porque para cortar pelos defeitos alheyos, continùa o mesmo Satyrico:

Et pueri noscunt, postque Alpha, & Beta puellæ.

Porém taõ facil he semelhante Satyra, como summamente difficil aquella, em que se reprehendem os vicios em commum; porque naõ tem artificio certo para se formar; e por isso diz o Padre Donato na sua Poetica: *Satyræ lex est, lex scribendi sine lege.* Com tudo apontaremos algumas observaçoens feitas nos melhores Authores, as quaes serviráõ de guia, que conduza o Poeta por taõ aspero caminho. Humas vezes póde principiar a Satyra por alguma *insinuaçaõ*, outras *ex abrupto*;

pto; porém ſempre (como nota o Padre Pontano) em lugar de exordio deve uſar de alguma couſa o Poeta, de modo, que por ella ſe venha no conhecimento do aſſumpto, e ſe capte a benevolencia do leitor. Naõ admitte a Satyra Invocaçaõ, nem Propoſiçaõ, e ſe algumas vezes uſa della, he disfarçada com alguma figura, de modo, que facilmente ſe naõ conheça. O que lhe he proprio, he o uſo dos argumentos ſolidos, os exemplos, e a narraçaõ de couſas ſemelhantes áquelle vicio, cuja torpeza reprehende. Eſtas, e outras deſcripçoens devem ſer breves, e tocadas com modo pouco ſério, e ornado; e ſe ellas ſe introduzirem como digreſſaõ, ainda recomendamos muito mais a brevidade, e o preceito de Minturno na ſua Poetica Latina, em que diz: *Digreſſiuncula in ea locum habere poteſt, ſed talis, ut inde in vitium, quod reprehendimus, ſævire, vel jocari poſſimus.* A Satyra Dialogica pode ſe fazer de diverſos modos, ou contendo peſſoas indefinidas, como v. g. *os homens do ſeculo preſente*, ou ſujeitos definidos, mas ſem os nomear, como hum *rico*, hum *avarento*, hum *ſoberbo &c.* ou tambem comprehendendo peſſoas nomeadas, mas debaixo de nomes fingidos, para que eſtes ſe naõ offendaõ. Alguns Authores uſaraõ de nomes de ſujeitos, que foraõ celebres naquelle meſmo vicio, de que trataraõ, chamando v. g. Vitellio a hum *golotaõ*, Hermogenes a hum *prodigo*, Paris a hum *desleal*, Nero a hum *cruel*; e Sinaõ a hum *enganador &c.* Em quanto ao eſtylo da Satyra, o que temos, que recomendar he, que ſeja humilde, agradavel, e ſemelhante á locuçaõ familiar, mas ao meſmo tempo ornado da elegancia, que lhe compete, e de huma ſingular pureza de lingua. Eſta doutrina naõ prohibe abſolutamente á Satyra o elevarſe algumas vezes,

ſegundo

ſegundo o pedir a gravidade do aſſumpto; porém ſempre ha de ſer de maneira, que eſte diſcurſo elevado torne ao ſeu centro, que ſaõ aquellas galantarias, com que o povo ſe attrahe. Por iſſo diſſe optimamente o celebre Antonio Abbati, que tanto illuſtrou a Satyra moderna em Italia, que o eſtylo da Satyra tem os meſmos movimentos da péla no ſubir, e no deſcer. O ornato mais proprio de ſemelhante Poeſia he a variedade na materia, e nos argumentos; a frequencia de ſentenças agudas, laconicas, e graves ſobre os coſtumes, e o uſo de galantarias, e facecias por meyo de apophthegmas, adagios, equivocos, alluſoens, e figuras familiares, de que o povo mais uſa, tudo tocado com alguma galante liberdade no dizer, a fim de que ſemelhantes compoſiçoens ſe façaõ agradaveis ainda na meſma ſeveridade de reprehender os coſtumes; e para aqui ſerve excellentemente a comparaçaõ de Lucrecio, dizendo no liv. 4.

Nam veluti pueris abſinthia tetra medentes,
Cùm dare conantur, prius oras pocula circum
Contingunt mellis dulci, flavoque liquore &c.

Deve haver tanto cuidado na obſervancia deſtas virtudes, como em naõ cahir no vicio da eſcuridade, como fez Perſio, e no da obſcenidade, como praticou Juvenal, e tambem no do demaſiado ridiculo, como faziaõ os antigos Mimicos nas ſuas Comedias; porque com eſte exceſſo naõ ſe poderá conſeguir o bom fim da Satyra urbana, que he cortar pelos coſtumes eſtragados do ſeculo. Devemos ultimamente dizer alguma couſa ſobre a ſua metrificaçaõ. Os antigos, principalmente Gregos, uſavaõ nas Satyras de verſos Jambos ſenarios, do meſmo modo, que nos córos das ſuas Comedias; porém os Latinos deraõ em uſar do verſo Hexametro,

e como prevaleceo este uso, naõ nos podemos oppor a elle. Só diremos ao Poeta, que fuja de ser sonoro nestes versos; antes artificiosamente cuide em os fazer concisos, e pouco castigados; porém naõ de modo, que os faça prosaicos, naõ conservando som algum de Rithma, no que muitos Criticos censuraõ justamente ao insigne Horacio. O mesmo conselho deve aceitar o Poeta vulgar, observando esta regra no modo, que lhe for possivel; e a este deramos de parecer, que usasse de versos de dez syllabas, como v. g. *O' Lisboa, Cidade famosa*, e feitos com estes mesmos assentos; porque me parecem os mais proprios, por serem versos com hum tal som de prosa, que naõ os faz harmoniosos, que he o que se requere em semelhante Poesia; e esta propriedade naõ se poderá facilmente observar nos de onze syllabas, pois ficaráõ todos sendo prosaicos, e causaráõ hum grande fastio a quem os ler.

CAPITULO XVII.

Juizo sobre os antigos Authores satyricos.

O Seculo da Satyra Grega he para nós muy escuro; porque naõ nos chegaraõ Obras daquelle tempo, e confusamente he que sabemos o nome de algum Author; sendo que os Gregos naõ compuzeraõ Satyras do modo, que as ordenaraõ os Latinos; e por isso diz Quintiliano: *Satyra tota nostra est.* O Inventor desta especie de Poesia, como já dissemos, foy *Lucilio*, naõ por ser o primeiro, porque antes já *Ennio*, e *Pacuvio* haviaõ composto em Poesia satyrica; mas porque foy quem lhe deu a ultima forma, naõ misturando nella tanta

ta variedade de verſos, como fazia Ennio, ſegundo a authoridade de Diomedes, que diz: *Olim carmen, quod ex variis Poematibus conſtabat, Satyra dicebatur, quale ſcripſerunt Pacuvius, & Ennius.* Deſta Satyra antiga naſceo a que ſe chamou *Varroniana*, e tambem *Menippèa*, porque foy Author della Terencio Varro, imitando neſta ſua Obra o eſtylo de Menippo Filoſofo Cinico. Segundo o que nos deixou eſcrito Quintiliano no liv. 10. cap. 1. compunha-ſe eſta Satyra de verſos miſturados com proſa, como ainda hoje á imitaçaõ della temos a Obra de Petronio, a de Seneca ſobre a morte de Claudio, e a de Boecio *de Conſolatione Philoſophiæ.* Compoz Lucilio trinta livros de Satyras, nas quaes cenſurava nomeadamente, e com eſtylo muy picante a hum grande numero de peſſoas de qualidade, reſpeitando unicamente aos homens virtuoſos, como lemos em Horacio Satyra 1. liv. 2.

Primores populi arripuit, populumque tributim,
Scilicet uni Æquus virtuti, atque ejus amicis.

E por eſte motivo o temiaõ os máos, como ſe a ſua penna foſſe huma penetrante eſpada. Aſſim o affirma Juvenal na Satyra 1. dizendo:

Enſe velut ſtrictò quoties Lucilius ardens
Infremuit, rubet Auditor, cui frigida mens eſt
Criminibus, tacitâ ſudant præcordia culpâ.

Deſte Poeta naõ temos ſenaõ alguns fragmentos, dos quaes ſe naõ póde hoje fazer juizo do ſeu merecimento. Os homens grandes da antiguidade eſtaõ divididos em partidos. Quintiliano o louva exceſſivamente, dizendo no liv. 10. cap. 1. *Nam eruditio in eo mira, & libertas, atque inde acerbitas, & abundè ſalis.* Pelo contrario Cicero *de Finibus* liv. 1. n. 7. diz do meſmo Lucilio, que as ſuas Obras ſaõ muy ligeiras; que tem muita

ta galantaria, mas pouca erudiçaõ. Horacio foy quem expendeo o ſeu juizo com mais extenſaõ; porque confeſſando, que eſte Poeta fora *facetus*, *& emunctæ naris*, diz, que tambem fora duro, e muy cançado nas ſuas Obras, das quaes ſe deſvanecia grandemente, entendendo, que qualquer dellas era ſingular; e por eſte motivo o compara a hum rio, que entre o muito lodo leva em alguma parte alguma porçaõ de agua cryſtallina. Os parciaes de Lucilio, que eraõ muitos, naõ poderaõ ſoffrer eſta critica de Horacio, e publicaraõ, que elle o fizera por inveja, e por ſe lhe fazer ſuperior; ao que reſpondeo o meſmo Critico na celebre Satyra, que lemos nas ſuas Obras, na qual fazendo a Lucilio a juſtiça, que merecia, confirma, e ſuſtenta com ſolidas razoens o primeiro juizo, que fizera.

Perſio floreceo no tempo de Nero, e nas Satyras, que eſcreveo, reprehende os defeitos dos Oradores, e Poetas de ſeu tempo, e em algumas naõ perdoa ao Emperador. As ſuas Obras eſtaõ cheyas de moralidades, e de huma ſingular prudencia, e docilidade igual á do ſeu genio, que conſta fora muy ſuave. Teve pouco artificio, porém mereceo, que Quintiliano diſſeſſe delle: *Multùm, & veræ gloriæ, quamvis uno libro, meruit Perſius.* O ſeu mayor defeito he a eſcuridade, e eſta lhe tem tirado huma boa porçaõ de fama; porque a mayor parte das ſuas Satyras naõ ſe entendem, nem já no ſeu tempo ſe entendiaõ; e por eſta razaõ dizia Nero: *Si non vis intelligi, nec ego volo te intelligere*, como diz Quintiliano.

Juvenal foy o que ſe ſoube fazer celebre na Poeſia ſatyrica, de cujas Obras ſó ſe conſervaraõ dezaſeis ſatyras. Naõ ſe póde duvidar, que eſte Poeta ſeja eſti-

eſtimavel; porém a ſua fortuna foy mayor, que o ſeu merecimento. Entende-ſe, que Quintiliano o louva, quando diſſe no liv. 10. cap. 1. *Sunt clari, hodieque, & qui olim nominabuntur*, fallando dos bons Poetas ſatyricos da ſua idade; e ſe naõ nomea a Juvenal, he porque fez timbre de naõ nomear algum Author vivo no ſeu tempo. Eſcaligero, que ſempre pretende fazerſe ſingular nos ſeus juizos, prefere a força de Juvenal á ſimplicidade de Horacio; porém todos os homens de bom goſto, e eſtudos eſtaõ fortemente pela opiniaõ contraria, affirmando, que o engenho declamatorio, e mordaz de Juvenal he muito inferior á pureza, ſinceridade, e delicadeza de Horacio. O inſigne Boileau foy hum dos que fizeraõ eſte meſmo juizo, dizendo, ſe bem que naõ faz parallelo: *Juvenal educado na bulha das eſcólas fez com que foſſem exceſſivos os ſeus mordazes hyperboles*. A verdade he, que eſte Poeta paſſou a mayor parte da ſua vida entre eſtudos eſcolaſticos, nos quaes teve o nome de *Declamador violento*; e que a juſtiça, que lhe fazem os bons Criticos he, que elle ſe faria muito mais recomendavel, ſe reprehendeſſe os ſeus máos coſtumes com a meſma ſeveridade, com que ſatyrizava os alheyos, e ſe os impugnaſſe de modo, que naõ os enſinaſſe com as ſuas obſcenidades mais depreſſa a commettellos, que a affugentallos, e fazellos horroroſos.

Petronio compoz muitos livros ſatyricos ordenados em proſa, e verſo. Eſtes, propriamente fallando, ſaõ huma eſpecie de Romance feito em fórma de Satyra, do meſmo genero, que a de Varro, como já diſſemos. Eſtes fragmentos todos ſe reduzem a huma Collecçaõ indigeſta de pedaços poſtos por alguem ſem ordem alguma, ſegundo o ſeu genio. Os doutos deſcobrem

em

em Petronio huma fina delicadeza de bom gosto, e huma maravilhosa fecundidade no diverso modo, com que pinta o differente caracter daquelles, que satyriza. Com tudo observaõ tambem, que o seu estylo naõ corresponde inteiramente á delicadeza do seu bom juizo critico; porque nelle se observa toda a casta de affectaçaõ, sendo muy florido, e refinado, no que naõ seguio o magistral estylo do feliz seculo de Augusto. Mas se naõ tivesse este defeito, seria este Poeta mais lido, e ficaria a sua leitura sendo mais perigosa por causa das obscenidades, que se achaõ nas suas Obras. Estes saõ os principaes Poetas antigos, que escreveraõ Satyras; temos muitos modernos, que deraõ tambem muito lustre, ou talvez mayor que os antigos, a esta especie de Poesia. As Satyras do grande *Boileau* saõ excellentissimas, as de *Abbati*, e *Rosa* em Italia mereceraõ grandes elogios, e as do nosso *Francisco Botelho* naõ mereceraõ inferior estimaçaõ; porque todos estes tres Authores seguiraõ a Horacio, como melhòr exemplar no estylo, delicadeza, e modestia; e se aqui naõ damos lugar a este insigne Poeta, he porque tem o seu proprio no Capitulo que se segue, como Principe da Lyrica.

CAPITULO XVIII.

Da Poesia Lyrica, sua materia, e artificio: seu estylo, virtudes, e vicios.

NAõ ha verso mais suave, que o Lyrico; e só dos Poetas, que cantaraõ nesta especie de Poesia, he que se disse, que com a melodîa do seu canto moviaõ as pedras, e os bosques. Segundo os melhores Escritores

res define-se a Lyrica : *Poesis, quæ versu rhythmico, & harmonico rem aliquam amplificat, & cantu, sonoque effectus varios imitatur.* A principal materia desta Poesia, diz Horacio, que saõ os louvores dos Deoses, e Heroes, os amores, banquetes &c. como explicaõ os seus versos :

Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum,
Et pugilem victorem, & equum certamine primum,
Et juvenûm curas, & libera vina referre.

Porém o certo he, que a materia da Lyrica naõ se limita sómente a estes argumentos; de que temos exemplos no mesmo Horacio, Pindaro, Sapho, e Anacreonte, que trataraõ lyricamente de diversos assumptos; porque segundo a authoridade de Escaligero, toda a materia, que poder caber em hum breve, e harmonico Poema, pertence á Poesia Lyrica. O seu artificio principal consiste em tres partes; na *Proposiçaõ*, na *Amplificaçaõ*, e na *Digressaõ*. Por *Proposiçaõ* entendemos o modo, com que se principia, a qual naõ deve ser como a dos Epicos. Nesta parte tem os Lyricos huma grande liberdade; porque humas vezes usaõ da Proposiçaõ clara, outras omittem-na; humas vezes começaõ por Invocaçaõ á Musa, a Apollo, e á Lyra, outras por Apostrophe á pessoa, ou cousa, de que haõ de tratar, e outras por Interrogaçaõ, Exclamaçaõ, ou outra figura, que melhor lhes parece. A *Amplificaçaõ* consiste em engrandecer a cousa com aquelle artificio, que ensina a Rhetorica, de modo que fique sendo engenhosa, florida, e sublime. Horacio commummente amplifica pelas circunstancias, pela enumeraçaõ das partes, pela comparaçaõ de cousas diversas, pelos exemplos semelhantes, pelos affectos, e pelas consequencias assim positivas, como negativas. Por *Digressaõ*, ou Episodio

ſodio entendemos aquella paſſagem, que faz o Poeta do ſeu principal aſſumpto para alguma couſa, que a elle ſeja propria, como v. g. o louvor de alguma virtude, reprehenſaõ de vicio, alguma ſentença, epiphonema, deſcripçaõ, ou narraçaõ de alguma couſa. Eſta tal Digreſſaõ naõ he taõ preciſa na Lyrica, que ſe naõ uſar della o Poeta, commetta hum grave defeito; porém ſe ſe quizer valer della, principalmente ſe eſtiver amplificando, tenha hum grande cuidado em a fazer breve, e tornar logo por hum meyo natural a buſcar o ſeu principal aſſumpto. Em quanto ao eſtylo do verſo Lyrico, recomendamos muito, que ſeja florido, culto, ſuave, ſonoro, alegre, e taõ engenhoſo, como doce, e ameno. Por iſſo ſerá muy propria a deſcripçaõ de fontes, de boſques, de rios, de flores, de banquetes, e de tudo o mais, que coſtuma alegrar o animo. Igualmente ſerá propriiſſimo o uſo dos affectos, e ſentenças frequentes, as ſemelhanças, e mais Tropos da Rhetorica, principalmente ſendo em Ode moral. Sobre a brevidade naõ temos, que recomendar; baſtará dizer, que ſe veja Horacio, e entaõ ſe conhecerá o quanto na Lyrica he propria eſta virtude, e ao meſmo tempo o quanto ſe deve fugir da aſpereza, da redundancia, de ſentenças improprias, de palavras pouco ſignificativas, e do laconiſmo, que faça a dicçaõ aſpera, e eſcura.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Das varias eſpecies do verſo Lyrico.

SAõ diverſas as eſpecies, que ſe comprehendem na Poeſia Lyrica, das quaes tratou largamente o Padre Alexandre Donato na ſua Poetica. Nós porém por fugirmos já a tanta extenſaõ, ſó trataremos de algumas, que ſaõ mais principaes para nós, porque as uſamos. Eſtas eſpecies ou pódem ſer ſimplices, v. g. ſendo ſó o Poeta o que falla, ou Dialogicas, introduzindo, á maneira do verſo Amabeo na Ecloga, outras peſſoas a fallar, de que Horacio nos deixou hum exemplo na Ode 9. do liv. 3. em que elle, e Lidia reſpondem em canto alternado.

O *Hymno* he aquella compoſiçaõ, com que nós outros os Catholicos louvamos a Deos, e aos ſeus Santos, e o meſmo faziaõ os gentios, celebrando com elles os ſeus Deoſes, e Heroes. A Poeſia chamada *Pæan*, que val o meſmo que *Liberator*, ſervia para louvar, e render graças a Apollo, por ter extincto o mal da peſte, ou para lhe rogar, que o extinguiſſe, e neſte meſmo genero de Odes ſe coſtumou depois cantar os louvores de outros deoſes. O *Epinicio* ſervia para celebrar os Capitaens illuſtres por alguma victoria, que conſeguiaõ: o *Epipompeutico* para deſcrever a pompa de algum triunfo: e o *verſo Secular* para dar graças aos deoſes pelos beneficios feitos em cada hum ſeculo, e no fim deſte he, que ſe cantava por alguma menina, que foſſe virgem, ou menino, que ainda uſaſſe da Pretexta. Ultimamente a Poeſia *Dithyrambica* era a que ſe cantava em honra de Baccho; e o ſeu eſtylo era cheyo

de furor, e de palavras inflladas, mas floridas ao meſmo tempo. Tambem nos verſos naõ ſe obſervava ordem, nem ley; porque guiado o Poeta unicamente pelo Enthuſiaſmo miſturava verſos Hexametros com Trocheos, Saphicos, Glyconicos, Aſclepiadeos &c. Entre nós naõ houve Poeta, que ſe fizeſſe memoravel em ſemelhante eſpecie de Poeſia; o meſmo digo dos Caſtelhanos, e com alguma limitaçaõ dos Francezes; e ſó confeſſo, que nella ſaõ inſignes os Italianos, aos quaes baſtaria contar ſómente a *Joaõ Mario Creſcimbeni*, a *Jozé Morey* ambos famoſos Arcades, e a *Gabriel Chiabrera*, que foy optimo naõ ſó neſte eſtylo Dithyrambico, mas tambem no Pindarico, e Anacreontico, como ſe póde ver de algumas Obras ſuas, que traz Muratori na *Collecçaõ dos melhores Poetas de Italia.* Eſtas ſaõ as eſpecies mais uſadas, que tem a Lyrica, das quaes ſe valem tambem os Poetas Catholicos, ou fazendo Odes em vulgar, ou uſando de Cançoens, Romances &c. nos quaes ſe devem obſervar os meſmos preceitos da Lyrica Latina; porque as regras da Poetica ſaõ as meſmas para qualquer lingua.

CAPITULO XX.

Juizo ſobre os antigos Poetas Lyricos Gregos, e Latinos.

A Grecia foy muy fertil de engenhos eminentes neſta eſpecie de Poeſia. Naõ trataremos de *Talles*, de *Alcmane*, de *Steſicoro*, e de *Alceo* famoſos Lyricos, ſegundo as authoridades de Plutarco, Pauſanias, Herodoto, e Quintiliano; porque naõ paſſaraõ as ſuas

Obras

Obras ao nosso tempo, e assim naõ podemos formar juizo do merecimento dellas.

De *Safo*, mulher famosa, he, que lemos alguns fragmentos. Della tomou o nome o verso Safico, em que compoz hum grande numero de composiçoens, das quaes unicamente se salvaraõ duas, que claramente daõ a conhecer, que a antiguidade naõ fora lisonjeira, quando formou grandes elogios á belleza, ternura, harmonia, e delicadeza dos seus versos. Com effeito mereceo o nome de *Musa Decima*, e que os póvos Mettelinos esculpissem nas suas moedas a imagem desta grande mulher.

Anacreonte foy tambem hum Lyrico de bem distincto merecimento. Delle conservamos algumas Obras, que traduzio em Francez a insigne Madama Dacier, e nesta Traducçaõ poderá ver o leitor a que sublime gráo sóbe a excellencia deste Poeta, sendo que a sua delicadeza, fantasia, e belleza he taõ difficil a perceber, como a explicar.

Pindaro, confórme Quintiliano, he o que tem o primeiro lugar entre todos os Poetas Lyricos da Grecia. Naõ se póde duvidar, que o seu caracter dominante he a nobreza, a grandeza, e a sublimidade; virtudes, que a cada passo o elevaõ sobre todas as regras ordinarias, que com facilidade naõ pódem servilmente observar os grandes engenhos. Nas suas Obras se está sensivelmente vendo o verdadeiro Enthusiasmo poetico, e para naõ parecerem atrevidas, moderou o seu grande fogo, dando nas suas imagens humas agradaveis pinceladas. Como este Poeta teve hum juizo muito deli ado, por fugir á censura de parecer nimiamente sublime, e fogoso, espalhou por todas as suas Odes diversas flores com maõ liberal. Com razaõ diz delle Horacio, que

he hum Cisne, que arrebatado de hum vento impetuoso se eleva até ás nuvens; que he huma corrente, que abundante de aguas abate tudo quanto se oppoem ao impeto do seu curso. Se se observa este Poeta por outro lado, parece hum rio pacifico, cujas aguas claras, e puras estaõ regando flores; parece huma abelha, que para formar o seu mel, extrahe das flores tudo quanto tem de precioso. O seu estylo he sempre proporcionado ao assumpto, conciso, economico, e sem huma demasiada uniaõ de vozes. O seu espirito está fallando nos versos, e o seu delicadissimo juizo nos está mostrando a cada passo quanto he preciso humas vezes accender, e outras apagar o fogo do furor poetico, segundo a materia, que se trata. Naõ pretendemos com este juizo dizer, que Pindaro he hum Author sem defeitos. He certo, que tem muitos, que os Criticos desapaixonados lhe naõ pódem negar; porém igualmente he certo, que o numero, e grandeza das suas bellissimas imagens, que estaõ misturadas com estes mesmos vicios, devem fazer, com que estes se encubraõ, ou se desvaneçaõ. Devemos persuadirnos, que Horacio juiz taõ competente em toda a materia, e muy particulamente nesta, quando disse: *Pindarum quisque studet æmulari*, tinha formado huma idéa bem grande do raro merecimento deste Poeta. Teve Pindaro huma grande competidora na pessoa de *Corinna*, mulher tambem taõ celebre neste mesmo genero de Poesia, que cinco vezes em certame publico lhe arrebatou a palma das mãos, e por esta sua excellencia foy chamada a *Musa Lyrica*.

Horacio he o Pindaro de Italia; porque foy o que honrou a lingua Latina com a Poesia Lyrica; mas naõ podemos deixar de confessar a differença, que ha entre

entre o original, e a copia, naõ obstante a pureza de seu estylo, os seus bellos raptos poeticos, as suas vivas imagens, e a delicadeza, com que conceituava em todo o assumpto. As suas Satyras, e Epistolas saõ de huma inimitavel bondade, se bem nellas naõ descobrimos aquelle esplendor das luzes poeticas, e aquella doçura, que encontramos nas suas Odes. Fallo no que respeita á contextura dos versos, que de proposito quiz fazer humildes, e incultos; porque nelle vemos muitos lugares, em que se achaõ versos bem harmoniosos, como os da Satyra 1. do liv. 2. em que diz, que naõ he capaz de escrever as grandes acçoens de Augusto; e os da Satyra 6. do mesmo livr. 2. em que com cores taõ vivas, e elegante dicçaõ descreve o jantar, que hum rato do campo deu a outro da Cidade. Naõ obstante toda a pouca harmonia dos seus versos, he este Poeta o attractivo dos eruditos de bom gosto; o que procede das muitas virtudes, que nelle se encontraõ, como he o estylo facil, a delicadeza unida com a fina graciosidade, a naturalidade, o artificio occulto, a viva pintura das imagens, e aquelle fundo de raciocinio, e juizo, que com maravilhosa arte representa os defeitos, e acçoens ridiculas dos homens. Por esta razaõ disse delle Quintiliano, depois de tratar de Lucilio inventor da Satyra: *Multò est tersior, ac purus magis Horatius, & ad notandum hominûm mores præcipuus.* Da sua Arte Poetica, e de algumas Satyras, e Epistolas, que lhe dizem respeito, he que desejaramos fallar largamente por ser cousa muy propria do nosso assumpto; porém bastará succintamente dizer, como fez *Rolin*, a quem copiamos, que naquelle pequeno Tratado se comprehendem todas as regras substanciaes da Poesia; e que he hum excellente compendio de preceitos rhetoricos, capa-

capazes de introduzir todo o bom gosto a quem os estudar. Assim este Poeta fosse taõ digno de se imitar no que respeita aos costumes; porque muitas vezes como verdadeiro Epicurèo, que era, se deixava arrastar todo dos seus gostos, e usava de sentimentos, e expressoens bem pouco modestas; e por isso Quintiliano disse: *Horatium in quibusdam nolim interpretari.*

CAPITULO XXI.

Da Elegia, seu principio, definiçaõ, artificio, virtudes, e vicios.

A Voz Grega Elegia val o mesmo, segundo Didymo, que dizer *ay de mim*, e na opiniaõ de outros: *dizer cousas, que movaõ.* Os Gregos, a quem depois imitaraõ os Latinos, serviraõ-se da Elegia para os assumptos tristes, e a formaraõ de versos Hexametros, e Pentametros. Depois prevaricou-se este uso, e chamou-se Elegia a toda aquella composiçaõ dilatada, que se compunha destes taes versos, ou fosse o argumento melancolico, ou alegre. Assim o lemos na Poetica de Horacio:

Versibus impariter junctis queremonia primùm,
Mox etiam inclusa est voti sententia compos.

Assim como naõ conservamos Elegia alguma Grega, assim tambem naõ sabemos quem fora o seu Author; e já Horacio dizia:

Quis tamen exiguos Elegos emiserit Author,
Grammatici certant, & adhuc sub judice lis est.

A definiçaõ desta especie de Poesia, segundo Dydimo: *Est lamentatio, quæ ad tibiam canitur.* Naõ podemos estar

eſtar por ella; porque tambem havia outras Poeſias funebres, que igualmente ſe cantavaõ ao triſte ſom da frauta, como eraõ as Nenias, e algumas Odes; e deſte modo naõ fica ſendo eſta definiçaõ eſpecifica para a Elegia. Seguiremos pois com muitos Authores a do Padre Donato, que a define: *Poema, quod ſolùm hexametro, & pentametro verſu conficitur*: eſtes verſos já ſe ſabe, que haõ de ſer alternados de tal modo, que ſempre ao Hexametro ſucceda o Pentametro; e he taõ propria eſta alternativa, que até na Elegia vulgar ſe uſa della, correſpondendo ſempre o conſoante do primeiro verſo de hum terceto com o do terceiro verſo do meſmo terceto, e o do ſegundo verſo do primeiro terceto com o primeiro do ſegundo terceto. A eſta definiçaõ do Padre Donato naõ deve obſtar o Epigramma, que tambem ſe compoem de verſo Hexametro, e Pentametro; porque a Elegia naõ póde variar de metro, por iſſo na definiçaõ eſtá aquella circunſtancia: *Quod ſolùm*, e o Epigramma tambem ſe póde fazer em outra variedade de verſos, como Lyricos, ou todos Hexametros, de que tudo ha baſtantes exemplos. Naõ eſpecificou o Author deſta definiçaõ, que a Elegia era hum Poema *triſte*; porque fallou como devia ſer, da Elegia moderna, que naõ ſó, como a antiga Grega, comprehende couſas funebres, mas tambem amores, guerras, louvores, vodas, triunfos, congratulaçoens, e finalmente quaſi todas as materias. Sobre o ſeu artificio naõ temos mais que dizer, ſenaõ, que a Elegia ſe compoem, como a Lyrica, de *Propoſiçaõ*, *Amplificaçaõ*, e *Digreſſaõ* com as obſervaçoens, que já fizemos no Capitulo antecedente. O ſeu eſtylo deve ſer caſtigado, ſuave, facil, e mais cheyo de affectos, que de ſentenças, e agudezas, que o façaõ embaraçado,

ou

ou muy artificioso. Saõ nelle muy proprias as figuras, assim as que consistem nas palavras, como nas sentenças, principalmente a chamada *Repetitio*, de que temos exemplo em Ovidio, dizendo:

Altera tela arcus, altera tela faces.

E em Propercio quando disse:

Cynthia prima fuit, Cynthia finis erit.

Esta figura ainda fará melhor effeito, se se usar della no principio da Elegia, como fez Tibullo, dizendo:

Quàm citò purpureos amittit terra colores,
Quàm citò formosas populus alta comas!

Igualmente lhe serve de grande adorno o fazer, com que o fim do Pentametro antecedente sirva de principio ao Hexametro, que logo se segue, ou tambem fazer, que acabe o Pentametro com as mesmas palavras, com que se principiou o Hexametro: v. g.

* *Phœbus adest, sonuere lyræ, sonuere pharetræ:*
Signa Deum nosco per sua, * *Phœbus adest.*

Estas regras saõ taõ communas para a Elegia Latina, como para a vulgar, e o Poeta, se tiver talento, facilmente as praticará em qualquer das linguas. Alguns preceitos ha, que só pertencem á Latina, como v. g. o de naõ acabar o Pentametro em participio, por exemplo: *Ore nitens, corde tumens &c.* ou em relativos tambem, como v. g. *fugit eam, vidit eos, scripsit ei &c.* porque tudo faz, com que a dicçaõ fique sendo muito humilde. No mesmo vicio cahirá o Poeta, se acabar em algum monosyllabo, e com frequencia em palavras de quatro syllabas; porém a todas estas regras deve prevalecer a approvaçaõ do Ovidio, que he o melhor mestre, e a liçaõ dos bons Authores Elegiacos antigos, e modernos.

Juizo

CAPITULO XXII.

Juizo ſobre os antigos Poetas Elegiacos Gregos, e Latinos.

HUma das grandes perdas, que tem experimentado a Poeſia, he naõ haver Elegia alguma Grega, ſegundo a ſua primeira origem, que, como diſſemos, foy excitar mais a compaixaõ, que o goſto, e a piedade, que a admiraçaõ. Sabemos, que *Periandro*, *Pittaco*, *Solon*, e outros eſcreveraõ em verſos Elegiacos os ſeus preceitos ſobre a Religiaõ, o moral, e o politico, imitando niſto a *Theognides* de Megara, e a *Focilides*.

Mimnermo foy o que aperfeiçoou eſta eſpecie de Poeſia, e o que fez, com que paſſaſſe de aſſumptos funebres para amoroſos. Os fragmentos, que delle ha ſó inſpiraõ o goſto dos ſentidos; e por iſſo diſſe Horacio na Epiſtola 6. liv. 1.

Si, Mimnermus uti cenſet, ſine amore, jocisque,
Nil eſt jocundum, vivas in amore, jocisque.

Callimaco conforme a opiniaõ de Quintiliano, foy o mais excellente Poeta Elegiaco, dizendo: *Cujus* (Elegiæ) *Princeps habetur Callimachus*; porém Horacio he de diverſo parecer, preferindo a Mimnermo na Epiſtola 1. liv. 2. Entre eſta diverſidade o que ſe póde dizer a favor de Callimaco he, que a antiguidade ſempre o venerou como hum Poeta ornado de toda a literatura, o que naõ nos conſta de Mimnermo.

Paſſando da Grecia a Italia começaremos em Catullo, Poeta de grande merecimento. A delicadeza dos ſeus verſos lhe fez conſeguir a amiſade dos enge-

nhos mais doutos de Roma, que no ſeu tempo eraõ em grande numero. O ſeu caracter proprio, e verdadeiro he a elegante ſimplicidade, e a graça natural; o que claramente confeſſará quem tiver bom goſto, lendo naõ menos as ſuas Elegias, que os ſeus Epigrammas, nos quaes foy o melhor Poeta entre os Latinos, a pezar dos parciaes de Marcial. Teve Catullo dous grandes defeitos; o primeiro foy manchar com obſcenidades o ſeu puro eſtylo; o ſegundo naõ cuidar muito na harmonia dos verſos. Teve liberdade no dizer, como ſe vê de dous Epigrammas ſatyricos, que fez contra Cezar. Em hum deſtes o trata com tal deſprezo, que Quintiliano chamou loucura a tanta ſoberba, quanta foy dizer:

Nil nimium ſtudeo, Cæſar, tibi velle placere,
Nec ſcire utrum ſis ater, an albus homo.

Porém eſta injuria ſervio de moſtrar a benignidade daquelle Principe; porque diſſimulando o ſeu diſgoſto, convidou a Catullo a cear com elle, logo, que lhe deu huma ſatisfaçaõ.

Ovidio foy hum Poeta de merecida fama, e taõ conhecido em todos os ſeculos, que duvido houveſſe Poeta, que delle naõ tiveſſe liçaõ. Teve huma inimitavel facilidade em metrificar; mas ao meſmo tempo teve huma grande repugnancia em retocar as ſuas Obras, ſendo, como diz *Fleuri* no ſeu Methodo de Eſtudos, todo fogo em compor, e em emendar todo neve; conceito, que de ſi meſmo deixou tambem eſcrito o meſmo Poeta. Com tudo bem ſe lhe podia perdoar eſta negligencia, ſe os ſeus coſtumes deſenfreados lhe naõ fizeſſem compor Obras taõ obſcenas, e prejudiciaes, que juſtamente deviaõ ſer o pretexto do ſeu deſterro para *Tomas*, Cidade da Europa no Ponto Euxino, ho-

je

je chamada *Temiſvar.* Quintiliano no liv. 10. cap. 1. faz hum juizo ſobre as Obras de Ovidio em poucas palavras, porém muito juſtas, e ſignificantes, para ſe conhecer bem o caracter deſte Poeta: *Laſcivius quidem in Heroicis quoque Ovidius, & nimium amator ingenii ſui: laudandus tamen in partibus.* Com effeito o vicio mayor de Ovidio he o de ſer muy diffuſo, e por eſta razaõ ſe faz muitas vezes humilde, e baixo; culpa, que naſcia da vivacidade, e fecundidade do ſeu grande engenho, e da affectaçaõ de ſer tido por ſublime, a pezar da natureza das couſas: *laſcivus.* Pagava-ſe muito de tudo quanto eſcrevia, eſtimando com amor mayor que de pay, a todas as ſuas producçoens; e por iſſo nunca ſe animava a accreſcentar, ou diminuir nellas alguma couſa: *nimium amator ingenii ſui.* Com tudo deve-ſe confeſſar, que he admiravel em muitas partes: *laudandus tamen in partibus.* Daqui vem o diſtincto louvor, que merece a rara facilidade com que produzia muitos, e difficultoſos penſamentos, a doçura com que ornava os ſeus verſos, e a paſmoſa fecundidade de erudiçaõ, com que tratava as couſas, de tal modo, que muitas vezes a abundancia o fazia pobre. A melhor Obra, que ſem controverſia nos deixou Ovidio foraõ os ſeus *Metamorphoſes*, e elle meſmo a eſtimava como producçaõ, pela qual conſeguiria a immortalidade do nome. Nella verdadeiramente ſe achaõ couſas exquiſitas, e de hum finiſſimo goſto, além de huma admiravel erudiçaõ em toda a materia, que excede aquella, com que ordenou os livros dos *Faſios*, que ſe eſtimaõ como Obra de hum grande talento, e ſe ſente naõ ſe terem completos.

Tibullo, e *Propercio* floreceraõ no meſmo tempo, e no meſmo genero de Poeſia. Os Criticos os conſideraõ

ſideraõ como Poetas de muita pureza de eſtylo, e de naõ inferior delicadeza; porém ſempre preferem Tibullo a Propercio, por ſer mais ſuave, e cheyo de melhores imagens poeticas.

Muitos Authores modernos têm havido, que ſe fizeraõ celebres na Poeſia Elegiaca, como foraõ *Hermanno Hugon* no ſeu *Pia Deſideria*, *Sautel* no ſeu *Luſus Allegoricus*, muitos dos *Arcades* de Roma, como ſe póde ver na Collecçaõ dos ſeus verſos Latinos, e outros innumeraveis Poetas das naçoens mais cultas, entre os quaes tem na minha opiniaõ o melhor lugar *Sidronio Hoskio* da Companhia de Jeſus.

CAPITULO XXIII.

Do Epigramma, ſua definiçaõ, diviſaõ, artificio, eſtylo, virtudes, e vicios.

HE o Epigramma a compoſiçaõ mais breve, que tem a Poeſia, e ao meſmo tempo a mais difficil; porque ſaõ rariſſimos os Authores, que em livros inteiros de Epigrammas compozeraõ alguns, que mereceſſem o nome de perfeitos. Procede eſta difficuldade dos muitos preceitos a que eſtá ſujeita eſta tal compoſiçaõ, os quaes brevemente expenderemos com a clareza, que nos for poſſivel, ſegundo o methodo, que até aqui temos praticado. Define-ſe commummente o Epigramma: *Breve Poema vel ſimplex factum, aut rem indicans, vel aliud ex alio deducens.* Deſta definiçaõ ſe vê, que he ampliſſima a ſua materia, comprehendendo todas as couſas quaſi ſem limitaçaõ. Sobre a diviſaõ do Epigramma ha nos Authores diverſos pareceres; porque huns divi-

dividindo-o pelos tres generos rhetoricos, chamaõ *Demonstrativo* áquelle, que contém louvor, ou vituperio; *Deliberativo* ao que persuade, ou dissuade, e *Judicial* ao que reprehende, e critîca. Outros o dividem em sacro, moral, e profano; outros em Epico, Tragico, e Comico, chamando Epico ao que comprehende louvores de Heroes; Tragico ao que contém cousas graves, e tristes; e Comico ao que consta de galantarias, e graças, ou sejaõ innocentes, ou satyricas. Escaligero na sua Poetica, como grande amante de novidades, o dividio em mel, em fel, em vinagre, e em sal. Parece pueril esta divisaõ, porém he muy significante; porque apropría o mel ao Epigramma, que trata de cousas delicadas, e suaves, como amores &c. o fel ao que contém reprehensoens, satyras &c, o vinagre ao que morde, mas sem veneno, e mordacidade, e o sal ao que consta de graciosidades, que innocentemente movem o riso sem vituperar a alguem. Entre esta diversidade de sentenças faremos nós tambem a nossa divisaõ, que temos por mais breve, e principal. Dividimos pois o Epigramma em *Simples*, e *Composto*: simples he aquelle, que expoem huma unica cousa; e composto aquelle, em que de huma cousa se deduz outra mayor, ou menor, igual, ou desigual, diversa, contraria &c. Bem sabemos, que alguns modernos naõ approvaõ muito esta divisaõ; mas sem fundamento; porque se estabelece nos exemplos da mayor parte dos Authores illustres da antiguidade, nos quaes se achaõ Epigrammas, em que tem todo o seu lugar esta divisaõ. Qualquer genero de Epigramma segunda vez se póde dividir em Simples, e em Dialogico: por Simples entendemos aquelle, em que falla huma só pessoa, e por Dialogico aquelle, em que he mais de huma a pessoa,

que

que nelle discorre; e deste segundo modo usaraõ tanto os Gregos, como os Latinos do primeiro. Em quanto ao artificio temos algumas cousas, que recommendar. Naõ fallaremos do Epigramma simples; porque como este naõ contém mais que huma mera exposiçaõ, basta, que seja facil, suave, e conceituoso sobre materia pouco trivial, para causar admiraçaõ, e deleite ao entendimento. O Epigramma composto, que he o de que mais usaõ os modernos, tem duas partes, que saõ Exposiçaõ, e Deduçaõ, a que os Logicos chamaõ premissas, e consequencia. Muitas vezes succede (como nota o Padre Donato) exporse primeiramente o que se infere; e depois aquillo, donde se deduz. Temos entre outros muitos hum exemplo em Marcial no Epigramma, que diz:

Semper eris pauper, si pauper es, Æmiliane;
Dantur opes nulli nunc, nisi divitibus.

Pela ordem de argumentar devia dizer o Poeta: *Neste tempo só aos ricos se dá dinheiro, tu naõ es rico, logo nunca receberás dinheiro, e por isso sempre serás pobre.* Com este exemplo vemos, que Escaligero naõ definio bem o Epigramma, quando disse que era *Poema breve ex præpositis aliquid deducens.* Póde tambem este principiar logo por alguma agudeza, que entre occulta, para naõ se equivocar com a do fim, em que acaba o mesmo Epigramma. Outras vezes póde consistir o artificio na força de hum equivoco, de modo, que tomado este por hum sentido signifique huma cousa, e por outro se entenda outra; como mostra bem o Padre Radero no Commento a Marcial. Muitas saõ as maneiras, pelas quaes se póde abrir caminho para conduzir a exposiçaõ do assumpto ao fecho do conceito. Poderemos começar ou *ex abrupto*, ou por huma simples narraçaõ,

raçaõ, principalmente naquelles argumentos, que naõ pedem força de affectos, ou por alguma figura, como v. g. apoſtrofe, exclamaçaõ, interrogaçaõ, ethopeia, ironia, hypotypoſis &c. A parte mais principal do Epigramma já todos ſabem, que he o fecho, conſiſtindo na cauda toda a ſua belleza, á maneira do pavaõ. O melhor modo, e mais perfeito, que quanto a mim ha, para ſe formar hum optimo Epigramma he ordenallo de maneira, que o antecedente ſeja como hum nó, que ſó deſate o ſubſequente do conceito; porque deſte modo ſe vay tambem reſtringindo áquellas regras preſcriptas a mayor Poema. Em quanto á qualidade dos conceitos naõ temos nada, que recommendar neſte Capitulo, pois nos remetemos ao principio deſta Arte, em que taõ largamente tratámos dos penſamentos falſos, e verdadeiros dos que eraõ inveroſimeis, improprios, affectados, puerîs, fundados em equivocos, paranomaſias, alliteraçoens &c. O eſtylo do Epigramma deve ſer ſegundo a qualidade do aſſumpto; no que for ſério, ha de ſer grave, e ſublime; no que for florido, ſuave, e pompoſo; e no ridiculo, galante, e com expreſſoens familiares; porém ſeja qualquer que for a materia, ſempre o eſtylo deve ſer vivo, ameno, e engenhoſo, acompanhado de brevidade; porque quanto mais breve for o Epigramma, tanto melhor ſerá. Nelle a ſuavidade da locuçaõ he outra circunſtancia naõ menos preciſa; pois muitas vezes eſta ſupre a falta de conceito, como a cada paſſo eſtamos vendo nos Sonetos de Petrarca, muitos dos quaes naõ acabaõ conceituoſos, e com tudo ſaõ ſummamente eſtimaveis, pela ſuavidade do eſtylo, e modo, com que ſe explicou o Poeta. Eſtas ſaõ as principaes virtudes, que ſe devem praticar nos Epigrammas, as quaes ſó ſe naõ conſe-

guem,

guem, lendo com madureza, e reflexaõ os bons Poetas, que os compozeraõ, diſtinguindo, e ſeparando deſtes aos que ſempre ſe empregaraõ em hum uſo de palavras vans, eſtrondoſas, e que naõ ſignificaõ; em equivocos puerîs, em paranomaſias ridiculas, e em outros muitos vicios ſemelhantes a eſtes, que coſtumaõ agradar aos que tem o paladar depravado, como já temos dito com baſtante extençaõ. Eſtes ſaõ os fundamentos, em que ſe funda naõ ſó o Epigramma, mas tambem o Soneto, que muitos querem ſeja o Epigramma vulgar. Os que ſeguem eſta opiniaõ he a Academia da Cruſca no ſegundo *Infarinato*, pag. 59. Gregorio Giraldi no Tratado *dos Poetas*, pag. 195. e 364. e 365. e Varchi nas ſuas *Liçoens poeticas*, pag. 462. Os de contrario parecer he Minturno na *Poetica Vulgar*, o Apatiſta tom. 4 *Progyn.* 78. aos quaes ſigo pelas razoens, que direy: Primeiramente porque o Epigramma naõ tem grandeza determinada; por ſer de quatro verſos, de dous, e tambem de hum; o que ſe naõ pòde verificar no Soneto; que ſempre ha de ter quatorze verſos, contendo argumento grave, e ás vezes quinze ou mais, ſendo em aſſumpto ridiculo, o que vulgarmente chamamos *cauda*, a qual, ſegundo a Apologia de Annibal Caro, em que Paſquino he o Apologiſta, tem ſua propriedade para fazer rir; e por iſſo ſe coſtuma pôr aos doudos, bufoens, e outras ſemelhantes peſſoas; o que entre nòs he bem commum no tempo do carnaval. Em ſegundo lugar, o Epigramma he applicativo a toda a materia ou nobre, ou humilde; o que naõ he commum no Soneto; porque raras vezes ſerve, ou deve ſervir para aſſumptos ridiculos, como diz o inſigne Apatiſta no lugar acima citado. Quanto a mim mais ſe parecem os Epigrammas Latinos, principalmente os Gregos, com

os

os *Madrigaes*, *Redondilhas*, e ainda *Decimas*, do que com o Soneto; e para que se naõ diga, que este juizo he unicamente meu, lea-se a *Poetica Vulgar* de Antonio Minturno, tratando do Soneto, em que prova, que naõ este, mas o Madrigal, he o que póde corresponder aos antigos Epigrammas. Com effeito assim o praticaraõ os Poetas de melhor nota entre os Italianos, como se póde ver na excellente Collecçaõ, que delles fez o eruditissimo Muratori.

CAPITULO XXIV.

Juizo sobre os Poetas Gregos, e Latinos, que compozeraõ Epigrammas.

OS antigos Gregos naõ tiveraõ, como os Latinos, quem escrevesse livros inteiros de Epigrammas. Por este motivo se viraõ depois obrigados os curiosos a fazer Collecçoens destas taes Obras, a que chamaraõ *Anthologia*. Meleagro foy o primeiro, que a adornou, pondo-lhe o dito nome; e como entendeo, que esta tal Collecçaõ era hum ramilhete formado das flores mais bellas de Poesia, que achara em quarenta e seis Poetas antigos, destinou huma flor para cada hum dos Poetas, como v. g. o lyrio para Anites, a rosa para Safo &c. Depois delle Filippe de Thessalonica no tempo do Emperador Augusto fez outra Collecçaõ de Epigrammas tirados sómente de quatorze Poetas. Passados cincoenta annos fez Agatias a terceira; e ultimamente Planudes Monge de Constantinopla, que vivia no anno de 1380. fez a quarta, dividindo-a em sete livros, e formando-a por ordem alphabetica. Esta he a *Anthologia*,

 que

que hoje temos, na qual naõ se póde negar, que ha Epigrammas mùy judiciosos, e cheyos de bellezas poeticas; porém naõ saõ muitos os que merecem este louvor, como diz Rolin na sua *Historia antiga* tom. 13. pag. 62.

Entre os Latinos só *Marcial* foy o que empregou a sua Musa unicamente em compor Epigrammas, de que ordenou quatorze livros, e hum de *Espectaculos*; se bem que Vossio persuade-se, que este livro he huma Collecçaõ de Epigrammas de Marcial, e de outros muitos Poetas do seu tempo sobre os Espectaculos, que mandou representar Tito no anno 80. O juizo desapaixonado, que se deve fazer das Obras deste Poeta he, que nellas mostra mais engenho, que modestia. Todos lhe vituperaõ o demasiado genio mordaz, que teve, e a vergonhosa adulaçaõ com que tratou a Domiciano. Elle foy, se naõ quem introduzio, quem acabou de estabelecer o amor ás subtilezas, e ao estylo picante, e affectado nos versos, desprezando aquelle bom gosto, que reinava no seculo feliz de Augusto, e durou até os tempos de Tiberio, e de Caligula. Tocado deste contagio compunha Marcial os seus Epigrammas, aos quaes se póde com justiça apropriar aquelle seu mesmo verso.

Sunt bona, sunt quædam mediocria, sunt mala plura.

Certamente o mayor numero he o dos máos, se bem que alguns tem, que saõ excellentes; como he o Epigramma 35. do liv. 3. sobre huma bella escultura; o 83. do liv. 7. sobre o vagar, com que trabalhava hum barbeiro; o 13. do liv. 2. em que aconselha a hum homem, que se deixe de tratar causas no Foro; o 51. do liv. 10. sobre a morte apressada de hum homem, que muitas vezes tinha conseguido premios no Circo; o 22. do

liv. 1. ſobre a acçaõ reſoluta de Mucio Scevola; o 46. do liv. 2. contra a avareza de hum rico inhumano; e o 42. do liv. 8. em que moſtra, que ſó aquelles, que fazem bem, he que ſabem conſervar os ſeus bens. Sobre tudo naõ ſe encontra em todo eſte Poeta couſa de goſto mais fino, e delicado, que aquelle Epigramma do liv. 1. em que deſcreve, ſe bem que com alguma extenſaõ, as perfeiçoens de huma cadellinha, acabando com hum conceito taõ excellente, que ſe Marcial veſtiſſe ſempre a ſua Muſa com ſemelhante ornato, naõ o excederia Catullo nos poucos Epigrammas, que compoz. Infinitos modernos tem empregado o ſeu engenho na compoſiçaõ deſtas Obras, perſuadindo-ſe talvez, que eraõ menos difficeis, que outras. A mayor parte delles ſeguiraõ a Marcial mais nos vicios, que nas virtudes poeticas; porque todo o ſeu esforço foy em produzirem conceitos humas vezes contrarios ao bom goſto, por ſerem puerîs, refinados, e affectados, e outras ao entendimento por ſerem daquelles, a que juſtamente chamaõ os Francezes *brilhantes falſos*. Entre eſtes Epigrammiſtas naõ he *Owen* o de peyor nota; porque ainda que eſtá cheyo de puerilidades, de paronomaſias, e equivocos, e tem huma metrificaçaõ commummente humilde, com tudo foy hum engenho viviſſimo, e fecundiſſimo de conceitos, principalmente jocoſos, para os quaes teve huma incomparavel inclinaçaõ; e por iſſo he muy eſtimado, naõ obſtante a ſua mordacidade, e vicios no Latim. Melhor lugar do que eſte Poeta occupa *Vavaſſeur*, inſigne neſte genero de Poeſia, como facilmente ſe vê da Prefacçaõ taõ douta, como elegante, que poz no principio dos tres livros de Epigrammas, que deu ao publico. O Padre *Bidermani* ſim he prolixo, e frouxo em muitos penſamentos, mas em

outros póde servir para exemplar, deixando trabalhar a natureza nos assumptos. O Padre *Matheus Casimiro* ainda tem melhor predicamento; porque o seu estylo he facil, suave, e pela mayor parte amante de conceituar sobre o que naõ he refinado, ou inverosimil. O Padre *Le Jay*, e *Santeüil* foraõ os que modernamente mereceraõ a coroa com mais justiça, principalmente o segundo, cujos suavissimos, e delicadissimos Epigrammas fizeraõ com singularidade resuscitar o espirito de Pindaro, Anacreonte, e todos aquelles Gregos, pelos quaes fallavaõ as Graças. Deixamos de tratar em outros innumeraveis Epigrammistas de grande merecimento, por fugirmos, como he nosso costume, de affligir aquelles leitores, que com razaõ se enfastiaõ da prolixidade.

CAPITULO XXV.

Da Sylva: trata-se dos varios generos de Poesia, que nella se comprehendem.

CHamaõ-se Sylvas, segundo Escaligero, áquelles Poemas, que repentinamente nascem do Estro poetico. Dividem-se estes em diversos generos, como saõ v. g. Epithalamio, Genethliaco, Epicedio, Acçaõ de graças, Panegyrico, Poema votivo, Parenetico, e outras mais composiçoens, de que largamente tratou o Padre Donato na sua Poetica desde pag. 276 até 312. Para ella remetemos o leitor principiante, que necessitar de noticias taõ triviaes; que nós, como cançados, só trataremos dos generos, que acima apontámos, os quaes muitos, e eruditos Authores de Poetica deixaraõ de explicar.

Epi-

Epithalamio he o Poema, que se faz em occasiaõ de vodas; e para procedermos com mais individuaçaõ, he preciso dizer, que este se fazia por quatro modos. O primeiro era recitando os versos logo na occasiaõ do banquete, e chamava-se *Scholion* a esta composiçaõ: o segundo era cantando-os na camera, em que os desposados haviaõ dormir, e a este Poema se chamava propriamente *Epithalamio*: o terceiro era descrevendo a pompa da funçaõ: e o quarto era quando com esta narraçaõ se misturava o canto dos musicos, a que chamavaõ *Epithalamio mixto*. O seu principal artificio consiste em annunciar aos esposos felicidades, e desejarlhes hum honesto, e mutuo amor. Para este fim he muy proprio invocar ao Hymeneo, e as Graças, como igualmente para se descrever a pompa, e circunstancias magnificas de semelhante funçaõ. Escolhe-se hum lugar proprio para louvar as virtudes dos desposados, vaticinando, que estas se haõ de ver reproduzidas em huma larga posteridade. Já se sabe, que tudo isto para fazer hum todo bem harmonioso, ha de nascer de huma ficçaõ, que o Poeta deve inventar de modo, que seja propria para o seu assumpto. O estylo deve ser festivo, honesto, suave, e pouco artificioso, de maneira, que pareça, que necessita de lima; porque de outro modo naõ parecerá Sylva, que como dissemos, se fórma de versos quasi extemporaneos, os quaes nunca costumaõ ser muy polidos. Muitos guiados pelo que tem lido em alguns Epithalamios modernos, que saõ nimiamente cultos, teraõ este preceito por cousa nascida do capricho; porém ouçaõ o que neste ponto escreveo o Padre Antonio Forti da Companhia de Jesus na sua Poetica pag. 395. *Stylus non multùm elaboratus: talis enim apparere debet, ut silva videatur, carmen videlicet ferè*

ferè extemporaneum, penè rude, ac deinde deligentiore limâ perpoliendum. Os Authores, que melhor pódem dar luzes nesta materia, saõ Museo, Catullo, Ovidio, Claudiano, e Estacio.

Genethliaco he aquelle Poema, que se canta pelo nascimento de alguem. Tambem havia dous modos de o fazer: o primeiro era no mesmo dia do nascimento, e o segundo era renovando todos os annos como Anniversario a memoria delle, a que nós chamamos parabens por occasiaõ de annos. O seu artificio consiste pela mayor parte em fingir hum Oroscopo, em que se prognostique ao recem nascido grande ventura. Será muy proprio observar o Planeta, debaixo de cuja influencia nasceo, e desta fonte extrahir cousas, que sejaõ proporcionadas, e coherentes ao costume poetico. Igual propriedade haverá, se se invocar alguma divindade, para que lhe communique os seus attributos, de módo, que na mayor idade praticando as virtudes dos seus Ascendentes, seja gloria da sua patria: e aqui pódem ter hum lugar proporcionado os louvores da familia do tal menino. Se este Poema for feito como Anniversario, entraremos a louvar as virtudes, que brilhaõ naquella idade, que conta a tal pessoa, que nos serve de assumpto; e depois passaremos a acenderlhe o animo (se o soffrerem os annos) para que se faça memoravel, praticando, ou dispondo-se a poder executar acçoens gloriosas. Em quanto ao estylo naõ nos occorre cousa particular, que recommendemos: seja estylo de Sylva, e o mesmo, que convem ao Epithalamio; isto he, festivo, alegre, e cheyo de expressoens, e imagens, que dem a mostrar hum grande obsequio. Em que o Poeta deve ter grande cuidado, he em ter sempre diante dos olhos a condiçaõ do menino, que lhe ser-

ſerve de argumento, de modo que naõ venha a ſer improprio, e inveroſimil o que fingir. He certo, que o prazer, e alegria, que convem no naſcimento do filho v. g. de hum paſtor, naõ convem ao de hum militar, nem o deſte ao de hum Principe &c. porque para o filho de hum paſtor convidariamos, por exemplo, para o applauſo aos gados, aos boſques, rios &c. para o de hum Capitaõ, a ſoldados, e para o de hum Rey, aos ſubditos, Reinos, Provincias &c. correſpondendo cada couſa á condiçaõ do aſſumpto.

Epicedio he aquelle Poema, que contém os louvores de alguma peſſoa defunta. Quando os verſos ſe recitavaõ naõ eſtando ainda o corpo reduzido a cinzas, mas junto á fogueira, chamavaõ-ſe *Nenias*; porém ſempre chamavaõ Epicedio a todos aquelles verſos, que ſe compunhaõ pelo ſentimento de alguma morte, ou foſſe como anniverſario todos os annos, ou na occaſiaõ, em que ella ſuccedia. Alguns querem, como he o Padre Pontano na ſua Poetica, que até a huma Oraçaõ funebre feita em proſa ſe lhe póde chamar Epicedio. O ſeu artificio conſiſte em expormos primeiro o noſſo ſentimento, que o alheyo; em fazer huma invectiva contra a morte; em convocar a todos, e até ás couſas innanimadas para o pranto; em narrar as virtudes do morto, admoeſtando os vivos á imitaçaõ; em conſolar aos parentes, expondo-lhes o premio glorioſo, que já tem conſeguido os taes merecimentos; e finalmente em outras muitas circunſtancias, que a meſma natureza eſtá advertindo em ſemelhantes aſſumptos. Os affectos devem ſer vehementes, e o eſtylo pathetico, e pouco engenhoſo, para ſe moſtrar a grandeza da dor, que naõ ſoffre imagens artificioſas.

Poema *Euchariſtico*, ou Acçaõ de graças he aquelle,

aquelle, em que se agradece o beneficio recebido. Póde-se discorrer nelle, dizendo v. g. que naõ sabemos dignamente ser agradecidos, pela grandeza do beneficio, o qual amplificaremos pelos adjunctos principalmente do tempo, do lugar &c. Porém continuaremos a querer render as graças; para o que usaremos v. g. da idéa de rogar a Musas mais graves, e dignas, que o façaõ por nós, reflectindo na nossa inhabilidade. O estylo deve ser livre de toda a affectaçaõ, antes ha de mostrar com expressoens vivissimas, sinceras, e elegantes, que o coraçaõ he o que falla.

Panegyrico he quelle Poema do genero exornativo, em que se louva a alguma pessoa ou narrando por modo simples as suas acçoens, ou usando de alguma ficçaõ, e idéa para as celebrar. Póde este ou naõ proceder de alguma cousa mais, que do desejo de louvar humas virtudes, que o merecem, ou nascer de algum principio, como de victoria alcançada, ou alguma illustre facçaõ conseguida &c. O artificio seja o mesmo, que recommendaõ os Rhetoricos nos Panegyricos em prosa, mas sempre ornado das cores poeticas, e de hum estylo, elevado, engenhoso, magnifico, suave, e correspondente a hum assumpto, que he taõ festivo, e gostoso.

Poema *Votivo* he aquelle, em que rogamos alguma cousa a Deos, ou a alguma pessoa humana. Esta supplica pòde ser de dous modos, ou rogando, que naõ succeda algum mal, ou pedindo algum bem. Poderá consistir o artificio, dizendo v. g. que naõ temos outra pessoa, em quem esperemos, e que por isso se recorre á sua clemencia, e benignidade, que naõ succeda o mal, que se teme, naõ porque o naõ mereçamos, mas porque nelle igualmente se comprehendem muitos innocentes

nocentes &c. As figuras rhetoricas, e em particular a Apoſtrophe tem aqui hum largo theatro, em que repreſentem vivamente a força dos affectos por meyo de hum eſtylo grave, maduro, pathetico, e engenhoſo em naõ moſtrar o ſeu artificio, á maneira de Virgilio.

Poema *Parenetico* he aquelle em que excitamos a alguem a obrar huma illuſtre acçaõ. Nelle devemos captarlhe a benevolencia, para que attenda benignamente aos verſos, e depois inflammarlhe o animo ſobre o amor á virtude, e a gloria do nome, que vem a conſeguir por tal facçaõ a ſua patria, a ſua fama, a ſua poſteridade, a ſua familia, &c. O eſtylo, que convem a ſemelhante aſſumpto, he o ſublime, o pompoſo, o perſuaſſivo, e o ſuave com aquelle artificio todo preciſo, para ſe conſeguir o fim, que ſe pretende. Iſto he o que podemos dizer em ſuccinto ſobre a formaçaõ de ſemelhantes Poemas; o Poeta curioſo, e que deſejar compor com propriedade, lea os Poetas antigos, e modernos de melhor nota; porque com o uſo, e reflexaõ, que fizer nelles, ſaberá como ſe organizaõ, e tecem eſtas Sylvas, e outros mais generos, como he o Poema feito por occaſiaõ de alguma melhoria na ſaude, chamado *Soteria*; o feito a alguma peſſoa grande reſtituindo-ſe á ſua patria depois de huma larga auſencia, a que os antigos chamavaõ *Epibaterion*; e o compoſto por occaſiaõ da partida de alguem, deſejando-lhe feliz jornada, a que davaõ o nome de *Propenticon* &c.

CAPITULO XXVI.

Do Epitafio, ſua diviſaõ, e artificio.

EPitafio he aquella Inſcripçaõ feita em verſo, ou tambem em proſa, que ſe poem ſobre a campa da ſepultura de alguem, ou na primeira face do tumulo, em que eſtá enterrada alguma peſſoa illuſtre. Nella commummente ſe coſtuma pôr o nome, a idade, os merecimentos, o eſtado, a dignidade, as virtudes, o dia da morte da tal peſſoa, e outras mais couſas, que inculquem dor, e ſentimento. O Epitafio divide-ſe em *Simples*, e *Compoſto*. Simples he o que ſem conceito, ou figura alguma da rhetorica contém unicamente huma narraçaõ; e o Compoſto he aquelle, que admitte ornato, e agudeza de penſamentos. Epitafio Simples he o que refere Plutarco da ſepultura de Alexandre Magno, na qual eſtavaõ pintadas a Africa, Aſia, e Europa, que conquiſtara eſte Heroe, com eſta breve letra por baixo:

Alexandri victoria.

Da meſma maneira he o que mandou pôr no ſeu tumulo ElRey de Chypre:

Hîc jacet Perſarum debellator.

E o de Themiſtocles, que ſe compunha de huma pintura das ſuas acçoens, e deſta inſcripçaõ:

Memoranda facta Themiſtoclis.

Epitafio Compoſto he aquelle, de que ha innumeraveis exemplos nos Poetas, que comprehende os louvores, e elogîos da peſſoa defunta pelas memoraveis acçoens, que fizera em vida, como v. g. o que fez Capilupo ao Emperador Carlos V.

Europæ

Europæ domuit tollentes cornua Reges
Carolus, atque Asiæ terror, & horror erat.
Et pedibus Lybiam calcavit victor, & illi
Innumeras victus præbuit Indus opes.
Deinde sibi frænum injecit: fratrique regendum
Imperium, & gnato cætera regna dedit.
Atque ait: è nobis & honores temnere, & unum hoc
Discite, mortales: pulvis, & umbra sumus:

Basta este Epitafio historico para exemplo, e remettemos o leitor para o livro intitulado: *Elogia Poetica in Serenissimam Rempublicam Venetam*, composto pelo nosso grande Padre Macedo; porque nelle lerá Epitafios deste genero a todos os Doges de Veneza. A respeito do artificio tambem nos conformamos com o que dissemos do *Epicedio*; e agora só diremos, que se o Epitafio for para pessoas insignes em santidade, que naõ se mostra nelle sentimento, mas sim prazer; e se se mostrar, seja pelo principio de faltar no mundo taõ grande alma; se for para Reys, e Principes, que seja grave, e cheyo de magestade, comprehendendo engenhosamente as suas virtudes politicas, e moraes; se for para pessoas sabias, que mostre hum grande sentimento, recommendando ao viandante a consideraçaõ de semelhante falta; finalmente se for para amigos, e parentes, que mostre mais dor, que engenho, como em taes assumptos está aconselhando a natureza. Naõ será preciso advertir de novo ao Poeta a observancia do costume poetico; porque bem sabe, que a sentença, e dicçaõ, que convem v. g. ao Epitafio de hum Rey, de hum Heroe, e de hum velho, naõ he propria para o de hum vassallo, huma mulher, e hum menino, &c. Naõ tratamos da inscripçaõ ridicula, ou satyrica, que algumas vezes se compoem, fingindo-se posta na sepultura de

ſujeitos taes, que lhes poſſa convir, como v. g. hum hereje, hum ladraõ, hum ignorante, hum avarento, hum golotaõ, &c. porque neſta materia naõ podemos dizer mais do que já expendemos, quando tratámos da Satyra, e do eſtylo jocoſo; quanto mais, que eſtas compoſiçoens, como naſcidas do capricho, mais as dirige a natureza, que a arte. Quem tiver curioſidade de ler ſemelhantes Obras, póde ſatisfazella nas Centurias de Epitafios jocoſos, e ſatyricos intituladas *Il Cimiterio*, e compoſtas por Joaõ Franciſco Loredano, e Pedro Michiele.

Explicaçaõ das letras, de que uſavaõ os antigos, e praticaõ os modernos nos Epitafios.

Os Gentios punhaõ no principio

J. O. M.	*Jovi Optimo Maximo.*
O. M. T.	*Optimo Maximo Tonanti.*
D. M. S.	*Diis Manibus Sacrum.*
Div. M.	*Divæ Memoriæ.*

Os Catholicos poem.

D. O. M.	*Deo Optimo Maximo.*
D. O: Æ.	*Deo Optimo Æterno.*
P. M. S.	*Piis Manibus Sacrum.*
B. M.	*Beatæ Memoriæ.*
IMMOR.	*Immortalitati.*

No

No fim.

D. D. D.	*Dat. Dicat. Dedicat.*
P.	*Posuit.*
P. P.	*Posuerunt.*
D. P.	*Donum Posuit.*
D. S. P.	*De Suo Posuit*, vel *De Sua Pecunia.*
D. S. B. M.	*De Se Bene Merito.*
B. M. F. C.	*Bene Morienti Faciendum Curavit.*
D. D. C.	*Dat. Dicat. Consecrat.*
D. D. S. Q.	*Dat. Dicat. Sacrat Que.*
S. T. T. L.	*Sit Tibi Terra Levis.*
Vix.A.D.M.Q.D.Q.	*Vixit Annos Decem, Menses Quinque, Dies Quinque.*
Ob. Pr. Kal. &c.	*Obiit Pridiè Kalendas &c.*
A. M.	*Anno Mundi.*
A. V. C.	*Ab Urbe Conditâ.*
A. P. V.	*A Partu Virginis.*
A. O. R.	*Ab Orbe Reparato.*
A. R. S.	*A Reparatâ Salute.*
An. S.	*Anno Salutis.*
A. D.	*Anno Domini*
A. I. D.	*Anno Incarnationis Dominicæ.*

CAPITULO XXVII.

Do Emblema, sua definiçaõ, divisaõ, artificio, virtudes, e vicios.

HE o Emblema, segundo a definiçaõ dos Padres Donato, e Forti: *Expositio rei fictæ, seu veræ, constans picturâ, & inscriptione, vim habens admonendi.*

nendi. Deve-se esta invençaõ aos Egypcios; porque com ella he que explicavaõ aos sabios aquelles mysterios occultos, que o povo ignorante naõ podia perceber. Muitos dividem o Emblema em Fysico, Historico, e Moral: e outros fazem a divisaõ pelos tres generos Rhetoricos Deliberativo, Demonstrativo, e Judicial. De qualquer modo, que se divida, sempre o Emblema se compoem de tres partes principaes, que saõ *Argumento*, *Pintura*, e *Inscripçaõ*. O Argumento já se sabe, que he o assumpto sobre que se ha de discorrer; a Pintura he a Inscripçaõ muda, ou aquillo, que pintamos para manifestar o conceito do nosso entendimento; e para isto nos poderemos valer ou da natureza, ou da arte, ou das fabulas, ou da historia, &c. A Inscripçaõ he a Pintura, que falla, a qual declara a figura, e dá hum claro, ou tacito documento para instrucçaõ dos homens. Quanto mais breve for este motte, tanto melhor será, e se poder ser de duas palavras, ainda será mayor a sua excellencia, com tanto que com a brevidade naõ fique o sentido escuro. Saõ innumeraveis os Authores modernos, que deraõ Emblemas ao publico; porém no nosso juizo ninguem escreveo com mais erudiçaõ, e clareza do que *Andrè Alciato*. Cada Emblema seu he huma viva pintura moral para os olhos do entendimento, assim os seus versos fossem mais cultos, e harmoniosos. Lea o Poeta por este Author, que se o seguir, fará com que as suas obras sejaõ copias de hum bom original. Mais alguma cousa poderamos dizer nesta materia, porém reservamo-la para o Capitulo, que se segue, em que fallaremos da *Empreza*.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Da Empreza, sua definiçaõ, divizaõ, artificio, virtudes, e vicios.

A Composiçaõ de Emprezas tem sido trabalho de grandes, e felices engenhos, persuadindo-se justamente, que semelhantes partos só os póde produzir hum entendimento, que for vivo, sublime, e engenhoso. Póde-se dividir a Empreza em antiga, e moderna. A antiga era inculta, e rude; porque os antigos raras vezes se valiaõ de pinturas, e inscripçoens, que causassem novidade ao entendimento. A moderna he muy engenhosa, e culta pelas severas leys, com que a praticaraõ os Italianos, e modernamente os Francezes. Na sua definiçaõ ha muita variedade de opinioens; porém nós seguiremos a do Padre Forti como menos confusa, e definimos a simples Empreza ser *Metaphora per figuram quid heroicum exprimens*. Em quanto ao seu artificio, deve-se considerar, que a empreza he como hum composto de corpo, e alma. O corpo he a figura, e a alma he a semelhança da figura com a cousa, que se pretende explicar; de modo, que a letra naõ serve mais, que de mostrar a uniaõ deste corpo, e alma, da mesma maneira, que o ponteiro no relogio. Sobre as virtudes, e vicios, que póde ter a Empreza, saõ taõ diversos os juizos dos Authores, que as suas regras mais servem de confusaõ, que de preceitos. O Padre *Le Jay* escreveo com muita exacçaõ neste ponto: o mesmo juizo se acha em *Jeronymo Ruscelli*, e em *Paulo Jovio*, famosos Authores de semelhantes Obras, se bem que julgo o segundo inferior ao primeiro por algumas impropriedades,

propriedades, que commetteo, como logo direy. Entre tanta diverſidade, e confuſaõ de regras, direy brevemente o que ſinto neſta materia, reſumindo todo o bom, que diſſeraõ eſtes Authores. A primeira, e principal perfeiçaõ, que deve ter a Empreza he, que naõ comprehenda mais que duas couſas em figura; que ambas ſejaõ neceſſarias, e que huma concorde com a outra na intençaõ do Author. Devemos aqui advertir duas couſas; a primeira he, que por duas figuras entendemos v. g. dous homens, dous animaes, &c. porque ſe eſtas forem v. g. eſtrellas, e flores, naõ ſe comprehendem neſta regra; e poderaõ ſer aquellas preciſas para a boa harmonia da Empreza: a ſegunda he, que eſtas taes figuras ſejaõ honeſtas, decoroſas, e que naõ inculquem torpeza, ou alguma outra couſa, que naõ mova a admiraçaõ por vulgar, e humilde. A ſegunda perfeiçaõ he, que a letra ſeja de duas palavras, ou quando muito de hum verſo em lingua, que ſe entenda facilmente. A terceira, que eſtas taes palavras, ou verſo ſeja tirado de algum Author de boa nota. A quarta, que o conceito naõ ſeja totalmente claro, nem de todo eſcuro, e trivial, ou profundo, e extrahido de algumas couſas muito remotas. E a quinta, que o motte, e as figuras ſe unaõ entre ſi de tal modo, que repreſentem inteiramente toda a intençaõ do Author; porque algumas Emprezas tenho viſto, em que ou a letra, ou a figura he deſneceſſaria. Eſta he a condiçaõ mais preciſa, e importante; pois ſeria couſa inutil ſe pintando-ſe hum coraçaõ abrazado em chammas, diſſeſſe a letra: *Tenho o coraçaõ no fogo.* Se ſe tiraſſe a figura, e ficaſſe ſómente o motte ſempre ſe havia entender o que o Author queria explicar. Neſte vicio cahio algumas vezes Paulo Jovio, fazendo nas ſuas Emprezas, com que ás

ve-

vezes fosse inutil ou a figura, ou a letra. Sirva para exemplo a Empreza, que elle fez para D. Francisco de Borja, em que pintou o monte Acroceraunio fulminado do Ceo, e com esta letra: *Feriunt summos fulgura montes.* Esta Empreza he viciosa; porque além de ter o mote muitas palavras, claramente se vê, que este per si mesmo se entende sem a figura, como sempre se entendeo em Horacio, de quem he o verso. Isto he o mesmo, que se se pintasse v.g. a imagem de S. Sebastiaõ trespassado de settas, e se pozesse depois huma letra, que dissesse: *Trespassaõ as settas a S. Sebastiaõ.* Da mesma casta he outra Empreza do mesmo Author, em que pintou huma chaminé com muita lenha ardendo, na qual se via grande fogo, e fumo, e com esta letra Italiana: *Dov' è gran fuoco, è gran fumo*; como se o homem mais rustico naõ soubesse, que *onde ha muito fogo, ha muito fumo.* Com estes exemplos lea o Poeta a Jovio, e descobrirá nelle varias Emprezas viciosas entre muitas outras, que verdadeiramente saõ excellentes, e lhe alcançaraõ a fama, que goza, de Author insigne em semelhantes composiçoens. Agora nos lembra responder a huma objecçaõ, que talvez se nos poderá fazer sobre admitirmos nas Emprezas figuras humanas. Naõ duvidamos, que esta regra seja bem fundada; porque a metafora he alma da Empreza, e entre homem, e homem naõ ha metafora, mas sim identidade de natureza; porém este preceito tem sua limitaçaõ; porque sim he vicioso figurar homens simplezmente vestidos, ou nús pela razaõ allegada, e por serem deste modo objectos pouco maravilhosos; mas isto se naõ entende, quando estas taes figuras se pintaõ por alguma rara, e nova maneira, como praticou o insigne *Ruscelli*, e o aconselha no seu Tratado, que intitulou: *Discorso intorno all' inventioni*

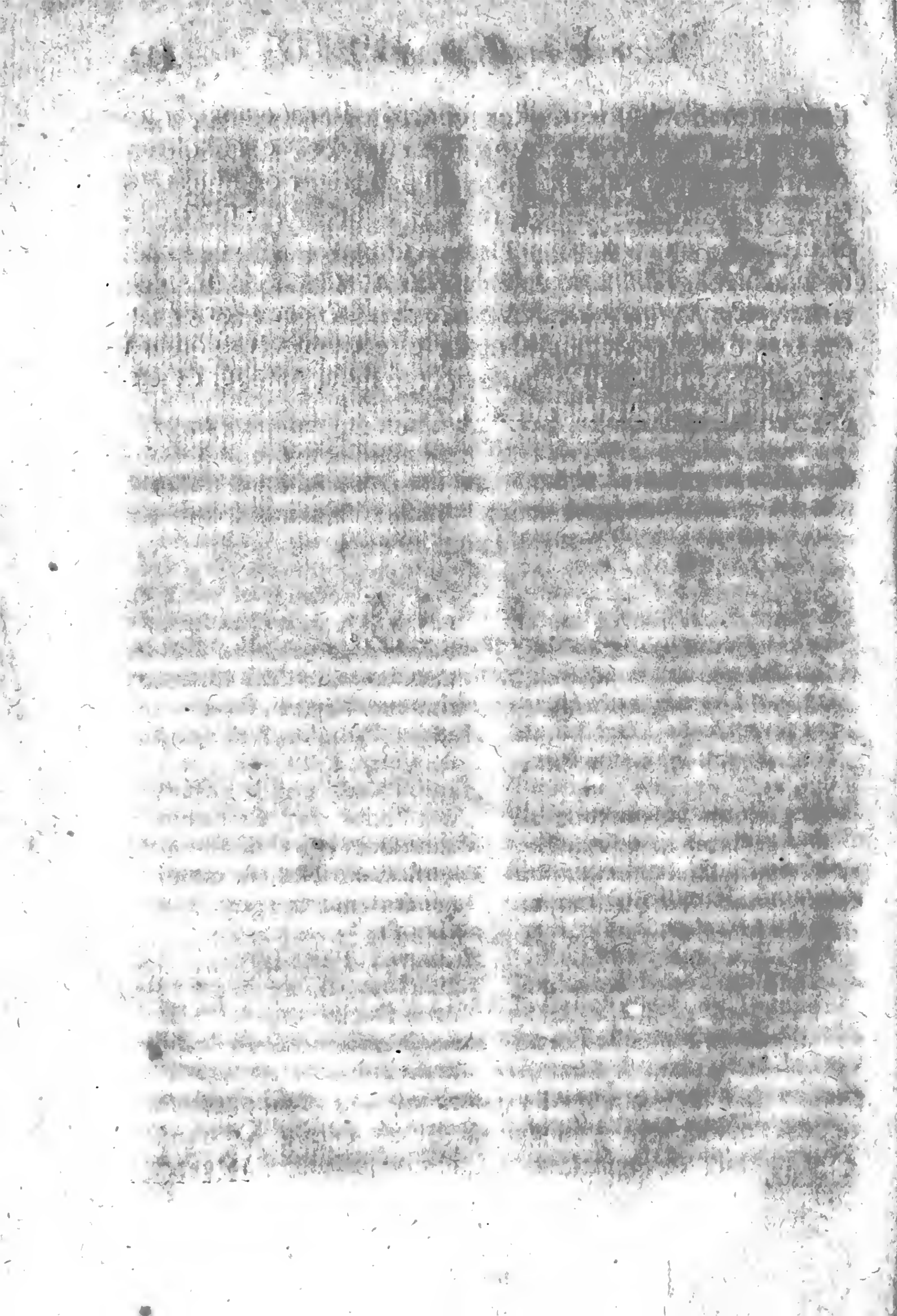
tioni dell' impreſe, pag. 209. provando-o com outros exemplos. Iſto he o que, ſegundo a brevidade que ſeguimos, podemos dizer ſobre a Empreza, que ſe diſtingue do Emblema em varias couſas. Primeiramente a Empreza ſerve ſó para couſas heroicas, e o Emblema para as populares, e para inſtruir os coſtumes dos homens: em ſegundo lugar o Emblema he proprio para paredes, arcos, quadros, marmores &c. e a Empreza para eſcudos, eſtandartes, armas &c. em terceiro, a Empreza prefere á pintura a letra aguda, e breve, e o Emblema cuida em explicar mais clara, e diſtinctamente a pintura: em quarto, a explicaçaõ do Emblema pode ſer noſſa, e a da Empreza, ſe for de outro Author, merece mayor louvor: ultimamente a perfeiçaõ da Empreza conſiſte, em que a figura ſeja verdadeira, natural, e huma ſó, ou quando muito duas, e o Emblema admite livremente muitas, e quaeſquer figuras, ainda que ſejaõ Chimericas. Quem quizer recrearſe na liçaõ deſtas obras, lea aos Padres *Forti*, *le Jay*, *Vigevi*, *Jovio*, *Ruſcelli*, e outros muitos, que ou foraõ Authores, ou Collectores; porque nós deſde o principio deſta Arte cuidamos muito em naõ fazer como outros em qualquer genero da Poeſia hum prolixo catalogo de exemplos de Authores ſobre a meſma materia, como v. g. tratando do Epigramma, copiar hum grande numero dos melhores Epigrammas, que ha. Em que pozemos grande cuidado, foy em dar preceitos, e provallos com authoridades claſſicas, ou regras naturaes; entendendo, que aquelle Eſcritor, que aſſim naõ obrava, levava o fim naõ de inſtruir, mas de oſtentar huma vã erudiçaõ, copiando a cada paſſo verſos, e mais verſos; o que ſe pode fazer muito bem ainda ſem ter liçaõ dos Poetas, porque ha innumeraveis livros, que

daõ

daõ para iſto hum grande ſocorro. Parece-nos, que temos cumprido com o que promettemos, e até obſervamos a palavra, que demos, de naõ tratar de huns taes brincos de Poeſia, que praticaõ aquelles, a quem as Muſas ainda naõ deſmamaraõ, como v. g. ſaõ os *Enigmas*, os *Anagrammas*, os *Labyrinthos*, os verſos *Serpentinos*, *Correllativos*, *Acroſticos*, *Retrogrados*, *Leoninos*, e outros ſemelhantes, que depravaraõ o bom goſto da verdadeira Poeſia, e fizeraõ deſapparecer de envergonhadas as Muſas adultas.

F I M.

INDICE



INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS DESTA ARTE.

A

Prin-

D

E

F

G

H

Hiſtoria

Q

R

Thomaz

V

X

Z

F I M.

[illegible]

